

ANDRÉ LUIZ PORTANOVA LABORDE

“*Os Sons do Oriente: o conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a Educação Ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna*”

RIO GRANDE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
FEVEREIRO DE 2008

ANDRÉ LUIZ PORTANOVA LABORDE

“*Os Sons do Oriente: o conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a Educação Ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna*”

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado em Educação Ambiental, do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental – FEA

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

RIO GRANDE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
FEVEREIRO DE 2008

ANDRÉ LUIZ PORTANOVA LABORDE

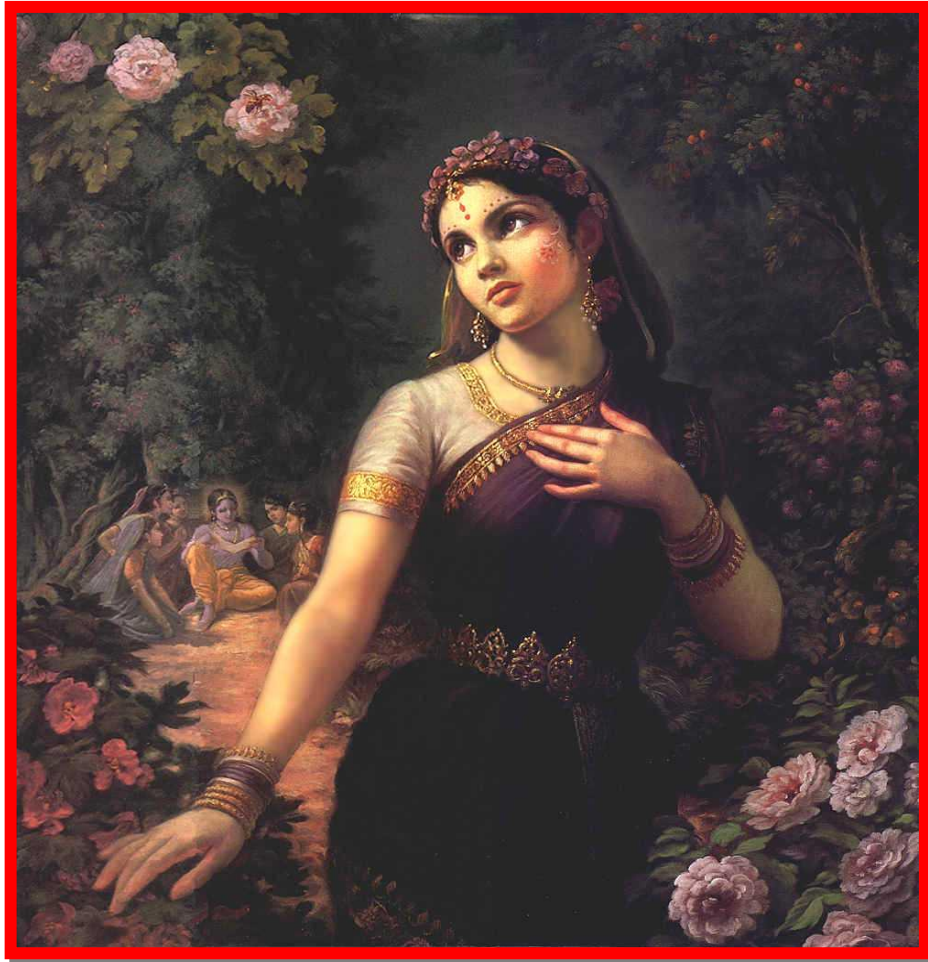
“*Os Sons do Oriente: o conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a Educação Ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna*”

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:

Prof. Dr. Humberto Calloni
(Orientador - FURG)

Prof^a. Dr^a. Susana Inês Molon
(FURG)

Prof^a. Dr^a. Lúcia Maria Vaz Peres
(UFPEL)



Radha – Figura 01 -

Dedicatória

***D**edico este trabalho a uma princesa de olhar cintilante que me conduz desde minha primeira aparição nesse ambiente. Através do seu canto pude entoar meus primeiros sons e, a seu lado, pude compreender os mistérios da existência. A essa mulher tão bela e fascinante ofereço todo meu amor, por reconhecer que sem ela nos momentos mais difíceis não teria suportado viver no infinito oceano do caos. Essa jóia é nada mais nada menos que minha irmã **Fabiana Portanova Laborde** a minha eterna e mais preciosa Estrela do Mar.*

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço aos meus pais Nelson e Joceley por terem proporcionado todos esses anos minha construção como sujeito sonhador me incentivando sempre a produzir meus próprios sons, amo vocês!

Ao meu Irmão Junior por nossa amizade, significado de todo nosso afeto que nos une como cúmplices para todo o sempre.

Aos Amigos Everton, Ana Lize, Bianca, Alessandra e Luciana que me acompanharam sempre nesse percurso surpreendente que é a vida.

A Prof^a. Margareth Copertino, por me apresentar a tão sonhada interdisciplinaridade e por me proporcionar verdadeiramente a Educação Ambiental.

A Ida Letícia e Bruno, por serem muito mais que amigos, mas parceiros das angústias e alegrias durante minha trajetória no mestrado, sem vocês não teria conseguido, muito obrigado!

A Professora Sheyla Rodrigues por me ajudar a visualizar meu percurso investigativo.

As Professoras Paula Ribeiro, Raquel Quadrado e Méri Rosane pelo conhecimento construído nessa jornada.

Ao Companheiro Maicon Bravo por fazer parte de certa forma de toda essa caminhada.

A Darlene Pereira, Aída Luz Bortheiry, por viabilizarem minha permanência na instituição.

A Amiga Maria de Fátima por me apresentar esse universo.

Aos funcionários da Fundação Universidade Federal do Rio Grande, desde os técnicos aos terceirizados pelo carinho despendido todos esses anos.

As amigas, Maria Ângela Mattar Yunes, Simone Paludo, Camila Gomes e Narjara Garcia, por me proporcionarem momentos felizes junto ao CEP-Rua, mesmo estando ultimamente ausente, sou eternamente grato!

A amiga Dayse Pasqual, pelas palavras de incentivo e a disponibilidade de sempre ajudar os colegas, te adoro garotinha!

A Prof^a. Susana Molon e a Prof^a. Lúcia Peres por participarem dessa etapa da minha vida.

A Jussara por simplesmente representar a Educação Ambiental como ação, reflexão, sentimento, possibilidade... Enfim, minha educadora ambiental predileta.

A Aline Menezes pela amizade e carinho despendidos.

Ao Cassiano pela lealdade, estima, amizade e tudo mais.

A Alline Betin, Mara Agripina, Cilene Leite, por fazerem parte da turma de 2006, vivendo esse momento junto comigo.

Aos Argonautas: Cíntia, Michely, Ângela, Felipe, Rose, Estela, Alice, Cris, Pablo, Samara, Isabel, Valdir, Berenice, Milton, Rodrigo, Alexandre, Aline e Monia pelos momentos vividos em conjunto.

Em especial a amiga Caroline que compartilhou comigo, mais uma vez, toda sua generosidade nesse percurso, te adoro demais!

Aos colegas “doutorandos”, Álvaro, Sibebe, Dione e Lúcia por estarem sempre presentes.

Ao amigo, mestre, orientador, professor, colega Daniel Prado por cruzar meu caminho novamente.

A Professora Ana Cristina Coll Delgado, por me incentivar na busca da construção da carreira científica.

As Professoras Adriana Kivanski de Senna e Derocina Alves Campos Sosa, pelo impulso em galgar novos saberes.

A amiga Bárbara Milene por estarmos juntos nessa jornada.

Aos amigos do PPGEA, Gilmar Conceição, Alessandra Lemos e Rodrigo Rodrigues, pelo tratamento e disponibilidade oferecidos a qualquer momento.

Ao Prof. Humberto Calloni, por ter aceitado o desafio da orientação, pela compreensão ao redor da pesquisa, e acima de tudo por ser um exímio filósofo e um excelente orientador, sem você nada disso teria sentido, sou grato eternamente por toda sua dedicação e generosidade em relação ao trabalho e com a minha pessoa.

Agradeço fundamentalmente, a Bachelard, Jung, Morin e todos os deuses hindus por oportunizarem esse movimento!

Aos devotos de Krishna de Itajaí, Blumenau, Navegantes e Camboriú que me aceitaram em suas moradas como se fosse um ente familiar querido, muito obrigado mesmo.

A Amiga Lara Elizandra por garantir minha estada em Itajaí.

A CAPES, por propiciar o financiamento da pesquisa.

E, especialmente à Krishna por me guiar nessa busca incessante através do Autoconhecimento, permitindo com que eu pudesse realizar os entrecruzamentos com a Educação Ambiental.

E a todos aqueles que fazem parte dessa constante busca, mas que infelizmente esqueci de mencionar, valeu!



Krishna Prema – Figura 02 -

“O meu hálito livre sopra através das paredes, penetrando nas prisões e nos espíritos presos! A vontade liberta, porque a liberdade é criadora: assim ensino eu. E só para criar precisais aprender! E só de mim necessitais aprender, a aprender, aprender bem. Quem tiver ouvidos ouça”.

NIETZSCHE – Assim Falou Zaratustra

Sumário

Lista de Figuras.....	10
Resumo.....	11
Abstract.....	12
Introdução.....	14
1. Religiosidade e ciência, uma alquimia complexa.....	17
1.1. Reconhecendo as tramas da pesquisa.....	17
1.2. Por uma história Oriental: delimitando a pesquisa.....	19
1.3. Construindo uma teia de saberes: a contribuição teórica.....	22
2. Desvendando os mistérios do Oriente.....	27
2.1. Um resgate histórico em torno da formação sócio-cultural da Índia.....	27
2.2. Sobre as contribuições do Hinduísmo.....	30
2.2.1. O Hinduísmo Védico.....	33
2.2.2. O Hinduísmo Bramânico.....	34
2.3. Investigando o sistema de Castas.....	36
3. Os textos sagrados e o papel de Krishna.....	39
3.1. Os textos divinos e sua influência cultural na sociedade indiana.....	39
3.1.1. O Mahabharata.....	40
3.2. As deidades e a literatura védica.....	42
3.3. Descobrimo Krishna.....	44
3.3.1. A Bhagavad Gita.....	46
3.4. A difusão da filosofia Hare Krishna e Swami Prabhupada.....	47
3.4.1. O Autoconhecimento como movimento em nome do amor.....	51
4. A Educação Ambiental como instância do Autoconhecimento.....	54
4.1. A abordagem em Educação Ambiental.....	54
4.2. Educação Ambiental e o pensamento complexo.....	56
4.3. Preservando a diversidade.....	58
4.4. O Sagrado e a Educação Ambiental.....	68
4.5. O oriente da Educação Ambiental: interfaces teóricas em dissertações.....	70
4.5.1. Contribuição à linha de pesquisa.....	72
4.6. A jornada do caminhante: o canto do pesquisador.....	73
5. Entoando mantras: desvendando o caminho.....	78
5.1. A construção das partituras: visualizando o trajeto.....	78

5.2. A Educação Ambiental no percurso investigativo.....	80
5.3. A metodologia e a complexidade.....	81
5.3.1. O Método de Morin.....	82
5.4. O auxílio do saber antropológico.....	83
5.4.1. Dialogando com a Etnografia.....	86
5.5. A Análise Textual: os timbres.....	89
5.5.1. As Categorias: percebendo as notas musicais.....	90
6. Os Sons da Comunidade do Vale do Itajaí.....	97
6.1. A filosofia Hare Krishna.....	97
6.1.1. A relação com a natureza.....	99
6.2. A Comunidade do Templo de Itajaí.....	101
6.2.1. A configuração do cenário.....	103
6.2.2. As personagens.....	106
6.3. Rituais, mantras e festividades: descrevendo um outro modo de viver.....	114
6.3.1. A musicalidade e o sagrado.....	123
6.3.2. A releitura da Bhagavad Gita.....	126
6.4. As Narrativas.....	128
6.4.1. As ações sociais.....	130
6.4.2. Em busca da harmonia.....	135
6.5. Contribuições para Educação Ambiental.....	136
6.5.1. O Corpus.....	138
6.5.2. O entrecruzamento com a caminhada teórica.....	142
6.6. Os Sons de uma comunidade calcada em mantras.....	143
7. O Metatexto e a Produção de Vida: refletindo com a investigação.....	146
7.1. O Autoconhecimento.....	146
7.1.1. A Tomada de Consciência.....	147
7.1.2. O ser sonhador.....	148
7.2. O Diário de Campo.....	149
7.3. A possibilidade no paradigma Complexo.....	151
7.3.1. O Porquê dos Sons.....	152
7.4. Propondo um Fundamento para a Educação Ambiental.....	153
Reflexões Finais: Os Sons do Oriente.....	156
Bibliografia.....	158
Glossário.....	164

Anexos.....	172
Anexo 1) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	173
Anexo 2) Tópicos Norteadores da Entrevista Semi-Estruturada.....	175
Anexo 3) Imagens.....	176
Anexo 4) Calendário Vaishnava.....	185

Lista de Figuras

- Figura 01: Radha (p: 03)
- Figura 02: Krishna Prema (p: 06)
- Figura 03: Krishna e Arjuna: o símbolo do autoconhecimento (p: 13)
- Figura 04: Flor de Lótus: símbolo da transmutação Hindu (p: 16)
- Figura 05: Princesa Devaki – Mãe de Krishna (p: 26)
- Figura 06: Yashoda: Mãe Adotiva de Krishna (p: 38)
- Figura 07: Batalha de Kurukshetra (p: 53)
- Figura 08: Ciclo da Samsara: relação existência e Karma (p: 77)
- Figura 09: Templo Hare Krishna de Itajaí/SC (p: 96)
- Figura 10: Radhastami – Srimat Radharani: o símbolo do autoconhecimento Hare Krishna (p: 145)
- Figura 11: A concha: a representação dos Sons (p: 155)
- Figura 12: Krishna e as Gopis (p: 172)
- Figura 13: Devotos do Templo de Itajaí (p: 176)
- Figura 14: Harinama Sankirtana (p: 176)
- Figura 15: Festival de Balarama em Blumenau (p: 177)
- Figura 16: Altar e Prasadam (p: 177)
- Figura 17: Arati/Puja (p: 178)
- Figura 18: Palestra com Guru Deva Atuladanda (p: 178)
- Figura 19: Atividade do dia da Criança (p: 179)
- Figura 20: Devotos na Comunidade (p: 179)
- Figura 21: Teatro no Festival de Domingo (p: 180)
- Figura 22: Tenda de produtos (p: 180)
- Figura 23: Kirtana nas ruas de Itajaí (p: 181)
- Figura 24: Altar do Templo de Itajaí (p: 181)
- Figura 25: Símbolo do programa Alimentos para Vida (p: 182)
- Figura 26: Sri Caitanya Mahaprabhu (p: 182)
- Figura 27: Srila Prabhupada (p: 182)
- Figura 28: Sucessão discipular da ISCKON (p: 182)
- Figura 29: Trimurti Hindu (p: 183)
- Figura 30: Bhumi: a natureza (p: 183)
- Figura 31: Govinda e Radha (p: 184)
- Figura 32: Krishna (p: 184)

Resumo

Os Sons do Oriente: o conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a Educação Ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna

A pesquisa tem o objetivo de perceber as relações entre o autoconhecimento proposto pela filosofia Hare Krishna e educação ambiental, estabelecendo interconexões com a esfera sagrada e sua compreensão para o conhecimento científico. Nesse sentido a discussão enfoca um diálogo entre Edgar Morin, Carl Gustav Jung e Gaston Bachelard traçando um percurso de investigação acerca da problemática do autoconhecimento. Além da contribuição teórica, que está ligada diretamente a linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental, a pesquisa também participa do universo da comunidade Hare Krishna do Templo de Itajaí/Santa Catarina /Brasil, a fim de reconhecer suas ações em torno do autoconhecimento. A proposta se atém acerca da religiosidade oriental tendo em vista que se entende o processo de imanência, proposto pelos hindus, como auxiliar na identificação do autoconhecimento como prática de educação. Assim, portanto, e sob esse cenário que se apresenta a investigação, reunindo a dimensão onírica de Bachelard, a psique de Jung e a Noosfera de Morin, somando-se a mitologia oriental. Essas esferas é que verificam as tênues relações entre cosmos e ciência, através de uma perspectiva transdisciplinar que foi possível ouvir os sons que vêm do oriente. Dessa maneira, tem-se como problema central de pesquisa, o autoconhecimento na doutrina Hare Krishna, procurou-se com isso, investigar acerca deste e sua relação com os sujeitos na comunidade, como também perceber sua relação no momento de transformação, na tomada de consciência percebendo as mudanças na forma de ser e agir. Para assim galgar uma sociedade justa e harmônica enfocando sua importância nesse processo de reflexão sobre os problemas que envolvem o planeta. A pesquisa em educação ambiental atrelada à filosofia Hare Krishna, constatou na prática do autoconhecimento um impulso à ação humana para a reflexão em torno do tratamento acerca do seu relacionamento com a natureza e com a humanidade, enxergando na produção de vida uma possibilidade viável para a transformação das ações frente ao ambiente.

Palavras-Chave: Autoconhecimento; Educação Ambiental; Hare Krishna; Imanência; Sonho.

Abstract

The Sounds of the East: the concept of self-knowledge and its contribution for the Environmental Education, a study on the philosophy Hare Krishna

The present research has the purpose to apprehend the relations between proposed self-knowledge by Hare Krishna's philosophy and environmental education, establishing interconnections with the sacred sphere and their comprehension for the scientific knowledge. On this way, the discussion emphasizes a dialogue between Edgar Morin, Carl Gustav Jung and Gaston Bachelard delineating an investigation way about the problematical self-knowledge. Beyond the theory contribution that is directly joined to research's line of Fundamental Environmental Education, the research also participates from the universe of Hare Krishna's community from the Temple of Itajaí/Santa Catarina/Brazil, with the objective to recognize their actions around the self-knowledge. The propose is about oriental religiosity having in sight what we understands as immanency process, proposed by the Hindus as an auxiliary in the identification of the self-knowledge as education practice. So, under this scenery who presents the investigation, meeting the dreamed dimension of Bachelard, the psique of Jung and the Noosphaera of Morin, addition to oriental mythology. These spheres will to verify the tenuous relations between cosmos and science, through transdisciplinary perspective that will be possible to listen up the sounds of orient. This way, we have liked a central research problem, the self-knowledge inside the Hare Krishna's doctrine; we search with this, to investigate about these and their relation with the subject in the community, as also to apprehend their relation in the moment of the transformation, in the take of conscious looking the changes in the way to be and to act. So looking for a society fair and harmonious emphasizing their importance in these process of reflection about the problems that involvements all planet. The associate environmental education to the philosophy Hare Krishna, evidenced in practical of the self-knowledge an impulse to the action human being for the reflection around the treatment concerning its relationship with the nature and the humanity, visualizing in the life production a viable possibility for the transformation of the actions front to the environment.

Key-words: Self-knowledge; Environmental Education; Hare Krishna; Immanency; Dream.



Krishna e Arjuna: o símbolo do autoconhecimento – Figura 03 -

Introdução

“Deus é o amor, Deus é o holocausto, Deus é o fogo, Deus é o sacrificante; de maneira que quem age com consciência em Deus realiza Deus em si, o Eu supremo”.

Huberto Rohden

Introdução

Pensar uma pesquisa que envolva Educação Ambiental, religiosidade e psicologia, não é tarefa fácil. Nesse sentido, me disponho a romper o tênue véu que permeia a discussão, ou seja, alguns embates entre ciência e religião. Mais do que isso, pretendo estabelecer interconexões com o pensamento oriental enfocando o conceito de autoconhecimento¹ como forma de perceber a Educação Ambiental.

Para isso, foi necessário buscar a compreensão da cultura oriental, - especialmente a cultura indiana – para estabelecer relações que possibilitassem pensar ações, práticas e reflexões de Educação Ambiental nessa atmosfera. Sendo assim, o diálogo entre a filosofia Hare Krishna com a Educação Ambiental tornou-se fundamental.

O capítulo I *Religiosidade e ciência, uma alquimia complexa*, busca revelar a intenção da pesquisa, revelando os objetivos e a problemática de investigação, bem como os espaços e anseios do estudo; No capítulo II *Desvendando os mistérios do Oriente*, denota-se a importância do conhecimento em torno da História Hindu, como instrumento que me impulsionou a realizar tal faceta, através do entendimento dos códigos que regem tal civilização pude buscar a compreensão do sentido da vida e abarcar sua ontologia, percebendo a trajetória histórica da filosofia oriental na Índia.

Já no capítulo III *Os textos sagrados e o papel de Krishna*, a intenção foi revelar as particularidades da filosofia Hare Krishna no escopo das metafísicas orientais e perceber a

¹ Em filosofia, o autoconhecimento ou conhecimento de si é ou um objeto de investigação epistemológica ou é a finalidade de uma busca de natureza ética. Quando visto como objeto da investigação epistemológica, o que se busca é a explicação de *como* e *o que* é conhecido. Quando visto como projeto ético, o que se busca é a realização de algo que leve o sujeito a ser mestre de si mesmo e, conseqüentemente, um ser humano melhor. Filósofos como Platão, Spinoza, Freud e Morin fazem parte de uma tradição que vê o autoconhecimento como uma conquista ou realização que traz saúde e liberdade para a pessoa. Esse projeto ético tem suas raízes no dito do oráculo de Delfos que tanto influenciou Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*. De acordo com essa tradição, o autoconhecimento é uma *realização*, ao invés de algo dado ou prontamente disponível ao sujeito. Para conhecer-se a si mesmo, o sujeito precisa refletir, e interpretar a si mesmo. (SOARES, 2003: 34).

figura de Krishna como sustentáculo e divindade para o movimento, que foi o alvo do trabalho de pesquisa.

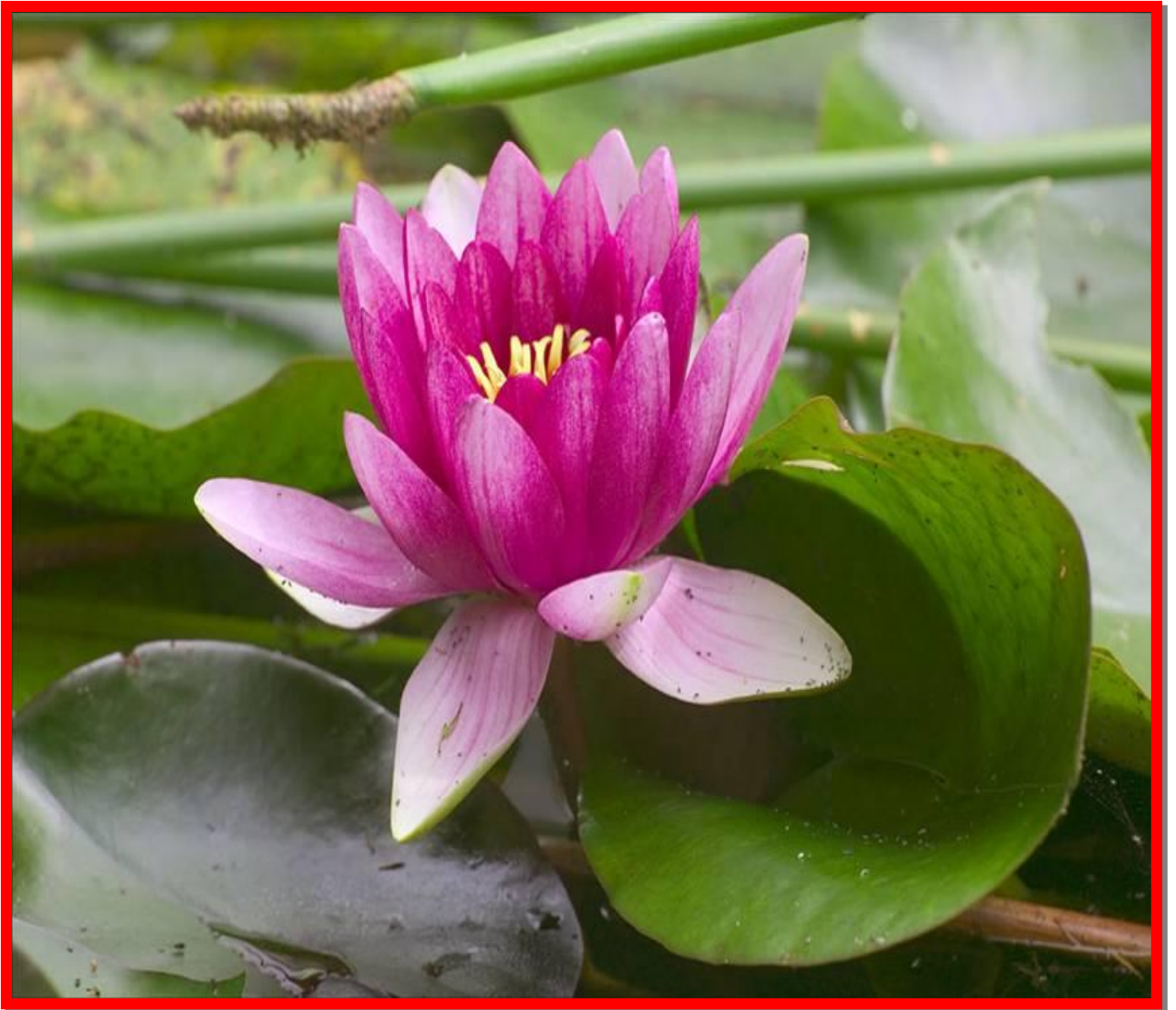
O capítulo IV *A Educação Ambiental como instância do Autoconhecimento*, revela fundamentalmente, o entrecruzamento da filosofia Hare Krishna com a educação ambiental, versando acerca da questão na qual se concentra a pesquisa que é o autoconhecimento. O autoconhecimento Hare Krishna, entende que a idéia de Deus participa de um processo imanente, ou seja, dentro e fora do próprio ser. Para isso, me preocupei em realizar uma discussão que se ateve à vinculação da Educação Ambiental ao autoconhecimento, percebendo neste, um intuito que rumo ao encontro dos fundamentos da Educação Ambiental.

No capítulo V *Entoando mantras: desvendando o caminho*, é o espaço onde se verifica os procedimentos metodológicos da investigação, relatando a relevância da pesquisa bibliográfica e da etnografia como elementos de construção dos passos da pesquisa, bem como da Hermenêutica reflexiva e da análise textual como ferramentas de interpretação dos dados. Para isso, a importância dos sujeitos de pesquisa foi primordial. Estes são reconhecidos na investigação por pseudônimos, a fim de resguardar suas identidades. Foi aglutinando a experiência vivida junto à comunidade e a discussão teórica amparada pelos autores que pude mediar a minha proposta.

O capítulo VI *Os Sons da Comunidade do Vale do Itajaí*, se debruça acerca da experiência de campo junto à comunidade de Itajaí e seus movimentos em torno da Educação Ambiental e do autoconhecimento; E no capítulo VII *O Metatexto e a Produção de Vida: refletindo com a investigação*, demonstra os frutos da realização da pesquisa, revelando os resultados do estudo, como também propondo reflexões para a educação ambiental e seu envolvimento como o autoconhecimento.

Os sons que vem do oriente nos revelaram inúmeras formas de como pensar a sociedade, uma vida mais saudável, justa e harmônica, no tocante das aflições que circundam o planeta. A filosofia Hare Krishna, nos revelou e nos apresentou uma série de contribuições à Educação Ambiental.

A partir dessa reunião de possibilidades é que convido a todos há ouvirem esses sons, essas vozes, que nos revelaram mistérios, segredos, lendas heróicas... Mais do que isso, entoou mantras que se confundem, por vezes, aos conceitos de Educação Ambiental, predizendo que o autoconhecimento pode ser uma alternativa de discussão no universo científico.



Flor de Lótus: símbolo da transmutação Hindu – Figura 04 -

Capítulo 1: Religiosidade e ciência, uma alquimia complexa

“Tudo é um eco no universo. Se os pássaros são, na opinião de certos lingüistas sonhadores, os primeiros fonadores que inspiraram os homens, eles próprios imitavam as vozes da natureza”.

Gaston Bachelard

1. Religiosidade e ciência, uma alquimia complexa.

1.1. Reconhecendo as tramas da pesquisa:

A diversidade de enfoques proporcionada pela educação ambiental possibilita o desenvolvimento de um trabalho de pesquisa com ênfase transdisciplinar. Isto é, as diferentes abordagens da Educação Ambiental sugerem um relacionamento complexo entre dimensões que podem abranger aspectos variados do conhecimento, em uma tentativa de agregar saberes e valores acerca da problemática ambiental.

A minha efetiva aproximação à educação ambiental se percebe através da linha de pesquisa: Fundamentos da Educação Ambiental, por entender que esta unifica o saber da minha formação que compreende a História, aproximando a perspectiva ambiental do meu mote de pesquisa.

Acredito que o Mestrado em Educação Ambiental oferece ferramentas para a formulação e reflexão de uma abordagem em torno dos pressupostos teóricos que fundamentam a ligação do saber histórico interagindo, acima de tudo, com a questão ambiental num diálogo com a ecologia, com a educação e com a ciência, entre outras questões que rodeiam esse universo um tanto simbólico.

A abordagem pretendida se denota através da relação das questões que circundam a educação ambiental vinculadas ao problema do sagrado³, aliás, do estudo acerca da religião como agente que contribui para a prática da Educação Ambiental.

³ Sagrado: “Em sentido amplo, o sagrado é o que é protegido, pela religião ou não, de violação, intrusão e profanação. (...) não é sinônimo de santo. (...) sagrado tem o significado de respeitado, venerado e inviolável. (...) uma grande variedade de objetos, práticas, lugares, costumes e idéias religiosas ou não-religiosas pode adquirir um caráter sagrado”. (SILVA, 1986:1095).

Uma ética religiosa pode ser psicologicamente consoante com o resto do sistema religioso ao mesmo tempo em que está em contradição formal com ele, ou pode compreender tensões psicológicas e formais na própria religião. São essas tensões que fornecem os novos impulsos religiosos produzidos por mudanças na situação social. (BRAVO apud SILVA, 1986: 1058).

Como auxiliar na produção do desenvolvimento científico na pesquisa, o papel reservado a Antropologia se torna essencial. Desde os primórdios da humanidade a crença no divino determina o comportamento sócio-cultural das comunidades, e o ambiente no sentido de espaço que permeia esse cenário.

Nessa medida, o estabelecimento desse contato entre as ciências, apresenta o grande questionamento da humanidade: a manipulação da vida através do conceito de autoconhecimento. Manipulação no sentido de como dirigir a algo, o instante da re-ligação à esfera religiosa como esteio que impulsiona as ações dos seres humanos. Seria um meio de perceber a penetração do elemento divino em direção ao devir simbólico, ou seja, o momento de re-ligação atrelada a ocasião/ação no terreno do sagrado, impulsionando o ato do autoconhecer como agente de manipulação das ações frente ao mundo.

A partir daí, torna-se bastante tentador confrontar o saber científico com o saber transcendental, em uma proposta de averiguar essa profunda e misteriosa relação entre o céu e a terra.

A realização da pesquisa representa uma importante contribuição para o conhecimento acadêmico, pois revela um caráter transdisciplinar de saberes, reunindo e agregando o científico e o religioso revelado a partir da atividade do autoconhecer do ser humano perante o mundo. Portanto, essa discussão somente vem a somar e proporcionar a reflexão acerca da Educação Ambiental.

A filosofia *Hare Krishna*, oriunda do extremo oriente, é herdeira de uma notável relação de intensidade com a natureza¹³ e, exatamente por isso deve ser reconhecida sua ação em prol da construção de uma sociedade auto-eco-organizada, como encaminha Morin.

Além disso, travar esse embate de saberes torna-se bastante sedutor, pois otimiza e instiga a emergência de uma cultura que entoa sons para o ocidente escutar, ampliando assim

¹³ A visão de natureza para o movimento Hare Krishna está envolta de uma construção simbólica ligada ao transcendental. Muito próxima a Hipótese Gaia: “também denominada como Teoria de Gaia”, que é uma tese que sustenta ser o planeta Terra um ser vivo. A hipótese foi apresentada em 1969 pelo investigador britânico James E. Lovelock, afirmando que a biosfera do planeta é capaz de gerar, manter e regular as suas próprias condições de meio-ambiente. Para chegar a estas conclusões, o cientista britânico, juntamente com a bióloga norte-americana Lynn Margulis analisaram pesquisas que comparavam a atmosfera da Terra com a de outros planetas, vindo a propor que é a vida da Terra que cria as condições para a sua própria sobrevivência, e não o contrário, como as teorias tradicionais sugerem”. Para os Hare Krishna este ser/terra é Krishna: “a verdadeira personalidade de Deus” (ROHDEN, 2005: 54).

o arcabouço intelectual em educação ambiental. O envolvimento do ser humano com o transcendental é tópico suficientemente inspirador para a produção de conhecimento, pois denota sua íntima/interna relação com a esfera do sagrado: é um perpetrar de ações que são guiadas e/ou dirigidas aquilo que emblema significação e verdade para a justificativa da vida e da existência.

A necessidade do saber antropológico também define e justifica a orientação da pesquisa, pois referenda a análise da proposta, enfatizando uma intensa ligação da diversidade cultural planetária e sua difusão na academia. Todavia, a viabilidade de tal proposta deve ser solidificada através de um estudo científico que não denote nenhum tipo de doutrinação, mas que desenvolva a compreensão de uma totalidade reveladora de uma história e demonstre, através da fé e do autoconhecimento, sua preocupação com a existência harmônica no planeta.

Ademais, a Educação Ambiental propõe um espaço para reflexão de tal problemática.

Finalmente, estudar a filosofia *Hare Krishna*, a questão do sagrado na ciência e a Educação Ambiental, o conceito de autoconhecimento, reporta a uma idéia de diversidade no conhecimento ou, ainda, vislumbra um paradigma emergente que estabelece a possibilidade dessa associação de saberes. Pois, entender os aspectos éticos, econômicos, sócio-culturais, políticos e estéticos de uma determinada cultura são, na verdade, discutir Educação Ambiental e, tendo em vista que o fator religioso não pode ser afastado do ser humano, pois merece também uma especial atenção. Dessa forma, pode-se entender a essência, aliás, a percepção do autoconhecimento sob a égide da investigação na ciência.

1.2. Por uma história Oriental: delimitando a pesquisa:

O questionamento fundamental que a pesquisa se propõe responder é referente ao problema do autoconhecimento, pois é entendo que a prática do autoperceber-se impulsiona as nossas ações perante a vida. Assim parto desse pressuposto para tentar entender qual a influência da religião para uma prática que visa proporcionar a autoreflexão da ação humana em direção a produção de vida e difusão de uma harmonia planetária. Segundo Jung,

O Si-mesmo representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não. (JUNG,1991:111)

A partir daí, reconheço no ser humano, através da personalidade¹⁴, os instrumentos que irão compor os elementos essenciais para a tarefa do autoconhecer. O autoconhecimento é uma prática e não um componente do ser. Portanto, o estudo circunda o si-mesmo de Jung, como auxiliar para o conhecimento do ser, mas não o determina enquanto consciente de 'si mesmo'.

Irei discorrer acerca da problemática que enfoca *no que consiste o autoconhecimento para a doutrina Hare Krishna?* Através dessa premissa irei encaminhar a discussão vinculada à Educação Ambiental.

O olhar a respeito da religião, como fonte que embasa essa relação, partirá do prisma oriental. Compreendo que se a pesquisa circunda esse ambiente não terei condições de fazer um paralelo entre ocidente e oriente, então, focarei as atenções nessa perspectiva que abrange a doutrina *Hare Krishna*.

Acredito que essa investigação se baliza nas relações mediadas entre ciência e religião, mais especificamente no que diz respeito ao conceito de autoconhecimento. Em uma era em que a transdisciplinaridade dos saberes e conhecimentos em torno da ciência está cada vez mais mostrando que é possível aliar esse saber e esse conhecimento em uma perspectiva de investigação científica, pois está percebendo o conhecimento como autoconhecimento, permitindo que o manejo da fé também seja fator relevante para a pesquisa na academia.

Estudar as organizações "*Hare Krishna*" é como dar um mergulho no Ganges e, por isso, desvendar alguns mistérios da Índia, se torna bastante sedutor. Há milhares de anos, o

¹⁴ O estudo do "sujeito" humano emergiu no século XVII através do processo da psique humana constituir-se como um objeto de conhecimento. Com este voltar-se para si-mesmo reflexivo a psique humana tornou-se não apenas o objeto, mas também o sujeito de nosso campo. Foi a aparição da noção de sujeito auto-reflexivo no século XVII que mais caracteriza o movimento da Escolástica Medieval para aquilo que se tornou conhecido hoje como Modernidade. Jung usou o termo "imago" para referir-se às representações psíquicas. Ele escolheu usar um termo diferente de "imagem" ou "representação" para diferenciar imagos das "verdadeiras" representações. A imago é uma presença na psique formada pela ausência de um objeto, um "fantasma", um "revenante", um "rastros", um "signo de ausência" localizado no "além". O tradicional medo dos mortos e dos ancestrais no além poderia ser visto como um medo intra-psíquico das imagos-parentais localizadas além da consciência exercendo uma influência significativa sobre o ego. O reino do "além" com seus fantasmas e aparições é o reino liminal exatamente além das margens da consciência, habitada, assombrada, pelas imagos. Elaborar através da análise uma relação mais consciente com estas imagos poderia ser análogo à assimilação dos espíritos ancestrais nas culturas mais tradicionais. Assim, a personalidade pode tomar várias atitudes possíveis em relação a estas representações. A atitude consciente poderia (1) se aliar a imago e assumir a imago como sua identidade, (2) adotar uma atitude desafiante ou rebelde para a imago, tomando a posição exatamente oposta àquela representada pela imago, (3) nada reconhecer sobre a imago como pertencente a sua identidade, ou (4) ser capaz de ver a imago como representativa de algum aspecto de sua personalidade, mas não sentir necessariamente sua identidade como idêntica a da imago. Esta última posição só é possível quando o indivíduo vê as imagos (externas e internas) como Outro, permitindo, assim, ao ego manter a imago a uma distância psíquica suficiente de forma a não super-identificar-se com seus conteúdos. Frequentemente esta atitude é destruída por uma tendência entre terapeutas a encorajar seus pacientes a ver todos os aspectos de suas representações psíquicas como "parte de mim". (SILVEIRA, 1975: 117).

oriente vem revelando diversos êxitos no que tange a qualidade de vida, harmonia no planeta, o entendimento do outro... Enfim, se apresenta como uma alternativa para nós, ocidentais, repensarmos as nossas ações frente ao planeta. Nessa medida, esse mergulho no oriente serviu como ‘orientação’ para a visualização de um novo projeto de mundo.

Nesse sentido, o Movimento *Hare Krishna* é substancialmente um pedaço do oriente no terreno do ocidente, e por esse motivo, despertou a viabilidade e interesse da pesquisa. Creditando a esse universo simbólico oriental no ocidente, a possibilidade de estudo.

A importância de aprender com as culturas, com a diversidade já é elemento suficiente para realizar a pesquisa em educação ambiental, mas gostaria de realçar o interesse no foco da pesquisa.

A doutrina *Hare Krishna* tem por fundamento principal a transformação através do amor: do amor que eleva, que visa ao autoconhecimento e que aproxima de Krishna (verdade absoluta – no sentido simbólico porque para a filosofia tudo emana de Krishna, a suprema personalidade de Deus). Partindo desse pressuposto, acredito que nesse período de mudança, transição de paradigma, as religiões e as crenças irão nos instigar, a respeito do como entender e compreender o ser humano, o meio ambiente e o universo, nesse processo reflexivo que se renova.

Além disso, é possível perceber na doutrina Hare uma enorme dedicação e relação ritualística ao redor do ambiente, bem como outros elementos que estão intimamente ligados à educação ambiental como: as relações de saber/ perceber/conhecer através do exercício do autoconhecimento como a prática da Yoga¹⁵, a religiosidade, a harmonia no mundo, entre outros enfoques que são pertinentes na pesquisa em Educação Ambiental.

Para finalizar, gostaria também de registrar que a aproximação da pesquisa em torno do estudo sobre comunidades se justifica porque é uma forma de deixar emergir os saberes, as contribuições das populações, é dar voz a esse manancial recheado por inúmeras diversidades que compõem a grande coletânea de sons que é o mundo. Esse movimento de alteridade¹⁶ irá nos proporcionar reconhecer o autoconhecimento como prática educativa intrínseca ao ser humano.

¹⁵ Yoga ou Yôga: Da raiz Yuj: unir, Literalmente: união, conexão, harmonia, relação. É a perfeita união do homem com a divindade. Patanjali define yôga como a arte de suspender as funções da mente. Também pode ser tida por ato devocional. (RODHEN, 2005: 141).

¹⁶ Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" que só é permitida mediante um contato com o *Outro* (que em uma visão expandida se torna o *Outro* - a própria sociedade diferente do indivíduo). Dessa forma *eu* apenas existo a partir do *outro*, da visão do *outro*, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar diferenciado, partindo tanto do diferente quanto de mim mesmo, sensibilizado que estou pela experiência do contato. (MAUSS, 1993: 261).

Acredito que devemos sempre ouvir essas vozes, esses sons para construir uma ciência digna que realmente dê um retorno social e que efetivamente escute e comungue para a construção de uma sociedade mais justa e harmonicamente sustentável¹⁷.

1.3. Construindo uma teia de saberes: a contribuição teórica

O pensamento complexo é que irá legitimar essa intensa análise ao redor da religião. Através da Noologia, poderei fundamentar essa aproximação ao estudo científico. Portanto, irei propor uma série de matizes que colaboraram para a pesquisa no sentido desse paradigma.

Edgar Morin apresenta a complexidade como tomada de consciência frente ao pensamento produzido na modernidade. Assim,

[...] daqui resulta que a vida é não uma substância, mas um fenômeno de auto-eco-organização extraordinariamente complexo que produz autonomia. Desde então, é evidente que os fenômenos antropossociais não poderiam obedecer os princípios de inteligibilidade menos complexos que doravante são requeridos para os fenômenos naturais. É-nos preciso enfrentar a complexidade antropossocial e não dissolvê-la ou ocultá-la. (MORIN, 2001:21)

Em realidade a complexidade serve como elo que amarra as outras abordagens pretendidas nessa pesquisa. Entretanto, deve-se antes de qualquer coisa, apresentar alguns conceitos que também são essenciais para essa fundamentação teórica.

A necessidade de tratar a respeito da religião¹⁸ é substancialmente notória, porque emblema a relação sujeito/divindade no âmbito da cultura produzindo seu envolvimento com

¹⁷ Sustentabilidade: Possibilidade de reorganização social, capaz de questionar o estabelecido, o sistema social vigente, propondo a transformação socioambiental, incluindo atores antes excluídos, como a luta de classes, opressão e exploração racial e de gênero; interação entre natureza e ser humano para buscar um modelo de sociedade viável ao meio ambiente e as relações humanas, tendo nas energias renováveis, respeito, igualdade seus princípios norteadores. O conceito de sustentabilidade vem sendo difundido pelos três setores que compõem a sociedade e, nestes, por diferentes segmentos sociais. Os governos (primeiro setor) através de políticas públicas e acordos internacionais; A iniciativa privada (segundo setor) investindo em programas de qualidade total que inclui a questão ambiental como a ISSO 14.000; A sociedade civil organizada (terceiro setor) através de projetos comunitários, proposição de leis e etc. Apesar da sustentabilidade ser trabalhada pelos três setores descritos, cada um se organiza por um determinado viés que contemple seus objetivos e fortaleça o projeto de sociedade em construção; porém todos comungam do objetivo da preservação ambiental. (MACHADO, 2005: 82).

¹⁸ “Religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas”. (GEERTZ, 1978: 104-105). Nesse sentido nos inclinaremos ao conceito de religião aqui proposto, ao menos nesse momento, por entender que o fenômeno religioso parte em seu axioma de uma raiz cultural. A partir desse conceito de religião poderemos nos remeter a posteriori ao conceito de religião oriental que se remete a uma tradição metafísica, sem maiores prejuízos ao redor da pesquisa.

o cosmo. Portanto, a análise sobre o fenômeno em torno do sagrado merece destaque. O estudo acerca da religião denota uma especial atenção, pois versa sobre a concepção de mundo a qual as sociedades propõem para a explicação da existência.

Aprendi com Morin como dialogar com a religião e a complexidade, no sentido de usar aproximar a esfera científica da esfera mística, criando essa possibilidade. Por isso o relaciono a *Brahma*, por justamente possibilitar, ou seja, viabilizar essa discussão.

Já Jung revelou-me as interfaces do ser humano que, vinculado ao discurso religioso possibilitou-me alcançar a compreensão do Si-mesmo dentro do fenômeno humano/ambiental no intuito de preservar esse momento junto ao espaço do sagrado. Percebendo a religião como uma função psíquica, por isso mesmo, o aproximo de *Vishnu*, o ente da trindade hindu que manifesta a preservação do todo. Em Bachelard noto o momento, o impulso em direção ao aceite da religião como reguladora da vida. O instante em que o ser humano se torna um adepto fazendo um paralelo a busca do sonho, pois não poderia medir o significado da relação individual de cada um, mas apenas o impulso, a motivação e o momento onírico me possibilitaram estabelecer essas ligações.

Nessa medida, *Shiva*, sendo o destruidor ou transformador, compartilha de Bachelard, no sentido de que o movimento do autoconhecimento ser o instante de desapego do mundo de ilusões e de transformação em prol de uma vida mais saudável em comunhão com o cosmos.

Na mesma direção de Morin utilizo, para sedimentar à problemática, Jung, entendendo que este, de certa forma, “me outorga” o poder de transitar nos ambientes do inconsciente humano, em uma tentativa de trazer à tona a vinculação da prática do autoconhecimento. O diálogo entre Jung e Morin se dá através do processo de construção do conceito de complexo.

[...] a imagem de situações psíquicas fortemente carregadas de emoções e incompatíveis com a atitude e a atmosfera consciente habituais. Esta imagem é dotada de forte coesão interna, de uma espécie de totalidade própria e de um grau relativamente elevado de autonomia [...] nesta perspectiva, por trás de suas características exclusivamente pessoais, o complexo mostraria conexões com os arquétipos, ou seja, haveria uma ligação entre vivências individuais e as grandes experiências da humanidade.
(JUNG, 1964:38)

Nesse sentido, o conhecimento sobre o humano aparece através da psicologia jungueana (psicologia dos complexos), de forma que alça a compreensão do ser em sua essência, vendo nos arquétipos os alicerces da vida humana (personalidade) estando ligada diretamente ao conceito de autoconhecimento sob a égide da religião.

Para estabelecer um diálogo com a complexidade, o estudo em torno da religiosidade, assume primordialmente uma imagem simbólica¹⁹. Dessa maneira, fica mais nítida a relação com o problema de pesquisa. A dimensão simbólica bem como a dimensão onírica fazem parte desse ser que busca a transcendência através da prática do autoconhecimento. No que tange à dimensão onírica irei discorrer a respeito do sonho, completando a nossa *TRIMURTI*²⁰ teórica com as considerações de Gaston Bachelard acerca do “ser sonhador” que está ligado diretamente ao estudo.

O sonho participa da pesquisa como agente que justifica essa mediação entre o ser humano e o sagrado como forma de aspiração a uma realidade idealizada, com soluções dos problemas que assolam o indivíduo.

É obvio que essa teia de saberes foi tecida por vários outros olhares, que no momento adequado farão suas contribuições, mas a rede de conceitos teóricos esteve calcada por esses três olhares: um que regula (dimensão do sagrado) outro que preserva (dimensão da realidade) e outro que transforma (dimensão da subjetividade). Para que eu possa encaminhar a discussão junto a Comunidade do Templo de Itajaí a fim de verificar essas mediações.

A intenção dessa discussão teórica é de poder estabelecer um diálogo mais profícuo junto ao conceito de autoconhecimento, em perspectiva ambiental, percebido através da comunidade *Hare Krishna* como alternativa, ou seja, como via de libertação (no sentido de ruptura ao sistema) para esse mundo tão caótico (socialmente desigual/ambientalmente devastado) que se apresenta.

Em suma, o paradigma complexo justifica esse debate em torno da cientificidade, pois abarca a dimensão simbólica da religião como forma de cooperação para a busca interna do ser humano, enxergando na religião um sistema que legitima essa relação. Sem dúvida, esses

¹⁹ Símbolo: “*toda imagem arquetípica não é um símbolo por si só. Em todo o símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo a esta imagem devem ainda juntar-se outros elementos. O símbolo é uma forma extremamente complexa. Nela se reúnem opostos de uma síntese que vai além das capacidades de compreensão disponíveis no presente e que ainda não pode ser formulada dentro dos conceitos [...] são a expressão de coisas significativas para as quais não há, no momento, formulação mais perfeita [...] é uma linguagem universal infinitamente rica, capaz de exprimir por meio de imagens muitas coisas que transcendem das problemáticas específicas dos indivíduos*”. (SILVEIRA, 1975: 81).

²⁰ Trimurti é a trindade divina do Hinduísmo, é composta pelos três principais deuses: Brahma, Vishnu e Shiva. Sendo Brahma a força criadora, Vishnu a força preservadora e Shiva a força destruidora ou transformadora. O conceito de Trimurti tomou maturidade, na compreensão dos textos védicos, na época do chamado período Purânico. A Trimurti significa o caminho cíclico do tempo Hindu. Embora Vishnu e Shiva atraíam fortes cultos e adorações, o Senhor Brahma tende a arrastar-se para um plano secundário, como um deus criador. Frequentemente, a Trimurti é retratada como uma figura de três cabeças, devido a uma encarnação dela em Datatreya. Na Trindade do hinduísmo são três deuses formando um só., Brahma é o Criador, assim como o "Pai". Vishnu é o protetor que encarna na Terra, assim como o "Filho". A diferença é que ele vem a Terra em várias encarnações, sendo as três últimas como Rama, Krishna e Buddha. Shiva, como o Espírito Santo, é quem destrói as coisas ruins para renovar o Universo. (MASSIMO, 2005: 87).

são os primeiros indícios de uma construção acerca da Educação Ambiental envolta pelas brumas da fé, somada aos sonhos e valores orientais que tentam encaminhar uma sociedade mais justa, solidária e harmônica em direção a sustentabilidade.



Princesa Devaki – Mãe de Krishna – Figura 05 -

Capítulo 2: Desvendando os mistérios do Oriente

“O mundo apresenta-se de tal maneira que, contemplando-o, o homem religioso descobre os múltiplos modos do sagrado, e por conseguinte do Ser. Antes de tudo o Mundo existe, está ali e tem uma estrutura: não é um caos, mas um cosmos, portanto mostra-se como criação, como obra dos Deuses”.

Mircea Eliade

2. Desvendando os mistérios do oriente

2.1. Um resgate histórico em torno da formação sócio-cultural da Índia

Para nós ocidentais a História da Índia ainda se mostra por detrás de um tênue véu que aos poucos se revela pelos novos investimentos historiográficos. A civilização indiana nasceu em um contexto marcado por invasões, num constante renascer de identidades que marcam e caracterizam a população hindu.

Está imbricada também na História da Índia uma relação bastante profunda entre religião e filosofia que corresponde a uma lógica bastante diversa e distante de nós, ocidentais; entretanto, se apresenta de forma sedutora, também. Acontece, na civilização oriental, ou melhor, no modo de pensar indiano, a emergência de uma metafísica que tem por finalidade explicar essa mística que está imbuída por toda a história da Índia. Na realidade, essa magia faz parte de toda a construção do pensamento indiano, tornando-o tão fascinante para a investigação científica.

Essa metafísica representa os fundamentos dessa filosofia e a efetiva aproximação da educação ambiental. É percebendo um movimento de imanência²¹ que se denota a aproximação do Si-mesmo de Jung, da Noosfera de Morin e do devaneio de Bachelard. A presença do elemento divino “no ser” faz com que a concepção da religião produza uma íntima relação com o sagrado e, substancialmente, com a natureza.

O objetivo sublinhado nesse momento é tentar identificar como essa complexa civilização se desenvolveu, percebendo o seu contexto histórico e constatando também quais

²¹ Qualidade daquilo que está permanentemente presente em um ser, ou do que, existindo, internamente, um ser a outro não se comunica externamente. Que está compreendido na própria essência do todo; aderente; permanente; perdurável. De acordo com Spinoza, o conceito de imanência está muito próximo das metafísicas que rodeiam as religiões orientais, por nortearem uma relação íntima de contemplação. (MAIA, 1977: 497).

são as suas mediações com o sagrado. Busca-se também o entendimento de mundo da civilização hindu nessa trajetória grifada pela história.

O período que marca o início da civilização indiana é investigado a partir do advento que registra importantes descobertas a respeito da Índia se dando com as escavações arqueológicas que tiveram início na década de 20 (1922), no vale do Indo, no Sind, no Punjab e no Beluquistão⁴⁰. Essas escavações trouxeram à tona a existência de povos com origens e denominações ainda não esclarecidas, porém que remontariam há mais de três milênios a.C. O estudo acerca destas populações remetem-nos à Idade do Cobre, onde estas construíram cidades fortes, desenvolvendo um projeto urbano funcional bastante arrojado⁴¹.

Os habitantes do vale do Indo empregavam a roda para o transporte e também como torno para a fabricação cerâmica, e foram os primeiros a usar em larga escala tijolos cozidos nas construções. Tal como na Mesopotâmia, cujas cidades floresceram poucos séculos antes, em Harappa⁴² também havia um sistema próprio de escrita. (EDWARDS, 2000:126).

Essa descoberta em Harappa contribui para a constatação do cotidiano no vale do Indo. Reconheço nessas atitudes, os primórdios de uma civilização que estava em desenvolvimento, provavelmente esse registro se remete à população drávida, que genuinamente, em tempos ancestrais, ocupavam a região que hoje temos por Índia.

As escavações no vale do Indo despertaram olhares sobre um modo de vida que provavelmente tenha permanecido incólume durante muitos séculos. Foram encontrados sinetes, contendo um traço pictórico bastante sinuoso que apresentam inscrições que até na contemporaneidade ainda se encontram em fase de intenso estudo. Figuras que trazem a representação do cotidiano também vão auxiliar para conotar a respeito desse ambiente.

Nesse sentido, destacam-se símbolos totêmicos ao redor dos animais⁴³ e de todo o imaginário que se atribui à mitologia indiana, suas visões de mundo, enfim o seu elo com o espírito e substancialmente com o transcendental.

⁴⁰ Regiões da Índia - Vale do Indo. (EDWARDS, 2000: 119).

⁴¹ As cidades eram estrategicamente fortificadas, com traçado urbanístico funcional, banhos públicos, mercados, adiantados, sistemas hidráulicos e complexas redes de esgoto ao ar livre. (EDWARDS, 2000: 120).

⁴² Harappa é também considerada outra "capital" do Império dos hindus, mas tinha algumas diferenças, como o fato de o celeiro estar localizado fora da cidade, pois a proximidade com o rio Ravi permitia que toda a vizinhança transportasse por via fluvial os gêneros para serem estocados. O tradicional banho ritual dos hindus é refletido pelos intrincados sistemas de fornecimento de água de Harappa, assim como um organizado sistema de coleta de lixo. (LABORDE, 2006: 24).

⁴³ Bois, elefantes e tigres eram retratados de forma realista, bastante semelhante à arte sumeriana da Caldéia, a estética tinha impressionantes pontos de contato com a época clássica da própria Índia. (LABORDE, 2006: 24-25).

De acordo com Jung, o maior cisma que existe entre o pensamento ocidental e oriental repousa no reconhecimento do espírito, onde na verdade estará localizada uma de suas profundas distinções. Pois, o sentido da “espiritualidade” irá, em realidade, denotar através de uma relação arquetípica as “leis” que regem cada sociedade. Assim, para obter a compreensão do pensamento oriental, devemos nos despir de toda e qualquer ligação que amarre nossa visualização de mundo segundo o prisma ocidental e partilhar de uma visão *Animus-Anima*⁴⁴, para poder mergulhar de vez na História da Índia. Segundo Capra, “*a mudança de mundo que está ocorrendo atualmente terá de incluir uma profunda mudança de valores; na verdade uma completa mudança de sentidos [...] Aqueles que seguem a ordem natural fluem na corrente do Tão*” (1998: 248).

O período que irá demarcar o contexto histórico da Índia tem registros na historiografia por volta do ano de 1300 a.C., marcado pela invasão Ária⁴⁵. Estes rumaram parte para o Irã e parte para a planície Indo-Gangética. Os árias dominaram toda a região expulsando, suprimindo e escravizando seus habitantes. Entretanto, mesmo sendo a população local superior a dos árias acabou sucumbindo à melhor organização política e militar do invasor.

É imputado aos árias a divisão clássica da sociedade hindu em castas⁴⁶: *Brâmanes* (sacerdotes), *Xátrias* (guerreiros), *Váxias* (comerciantes), *Sudras* (camponeses e trabalhadores) e os *Parias* (os Intocáveis, sem direitos na sociedade). Destaca-se também uma considerável contribuição cultural dos árias que foi o Sânscrito, tal como aparece nos *Vedas*⁴⁷ demonstrando o quão é latente a presença da religião para a formação do Estado Indiano.

Além disso, é necessário entender até aqui que a consolidação da história indiana se dá através de um processo invasor – no princípio marcado pelos arianos e, posteriormente, ao longo de sua história pelos muçulmanos, mongóis, ingleses, portugueses entre outros povos -. Onde uma cultura se mescla com a outra e produz uma diversidade de significados que irá compor a identidade da sociedade indiana. Nesse contexto se apresenta a imigração ária

⁴⁴ Arquétipos da Alteridade: A contraparte masculina no feminino, Animus e a contraparte feminina no masculino Anima, percepção do Caos e Cosmos. (JUNG, 1964: 23).

⁴⁵ Árias ou Arianos significa nobres em sânscrito, provinham do sul da região que atualmente reconhecemos por Rússia. (LABORDE, 2006: 27).

⁴⁶ “[...] A religião tem sua origem na revelação, é transmitida pela tradição e é preservada pela ortodoxia. [...] As castas e a sociedade hindu tradicional são uma só e mesma coisa. [...] Está ligada à instituição social conhecida como sistema de castas, aparato de ordem social e cultural que regulam a sociedade hindu”. (DUMONT, 1992: 39).

⁴⁷ As primeiras grandes obras de literatura e de religião hindus. As quatro escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-vedas). (AZEVEDO, 1993: 52).

entrelaçada à população local que é formada por povos pastores que habitam a região indogangética que se chamava Drávidas ou drávidicos.

Como todo processo de assimilação cultural, por consequência disso, ocorreu movimentos de resistência bem como mecanismos de incorporação da lógica dominante. É correto afirmar que esse processo por vezes é descrito como algo que veio consolidar a fundação desse estado, mas como a Índia possuía uma divisão política bastante similar à península balcânica, algumas regiões encaminharam sua história de acordo com as doutrinas religiosas que seguiam.

Em função disso, para melhor entender o processo de ocupação e povoação da Índia se torna inevitável um passeio ao redor do hinduísmo uma das religiões que compõem esse mosaico que é o território indiano. Através dessa trajetória irei mergulhar nesse universo e entender os estágios de compreensão acerca do processo histórico, bem como conhecer e desfrutar da simbologia que está incutida na análise dessas religiões que, através de um contexto sócio histórico vão, na verdade, nos revelar alguns dos encantos dessa sociedade calcada em mantras.

2.2 Sobre as contribuições do Hinduísmo

O Hinduísmo se situa entre as grandes mitologias arianas, lembrando muito a mitologia grega. No entanto, se observa no hinduísmo a presença de um princípio supremo, absoluto e infinito que podemos identificar por *Brahman*⁴⁸, este revela toda a essência da religião⁴⁹. Mesmo sendo o Brahman o princípio absoluto, percebemos uma bipolaridade de potências em relação à figura do *Atman*, que é a manifestação desse Brahman dentro do ser

⁴⁸ O núcleo da experiência espiritual hinduísta é a fé em um absoluto, o Brahman, a única realidade verdadeira, incriada, fonte primeira e fim último de toda forma do cosmo, concebido também como um deus supremo pessoal (Trimurti: Brahma/ Vishnu/ Shiva) Brahman é o Uno e também o Tudo. Na realidade o Hinduísmo se apresenta panteísta na forma, mas monoteísta na essência, pois, todas as representações (Deidades/ Deuses) acabam sendo manifestações do supremo que é o Brahman. Então podemos dizer que o Hinduísmo é monoético porque visa ao alcance e à ligação do eu/alma (Atman) com o eu superior Brahman. (MASSIMO, 2005: 18).

⁴⁹ "O caminho eterno" (em Sânscrito सनातन धर्म, *Sanātana Dharma*), ou a "Filosofia perene/Harmonia/Fé", é o nome que tem sido usado para representar o hinduísmo desde a antiguidade. De acordo com os hindus, transmite a idéia de que certos princípios espirituais são intrinsecamente verdadeiros e eternos, transcendendo as ações humanas, representando uma ciência pura da consciência. Mas essa consciência não é meramente aquela do corpo, da mente ou do intelecto, mas a de um estado de espírito supramental que existe dentro e além de nossa existência, o imaculado Ser de tudo. A religião dos hindus é a busca inata pelo divino dentro do Ser, a busca por encontrar a Verdade que nunca foi perdida de fato. Verdade buscada com fé que poderá tornar-se reconfortante luminosidade independente da raça ou do credo professado. Na verdade, toda forma de existência, dos vegetais e animais até o homem, são sujeitos e objetos do eterno Dharma. Essa fé inata, então, é também conhecida por Arya/Dharma Nobre, Veda/Dharma do Conhecimento, Yoga/Dharma da União, e Dharma Hindu ou simplesmente Dharma. (MASSIMO, 2005: 20).

humano (essência/alma). “*Por sua vez o Atman é o princípio universal que ilumina todo o indivíduo empírico, o sopro de eternidade contido em toda forma da existência que se transforma*”. (MASSIMO, 2005:25).

Ocorre na experiência hinduísta uma sucessão infinita de manifestações (vidas) em um ciclo de renascimentos que são regidos pelo *Karma*⁵⁰, a lei que dá retribuição dos atos, porém o Atman permanece e se envolve nesse ciclo. O objetivo da existência é a busca interior que permita o ser humano compreender que o infinito em nós (Atman) e o absoluto (Brahman) são a mesma realidade.

A ótica hinduísta perpassa todas as esferas da vida, reverenciado-as como leis de pureza e os rituais, na convicção de que o significado da existência e a harmonia do mundo estão regrados por uma lei verdadeira e eterna: eis o *Dharma*. Aliás, a ordem do cosmos se percebe na ordem social, ou seja, na vida do indivíduo, se reflete os preceitos do Vedas⁵¹ uma vez que estes regulam a vida e auxiliam a manutenção da relação Dharma/Karma.

Todo pensamento hinduísta é atravessado pelo sentido do conflito e, ao mesmo tempo, da união última entre bondade da regra sagrada e o valor criativo da desordem, entre a beleza da vida e ao sentido de seu caráter ilusório, entre desejo e renúncia. (MASSIMO, 2005:26).

Dessa maneira, o pensamento hindu encarna alguns preceitos morais como: ética, estética, virtude/fé. Assim entende-se essa organização entre conflito e união, como um espelho da relação sagrado/profano, deus/homem, céu/terra. Enfim, a particularidade metafísica indiana representa esse movimento nas suas inter-relações com a sociedade e substancialmente com a história.

O Hinduísmo vai nos revelar uma visão bramânica do mundo, mesmo tendo várias fases o hinduísmo se centrou desde seus primórdios nos preceitos Védicos de explicação da vida. Portanto, irei elencar aqui o processo de construção desse pensamento e investigar também qual a sua importância para o meu estudo. Entretanto, já adianto que a religião hindu, mesmo em sua diversidade de enfoques, está presente e faz parte do processo de construção da mentalidade indiana e substancialmente da oriental.

⁵⁰ Da raiz *Kr*: fazer, obra, ação, rito execução. É a lei da ação e divide-se em três momentos ou etapas, a saber: Sanchita-Karma (Sanchita: acumulado, amontoado) é o resultado de todas as nossas ações passadas, mas que ainda não começaram a germinar, amadurecer e transformar-se na colheita de uma vida; Prarabda Karma (da raiz *Prakk*: antecipado; e *arabda*: começando) é o Karma escolhido e acumulado no passado, mas que já começou a produzir frutos na forma de acontecimentos presentes. É a parte do Sanchita que vai ser vivida no momento atual. *Agami-Karma* (Agami: vindouro) é o destino que ainda não temos assumido aquele que, sendo efetuado (semeado) agora, será incluído em Sanchita. Sintetizando, *Karma* é a lei de ação e reação, de causa e efeito. (ROHDEN, 2005: 45).

⁵¹ Vide nota nº. 25.

Existe nessa religião a representação da figura do Brahman associada à Trimurti (conforme já mencionei na nota nº.09), que é uma espécie de tríade que tem o caráter de sustentáculo simbólico para os hindus. Essa trimurti é percebida através das figuras de Brahma, o criador, Vishnu, o preservador e Shiva, o destruidor e transformador. “*O Brahman é então a lei imóvel que preside à unidade da vida, fora e dentro do homem, através do universal devir da destruição e da criação*”. (GARAUDY, 1981:112).

Outro conceito a respeito da composição do pensamento em torno do hinduísmo que vale a pena realçar é a constituição do significado de realidade. A realidade e o mundo em sua plena configuração se apresentam falsos (Maya), uma percepção⁵² ilusória, não obstante Brahman é o verdadeiro princípio das coisas (real). Ao passo que é tido por ilusório dentro de uma concepção ocidental que descreve esse fenômeno por inverdade. Segundo a ótica oriental, Maya também é uma extensão de Brahman, mesmo sendo a reguladora da visualização no âmbito da existência (Samsara), ela tem de ser o elemento que baliza as representações no mundo.

A representação de Maya faz com que a identifiquemos à representação de realidade percebida, visualizando que, o movimento à idéia de divino se dá internamente. Por isso, de certa forma, ela também é parte de Brahman, pois dele tudo emana. Maya é a representação de vida mais próxima ao ideal ‘mortal’ que percebemos no hinduísmo. “*A raiz da ilusão se encontra na atitude do homem que se volta para objetos do mundo e não para o ato que os engendra*”. (GARAUDY, 1981:108).

O termo MAYA, (o relativo) é geralmente usado com o significado de ‘o falso’ (ou ilusório). Maya, contudo, pode também ser considerado positivamente como Krishna – Lîlâ: ‘jogo divino’, ‘arte divina’, ‘magia divina’ ou ‘aparência’. No processo que leva à manifestação, o Ser (Îshvara) polariza-se em um princípio ativo ou masculino, Purusha, e em um princípio passivo ou feminino, Prakriti. Da interação desses dois princípios parentais nasce à existência ou manifestação (Samsâra ou Jagat). (STODDART, 2004:29)

Em suma, a Contribuição do hinduísmo nesse estudo se refere ao caráter representativo que acabo de apresentar. No entanto, sabe-se que ainda se revelam inúmeras lacunas (sua relação com a magia, a questão da submissão, o espaço profano e etc.) acerca da religião. Entretanto, não pretendo esgotar aqui essa discussão. Ao longo do trabalho ainda vou

⁵² Trata-se do poder cósmico que faz possível a existência fenomênica e as percepções da mesma. De acordo com a filosofia Hindu, somente aquilo que é imutável e eterno merece o nome de realidade; tudo o que está sujeito à mudança e que, portanto, tem por princípio e fim é considerado Maya. Às vezes é tida por ilusão. (ROHDEN, 2005: 135).

recorrer aos conceitos que legitimam essa abordagem, porém cabe lembrar que o referido sistema religioso denota uma infinidade complexa de nuances a respeito do tema, o qual tentarei elucidar de acordo com a necessidade da questão de pesquisa, sempre circundando o universo que permeia o pensamento oriental.

2.2.1. O Hinduísmo Védico

Ao redor do ano de 2000 a.C., os árias estabeleceram-se no Irã e na Índia. Sua herança religiosa consistiu nas divindades dos antepassados. Além de deuses tribais, os indo-europeus veneravam deuses cósmicos: O sol (Sūrya), a lua (Chandra), a tempestade (Rudra), entre outros.

Nesse sentido, a base da religião védica já existia entre os árias antes mesmo de invadirem a Índia. Destarte, pode-se confirmar o grande mosaico cultural que a Índia representa até no âmbito da religião. Os cantos sagrados (Vedas) ⁵³ revelavam uma organização social estável, abundância de alimentos, famílias grandes e êxito nas batalhas. Os cultos, antes uma atividade doméstico-familiar, tornaram-se com o passar dos tempos cada vez mais complexos, com elaborado ritual confiado aos sacerdotes.

Desenvolveu-se ainda a idéia de um poder criador: Prajapati (em sânscrito, “Senhor das Criaturas”), descrito nos Vedas, depois transformado em Brahman.

Dessa mestiçagem cultural nasceu uma das mais elevadas concepções sobre o homem, o mundo e os deuses, expressa na grandiosa poesia dos ‘hinos védicos’, que contém os germes de toda experiência indiana da vida. [...] veda significa visão, conhecimento. (GARAUDY, 1981:96)

⁵³ Denominam-se *Vedas* os quatro textos em sânscrito que formam a base do extenso sistema de escrituras sagradas do hinduísmo. A palavra Veda, em sânscrito, da raiz विद् *vid-* (reconstruída como sendo derivada do Proto-Indo-Europeu *weid-*) que significa *conhecer*, escreve-se वेद *veda* no alfabeto Devanagari e significa *conhecimento*. É a forma guna da raiz *vid-* acrescida do sufixo nominal *-a*. São estes os quatro Vedas:

- ◆ ऋग्वेद: *ṛgveda* Rigveda: (Sânscrito: composto tatpuruṣha de *ṛc-* (hino) e *veda-*) significa "veda dos hinos". É o primeiro, na ordem comum de enumeração dos quatro Vedas;
- ◆ सामवेद: *sāmaveda* Samaveda: (Sânscrito: composto de *sāman-* (canto ritual) e *veda-*) significa "veda dos cantos rituais". É o terceiro, na ordem comum de enumeração dos quatro Vedas;
- ◆ यजुर्वेद: *yajurveda* Yajurveda: (Sânscrito: composto de *yajus-* (sacrifício) e *veda-*) significa "veda do sacrifício". Contém textos religiosos com foco na liturgia, nos rituais e no sacrifício, e como executá-los.
- ◆ अथर्ववेद: *atharvaveda* Atharvaveda: (Sânscrito: composto de *atharvān* (um tipo de padre) e *veda-*). É o quarto veda.

O hinduísmo védico vai nos revelar os primórdios dessa religião metafísica, instaurando seu discurso como axioma que vai regular a vida para aqueles que a elegendem. Nessa medida, confere-se a gênese do hinduísmo enquanto filosofia que encaminha uma resposta para como manipularmos a vida, ou seja, a vida ao encontro do sagrado, indo de encontro ao paralelo entre imanência e transcendência.

As representações simbólicas grifadas nesse momento estão muito ligadas ao Kama (amor), a Ishana (destruição), aos elementos essenciais para a formação do pensamento mitológico hindu. A relação com os deuses se dá de uma forma bastante genuína, herdeira de cultos ancestrais que veneravam a vida segundo as manifestações da natureza, como chuvas, frio elementos de orientação da vida cotidiana.

2.2.2. O Hinduísmo Bramânico⁵⁴

Essa é a segunda fase do hinduísmo que veio através da derrocada da antiga religião Védica. Aparece a figura do Brahman (verdade absoluta), e tendo como representação simbólica a trimurti, integrada por Brahma, Vishnu e Shiva. Brahma é a manifestação antropomórfica de Brahman, a alma universal, o ser absoluto, incriado, mais um conceito da totalidade que envolve todas as coisas do que um deus.

Os aspectos dessa nova fase da religião se renovaram, os rituais enriqueceram notavelmente com a subordinação Brâmane (sacerdotes) da religião. As idéias de Samsâra (existência e transmigração das almas em encarnações sucessivas) e Karma surgiram nessa época, assim como as especulações filosóficas sobre a origem e o destino do ser humano.

O sistema de castas converteu-se na principal instituição da sociedade hindu, sendo a casta dos brâmanes a mais elevada. A visão bramânica a respeito do mundo e sua aplicação à vida estão descritas no livro do *Manusristi* (Código de Manu), elaborado entre os anos 200 a.C. e 200 da era cristã, embora também contenha material muito mais antigo.

Manu é o pai original da espécie humana. O livro trata inicialmente da criação do universo e da ordem dos brâmanes; depois, do governo e de seus deveres, das leis, das castas,

⁵⁴ O Hinduísmo é uma religião henoteísta tradicional da Índia. Considerada a mais antiga das grandes religiões do mundo ainda em prática, o hinduísmo é caracterizado por uma diversidade de sistemas de crenças, práticas e escrituras. Tem origem na antiga cultura Védica em cerca de 3000 a.C.. É a terceira maior religião do mundo com aproximadamente 1050 milhões de seguidores, 96% dos quais no subcontinente indiano. Mas também é influente em Bangladesh, Nepal, Indonésia, Sri Lanka, e no Paquistão. Embora seja geralmente mencionado como uma religião específica, o hinduísmo é mais corretamente descrito como um conjunto de religiões com uma linguagem em comum, pois tem pouca ou nenhuma organização central ou base teológica compartilhada. (STODDART, 2004: 44).

dos atos de expiação e, finalmente, da reencarnação e da redenção. De acordo com as leis de Manu, os brâmanes são os senhores de tudo que existe no mundo.

As Upanisad conservam a sabedoria mais alta e transmitem um ensinamento destinado aos discípulos iniciados que demonstram inclinação para o pensamento abstrato e para reflexão religiosa. [...] São a conclusão do veda em um duplo significado, seja a de ser a conclusão, a última parte da revelação, seja no sentido de ser o fim, a verdadeira meta de todo o ensinamento. [...] transmitem as intuições dos místicos sob a forma de lendas, parábolas, diálogos. (MASSIMO, 2005:37).

As Upanishads⁵⁵ vão interiorizar o pensamento védico, revelando o teor daquilo que representa o hinduísmo enquanto fonte de análise. São as escrituras que calcam e fundamentam a religião como axioma que determina a conduta dos seres humanos e sua relação com a idéia de sagrado.

Várias Upanishads são extensões ou explicações de cada um dos quatro Vedas (Rigveda, Yajurveda, Sāmaveda e Atharvaveda). As mais antigas e mais longas das Upanishads são o Bṛhadāraṇyaka e o Chhāndogya. Os estudiosos divergem sobre a data em que foram escritos. As estimativas vão dos séculos XVI a VII a.C..

A maioria dos estudiosos concorda que muitas das Upanishads mais antigas foram escritas antes do tempo de Buda. Inicialmente havia mais de duzentas upanishads, mas o filósofo Shankara considerou apenas quinze como básicas. Foram totalmente cadastradas apenas em 1856, por ordem de Dara Shakoh⁵⁶.

As Upanishads contêm informações sobre crenças básicas hindus, incluindo crença em uma alma mundial, um espírito universal, Brahman, e uma alma individual, Atman. Uma variedade de deuses menores são vistos como aspectos deste único campo divino impessoal, Brahman.

⁵⁵ As Upanishads são denominadas Vedanta porque elas contêm uma exposição da essência espiritual dos Vedas. Entretanto é importante observar que Upanishads são textos e Vedanta é filosofia. A palavra Upanishads significa 'sentar próximo ou perto' pois eles explicavam aos estudantes enquanto eles sentavam-se próximos aos mestres. As Upanishads mais precisamente organizaram a Doutrina Védica de auto-realização, yoga e meditação, karma e reencarnação, que eram veladas no simbolismo da antiga religião de mistérios. As mais antigas Upanishads são geralmente associadas a um Veda em particular, através da exposição de um Brahmana ou Aranyaka, enquanto as mais recentes não. Formando o coração da Vedanta (*Final dos Vedas*), elas contêm a excessiva aerodinâmica de adoração aos deuses Védicos e capturam a essência do *Rig Vedic dictum* "A Verdade é Uma." Elas colocam a filosofia Hindu separada e acolhendo uma única e transcendente força imanente e inata na alma de cada ser humano, identificando o micro - e macrocosmo como Um. Podemos dizer que enquanto o Hinduísmo primitivo é fundamentado nos quatro Veda, o Hinduísmo Clássico, Yoga e Vedanta, Tantra correntes do Bhakti foram modelados com base nas Upanishads. É escrita também: Upanisad, Upanixad e Upanish. (PRABHUPADA, 1999: 32).

⁵⁶ Dara Shakoh foi um dos precursores ao estudo da História Asiática, um de seus êxitos foi a transliteração para o inglês de escrituras achadas em Harappa e Mohenjo-Daro. (EDWARDS, 2000: 120).

Brahman não é um Deus no sentido monoteístico, tanto que ele não é saturado com nenhuma característica limitante, nem aquelas dos que são ou não são, e isto é refletido no fato de que, em Sânscrito, a palavra Brahman é de gênero neutro (ao invés de masculino ou feminino).

Assim, através dessa aura impregnada pelo discurso religioso é que vou discorrer, ao longo da dissertação, acerca do movimento de re-ligação ao universo simbólico onde se reconhece o sagrado, para efetivamente aproximar a Educação Ambiental à pesquisa.

2.3. Investigando o sistema de castas

Os hindus atribuem caráter religioso a todas as atividades, o que faz o hinduísmo uma ordem social-religiosa que influi diretamente em todas as esferas da vida, desde a moral até a economia. De certa maneira, isso supera a visão pessimista de desilusão e, segundo a filosofia hindu, confere a cada momento da vida uma dimensão religiosa.

É importante destacar que são imperiosas as obrigações impostas pelo sistema de castas. Partindo do pressuposto que atuar de acordo com a casta a que determinado ser humano pertence é, para o hindu, consequência da doutrina enraizada na ordem do universo. A casta é uma condição dada, imutável em sua forma e segregante em seu fundamento.

A ordem social divide as pessoas em castas, assim como a vida se manifesta em formas inferiores e superiores. O sistema de castas surgiu na Índia com os árias e começou a se desenvolver por volta de 850 a.C.. Sua gênese parece ser proveniente da divisão entre ária, de pele clara, e *dasya* (nativos) de pele escura. Com o passar do tempo o sistema foi evoluindo e sua classificação passou a ser no plano político-social-religioso.

Ela diz respeito ao domínio político-econômico da vida social. Para entender sua significação global, é preciso, ainda, conhecer o lugar ocupado por esse domínio particular no conjunto. Ora, na perspectiva tradicional, que aqui é a perspectiva essencial, ele não é autônomo nem externo com relação a ela, mas ao contrário, está encerrado num englobante religioso. (DUMONT, 1992:290)

Em sua estrutura mais antiga, o sistema de castas era constituído de quatro castas, que já foram mencionadas anteriormente. Cada casta tem suas próprias normas e está rigorosamente separada das outras. Não é permitido o casamento misto, nem refeições em comum, nem a participação conjunta em atividades profissionais.

A ruptura dessas obrigações implica a exclusão da casta, onde o indivíduo fica privado de todo o direito social e se torna um pária, sem casta (intocável). Na Índia chegou-se a ter mais de três mil castas e subcastas, divisão que influi poderosamente na sociedade indiana. Sua extinção legal ocorreu em 1947.

Nessa época, as castas dividiam a população hinduísta em cerca de dezessete milhões de brâmanes, e vinte milhões de membros divididos nas outras categorias. Nesse sentido, é revelada uma religião forjada por trás da ideologia como mecanismo político. Porém, essas duas fazes que o hinduísmo atravessou somente servem como ilustração para o período que exatamente corresponde a minha investigação.

Nesse sentido, observo no hinduísmo o esteio que me encaminha para a relação junto aos *Hare Krishna*, por reconhecer sua herança cultural e ideológica sob a égide hindu. A explicação acerca do mundo e da vida hinduísta irão me auxiliar no procedimento e compreensão das ações dos sujeitos de pesquisa em relação ao ambiente. Naturalmente, ainda falarei de outra fase do hinduísmo que corresponde mais diretamente a doutrina *Hare Krishna*.

Somente quis, nesse momento, elucidar a respeito da origem bem como do pensamento religioso que influenciam os seguidores de Krishna.

O Hinduísmo, de uma forma geral, é uma das religiões mais tolerantes, porque acredita em Brahman a finalidade da devoção (não importa a quem se reverencia, se é um santo, uma árvore, uma deusa,... pois no fundo está se conectando com o absoluto também) exceto pelo sistema de castas. Os hindus seguem um sistema estrito de castas (na atualidade a força da tradição já está cedendo aos ditames do mundo moderno) que determina o status de cada pessoa. O nascimento em uma determinada casta é o resultado do karma produzido em vidas passadas. Somente membros das castas mais elevadas, brâmanes, podem realizar os rituais hindus e ter posições de autoridade nos templos hindus.

É sobre esse universo religioso que me proponho dissertar, envolvendo a filosofia hindu, através da prática do autoconhecimento, somada a minha trimurti teórica para tentar responder a problemática de investigação.



Yashoda: Mãe Adotiva de Krishna – Figura 06 -

Capítulo 3: Os textos Sagrados e o papel de Krishna

“Krishna desperto do seu sonho, envolve as gopis em um olhar benevolente. Da sua boca escorrem para elas palavras doces e, tomando-lhes as mãos, fá-las sentar sobre a relva na sombra dos grandes cedros, sob a luz da lua fulgurante”.

Edouard Schuré

3. Os textos sagrados e o papel de Krishna

3.1. Os textos divinos⁵⁷ e sua influência cultural na sociedade indiana

Como já vimos, anteriormente, os Vedas e as Upanishads configuram de forma superlativa os fundamentos da religião hinduísta. A intenção agora é tentar encontrar uma forma de direcionar a influência desses textos junto à doutrina *Hare Krishna*. Nessa medida, esse direcionamento me ajuda a identificar sua vinculação à Educação Ambiental, se inclinado ao autoconhecimento como forma de almejar uma sociedade justa, igualitária e harmônica, inclusive com a natureza.

Têm-se assim, os *Puranas*⁵⁸ que são considerados (*smriti*) ensinamentos não escritos, são passados oralmente de geração em geração. São distintos dos *srutis* ou ensinamentos em escritos tradicionais. Existem um total de 18 *Puranas*, todos escritos em forma de versos. São tidos como estes textos que foram escritos muito anteriormente ao Ramayana e Mahabharata.

Dessa maneira, os *Puranas* irão encaminhar-me para a investigação nas narrativas sagradas, onde estas exprimem ferramentas históricas de reconstituição do passado.

⁵⁷ Muito da morfologia e filosofia lingüística inerente ao aprendizado do sânscrito está associada ao estudo dos Vedas e outros relevantes textos Hindus. Os textos Hindus apresentam diversos níveis de leitura: físico material, sutil ou supernatural. Engloba vários níveis de interpretação e compreensão. As escrituras hindus são divididas em duas categorias:

1 - *Shruti*- aquela que se escuta - oral -(revelação);

2 - *Smriti*- aquela que se recorda -escrita - (tradição, não revelação). (FREIBERGER, 1996: 14).

⁵⁸ Acredita-se que o mais antigo Purana provém de 300 a. C., e os mais recentes datam: 1300 - 1400 d.C. . Apesar de terem sido compostos em diferente períodos, todos os Puranas parecem ter sido revisados. Tal fato pode ser notado no fato de que todos eles comentam que o número de Puranas são 18. Os Puranas variam muito: o Skanda Purana é o mais longo com 81,000 versos, enquanto o Brahma Purana e o Vamana Purana são os mais curtos com 10,000 versos cada. O número total de versos em todos os 18 Puranas é 400,000. (FREIBERGER, 1996: 13).

A *smṛti* devia servir apenas para clarear a obscuridade da linguagem védica e ensinar seus preceitos com exemplos claros. [...] a partir da exegese obsequiosa dos textos védicos, passou-se à idéia de que a especulação poderia se aventurar por novos percursos, explorar novas instituições, contanto que não estivessem em contradição com o Veda. (MASSIMO, 2005:41).

As *smṛti* têm a ver com a memória, com o processo de divinização do Veda. Sua existência possui a finalidade de legitimar que o Veda não é fruto do ser humano, mas revelação do absoluto (Brahman). Nesse sentido, ajudam afixar, com apoio da mitologia, os Vedas como axiomas que fundamentam a religião.

Entretanto, será através das epopéias hindus que vou perceber mais proficuamente a intensa relação com o autoconhecimento, como por exemplo: O Ramayana³¹, o Kama Sutra³² e o Mahabharata, as três principais. A última de maior interesse para mim, pois revela os princípios da doutrina *Hare* e tem Krishna como seu protagonista.

3.1.1. O Mahabharata³³

O Mahabharata e o Ramayana são as duas grandes epopéias hindus que corporificam a essência da herança cultural indiana. Sua transliteração e tradução para as línguas ocidentais são relegadas, em sua maioria, a William Buck³⁴. As narrativas heróicas hindus vão revelar uma aura que visa sempre à aprendizagem através do autoconhecimento como forma de ascensão ao plano sagrado, ou seja, da união do Atman e Brahman.

O Mahabharata é a história de uma disputa dinástica que culmina em uma aterradora batalha entre dois ramos de um mesmo grupo familiar dirigente na Índia. Nesse sentido, ele apresenta o relato da luta entre os Kurus e os Pandavas pela disputa das terras férteis e ricas

³¹ Rama é o herói do Ramayana, é uma forma humana do Deus Vishnu. No Ramayana, é o filho e o herdeiro de um reino indiano. Rama serve de Modelo aos homens hindus. É um poema épico da Índia. (SCHURÉ, 2003b: 67).

³² O Kama Sutra ou Aforismo sobre o amor é a obra mais importante, a mais célebre da literatura Hindu. Seu autor Vatzayana viveu o I e o IV século da era cristã. O Kama Sutra é composto por cerca de duzentos e cinquenta versos que versam sobre um tratado de moral sexual, precedido de um curso de filosofia para uso de ambos os sexos numa busca incessante pelo amor universal. Kama – deus do amor- e Sutra – lições- Lêem-se então: Lições de amor. A recomendação do texto é associar o Dharma ao prazer sensual como forma de unir-se ao sagrado. As lições do Kama Sutra no que tange yoga e os mudras são os mecanismos de se atingirem a realidade divina. (VATZYAYANA, 1930: 253).

³³ O Mahabharata (em sânscrito, grande Índia) é o grande épico hindu, ditado por Krishna-Dwaipayana Vyasa, o compilador. Sua versão completa, incluindo o Bhagavad Gita, supõem-se que seja do século 8 a.C.

³⁴ William Buck, um jovem americano cuja morte prematura, aos trinta e sete anos, ocorreu poucos meses após ele haver entregue os manuscritos de ambos os épicos para a University of Califórnia Press, em Berkeley, recontou os clássicos, como muitos poetas já fizeram, em uma linguagem e em uma extensão que os tornam acessíveis ao leitor contemporâneo. (SCHURÉ, 2003: 125).

da confluência do Ganges e do Yamuna, perto de Délhi. É realçado também por histórias paralelas que fornecem uma base social, moral e cosmológica ao clímax da guerra.

O Mahabharata foi sendo composto durante um período de cerca de quatrocentos anos entre o segundo século antes de Cristo e o segundo século depois de Cristo, quando aquele confronto já era um evento lendário, preservado em contos folclóricos e nos registros marciais das tribos dominantes. Segundo o calendário indiano, teria ocorrido no ano 3102 a.C. o início da Era do Infortúnio, a Kaliyuga. (BUCK, 1992: 101)

O cenário que serve de pano de fundo ao Mahabharata, é a região compreendida entre o Paquistão a oeste, Bihar a leste e o planalto do Decã ao sul que eram ocupados por tribos, possivelmente os genuínos drávidas, cujos nomes são citados em registros muito mais antigos que o próprio Mahabharata. Foi nesse cenário que se deu a guerra dos Bharatas³⁵.

A guerra dos Bharatas se percebe através do impasse estabelecido entre Kurus e Pandavas (ou também Pandus). Os Kurus era uma tribo que havia governado toda a região que compreendia as ‘cabeceiras’ do rio Yamuna. Os Pandavas era um clã, emergente, que povoava a região de Indraprastha e Hastinapura.

De acordo com o Mahabharata, os novos aristocratas foram convidados à corte da antiga e nobre casa de Kuru para uma disputa de dados. Lá, foram enganados, sendo primeiro despojados do seu reino e depois astuciosamente induzidos a não reagir por doze anos. No décimo terceiro ano, buscaram refúgio na corte de Matsyas, onde se aliaram aos vizinhos dos Kurus a leste e a sul, os Panchalas. Juntos, em um enorme exército, marcharam para Hastinapura e foram confrontados em Kurukshetra. (BUCK, 1992: 64)

Assim é nítido perceber um pouco dessa aura fantasiosa e mística que compõem as epopéias hindus. Pode-se notar que a narrativa encaminha sua representação acerca dos Pandavas, que foram enganados pelo Kurus e se preparam nesse momento para a grande batalha de Kurukshetra.

O episódio que compreende a essa batalha corresponde a *Bhagavad Gita*, à *canção do senhor*. Eis uma parte do Mahabharata bastante significativa que me deu suporte para reconhecer o autoconhecimento como prática de (re) educação em relação ao manejo da vida e daquilo que está ao seu redor. A Bhagavad Gita possui um enfoque especial nesse trabalho, mas por hora deve-se reconhecer outros elementos que irão auxiliar na compreensão mais eficaz acerca da narrativa.

³⁵ Bharata: também é tida na narrativa por Grande Índia. Mahabharata a grande história dos Bharatas. Cidadãos da Índia. (BUCK, 1992: 61).

O Mahabharata, juntamente com a Bhagavad Gita, irão revelar Krishna como ser supremo, intimamente ligado ao princípio absoluto, em uma tentativa de encaminhar suas angústias no tocante da vida em direção a Krishna como forma de refúgio. Então, é fundamental, nesse momento, conhecermos o protagonista dessa narrativa e sua influência para a religião hindu, bem como as deidades que compõem essa coletânea sonora que é o oriente.

3.2. As deidades e a literatura Védica

No hinduísmo existem mais de duas mil representações, como deuses, sábios, enfim que irão encaminhar o símbolo sagrado para o princípio absoluto Brahman. É importante grifar que no hinduísmo não importa quem ou o quê se reverencia, pois todo ato devocional vai ao encontro de Brahman, ao passo que não despreza as lendas que estão imbuídas em cada divindade, por isso as lendas e os mitos.

É necessário esclarecer, nesse momento, que enfocarei as deidades que ilustram o universo simbólico que é permeado por Krishna, como forma de salvaguardar o foco de análise. Assim, é sumariamente importante entender esses signos sagrados para compreender como eles se comunicam com a religião e também verificar como irão impulsionar a atividade onírica proposta por Gaston Bachelard, a posteriori, na relação do ser humano com o sacramental.

Partindo da segunda fase do hinduísmo que outorgam Atman e Brahman como potências ligadas à imanência e à transcendência, isto é, no campo da religião, percebo que a representação do princípio absoluto é conferida a trimurti.

Brahma é o primeiro Deus da Trimurti, a trindade hindu, mas não recebe tanta importância quanto os outros dois: Vishnu e Shiva. *Brahma* é considerado pelos hindus a representação da força criadora ativa no universo. A visão de universo concebida pelos hindus é cíclica. Depois que um universo é destruído por Shiva, Vishnu se encontra dormindo e flutuando no oceano primordial. Quando o próximo universo está para ser criado, *Brahma*³⁶ aparece montado num Lótus, que brotou do umbigo de Vishnu e recria todo o universo.

³⁶ *Brahma* é representado com quatro cabeças, mas originalmente era representado com cinco. O ganho de cinco cabeças e a perda de uma é contado numa lenda muito interessante. De acordo com os mitos, ele possuía apenas uma cabeça. Depois de cortar uma parte do seu próprio corpo, *Brahma* criou dela uma mulher chamada Satrupa, também chamada de Sarasvati. Quando *Brahma* viu sua criação, ele logo se apaixonou por ela, e já não conseguia tirar os olhos da beleza de Satrupa. Naturalmente, Satrupa ficou envergonhada e tentava se esquivar dos olhares de *Brahma* movendo-se para todos os lados. Para poder vê-la onde quer que fosse, *Brahma* criou mais três cabeças, uma à esquerda, outra à direita e outra logo atrás da original. Então Satrupa voou até o alto do

Depois que Brahma cria o universo, ele permanece em existência por um dia de Brahma, que vem a ser aproximadamente 4.320.000.000 anos em termos de calendário hindu. Quando Brahma vai dormir, após o fim do dia, o mundo e tudo que nele existe é consumido pelo fogo, quando ele acorda de novo, ele recria toda a criação, e assim sucessivamente, até que se completem 100 anos de Brahma, quando esse dia chegar, Brahma vai deixar de existir, e todos os outros deuses e todo o universo vão ser dissolvidos de volta para seus elementos constituintes. (BUCK, 1992: 47).

*Vishnu*³⁷ é o deus preservador, na trimurti hindu ele é o responsável pela manutenção da vida. Segundo o hinduísmo, *Vishnu* vem ao mundo de diversas formas, chamadas Avatares, que podem ser humanas, animais ou uma combinação dos dois. Todos esses avatares aparecem ao mundo quando um grande mal ameaça a Terra. No total existem dez avatares³⁸ de *Vishnu*, dos quais nove já se manifestaram no nosso mundo - sendo Rama e Krishna os mais conhecidos - e outra ainda está por vir.

A esposa de Vishnu é a deusa Lakshmi, deusa da prosperidade e sorte que o acompanha encarnado na Terra como esposa de seus avatares. O veículo de Vishnu é Garuda, a águia gigante. Vishnu tem uma forte relação com a água(Nara), tanto que um de seus nomes é "Narayana", aquele que flutua sobre as águas. Ele é representado ao lado de uma Serpente com muitas cabeças, já mencionada anteriormente. Do seu umbigo, nasce uma flor de Lótus, da qual emerge Brahma o deus criador do universo. (BUCK, 1992:51).

Já *Shiva*³⁹ é um Deus ("Deva") hindu, o Destruidor (ou o Transformador), participante da Trimurti juntamente com Brahma, o Criador, e Vishnu, o Preservador. Uma das duas principais linhas gerais do Hinduísmo é chamada de Shivaísmo em referência a *Shiva*.

céu, fazendo com que *Brahma* criasse uma quinta cabeça olhando para cima, foi assim que *Brahma* veio a ter cinco cabeças. Da união de Brahma e Satrupa, nasceu Suayambhuva Manu, o pai de todos os humanos. (STODDART, 2004: 28).

³⁷ Na mitologia hindu, Vishnu (Hindi विष्णु, da raiz sans. *vishva* = tudo), juntamente com Shiva e Brahma formam a Trimurti, a trindade divina hindú. Sendo Vishnu o Deus responsável pela manutenção do universo. (STODDART, 2004: 29).

³⁸ Matsya, o Peixe; Kurma, a Tartaruga;Varaha, o Javali;Narashima, o Homem-Leão;Vamana, o Anão; Parashurama, o Homem com o machado; Rama; Krishna; Buddha, o Iluminado (Sidarta Gautama) *Nota: segundo os budistas, há 24 Budas, que não são encarnações de Vishnu, um deus de outra religião. Sidarta Gautama, o Buda histórico, foi um dos Budas; Kalki, o espadachim montado a cavalo que ainda está por vir.* (STODDART, 2004: 28-29).

³⁹ As cobras que Shiva usa como colares e braceletes simbolizam o seu triunfo sobre a morte, a sua imortalidade.O filete de água que se vê jorrar de seus cabelos é o rio Ganges. Conta a lenda que o Ganges era um rio muito revoltado que corria na morada dos deuses. Os homens pediram para que o rio corresse também na terra. Porém, o impacto da queda d'água seria muito violento. Para resolver o problema, Shiva permitiu que o rio escorresse suavemente para a terra pelos seus longos cabelos.Sendo o asceta eremita da Trimurti, Shiva é considerado o criador do Yôga, que teria ensinado pela primeira vez a sua esposa Parvati. (BUCK, 1992: 50).

A veneração a *Shiva* possui uma característica bastante peculiar e junto com o movimento *Hare Krishna*, irão fundar uma nova fase do hinduísmo, reconhecida por Bhakti, que será melhor explicada a posteriori.

Entender os elementos que estão dispostos na trimurti hindu, facilita a compreensão desse universo simbólico que se inclina a todo o momento à dimensão sagrada. Juntamente com a análise acerca da Noosfera como palco de possibilidades, é que vou poder sedimentar esse discurso enquanto mecanismo de impulso a Educação Ambiental vivificada pelo diálogo com a fé.

3.3. Descobrindo Krishna⁴⁰

Krishna aparece como protagonista do Mahabharata, sendo este, a priori, um avatar de Vishnu. Enquanto deidade, será a representação simbólica e a fundamentação filosófica para o movimento *Hare Krishna*.

Krishna era da família real de Mathura - capital de um conjunto de três clãs: Vrishni, Andhaka e Bhoja - e o oitavo filho da princesa Devaki e seu marido Vasudeva, um nobre da corte. No dia do seu casamento, como era de costume na tradição Védica, seu primo mais velho, Kamsa⁴¹, ficou encarregado de conduzir Devaki e seu esposo até a nova casa do jovem casal. No caminho que conduzia os noivos até sua nova casa, Kamsa escutou uma voz que dizia que o oitavo filho de Devaki iria levá-lo à morte. Imediatamente fez menção de matar Devaki, mas Vasudeva implorou pela vida da esposa, prometendo que cada filho seu que nascesse seria levado à presença de Kamsa.

Dessa maneira, Kamsa havia sido alertado por Narada Muni que em breve Vishnu⁴² nasceria na família de Vasudeva. Soube, também, através deste sábio, que, em uma encarnação anterior, Kamsa havia sido um demônio chamado Kalanemi, que tinha sido morto por Vishnu. Conta a tradição Védica que Kamsa, temendo que Vishnu nascesse em qualquer

⁴⁰ O nome em sânscrito é escrito *kṛṣṇa* (veja Sânscrito para pronúncia). O Mahabharata (Udyogaparva 71.4), analisa a palavra 'Krishna' da seguinte maneira: (*Tradução*) - A palavra 'krish' é a característica atrativa da existência do Senhor, e 'na' significa 'prazer espiritual.' Quando o verbo 'krish' é adicionado ao 'na', ele se torna 'krishna', que significa Verdade Absoluta. De acordo com a maioria dos dicionários, a palavra Krishna significa 'negro' ou 'escuro' em sânscrito. Relaciona-se com palavras parecidas em outros idiomas indo-europeus. Às vezes se traduz como 'O Senhor Escuro' ou 'o de pele escura'. Pode significar também 'Todo atrativo'. (RODHEN, 2005: 54).

⁴¹ O rei Kamsa subiu ao trono após mandar prender seu próprio pai, Ugrasena (rei da dinastia Bhoja). Kamsa é tido como um grande demônio, que pertencia à classe dos *Kshatriyas* (guerreiros), mas que, de algum modo, havia se desviado do Dharma universal. (BUCK, 1992: 63).

⁴² Sob a forma de Krishna (Avatar).

uma das famílias do reino, mandou matar todos os meninos com até dois anos de idade, a fim de evitar o cumprimento da profecia.

Receoso, Kansa, mandou prender Vasudeva e sua esposa no porão do castelo, sendo vigiados dia e noite por guardas. Cada filho do casal que nascia era morto por Kansa, que mesmo sabendo que a profecia se cumpriria apenas no oitavo filho, não tinha piedade de nenhum e matava a todos. E foi então que o oitavo filho de Devaki nasceu - Bhagavan Sri Krishna. O local de seu nascimento é conhecido atualmente como Krishnajanmabhoomi, onde um templo foi erguido em sua honra. Como sua vida corria risco na prisão, foi tirado da prisão e entregue a seus pais adotivos Yashoda e Nanda em Gokula. (BUCK, 1992: 86).

Assim, Nanda, pai adotivo de *Krishna*, era o líder de uma comunidade de pastores de gado. As histórias de sua infância e juventude contam sua vida e relação com as pessoas de sua região. Uma dessas histórias menciona que Kansa, descobrindo que ele havia sido libertado da prisão, enviou vários demônios para impedir que isso acontecesse. Todos falharam. São muitas as façanhas de *Krishna* e suas aventuras com as *Gopis*⁴³ da vila, incluindo *Radha*⁴⁴, que se tornou mais tarde conhecida como o *Rasa lila*.

Krishna, então um jovem homem, retorna para Mathura, acaba com o governo de Kansa e institue seu pai, Ugrasena (também Vasudeva), que havia sido aprisionado por Kansa, como rei de Yadavas. Em seguida declarou a si mesmo príncipe da corte. Neste período iniciou sua amizade com Arjuna e outros príncipes de Pandava do reino de Kuru. Casou-se com Rukmini, filha do rei Bismaka de Vidarbha. Ele também teve outras sete esposas, incluindo Satyabhama e Jambavati.

Em direção à literatura que rodeia o universo do Mahabharata, *Krishna* em torno da batalha de Kurukshetra, possuía primos em ambos os lados na guerra entre os Pandavas e os Kurus (Kauravas); porém, ele tomou o lado dos Pandavas e concordou em ser o cocheiro da carruagem de Arjuna, seu primo e grande amigo, na batalha decisiva que encerra a narrativa.

⁴³ No Hinduísmo uma gopi (algumas vezes gopika) é uma das várias vaqueiras que tem devoção pura (bhakti) por Krishna. As duas gopis mais elevadas são conhecidas como Srimati Radharani e Chandravali. Chandravali é a rival de Srimati Radharani para a atenção de Krishna. Porque Radharani possui todo o encanto e doçura, ela é a melhor das duas e é a mais famosa. Cada uma dela tem milhões de gopis seguidoras com olhos de corça. As gopis podem ser divididas em três grupos: 1. Gopis amigas da mesma idade de Krishna, 2. criadas e 3. gopi mensageiras. O primeiro grupo, as amigas contemporaneas de Krishna, são as mais exaltadas, o segundo grupo, as criadas são as próximas mais exaltadas, e as gopis mensageiras vêm na sequencia. (BUCK, 1992: 63).

⁴⁴ Nesse momento Krishna é conhecido por Govinda descrito no Gita Govinda: O Gita Govinda (Sânscrito गीता गोविन्द) ou a Canção do Vaqueiro é uma obra escrita no século 12 por Jayadeva Goswami. Ela descreve o relacionamento entre Krishna e as gopis (Vaqueiras) de Vrindavana, e em particular uma gopi chamada Radha. Esta obra foi de grande importância para o desenvolvimento das tradições de bhakti do Hinduísmo. Srimati Radharani: o símbolo do amor universal para a doutrina bhakti Hare Krishna. (BUCK, 1992: 63).

A Bhagavad Gita consiste nos conselhos dados por Krishna a Arjuna, antes do início do combate, revelando a essência do autoconhecimento.

3.3.1. A Bhagavad Gita

A Bhagavad Gita⁴⁵ (*A Canção do Senhor ou a sublime canção*) é um texto religioso Hindu. Faz parte do épico Mahabharata, embora seja de composição mais recente que o todo deste livro. Na versão que o inclui, o Mahabharata é datado no século 4 a.C..

O texto, escrito em sânscrito, relata o diálogo de Arjuna com seu mestre Krishna, uma das encarnações de Vishnu. No desenrolar da conversa são colocados pontos importantes da filosofia indiana, que incluía já na época elementos do Bramanismo e do Sankhya. A obra é uma das principais escrituras sagradas da cultura da Índia, e compõe a principal obra da religião Vaishnava⁴⁶, popularmente conhecida como movimento Hare Krishna.

A Bhagavad Gita apresenta dois exércitos preparados para o combate. O comando efetivo dos Kurus, cujo chefe é Duroydhana, está nas mãos do velho general Bhishma⁴⁷, ao passo que o supremo comando dos Pandavas está dirimido a Bhima⁴⁸.

Arjuna, um dos cinco príncipes Pandavas e uma das principais personagens dessa história, estava presente, ao lado de seus irmãos, e acompanhado em seu carro de batalha por Krishna, reputado pelos hindus como encarnação humana do absoluto. Krishna era amigo e companheiro de Arjuna, a quem amava por causa da nobre alma.

O embate começou quando Bhishma, o comandante dos Kurus, deu o sinal, tocando a sua concha, sendo seu toque imitado pelos seus partidários e, conseqüentemente, respondido pelos Pandavas. Arjuna pediu a Krishna, no primórdio da batalha, que rumasse com o carro até o centro entre os dois exércitos para poder ver mais proximamente as pessoas que iriam se hostilizar.

Entretanto, Arjuna revelou-se apavorado ao perceber que seus parentes iriam guerrear entre si e clama a Krishna para desistir. É nesse momento que Krishna revela-se como

⁴⁵ Bhagavad variação de bhagavant, em sânscrito significa sublime; Gita pronuncia-se guitá, canção. (RODHEN, 2005: 68).

⁴⁶ Difundida apartir e 1965 no ocidente por Bhaktivedanta Swami Prabhupada. A obra foi traduzida e comentada pelo erudito indiano, dando origem ao *Bhagavad-Gita - Como ele é*, contendo os principais ensinamentos da dogmática vaishnava e instruções do serviço devocional a Krishna segundo os preceitos da Sociedade Internacional pela Consciência Krishna, a ISKCON. Nestes preceitos, o livro apresenta a ciência da auto-realização e da consciência em Krishna através do serviço devocional e da bhakti-yoga (DASA, 1995: 69).

⁴⁷ Terror; egoísmo.

⁴⁸ Terrível; vontade espiritual.

verdade absoluta e ensina a Arjuna a importância da Bhakti-yoga, do autoconhecimento e do amor universal.

“O Bhagavad Gita recomenda o caminho do reto- agir, equidistante do falso-agir e do não-agir. Como pode o homem agir sem onerar culpa? O falso agir é um agir por amor ao ego; mas o reto-agir age em amor ao Eu, embora através do ego, e assim a sua atividade não é culpada. O reto-agir, por amor ao Eu verdadeiro, não só não cria uma nova culpabilidade no presente e no futuro, mas neutraliza também o Karma do falso-agir do passado, libertando assim o homem de todos seus débitos. (ROHDEN, 2005:11).

Chego assim a essência da problemática de pesquisa, que se ocupa do autoconhecimento. Será analisando conjuntamente as aspirações do movimento *Hare Krishna*, que poderei dialogar com a Bhagavad Gita em consonância a Educação Ambiental. A proposta é, verificar o teor (as relações que se estabelecem em direção a divindade/ e as mediações com o autoconhecimento) dessa imbricação que se observa junto à comunidade do Templo de Itajaí em vista da sua explicação circundando a vida e a existência.

Faço esse percurso envolvendo a fé com metáfora de Brahma e Morin, o impulso com Vishnu e Jung e a motivação/sonho com Shiva e Bachelard. Dessa maneira, o diálogo em relação ao autoconhecimento ganha sustentação para poder encaminhar a legitimidade dessas mediações. Entretanto, antes disso, torna-se fundamental conhecer os elementos que compõem a doutrina *Hare Krishna*.

3.4. A difusão da filosofia Hare Krishna e Swami Pabhupada

A Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna (ISKCON), é uma tradição monoteísta inserida na cultura Védica ou Hindu, popularmente conhecida como Movimento Hare Krishna. É baseada nos ensinamentos do guru Sri Krishna Chaitanya Mahaprabhu (1486-1534) e foi trazida para o Ocidente em 1965 por A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada. Os membros da sociedade participam dos serviços nos templos e realizam suas práticas (tecnicamente chamadas de bhakti-yoga ou yoga da devoção) em casa ou passam a se dedicar inteiramente ao serviço e devoção a Suprema Personalidade de Deus Krishna, levando uma vida monástica.

No caminho da consciência de Krishna (Krishna é um nome de Deus que significa todo-atraente em sânscrito) proíbe-se o consumo de álcool, cigarro e demais drogas e segue-se uma dieta lacto-vegetariana. Os seguidores geralmente dão ênfase aos benefícios espirituais

da associação devocional, ao estudo das escrituras Védicas e à entoação de mantras, especialmente o Maha-Mantra, ou Mantra Maior⁴⁹.

Os mantras são considerados sons transcendentais, cantados repetidamente como auxílio à meditação e auto-realização. Durante o canto, podem manifestar estados de êxtase transcendental, que resultarão na libertação do corpo também através da dança.

O movimento da consciência de Krishna é uma instituição espiritual e educacional com centros culturais, comunidades alternativas e escolas em todo mundo. Nesses centros os membros se congregam, e visitantes interessados aprendem sua filosofia e práticas espirituais. Os integrantes da ISKCON seguem um voto de cantar diariamente o mantra Hare Krishna e também de abster-se do consumo da carne, intoxicação, sexo ilícito e jogos de azar. (DASA, 1995:197).

É muito importante deixar claro que junto com o Shivaísmo, o movimento Hare Krishna, faz parte daquilo que pode-se denominar de terceira fase do Hinduísmo: as escolas Bakhti⁵⁰. Antes disso é fundamental destacar que a filosofia Bakhti Hare Krishna personifica aquilo que tínhamos até então por Brahman na figura de Krishna. A estrutura da segunda fase do hinduísmo ainda vigora; porém, o Brahman, que anteriormente era um elemento cósmico, se transforma em Krishna, que também é esse Brahman.

Muitas pessoas se confundem com duas informações similares, pois Krishna é certas vezes, apresentado como a Suprema Personalidade de Deus e, certas vezes, o mencionam como encarnação de Vishnu. No Srimad-Bhagavatam, de Srila⁵¹ Prabhupada, este explica que Krishna fora de Vrindavana⁵² é Vishnu expandido, e Krishna residindo em Vrindavana seria a personalidade de Deus em pessoa, uma vez que a Vrindavana terrestre seria, em certo aspecto, especial e uma expansão direta da Vrindavana original (Goloka Vrindavana). Embora haja discordância neste tópico entre os diversos Sampradayas (Escolas filosóficas), esta é a explicação de Prabhupada.

⁴⁹ "Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare / Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare". (PRABHUPADA, 2006: 08).

⁵⁰ A Escola Devocional Bhakti tem seu nome derivado do termo hindu que evoca a idéia de "amor prazeroso, abnegado e estupefante de Deus como Pai, Mãe, Filho Amados", ou qualquer outra forma de relacionamento que encontre apelo no coração do devoto. A filosofia de Bhakti procura usufruto pleno da divindade universal através da forma pessoal, o que explica a proliferação de tantas divindades na Índia, freqüentemente refletindo as inclinações particulares de pequenas áreas ou grupos de pessoas. Vista como uma forma de Yoga ou união, ele preconiza a necessidade de se dissolver o ego em Deus, na medida em que a consciência do corpo e a mente limitada, como individualidade, seriam fatores contrários à realização espiritual. Essencialmente, é Deus que promove toda mudança, que é a fonte de todos os trabalhos, que age através do amor e da luz. (DASA, 1995: 177).

⁵¹ Uma espécie de reverência de foro impessoal ao A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada.

⁵² O Paraíso Hindu, equiparado à idéia de Céu ocidental. (DASA, 1995: 96).

Desde 1966 a devoção a Krishna se expandiu para além da Índia e agora é praticada em vários lugares no mundo, incluindo a América, Europa, África e Rússia. Isto foi devido, principalmente, ao crescimento do movimento *Hare Krishna*, conhecido também como a Internacional Sociedade para a Consciência de Krishna (ISKCON) fundado por A.C Bhaktivedanta Swami Prabhupada, ao qual já me referi anteriormente, e que havia sido instruído por seu guru Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura para traduzir as escrituras Védicas para o inglês e compartilhar com o mundo ocidental.

A mais popular forma de expressão de amor a Deus na tradição Hindu é através do *Puja*, ou ritual de devoção, freqüentemente utilizando o auxílio de *Murti* (estátua) juntamente com canções ou recitação de orações meditacionais em forma de mantras. Essas canções devocionais são denominadas *Bhajan* (escritas primeiramente nos séculos XIV-XVII), *Kirtan* (elogio), e *Arti* (uma forma filtrada do ritual de fogo Védico) são algumas vezes cantados juntamente com a realização do *Puja*.

Este sistema orgânico de devoção tenta auxiliar o indivíduo a conectar-se com Deus através de meios simbólicos. Entretanto, é dito que *Bhakta*, através de uma crescente conexão com Deus, é eventualmente capaz de evitar todas as formas externas e é inteiramente imerso na benção do indiferenciado amor à Verdade.

O maior objetivo da religião Védica é alcançar *Moksha*, ou liberação, através da constante dedicação à *Satya* (Verdade) e uma eventual realização de *Atman* (Alma Universal). Não importa se atingido através de meditação ou puro amor, este objetivo universal é alcançado por todos. Deve ser observado que o hinduísmo é uma fé prática e é incorporado em cada aspecto da vida.

Dessa maneira, acredita igualmente no temporal e no infinito, e somente encoraja perspectivas destes princípios. O grande *Rishi* (Hindu Santo) é também denominado como o *Samsaric* (aquele que vive no samsara, plano temporal ou terrestre) aquele que sucede em um honesto e amável meio de vida *dharmic* é um *jivanmukta* (alma vivente liberta). As verdades fundamentais do Hinduísmo são melhor compreendidas nas Upanishads.

A pregação dinâmica e as percepções de Srila Prabhupada revelam sublimes ensinamentos do Senhor Caitanya, que aliás, haviam sido negligenciados, deturpados e mantidos dentro das fronteiras da Índia. Srila Prabhupada foi realmente capaz de compreender a predição do senhor Caitanya de que a consciência de Krishna se espalharia por todas as cidades alheias do mundo. (DASA, 1995:185).

Bhaktivedanta Swami Srila Prabhupada⁵³ é o fundador *Acharya* da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna. O título de fundador *Acharya* refere-se a alguém que fundou uma nova ramificação de uma linha devocional, no caso, a *Gaudiya Vaisnava Sampradaya* de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Srila Prabhupada vivificou novamente a mensagem de Sri Chaitanya, quando esta quase se perdeu pela influência do Kali-yuga⁵⁴ (segundo a doutrina é a era do infortúnio), e a trouxe para o ocidente.

Srila Prabhupada concluiu em 1920 seus estudos em sânscrito, filosofia, inglês e economia no *Scottish Churches College*. Por circunstâncias auspiciosas ele encontrou, em 1922, seu mestre espiritual Bhaktisiddhanta Sarasvati Maharaja, em Calcutá. Em 1932, ele recebeu a primeira e segunda iniciação por Bhaktisiddhanta Sarasvati Maharaja, que lhe deu o nome de *Abhay Caranaravinda*.

Naquela época, Srila Prabhupada ainda estava partilhando da vida familiar e dos negócios. Quando pensava em abandonar seus afazeres materiais para fazer sua residência no templo, Bhaktisiddhanta Maharaja o desencorajava. Alguns dos devotos queriam que Srila Prabhupada assumisse a direção de um dos maiores templos da Gaudiya-Matha de Srila Bhaktisiddhanta, mas o próprio Bhaktisiddhanta tinha outros planos. Ele não queria que Srila Prabhupada se envolvesse diretamente com a Gaudiya-Matha. “*Sua meta não era encontrar uma residência permanente, mas imprimir sua literatura transcendental e estabelecer um movimento poderoso que o ajudasse propagar a consciência de Krsna*”. (DASA, 1995:17).

Em 1944 ele publicou o primeiro número do periódico “*Back to Godhead*”, distribuindo as revistas nas ruas de Nova Delhi (DASA, 1995: 65). Em seguida, começou a tradução do Bhagavad Gita e do Sri Ishopanishad⁵⁵. Embora Srila Prabhupada sempre tentasse organizar a pregação (doutrina em prol de Krishna), não sabia como transformá-la em realidade. Sua idéia era de inspirar devotos na Índia e ir com eles para os Estados Unidos⁵⁶.

⁵³ Bhaktivedanta Swami Prabhupada nasceu em 1896 em Calcutá, filho de Gour Mohan e Rajani De. Seus pais eram devotos e lhe deram o nome de Abhay Charan ("destemido por ter se abrigado do Senhor"). Seu pai, Gour Mohan, o educou à risca nas etiquetas devocionais (vaishnavas) e lhe deu todos os ensinamentos básicos do Bhagavad Gita, lhe ensinou a cozinhar e a tocar mridanga. Gour Mohan sempre quis que seu filho se tornasse servo de Sri Radha e Krishna. (DASA, 1995: 70).

⁵⁴ Yuga – Eras.

⁵⁵ Sabedoria ligada as Upanishads.

⁵⁶ Ele fundou a League of Devotees (Sociedade dos Devotos), por intermédio da qual conseguiu alguns colaboradores."Pelo reconhecimento da erudição filosófica e devoção, a Sociedade vaishnava Gaudiya honrou, em 1947, Srila Prabhupada com o título de 'Bhaktivedanta'." Em 1954, com 58 anos, Srila Prabhupada retirou-se da vida familiar e tomou *vanaprastha* (ordem de vida retirada), para poder dedicar-se mais tempo aos estudos e às atividades literárias. Srila Prabhupada dirigiu-se para a cidade de Vrindavana, o famoso lugar sagrado onde Krishna tinha aparecido cinco mil anos atrás. Ele achou abrigo no templo medieval de Radha-Damodara, onde vivia em condições humildes, dedicando-se profundamente aos estudos por muitos anos. (DASA, 1995: 79).

No ano de 1959 entrou na ordem de vida renunciada (*Sannyasa*). No templo de Radha-Damodara Srila Prabhupada iniciou a obra da sua vida - a tradução dos muitos volumes do Srimad-Bhagavatam com comentários dos 18.000 versos. Ali escreveu também o livro “*Easy Journey to Other Planets*” (Fácil viagem a outros planetas). Sendo um *Sannyasi* sem recursos materiais, Srila Prabhupada teve dificuldade em arranjar os meios necessários para suas publicações (DASA, 1995: 49).

Apesar disso conseguiu publicar até 1965, graças a donativos, o *Primeiro Canto do Srimad-Bhagavatam em 3 volumes*. Quando Srila Prabhupada chegou com o navio no porto de Nova Iorque, ele praticamente estava sem recursos financeiros.

Após um ano cheio de dificuldades Srila Prabhupada fundou, em julho de 1966, a *Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (ISKCON)* que, sob sua direção pessoal, se desenvolveu, numa década, num movimento mundial com mais de 100 Ashramas, escolas, templos e comunidades rurais. Em 1968 Srila Prabhupada fundou, nas colinas do Oeste da Virginia, a primeira comunidade rural da Consciência de Krishna, que serviu de exemplo para projetos idênticos em todos os continentes. Em 1972, com a fundação da Escola *Gurukula* em Dallas, Texas, Srila Prabhupada introduziu o sistema Védico de ensino elementar e secundário no Ocidente.

Dessa forma, denotam-se as raízes da filosofia *Hare Krishna* no ocidente através da reestruturação Bhakti da religião, bem como do papel de Srila Prabhupada nesse processo de disseminação da doutrina. Agora, faz-se necessário compreender a essência do fundamento religioso traçando um diálogo com o autoconhecimento dirigindo-o à Educação Ambiental.

3.4.1. O Autoconhecimento como movimento em nome do amor

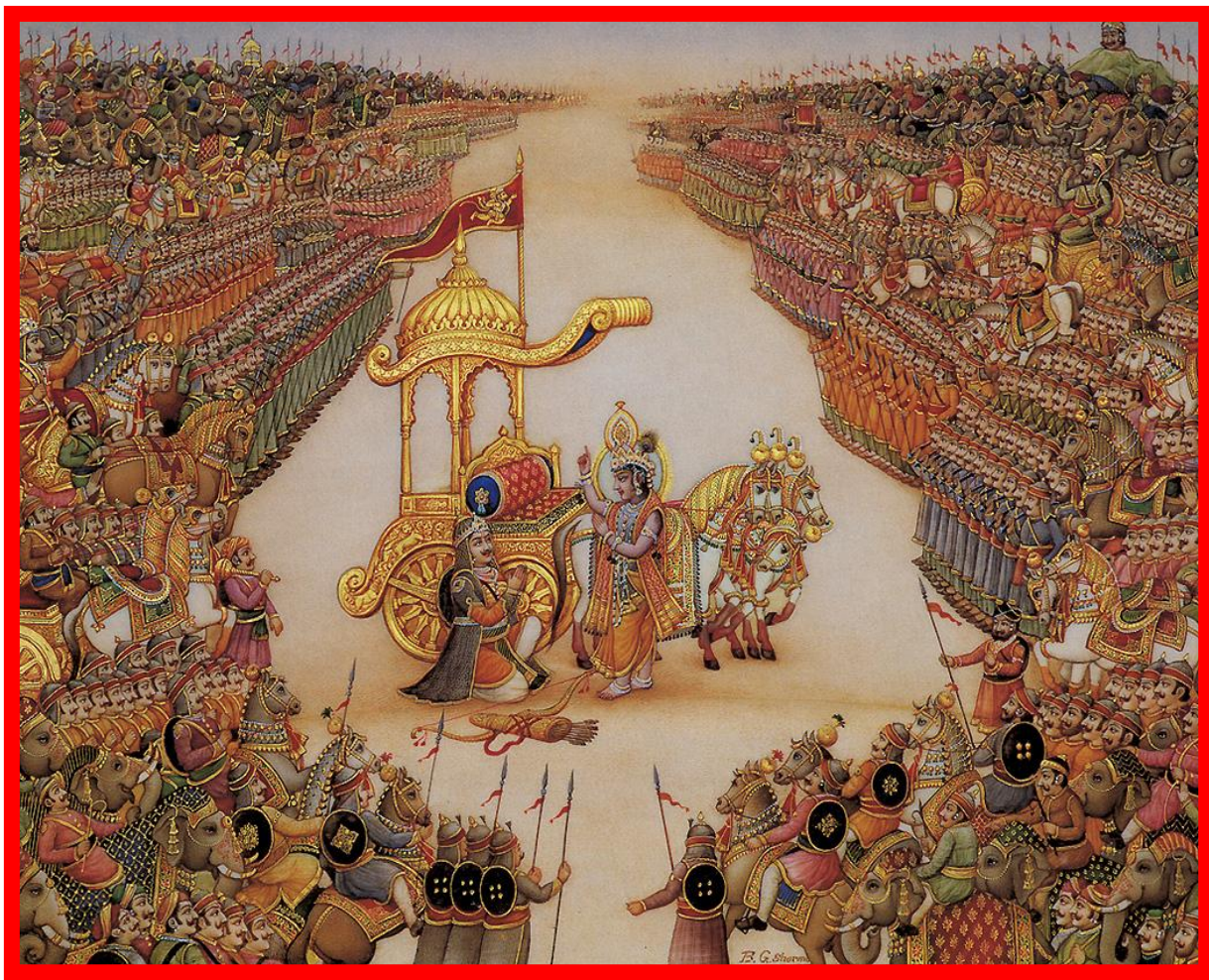
A proposta do movimento *Hare Krishna* em torno da sociedade se apóia no princípio religioso de condução da vida. Percebo que o encaminhamento do autoconhecimento como contribuição à Educação Ambiental se estabelece em nível da consciência, em uma tentativa de salvaguardar o ambiente habitado. Dessa forma, percebo na filosofia Hare um caminho para se pensar em uma sociedade com bases sustentáveis que almeje o respeito à vida no Planeta. É claro que reconheço, no discurso religioso, seus axiomas, apresentando uma solução mística para o comportamento e a conduta humana, inclusive o Hare Krishna. Porém, acredito que a representação do autoconhecimento dos Hare Krishna, pode contribuir para entender como se dá esse processo de celebração da vida, da natureza e do Planeta, como sendo a grande *Casa dos Sonhos* proposta por Bachelard.

O autoconhecimento consiste no ato devocional Bhakti-yoga, que possibilita ao ser humano um processo de imanência que efetive o movimento de re-liquação do sagrado, unindo assim Atman à Brahman, ou seja, o retorno da alma à Krishna – a suprema personalidade de Deus -, segundo a *filosofia Hare Krishna*.

A proposta do amor está ligada à humanidade, à vida, ao Planeta. Mesmo a metafísica hindu, sempre nos reportando a um instante individual da relação eu e sagrado, essa ação é extensionista na relação também endereçada ao outro. Tendo em vista que tudo emana de Krishna, esse amor é compartilhado pela vida, sendo assim, pelas coisas que derivam dela, como a natureza, os seres humanos, os animais, as plantas e etc.

A fundamentação desse amor, em bases orientais, se dá através de *Srimat Radharani*, com seu amor por Krishna, onde esta, na verdade, estava amando o todo, tendo em vista que a existência é Krishna. Nesse sentido, esse amor é entendido por respeito, liberdade e cooperação, indo em direção aos princípios da Educação Ambiental que anseia por uma sociedade igualitária, livre de preconceitos e ambientalmente harmônica.

Então, é ouvindo esses sons que irei rememorar essas mediações entre a prática do autoconhecimento *Hare Krishna*, como forma de contribuição para a Educação Ambiental dialogando com a religião. Assim, é possível que o oriente, talvez, nos encaminhe para um processo de aprendizado de como perceber as reações do seres humanos com a idéia de deus e sua análise em torno da vida, para assim, ver/ter no autoconhecimento uma possibilidade sintomática que impulsione a transformação.



Batalha de Kurukshetra – Figura 07 -

Capítulo 4: A Educação Ambiental como instância do Autoconhecimento

“O ponto de vista religioso representa sempre a atitude psicológica e seus preconceitos específicos, mesmo para aquelas pessoas que se esqueceram sua religião, ou dela nunca ouviram falar”.

Carl Gustav Jung

4. A Educação Ambiental como instância do Autoconhecimento

4.1. A abordagem em Educação Ambiental

A Educação Ambiental participa dessa proposta, no sentido de compreender a atitude religiosa como ação que agrega valores em favor de uma sociedade que visa ao bem-estar do planeta. Será através de uma análise sistêmica que poderei encaminhar as relações de educação ambiental e autoconhecimento.

Entretanto, cabe lembrar que abordarei a religião prioritariamente, com seu enfoque oriental. É que investigo, acerca do fenômeno religioso, vinculado à Bhakti-yoga (serviço devocional) para poder compreender o autoconhecimento como um instrumento que promove a Educação Ambiental, na ótica ocidental.

Nessa medida, é importante recorrer à discussão teórica que irá salvaguardar o meu discurso, legitimando, destarte, a viabilidade da pesquisa. As metáforas em torno da trimurti hindu aos autores referenciados, fazem com que eu consiga estabelecer conexões entre ambas as esferas. Morin, Jung e Bachelard, irão direcionar o teor dessa investigação, tal como já salientei atrás.

É de suma importância também clarificar que essa investigação se dá no plano da Noosfera, proposta por Morin, pois percebo que essa mediação me permite explorar as questões que envolvem a dimensão religiosa em um contexto ritual: eis o autoconhecimento. O autoconhecimento é, em realidade, o momento de re-ligação, proposto por Jung, para a união de Atman à Brahman, ou seja, do eu em direção a Krishna.

Dessa maneira, esse movimento de entrega, aliás, de motivação, sob a vontade religiosa, está intimamente ligada às contribuições de Bachelard, pois percebo que este instante de devoção e fé, persiste e existe, por causa do sonho que os fiéis almejam para as suas vidas. Nesse sentido, o ser onírico seria o ser que vivencia o ato da prática do autoconhecimento, que incorpora a consciência do Si-mesmo de Jung e que se apresenta para

discussão no universo da Noosfera de Morin, em um diálogo entre a Complexidade e a Educação Ambiental.

Entendo que a Educação Ambiental agrega os fundamentos dessa discussão, pois compreendo que esta aponta à ação humana em função da relação eu - outro, eu - ambiente e caos-cosmos, que ocorre nesse espaço. Sendo assim, parto da transdisciplinaridade para enfatizar essa mediação, visto que a Educação Ambiental enquanto discurso científico, prima, justamente, pela reunião desses saberes a serviço de uma discussão acerca das atividades éticas, ecológicas que aspiram ao ideal da sustentabilidade, no que diz respeito, a organização da vida, envolvendo a natureza e a sociedade de forma que possam conviver de forma harmônica sem a depredação do meio ambiente e sem o desrespeito com a humanidade.

As religiões entraram então em vista da sua importância capital nesta virada ecoética, ainda mais que abordam diretamente o sentido da vida, seja de molde ontológico, cosmológico ou teológico [...] mostraram que têm uma palavra não apenas secundária, mas primacial para estabelecermos o novo tempo ético e ecológico, que depende fundamentalmente de uma sociedade mais equilibrada, amorosa, da paz (ecumênica), solidariedade e compaixão mais do que qualquer coisa. (PELIZZOLI, 2003: 184).

Nesse sentido, parece perceber a importância da religião em direção à Educação Ambiental, não no sentido de doutrina, mas como agente que auxilia nesse processo de transformação e ampliação à Educação Ambiental que visa a compartilhar desses saberes para tentar mudar a ordem que manipula a ciência. A consolidação da problemática se justifica pela transdisciplinaridade¹²⁸, intimamente ligada à complexidade de Morin. “*Na visão transdisciplinar, a pluralidade complexa e a unidade são duas facetas de uma única e mesma realidade*”. (NICOLESCU, 2001: 61).

Segundo essa referência, pode-se fazer alusão à relação Atman/Brahman, onde percebe também a mesma realidade. A minha intenção, aqui, é justamente estabelecer conexões com a abordagem situando-a na Educação Ambiental, enxergando nesta última à possibilidade de investigação a respeito do fenômeno do autoconhecimento.

Nesse sentido, entendo a Educação Ambiental como,

[...] exigência das profundas transformações ocorridas na sociedade moderna. Hoje, desenvolver uma sensibilidade para as questões ambientais é reivindicação constante de propostas curriculares em diferentes níveis do

¹²⁸ A Transdisciplinaridade, como o prefixo ‘trans’ indica, diz respeito às disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. (NICOLESCU, 2001: 23).

ensino. [...] A educação ambiental começa, então, a delinear formas de inserção no espaço pedagógico, deparando-se, por um lado, com as vantagens de um campo em constituição, capaz de abrir-se ao diálogo interdisciplinar e deixar-se fecundar pelos debates e críticas que favorecem nosso auto-esclarecimento sobre o meio ambiente. (CARVALHO, 2002: 11-12).

Minha intenção é exatamente, propor esta instância do autoconhecimento ligada à Educação Ambiental para pautar a compreensão no universo das relações de ensino-aprendizagem que circundam a educação, no ambiente das relações humano/simbólicas. Para tanto, entendo a Educação Ambiental como elemento fundante para a transformação das ações e para a produção de vida.

De acordo com Bigliardi (2007) a Educação Ambiental possui, em seus princípios, a primordial empreitada de orientar os sujeitos para a problematização acerca da crise ambiental, em uma tentativa de apreender as interfaces presentes nas instâncias sócio-culturais da vida. Nessa medida, primo justamente pela abordagem em Educação Ambiental para realizar tal aproximação.

A Educação Ambiental é o elemento fundamental para a instauração da prática do autoconhecimento no ser humano, uma vez que se debruça acerca da transformação das ações frente ao ambiente (planeta, comunidade, humano,...), conduzindo assim aquilo que denominamos por produção de vida (anseio onírico por um mundo melhor).

4.2. Educação Ambiental e o pensamento complexo

O pensamento complexo ajuda-me a compreender toda essa discussão, que venho trazendo em torno do autoconhecimento. Em contrapartida, é importante frisar que, também, compartilho do pensamento de Jung e Bachelard, portanto mais adiante irei tecer sobre suas devidas contribuições.

Todavia, como estabeleço a aproximação entre Morin e o Deus Brahma, o criador, reconheço a sedimentação da Complexidade como o elo unificador dessa teia teórica, estabelecida para investigar o autoconhecimento (Hare Krishna) e sua contribuição para a Educação Ambiental. Assim, torna-se necessário conhecer a essência desse diálogo.

A Complexidade enquanto paradigma científico estabelece uma íntima relação com a teoria sistêmica, pois versa a respeito de um sistema auto-eco-organizado¹²⁹. Dessa forma,

¹²⁹ O princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático: assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato que cada ponto possui a quase-totalidade da informação do todo, assim, de uma

permite que a *physis*¹³⁰ se apóie em uma perspectiva transdisciplinar, estabelecendo encadeamentos com a idéia dialógica entre espírito e cérebro.

Um paradigma da complexidade exige uma comunicação [...] entre reflexão filosófica e teoria científica. Para Morin, a definição de paradigma da complexidade deve compreender certos princípios de inteligibilidade articulados entre si e que aborde o físico, o biológico e o antro-po-social [...] a noção de complexidade liberou-se do seu sentido banal ao reunir em si o uno e o diverso, a ordem, desordem e organização. (FLORIANI & KNECHTEL, 2003: 25).

Nessa medida, percebo na Complexidade o palco de possibilidades de investigação em Educação Ambiental, porque é capaz de agregar tudo aquilo que é construído em conjunto. Consolida-se através da dialógica permitindo a aproximação de atitudes contraditórias, instaurando o fenômeno complexo, no sentido de viabilizar o diálogo com a religião/fé.

O princípio da auto-eco-organização, nos revela um grande matiz em torno da Educação Ambiental. Esse princípio se baliza na relação de autonomia e dependência, entendendo o ser humano, a cultura (nesse caso enfatiza-se a religião e a ideologia) como agentes auto-eco-organizadores em constante movimento com o universo de relações antagônicas, concorrentes e complementares com a natureza.

A Educação Ambiental pretende, em seus princípios éticos, perceber práticas educacionais que estejam inseridas nas interfaces dos problemas sócioambientais, portanto, percebo nela a possibilidade de investigação em torno da filosofia de Krishna. A Complexidade me permite utilizar essa filosofia dialogando com a Educação Ambiental no terreno do pensamento científico.

Edgar Morin incita a refletir acerca da Complexidade sob o prisma da dialógica¹³¹, em função de conservar “[...] a dualidade no seio da unidade; o princípio da recursividade organizacional, isto é, uma sociedade ao produzir-se retroage sobre os indivíduos, produzindo-nos; o princípio hologramático, no qual a parte está no todo e o todo na parte”. (FLORIANI & KNECHTEL, 2003: 26).

certa maneira, o todo enquanto todo de que fazemos parte, está presente no nosso espírito. A visão complexa diz: não apenas a parte está no interior do todo! Esta complexidade é algo diferente da confusão de que tudo está em tudo e reciprocamente. (MORIN, 2001: 131).

¹³⁰ A noção de sistema aberto estende-se, com efeito, não apenas sobre a física, pela mediação da termodinâmica, mas, mais larga e profundamente, sobre a *physis*, quer dizer, sobre a natureza ordenada/desordenada da matéria, sobre um tornar-se físico ambíguo que tende simultaneamente à desordem (entropia) e à organização (constituição de sistemas cada vez mais complexos). (CAPRA, 2001: 47).

¹³¹ O pensamento complexo não substitui a separabilidade pela inseparabilidade – ele convoca uma dialógica que utiliza o separável, mas o insere na inseparabilidade. O princípio dialógico une dois princípios ou noções antagônicas que aparentemente deveriam se repelir simultaneamente, mas são indissociáveis e indispensáveis para a compreensão da mesma realidade. (MORIN, 2001: 36).

Percebo, então, a partir desta análise acerca do pensamento complexo, sua imbricação com a Educação Ambiental, pois revela-me uma reformulação do pensamento, reintegrando as dúvidas e as idiosincrasias. Otimiza um paradigma que cria, assim como Brahma, uma “aura sistêmica” em direção aos fundamentos da Educação Ambiental.

Enfim, posso dizer que as relações com a Complexidade são clarificadas através da sua aproximação à religião no ambiente da Noosfera. Dessa maneira, fica lúcido o papel do pensamento complexo na discussão que circunda o autoconhecimento proposto pela filosofia *Hare Krishna*.

4.3. Preservando a diversidade

Na verdade, elegi os autores, porque os mesmos se comunicam entre si; segundo, por respaldarem a investigação religiosa e a educação ambiental; e terceiro porque entendo que a simbologia com a trimurti (esteio da religião hindu, e para os Hare Krishna é a representação metafísica da suprema personalidade de deus¹³²) se verifica, metaforicamente, entre os mesmos. Guiando-me, pela cosmologia hindu e pela lógica teórica da Complexidade é que estabeleço essas interconexões.

A minha abordagem a respeito do fenômeno que compreende o autoconhecimento está intimamente ligada à Krishna, ou seja, à filosofia preconizada por este, tendo como encaminhamento a bhakti-yoga. Entretanto, tenho por representação simbólica de Krishna/Brahman a trimurti composta por Brahma, Vishnu e Shiva. Então vou desenvolver as considerações dos autores escolhidos, inclinando seus discursos em paralelo à representação emblemática da Trimurti.

Brahma é o deus da criação, representa o elemento que simboliza a existência relativa, na sua figura imprime o conceito de *Sat-Chit-ânanda*, ou seja, ser-consciência-felicidade¹³³. Em realidade Brahma é que dirige toda a discussão acerca dos princípios que imprimem na religião uma verdade metafísica possível para a investigação científica.

¹³² Krishna/Brahman.

¹³³ N a trindade vertical é constituída por Sat-Chit-ânanda, as três dimensões internas ou hipóstases do elemento supremo Brahma. Sat: ser – objeto – realidade última, transcendência; Chit: Consciência – objeto – o Si Supremo, a imanência; Ânanda: felicidade – união – condição dual entre oposições. (STODDART, 2004: 32).

Por isso, faço alusão à realidade da Noosfera¹³⁴ de Morin, como agente que ‘cria’ a possibilidade das metafísicas, mitologias entre outras questões acerca da idéia que verifica no ser as relações de transcendência e imanência que abarcam o autoconhecimento.

As representações, símbolos, mitos, idéias, são englobados, ao mesmo tempo, pelas noções de cultura e de noosfera. Do ponto de vista da cultura, constituem a sua memória, os seus saberes, os seus programas, as suas crenças, os seus valores, as suas normas. Do ponto de vista da Noosfera, são entidades feitas de substância espiritual e dotadas de certa existência. (MORIN, 2005: 139).

Segundo Morin, a realidade na Noosfera¹³⁵ considera as coisas que circundam o espírito como entidades objetivas. Portanto, esses signos arquetípicos podem ser intensamente investigados em torno desse espaço que possibilita tal exploração.

Então revela-se a imanência como constituinte do ser. Sendo assim, não podemos desprezá-la para poder entender o ser humano e sua vida em sociedade. Assim, a dimensão “sagrada” está presente em nós, - seres com autonomia e dependência dentro da cultura – vinculando-a por vezes ao discurso ideológico, mas em relação ao fenômeno, este tem suma relevância para a compreensão do autoconhecimento como ferramenta de análise.

O crescimento e o desenvolvimento da noosfera assegura uma comunicação sempre mais ampla e mais rica com o universo. Mas ao mesmo tempo, a proliferação noosférica, não somente dos mitos, mas das abstrações, acentua a separação entre o mundo e a Natureza, ou mesmo entre humanos e humanos. A noosfera não é apenas o meio condutor/mensageiro do conhecimento humano. Produz, também, o efeito de um nevoeiro, de tela entre o mundo cultural, que avança cercado de nuvens, e o mundo da vida. Assim, reencontramos um paradoxo maior já enfrentado: o que nos faz comunicar é, ao mesmo tempo, o que nos impede de comunicar. (MORIN, 2005: 141).

¹³⁴ O termo ‘Noogênese’ (do grego noos: mente - alma, espírito, pensamento, consciência - e gênese: origem, - formação, criação, como a criação do mundo), é uma expressão que indica o ato da criação de qualquer coisa relacionada ao psíquico. Já o termo ‘Noosfera’ (do grego noos: mente e sphaera - corpo limitado por uma superfície redonda), é uma expressão que representa a camada psíquica nascida da Noogênese, que cresce e envolve nosso planeta acima da Biosfera (camada formada pela multidão de seres vivos, que cobre a superfície do globo). Tendo bem clara essa identificação, podemos seguir adiante a respeito das possibilidades que envolvem a noosfera. A Noosfera, portanto, é o resultado da Noogênese; uma camada mais madura, em crescimento e definitiva, estabelecida pelo conjunto do pensamento do ser humano (Homo Sapiens). Ela está aberta a todas as transformações sutis, desde o estado primitivo até a abrangência de todo o conhecimento humano, as idéias e tecnologias cada vez mais complexas, ou seja, uma vez que abriga toda a consciência planetária. (LABORDE & CALLONI, 2006: 68).

¹³⁵ A Noosfera está presente em toda visão, concepção, transação entre cada sujeito humano com o mundo exterior, com os outros sujeitos humanos e, enfim, consigo mesmo. A noosfera tem certamente uma entrada subjetiva, uma função intersubjetiva, uma missão transubjetiva, mas é um elemento objetivo da realidade humana. (MORIN, 2005: 135).

A religião, enquanto sistema cultural e simbólico, apresenta um caráter bastante peculiar em relação à análise e investigação na ciência. A religião reserva um espaço à discussão ao transcendental, ao sagrado, em uma tentativa de abarcar o enfoque envolto de tênues ligações ao sentido da vida como também do papel do ser humano nesse processo. Dessa maneira, entendo que a abordagem de Morin, o pensamento complexo, me fornece subsídios para essa possibilidade de aproximação.

No entanto, percebo que a realidade que circunda a Noosfera apresenta uma compreensão metafísica que não pode ser descartada. Por isso é que se faz necessária a visualização do lugar reservado à religião nessa abordagem. Parte-se do pressuposto que considera a religião como sistema cultural para poder refletir a respeito da relação dialógica entre espírito e cérebro, perpassando pelos mitos – elementos da consciência – realizando um diálogo com o pensamento complexo e a questão que se debruça ao redor do sagrado.

Para tal reflexão aborda-se em torno “das idéias” (título d’O Método 4, de Edgar Morin) como forma de fundamentar a justificativa da investigação entre a mediação acerca do espírito vinculada a religião e a complexidade. A partir de uma proposta transdisciplinar se torna mais coesa a análise que enfoca, o reconhecimento, ou melhor, a possibilidade de galgar um espaço que inclua a religião nessa realidade da Noosfera.

No que tange o reconhecimento da Noosfera, identifico dois espaços a *Super-realidade* e a *Sub-realidade*. A super-realidade se refere à dimensão que abarca as coisas voltadas ao espírito, no sentido de produção e instrumentalização do conhecimento, para fins de imputar às ‘idéias’ sua tenaz compreensão. Enquanto a sub-realidade se atém à realidade do indivíduo na sua esfera cultural e social (MORIN, 2005:132). Dessa forma, a essência desse equilíbrio entre super e sub-realidades denota a realidade presente na Noosfera que em seu axioma repousa o pensamento complexo.

Assim, Edgar Morin revela a Complexidade não como à chave do mundo, mas como um desafio a enfrentar, em torno das questões que atormentam e assolam o ser humano no planeta, ou seja, mostra a dificuldade em visualizar a realidade da vida. Nessa medida, a Noosfera pretende proporcionar a emergência de uma atmosfera que realmente assegure o diálogo entre o conhecimento e cultura sob um prisma transdisciplinar.

O território da Noosfera é repleto, em sua essência, de matéria de natureza espiritual: denota uma compreensão em torno de uma concepção metafísica que agrega e pressupõe valores sobre deus/mito/idéia. Nessa atmosfera, se percebe uma relação intensa entre o simbólico que está aqui representado pela noção de espírito e pela condição do ser humano vinculado à cultura. Além disso, é possível reconhecer uma relação binômica,

indivíduo/sujeito, realizando a intervenção na cultura/sociedade/natureza, predispondo um sistema auto-eco-organizado através de redes, horizontalmente dispostas que versem a respeito da compreensão *total* do conhecimento, onde a complexidade (compreensão) e a mentalidade (impulso) possam dispor de uma abordagem transdisciplinar à investigação crítica da cientificidade.

Nesse sentido, posso afirmar, ao menos nesse foco, que é permitido se pensar a existência da “religião”, enquanto filosofia de vida, nesse ambiente que abarca a Noosfera. Pois, partindo do paradigma complexo, torna-se possível estabelecer essa ligação entre o espaço do sagrado e do profano na atmosfera do conhecimento científico. O que Morin pretende aqui é reincorporar a *‘physis’* ao espírito para assim conceber o ‘cérebro’ (mente) em um contexto dialógico (eu/além) a respeito do diverso/uno promovendo uma discussão ao redor do conceito de Noosfera, aliás, a possibilidade da experiência na realidade noosférica, impulsionando um possível diálogo entre *o céu e a terra*.

Em termos de etimologia, religião assume o significado “de aquilo que liga”, mais precisamente, “aquilo que liga o ser humano ao sagrado”, que na maioria das vezes está associada à idéia de deus. A religião, enquanto análise de estudo, envolve o indivíduo explicando-lhe a natureza e o significado do universo, ou encaminha-lhe, para uma elucidação a respeito do papel e o propósito do indivíduo no universo, em uma tentativa de lhe possibilitar uma compreensão em torno das limitações, entendimentos dessa realidade que envolve o universo/cosmos.

A religião é, antes de mais nada, uma doutrina da unidade/diversidade: a figura de Deus, que em sua realidade superior se apresenta uno/múltiplo, na posição de Criador/preservador/transformador, Senhor e fim último do universo e do ser humano no universo. Ela é um método de unificação, que se legitima por ser um caminho sacramental, um elemento que possibilita a prática do autoconhecimento.

O objetivo da prática oriental é idêntico ao da mística ocidental: desloca-se o centro da gravidade do ego para o si-mesmo, do homem para Deus; o que quer dizer que o eu desaparece no si-mesmo, e o homem em Deus [...] sei que sem mim Deus não pode viver um só momento, ele morreria de carência com meu aniquilamento. (JUNG, 1991:104-105).

Entretanto, a religião, para ser tida como filosofia, deve sempre agregar tanto a mente quanto a vontade. E, nesse sentido, identificam-se elementos que encaminham a uma simbologia constantemente presente na esfera religiosa: doutrina/método, teoria/prática,

dogma/sacramento e unidade/união. Tais elementos já se apresentam em um contexto dialógico visando a uma “ligação” a problemática da Complexidade.

Em relação ao componente da religião, onde repousa a dimensão prática, pode-se também dividi-la em duas esferas: o terreno da *adoração* e o da *moralidade*. A adoração como elemento sagrado, assume geralmente um caráter de formação, ou seja, uma intensa participação em ritos que almejam à elevação (públicos ou privados) de determinada crença (religião), com a finalidade de assimilação da vontade do ser humano à idéia simbólica de deus.

No entanto, a moralidade como elemento social, consiste em realizar as ‘coisas’ que de alguma forma regulem uma vontade maior que tem por objetivo apontar a verdade e a conduta acerca do que é certo bem como daquilo que é errado. Dentro do universo permeado pelas religiões existem alguns caracteres universais que partilham de uma origem envolta por princípios (não matarás, não roubarás e assim por diante).

Porém, não se pode generalizar todas as religiões em apenas um olhar, porque cada uma delas se mostra de forma singular e, aqui, estou falando da filosofia *Hare Krishna* e do seu sentido religioso, que, antes disso, é uma filosofia de vida. Mas, a priori estabeleço como metas em comum na totalidade da reflexão sobre religião Hare Krishna, os seus elementos como: dogma, adoração e moralidade enquanto conceitos que balizam e legitimam a ordem e influências expostas pela religião. Essas potências, quando elevadas a um grau mais alto ou intenso, tornam-se, ou melhor, assumem o símbolo associado à verdade, caminho espiritual e virtude.

Como os deuses, as idéias são seres desenfreados; escapam rapidamente ao controle dos espíritos, apoderam-se dos povos e desenvolvem fabulosa energia histórica. Como pode acontecer de darmos vida a seres de espírito, que lhes ofereçamos, depois nossas vidas e que eles acabem por se apoderar delas? [...] As idéias são ainda mais teimosas e os fatos quebram-se contra elas com mais freqüência do que elas quebram contra eles. (MORIN, 2005:148-149).

Outra importante consideração a ser tecida é referente à tradição. Uma vez revelada, a religião é transmitida, (imutável em sua essência, mas geralmente cada vez mais elaborada em sua expressão) de geração em geração pela força da tradição. E por fim, intimamente ligada à tradição, vem à qualidade de ortodoxia, que é considerada como o princípio da verdade ou, em nível prático, como a representação da atitude devocional. “[...] *As propriedades das partes só podem ser entendidas a partir da dinâmica do todo. Em última análise, não há*

partes, em absoluto. Aquilo que chamamos de parte é meramente um padrão numa teia inseparável de relações”. (CAPRA e STEINDL-RAST, 2004:11).

Em suma, os conteúdos essenciais da religião compreendem o dogma, a adoração e a moralidade, e seu “continente” presente na idéia de Noosfera está representada pela idéia de revelação/tradição. Assim, vislumbro a presença do fenômeno religioso na Noosfera como forma noológica em sua instância mítico-religiosa ampliando a discussão em respeito à realidade.

A respeito de Vishnu, como o princípio preservador e o ser que ocupa o segundo lugar na trindade, este representa o grande ciclo ou idade de Brahman (Krishna). Ele vai denotar a preservação no sentido da conservação de uma vida em direção àquilo que o Dharma indica alcançando a liberação (Moksha). Entretanto, é Vishnu quem impulsiona no ser humano o princípio da verdade, do bem e do bom.

Nesse sentido, começo a falar em Jung, pois percebo que este partilha do ideal da preservação, isto é, o Si-mesmo¹³⁶ de Jung vai direcionar essas mediações entre ambos. Para Jung, a psique¹³⁷ humana é composta de vários estratos, ou instâncias, que interagem de forma variada no decorrer da vida. O *ego*, a *sombra*, a dupla *animus-anima* e o *Si-mesmo* são estratos que se expressam, interna ou externamente, para cada pessoa. Ao processo de integração desses estratos Jung chamou individuação.

Não importa que todas as religiões sejam impossibilidades físicas. O psicólogo que estuda os fenômenos religiosos terá, preliminarmente, de desembaraçar-se do estranho preconceito que somente considera verdadeiro aquilo que se apresenta ou se apresentou na forma de um dado físico. [...] o critério de uma verdade não é apenas seu caráter físico: há também verdades psíquicas que, do ponto de vista físico, não podem ser explicadas ou demonstradas, nem tão recusadas. (SILVEIRA apud JUNG, 1975: 142)

¹³⁶ Na opinião de Jung, o principal arquétipo é o Si-mesmo (ou *Self*). O Si-mesmo é o centro de toda a personalidade. Dele emana todo o potencial energético de que a psique dispõe. É o ordenador dos processos psíquicos. Integra e equilibra todos os aspectos do inconsciente, devendo proporcionar, em situações normais, unidade e estabilidade à personalidade humana. Jung conceituou o Si-mesmo da seguinte forma: “*O Si-mesmo representa o objetivo do homem inteiro, a saber, a realização de sua totalidade e de sua individualidade, com ou contra sua vontade. A dinâmica desse processo é o instinto, que vigia para que tudo o que pertence a uma vida individual figure ali, exatamente, com ou sem a concordância do sujeito, quer tenha consciência do que acontece, quer não.*” (JUNG, 1964: 101).

¹³⁷ Psique era o conceito grego para o *self* (“si-mesmo”), abrangendo as idéias modernas de alma, Ego e mente. Do grego *psychein* (“soprar”), é uma palavra ambígua que significava originalmente “alento” e posteriormente, “sopro”. Dado que o alento é uma das características da vida, a expressão “psique” era utilizada como um sinônimo de vida e por fim, como sinônimo de alma, considerada o princípio da vida. A psique seria então a “alma das sombras” por oposição à “alma do corpo”. (JUNG, 1964: 103).

Busco subsídios em Jung, pois além de entender como o inconsciente coletivo¹³⁸ opera, ele também vai contribuir para a análise relacionada à religião oriental. Assim, estabeleço o vínculo do autoconhecimento enquanto investigação do mundo da psique que determina a reflexão dos seres humanos – nesse caso amparados pela fé – e configurem suas tomadas de decisões frente suas ações perante o ambiente em que vivem.

Ao estudar a tipologia humana na literatura e na história, Jung chegou à definição de quatro tipos clássicos: o *pensativo* e o *sentimental*, ambas funções racionais que mantêm uma relação de predominância, da mesma forma o *perceptivo* e o *intuitivo*, ambas funções irracionais que, igualmente, mantêm uma relação de predominância (no sentido em que são funções de apreensão do dado, sem mediação da razão). Estes quatro tipos básicos são modificados pela disposição primária da psique para a *introversão* ou a *extroversão* da energia psíquica.

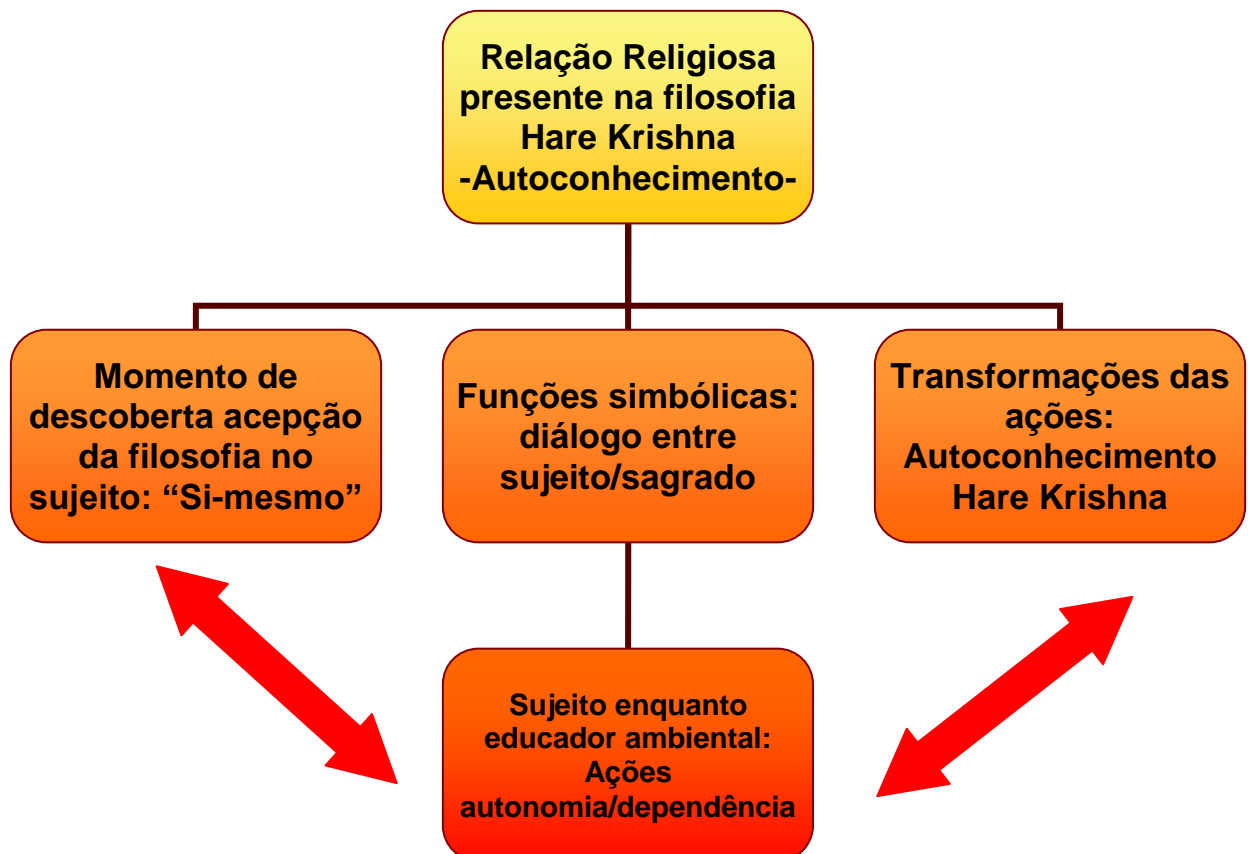
Cada pessoa desenvolve uma função dominante de relacionamento com o mundo (interno e externo) e outra função secundária. Algumas pessoas desenvolvem uma terceira função, mas a individuação requer que se integre também a quarta. Nesse caso, surge a necessidade da *função simbólica*: a quarta função, antagônica às dominantes. Sua integração exige uma função psíquica que integre razão e irracionalidade, no sentido de perceber no sujeito estes dois extremos que constituem a personalidade¹³⁹. Daí a necessidade dos mitos e da religião.

Nessa medida, respaldo o meu discurso indo ao encontro dessa perspectiva: o estudo do Si-mesmo (psique), indica como compreender o fenômeno do autoconhecimento como ferramenta de Educação Ambiental. A partir desse momento, reside o grande sentido da minha problemática, pois entenderemos as funções psíquicas, em especial a simbólica, – para isso também é necessário abarcar o conceito de representação – que poderei alçar no autoconhecimento *Hare Krishna*, uma ação impulsionadora da Educação Ambiental que se comprometa com o entorno e, substancialmente, com a vida.

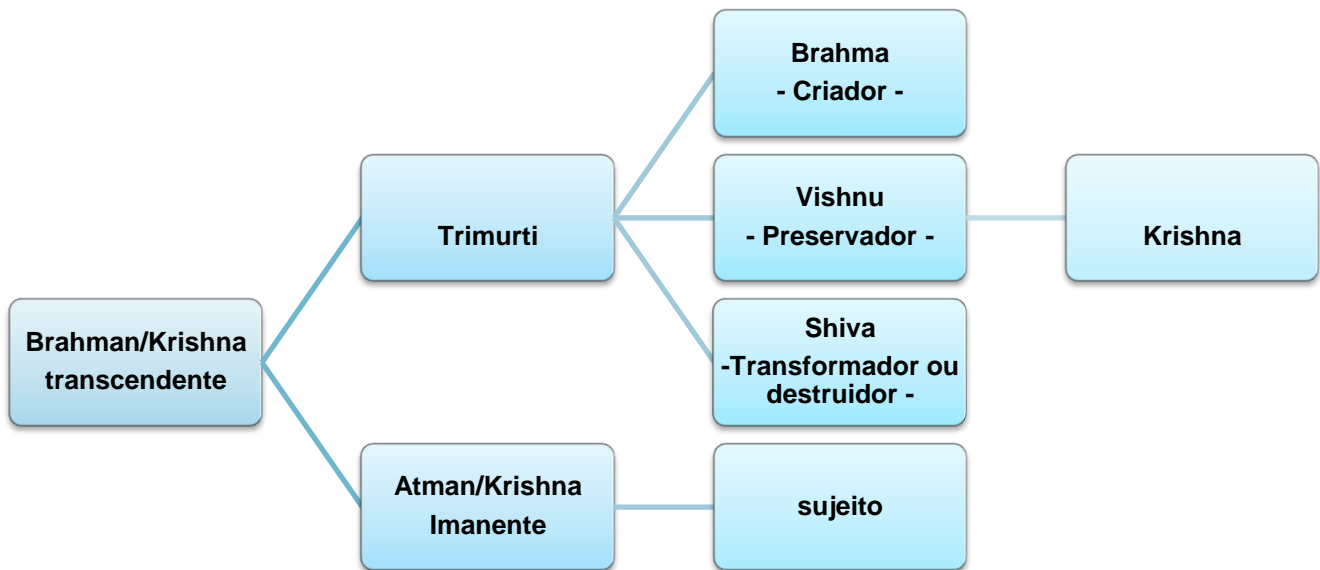
¹³⁸ Utilizando-se do conceito de "complexos" e do estudo dos sonhos e de desenhos, Jung passou a se dedicar profundamente aos meios pelos quais se expressa o inconsciente. Em sua teoria, enquanto o inconsciente pessoal consiste fundamentalmente de material reprimido e de complexos, o inconsciente coletivo é composto fundamentalmente de uma tendência para sensibilizar-se com certas imagens, ou melhor, símbolos que constelam sentimentos profundos de apelo universal, os arquétipos: da mesma forma que animais e homens parecem possuir atitudes inatas, chamadas de instintos, também é provável que em nosso psiquismo exista um material psíquico com alguma analogia com os instintos. (SILVEIRA, 1975: 145).

¹³⁹ Define-se a personalidade como tudo aquilo que distingue um indivíduo de outros indivíduos, ou seja, o conjunto de características psicológicas que determinam a sua individualidade pessoal e social. A formação da personalidade é processo gradual, complexo e único a cada indivíduo. O termo deriva do grego *persona*, com significado de *máscara*, designava a "personagem" representada pelos atores teatrais no palco. (JUNG: 1964: 105).

Psicologicamente, a única afirmação que se pode fazer é que o Si-mesmo apresenta uma sintomatologia religiosa parecida com a daquele complexo de afirmações que vem associado ao termo Deus [...] Para o hindu é evidente que o Si-mesmo não se distingue de Deus como fonte psíquica, e que o homem, por se achar em seu si-mesmo, não apenas está contido em Deus, como também é o próprio. (JUNG, 1991: 103).



Destarte, reconheço em Morin e Jung, elementos que salvagam a intenção de pesquisa. O primeiro, no sentido de abrir passagem à investigação religiosa, criando – como Brahma – essa aura de interpenetração no campo do sagrado. O segundo, permite compreender o fenômeno do autoconhecimento em sua essência psíquica, pois de acordo com a metafísica hindu, esse processo se dá dentro do indivíduo (Atman/Brahman). Desse modo, ele preserva – como Vishnu – o sentido da investigação acerca do processo do como se perceber num movimento que parte do interno ao externo, fundamentando o processo de imanência/transcendência da ação religiosa hare.



Por fim, Shiva, o transformador ou destruidor. A transformação se estabelece no sentido da motivação ao redor do indivíduo, o ritual de passagem, ou seja, de ruptura, galgando um novo matiz para o manejo da própria vida do indivíduo.

Esse momento de transformação acontece pelo fato de a explicação religiosa obter uma verdade máxima, um axioma que baliza a conduta do ser humano incorporando em si esta filosofia de vida. Trata-se da modificação de seus hábitos, rumo a essa nova diretriz. Portanto, quando aproximo Shiva de Bachelard, me refiro ao momento de adesão em que se encontra o sujeito quando se aproxima de uma filosofia de vida que insinua o autoconhecimento como caminho a ser percorrido. A destruição entra em cena, como aspecto simbólico, manifestando o desapego dos hábitos passados permitindo emergir, através da prática do autoconhecimento, um outro ser compactuante com essa nova forma de ver/perceber o mundo.

Então, Bachelard se torna fecundo, pois essa tomada de decisão, que busca uma outra forma de conduzir a vida, está próxima ao que ele propõe: deixar de viver somente em Animus e começar a vivificar a Anima. Outro fator que me aproxima bastante de Bachelard é referente ao sonho. O sonho aparece nesse contexto como o elo que permite a transformação do sujeito.

Assim como todos os sonhos e todos os devaneios ligados a um elemento material, a uma força natural, os devaneios e os sonhos embalados proliferam. Depois deles virão outros sonhos que continuarão essa impressão

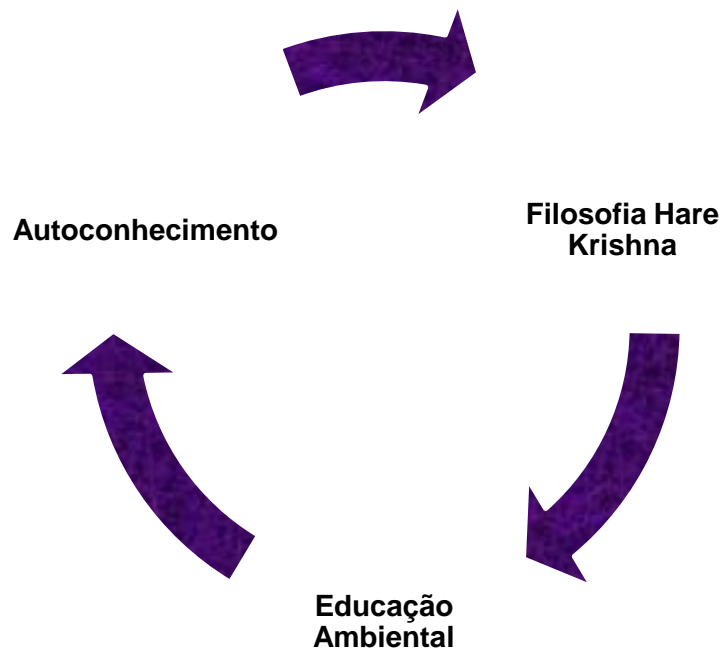
de prodigiosa doçura. Darão a felicidade e o gosto do infinito. (BACHELARD, 1997:137).

Dessa forma, acredito que o sonho assume o papel de estimular, nos seres humanos que aceitam a religião como verdade e fim último, a esperança, a promessa de que sua motivação e inclinação referentes à determinada fé, os façam continuar a crer nessa nova realidade que será vivida. O movimento onírico denota a manutenção do fiel em relação a sua crença. O convite daquilo que se espera será alcançado.

Além disso, a dimensão onírica revela mais um conceito que se aproxima da questão de pesquisa, circundando o autoconhecimento. A casa onírica, nesse sentido posso enfocar: o templo Hare Krishna; o momento em que o indivíduo torna-se Hare, bem como a visualização de planeta que absorve a conotação de ‘casa’ o qual é Krishna. Analisando essas representações posso unir o pensamento de Bachelard aos outros teóricos da pesquisa e, substancialmente, à Educação Ambiental. *“A casa¹⁴⁰ nos fornecerá simultaneamente imagens dispersas e um corpo de imagens. Num e noutro caso, provaremos que a imaginação aumenta os valores da realidade.”* (BACHELARD, 1998: 21)

Em suma, realizo, nesse ponto, as aproximações dos teóricos que fundamentam a minha investigação demarcando um paralelo com as representações simbólicas de Krishna (Brahman), ilustrando o âmago do autoconhecimento. A partir de agora posso transitar com mais segurança no universo Hare Krishna, pois me sinto seguro em estabelecer as relações com os fundamentos da Educação Ambiental e, de certa forma, os ouvidos já estão aptos a escutar os sons que brotam do oriente.

¹⁴⁰ A casa é um instrumento de topoanálise. É um instrumento eficaz porque é de uso difícil [...] Tal objeto geométrico deveria resistir às metáforas que acolhem o corpo humano, a alma humana. Mas a transposição ao humano se faz imediatamente, desde que se tome a casa como um espaço de conforto e intimidade, como espaço que deve condensar e defender a intimidade. Mas o complexo realidade e sonho nunca está definitivamente resolvido. A casa, mesmo quando começa a viver humanamente não perde toda sua ‘objetividade’. É preciso que examinemos como se apresentam, na geometria do sonho, a casa onírica. (BACHELARD, 1998: 51).



4.4. O Sagrado e a Educação Ambiental

Depois de toda identificação teórica, se faz necessário revelar a verdadeira meta da investigação. O que promove interconexões entre Educação Ambiental e autoconhecimento.

A Educação Ambiental, cuja investigação se remete a todo momento, é justamente uma educação que se preocupa com a natureza, o entorno com as relações sócioambientais em prol da vida harmônica no planeta. Nesse sentido, percebo que todo esse impulso já é Educação Ambiental, pois partilha de uma perspectiva transdisciplinar, que visa a reconhecer nessas ações um diálogo com o autoconhecimento.

O autoconhecimento se revela então, como agente que propicia, na instância religiosa, o momento ação em favor da Educação Ambiental. Cabe insistir que estou falando das percepções religiosas sob a ótica oriental, mais especificamente, da filosofia *Hare Krishna*, portanto, meus encaminhamentos referentes a educação ambiental estão condicionados a este enfoque.

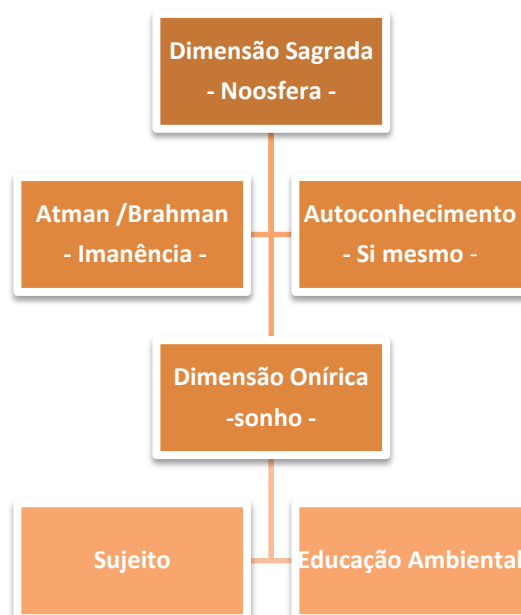
O autoconhecimento Hare Krishna é, sem dúvida alguma, uma verdade religiosa, mas também é uma ação de reflexão, na qual o indivíduo se autopercebe e percebe o ambiente e as relações sociais. Através dessa manifestação em favor da representação da vida, e quando falo “vida” penso em cosmo, no outro, enfim, na natureza humana e não-humana, entendo o

autoconhecimento Hare Krishna como condutor de ações ecologicamente harmônicas com o todo, em direção aos princípios da Educação Ambiental.

Torna-se bastante claro que a transdisciplinaridade é uma compreensão acerca do saber em torno dos meios do pensamento complexo que envolvem as disciplinas e a sociedade; é uma reação, um pensar acerca do próprio ser humano, do sujeito. *“Uma reflexão imanente e transcendente do próprio real, sobre sua natureza sagrada”* (RANDOM, 2000:54).

Dessa forma, me apóio sobre a intensa relação da filosofia hare no seio da Educação Ambiental, numa tentativa de tramar redes que aglutinem essa possível imbricação. A fé como mecanismo de educação? Não, refiro-me à transformação do sujeito em relação a sua conduta frente o mundo que também é um processo educativo, porém, não apenas isso. O autoconhecimento Hare é uma aprendizagem e também uma filosofia, enquanto anseia por um mundo saudável e que propõe uma verdade una e ao mesmo tempo múltipla: Krishna.

Portanto, percebo que a inclinação da representação religiosa vai além de um processo educativo, ela rompe fronteiras enfatizando o todo, mas também as partes. A dimensão sagrada revela nuances que fundamentam uma ação positiva frente à ordem planetária, porém não se restringe apenas a isso. Percebo que existe uma relação Atman/Brahman que supera por si só esse tópico. Nesse sentido, é importante a necessidade da dimensão onírica para compreender essa discussão.



A atividade onírica demonstra o princípio da espontaneidade, que parte do sujeito (imanência –transcendência) rumo a Krishna (a idéia de sagrado na investigação) e estabelece

com ele um vínculo afetivo, pois ser e divindade, em certo sentido, são singulares, uma vez que o sujeito aceita-o enquanto axioma. Nessa medida, os partícipes dessa relação ser/divindade, estabelecem íntimas ligações que vão regradar a conduta, o comportamento, tendo como transformação, a priori, o ato de se autoconhecer.

A partir daí, o processo de imanência se efetiva no plano individual, no trato do indivíduo com o sagrado, rumando ao outro e ao todo em uma sucessão de ações que irão incorporar as relações sócioambientais e o entorno, em um constante movimento sistemático de re-ligação. Assim, é que posso perceber as particularidades da comunidade do Templo de Itajaí para com a Educação Ambiental e, definitivamente, ouvir suas vozes.

4.5. O oriente da Educação Ambiental: interfaces teóricas em dissertações

A minha busca efetiva na mira dos princípios da Educação Ambiental se fundou através do reconhecimento das produções de mestrado na área. Pauto minha compreensão pelo fato de perceber que as dissertações produzidas pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, exprimem a qualidade, isto é, legítima uma certa propriedade em torno da construção e diálogo no tocante a seus fundamentos.

Para tanto, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica acerca das dissertações, para assim poder elencar algumas que refletissem a essência de tais princípios. Minha investigação seguiu três critérios: Discussão teórica, Desdobramento prático-metodológico e Reflexão da problemática ambiental.

Através desse itinerário, escolhi cinco (05) dissertações para me guiarem sobre o entendimento teórico da Educação Ambiental. São elas: *“Os Princípios da Educação Ambiental como elementos referenciais para o processo de avaliação educacional”*, de Rossane Vinhas Bigliardi; *“Educação Ambiental: Limites e possibilidades de uma prática emancipadora na educação formal em Pelotas-RS”*, de Crisna Daniela Krause Bierhalz; *“Refletindo o processo de criação da APA da Lagoa Verde pelo olhar da Educação Ambiental”*, de Greici Maia Behling; *“A esperança que brota da terra: a agricultura convencional praticada na Quitéria – Rio Grande/RS e as possibilidades de mudança pelos caminhos da EA”*, de Maria de Fátima Santos da Silva; e *“O Devir Híbrido das ONGs ecológicas: A Educação Ambiental interpretando os fluxos que atravessam e transversalizam”*, de Cimara Corrêa Machado.

A partir desses cinco olhares, pude apreender o entendimento da Educação Ambiental em sua dimensão teórica de construção do saber. Pois, reconheço nos mestres em Educação

Ambiental um riquíssimo material de reflexão no tocante aos fundamentos teóricos, sendo esses autores significativos para sedimentar minha compreensão no âmbito da problemática de pesquisa.

Percebe-se a importância da EA como mediadora dessa relação que está em crise, desconectada, na qual o ser humano e o ambiente natural, o ser humano consigo mesmo e o ser humano com o outro necessitam (re)irmanar-se, buscando o diálogo, a reflexão, os valores humanos, para que como cidadãos, se comprometam com o ambiente. (BEHLING, 2007: 14).

É sobre essa égide que instaurou movimentos ou, pelos menos, tenho essa pretensão, uma vez que vivemos e observamos um movimento que abarca a necessidade de o ser humano rever suas ações frente ao ambiente, ao outro, ao mundo como um todo. E não necessariamente precisa estar regido por verdades religiosas, ideológicas e pragmáticas para tal impulso, e sim, motivação para a transformação no modo de ver/perceber/pensar o mundo: eis a Educação Ambiental.

O autoconhecimento, portanto, participa desse processo, criando a possibilidade no ser humano de rever/repensar/resignificar suas ações, como via ou alternativa de mudança dessas ações, como também perceber no caráter religioso impulso para a transformação do ser.

De acordo com Bierhalz, *“A educação é uma possibilidade concreta de construção de saberes e fazeres indicativos de um caminho de criticidade e reivindicação por um mundo mais fraterno e justo”*. (2007: 14). Dessa forma, a educação é o palco apropriado para inserirmos essa discussão, porque visa justamente à produção de conhecimentos que direcionem ou sinalizem a garantia de um mundo produtor de vida.

A Educação Ambiental aposta acordar em todos a consciência de que o ser humano é parte do meio ambiente. Ela tem o objetivo de problematizar a visão antropocêntrica, que fez com que o homem fosse sempre o centro de tudo esquecendo a relevância da natureza, da qual é parte integrante.

A Educação Ambiental é a ação pedagógica permanente pelas quais os sujeitos têm a tomada de consciência de sua realidade global¹⁴¹, do tipo de relações que os seres humanos

¹⁴¹ Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. "A educação ambiental é um processo de reconhecimento de valores e clarificações de conceitos, objetivando o desenvolvimento das habilidades e modificando as atitudes em relação ao meio, para entender e apreciar as inter-relações entre os seres humanos, suas culturas e seus meios biofísicos. A educação ambiental também está relacionada com a prática das tomadas de decisões e a ética que conduzem para a melhoria da qualidade de vida". (SILVA, 2007: 22).

estabelecem entre si e com a natureza, dos problemas resultantes de ditas relações e suas razões densas. Esta amplia, mediante uma prática que vincula o ser com a comunidade, com os valores e atitudes que requerem um comportamento encaminhando à transformação superadora dessa realidade, tanto em seus aspectos naturais como sociais, desenvolvendo nos sujeitos as capacidades e atitudes imprescindíveis para a almejada transformação.

A ciência, nesse momento de transição paradigmática, do movimento de rever suas bases calcadas apenas na razão é o continente que procuro para dinamizar a entrada da significação religiosa como constituinte do ser humano e elemento cultural que não pode ser descartado no exercício da pesquisa. Sendo assim, é com bastante tranquilidade e responsabilidade, teórica acima de tudo, que divulgo os meus sons que tencionam em unir essas instâncias no movimento da investigação científica.

4.5.1. Contribuição à linha de pesquisa

A Linha de Pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental tem por objetivo primordial discutir acerca do aprofundamento em suas perspectivas históricas, antropológicas, sociológicas, filosóficas, éticas e epistemológicas na atmosfera da Educação Ambiental. Visa refletir sobre a transformação da crise-sócio-ecológico-ambiental, em um movimento constante ao redor da produção do conhecimento.

Nesse sentido, acredito que o autoconhecimento em seu desdobramento filosófico apoiado na doutrina Hare Krishna, compõe os requisitos para a difusão e propagação da investigação de acordo com os princípios norteadores da linha de pesquisa.

A contribuição se atém à possibilidade da emergência, sustentada pela Complexidade, de apoiar-se sobre a consciência do humano e, sua orientação ideológico-ritualística em favor da mudança e, sua intensa relação com o ambiente. A produção de vida torna-se categoria fundamental para a legitimação da dissertação.

Sem dúvida, esse é o momento certo de rever as estruturas racionais que prosperam incontestes e onde as sociedades precisam de referências para refletir suas relações com o planeta não somente, tendo em vista o caos climático que se apresenta, fruto da submissão da natureza perante o homem, mas também pela atitude humana de perceber a natureza como um bem inesgotável e apartada da condição humana.

4.6. A jornada do caminhante: o canto do pesquisador

A Educação Ambiental entra em minha vida, ou seja, compartilha de uma construção ao redor de toda a minha formação enquanto sujeito social.

Posso revelar que em um primeiro momento, quando ingressei na vida acadêmica no ano de 2000 no curso de História – Licenciatura na Fundação Universidade Federal do Rio Grande, não tinha a mínima noção daquilo que iria encontrar, e muito menos naquilo que iria me transformar. Mas, pouco a pouco fui percebendo algumas mudanças que, timidamente, se anunciavam.

Como acadêmico do curso de graduação, experimentei vários estágios: em um primeiro momento o velho e clássico deslumbre de estar em um centro de excelência do conhecimento, causando-me fascínio e artificialidade. Fascínio no sentido de querer buscar a totalidade do conhecimento num instante. Em seguida, tive a infeliz constatação que, para abarcar o todo, eu tinha que ter mais de mil vidas. Artificialidade, porque exatamente pelo desespero de mostrar ao outro meu cabedal intelectual constatei que ele era composto de generalidades e superficialidades. Mas mesmo neste momento de ansiedade em aprisionar o conhecimento como algo meu e somente meu, pude perceber que eu poderia buscar algo do que realmente gostasse para daí então me dedicar a um estudo mais aprofundado, e dessa experiência viver um estado de prazer. Quando estamos na condição de historiadores pensamos que somos senhores e senhoras do tempo, por ver na História um manancial temporal que qualifica as relações humanas no mundo.

Foi a partir desse confronto comigo mesmo que percebi a Educação Ambiental como área do conhecimento, porque essas relações se dão em um palco, num cenário, num ambiente. E eu, André ser humano com várias e múltiplas faces, também vivo e sou um ambiente em potencial. Agora, porém, como ser um educador ambiental?

No entanto, antes disso, na caminhada em busca daquilo que eu, na faceta do plano acadêmico, realmente almejava investigar, inconscientemente foram se apresentando situações que me envolviam e despertavam uma grande satisfação. No ano de 2002 fiz parte de um projeto de pesquisa que visava a investigar uma comunidade de quilombolas na região da Costa Doce, mais especificamente na localidade de Casca, interior de Mostardas/RS.

Nessa experiência, pude perceber que ser historiador não era apenas ser “guardião do tempo” ou saber todas as inenarráveis epopéias fantásticas que constituíram o imaginário cultural do ocidente, dado que, as histórias de vida que desfilavam naquele contexto de pesquisa eram tão valiosas quanto às narrativas históricas gregas. Além disso, pude exercer

um diálogo entre várias ciências como a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia, a Sociologia, a Educação e à própria História, que foram garantias do exercício real da interdisciplinaridade¹⁴².

A partir dessa experiência de campo constatei que nós, pesquisadores, efetivamente nos transformamos à medida que vivemos em consonância com a alteridade. E, finalmente, descobri, o que realmente desejava: o contato com a humanidade em suas diversas culturas, o conhecimento dos modos de vida, os costumes, as relações mágicas, que despertou em mim um encantamento pela prática da pesquisa.

Mas, nesse “universo de caixinhas”, que é a ciência, só poderia seguir um caminho: a Antropologia. Então debruicei-me no manancial teórico da área para ser definitivamente um antropólogo. Mesmo assim, sentia a necessidade de transitar em outros espaços, pois não queria negar meu eu historiador e nem suprimir o antropólogo que se despertava também nesse momento. Foi quando descobri-me educador.

Na realidade vivenciada pela prática do estágio supervisionado no ano de 2003, tive o insight que poderia reunir toda minha subjetividade em um só ser: o educador. Dessa maneira, também na sala de aula vivenciamos inúmeras culturas em um só lugar. Não é necessário buscar o elemento diferente para o entendimento da humanidade e sim os vários tipos humanos que estão presentes ao nosso redor.

Nesse momento, desenvolvi o gosto verdadeiro da minha construção enquanto “intelectual”, e comecei a buscar de forma apropriada o manejo e a direção dos meus estudos. Em 2004, ingresso no curso de especialização em História do Rio Grande do Sul da mesma instituição e também no curso de história bacharelado. Onde agora pude viver a pesquisa como instância fundadora do André.

Sendo assim, comecei a direcionar-me às questões relacionadas ao gênero para desenvolver minhas pesquisas, percebendo que aquela totalidade do conhecimento que buscava lá no início acontecia quase que espontaneamente, e nessa altura eu não dava tanta importância como antes, pois sabia que em pesquisa acabamos nos envolvendo “osmoticamente” com os campos do saber e dialogando com eles.

Minha predileção pelo mundo oriental, já vem de longa data. Sempre fui fascinado pelos “deuses azuis” da Índia, cuja “exoticidade”, o misticismo, de certa forma, me envolviam

¹⁴² Naturalmente, constituir-se educador, em certo sentido, recomenda o ato generoso e amoroso para com a vida, o outro e consigo mesmo. Por outro lado, estou ciente de que “aprender um pouco de Sociologia, Psicologia, Filosofia, História e etc, pode ser bom para o educador, mas dificilmente garante sua especificidade, por mais que esta deva ser interdisciplinar”. (DEMO, 1990: 13).

em um constante e delicioso interesse por aquela cultura. Efetivamente, quando defini meu trabalho de conclusão de curso (TCC) pude apurar mais de perto a cultura oriental. O trabalho intitulado: “*Os Mistérios da Lótus: um estudo acerca da representação feminina e seu papel no Kama Sutra – Diálogos em torno da concepção de amor oriental*” me proporcionou esse envolvimento.

Todavia, em 2005, quando prestei a seleção para o mestrado em Educação Ambiental, fiquei receoso em propor tal discussão e resolvi submeter um projeto de pesquisa que tivesse um caráter mais formal. Então decidi focar a Contribuição de Nietzsche para o diálogo filosófico em consonância com a Educação Ambiental, porque de certa forma, foi através da filosofia que mergulhei no universo hindu.

Mas, os rumos foram outros, ingressei no mestrado, tentei junto ao meu antigo orientador visualizar uma outra proposta, tendo em vista que os pressupostos teóricos do orientador não cruzavam com os meus e, pensamos em um novo projeto de dissertação. No entanto, não estava feliz com esta situação e busquei outros horizontes. E devido há inúmeras discussões decidi buscar outra orientação.

Ainda no mestrado, tive a possibilidade de participar do V Encontro Ibero-americano de Educação Ambiental, onde conheci os sujeitos da pesquisa. E nesse momento me transformei totalmente, fiz um novo projeto, troquei de orientação e decidi pra mim mesmo que a Educação Ambiental seria um exercício de autoconhecer.

Assim, tive a felicidade de conhecer o Prof. Humberto que me permitiu realizar tal empreitada. Daí eu, André, definitivamente, entendi que um educador ambiental se constrói ao longo de sua caminhada, que todas as ações e etapas da vida, desde a infância até o presente, são partes de uma constante construção, e que agora apresento apenas um trabalho, mas, com certeza, ele conta muito mais de mim do que eu mesmo possa imaginar. Em todos os capítulos, arquitetados através do meu olhar, cada palavra, enunciado, citação foi um exercício de muito prazer em realizá-lo. Enquanto meus colegas tinham “crises existenciais” com suas problemáticas, eu senti um grande bem estar em fazê-lo, pois esse era exatamente o meu objetivo de estar no mestrado, temos que transformar sofrimento em luz, não é o que diz Nietzsche?

Essa é minha constituição de educador ambiental, e os devotos de Krishna, muito tem haver com isso, auxiliando-me nas tomadas de decisões e abrigando-me no seu templo com todo o respeito e carinho. Gostaria de registrar que não sou um Hare krishna, não sou de Itajaí, mas escolhi me envolver com essa comunidade por perceber que a educação ambiental é possível em diversos espaços ou crenças.

A escolha pelo Vale do Itajaí se deu por dois fatores: primeiro, porque geograficamente é o lugar mais próximo com a configuração de templo/casa de Rio Grande. Segundo, foi à comunidade que me deu impulso para a construção do projeto de pesquisa, não tinha outros sujeitos em mente, e segui minha intuição.

Em suma, o meu canto está distribuído por todas essas páginas, acredito que possa estar grifada nelas toda minha trajetória, minhas faces, vivências, amores, temores e a essência da subjetividade do pesquisador pairando como um sussurro despercebido em meio aos sons que migram do oriente.



Ciclo da Samsara: relação existência e Karma – Figura 08 -

Capítulo 5: Entoando mantras: descobrindo o caminho

“A teia da vida é uma rede flexível e sempre flutuante. Quanto mais variáveis forem mantidas flutuando, mais dinâmico será o sistema, maior será a flexibilidade e maior será a capacidade para se adaptar nas condições mutáveis”.

Fritjof Capra

5. Entoando mantras: desvendando o caminho

5.1. A construção das partituras: visualizando o trajeto

Esse é um momento decisivo para a sedimentação da pesquisa como expoente pertinente no âmbito da ciência, já que denota os caminhos metodológicos pretendidos e tomados para viabilidade da investigação. Nessa medida, é primordial deixar claro os procedimentos que foram adotados para sua realização.

A pesquisa possui duas metas/etapas fundamentais: a discussão e reflexão de cunho teórico acerca do conceito de autoconhecimento (Hare) e sua contribuição para a Educação Ambiental, e a investigação/constatação dessa discussão junto a Comunidade Hare Krishna do Templo de Itajaí. A partir daí, depois de toda reflexão acerca do conceito atrelado às proposições de Morin, Jung e Bachelard, somados aos conceitos filosóficos da doutrina Hare Krishna no plano teórico/discursivo, mergulho na comunidade para verificar minhas aproximações.

O primeiro momento da pesquisa foi amparado pela Hermenêutica¹⁴³ reflexiva, ou seja, o exercício de interpretação das teorias em consonância ao objeto de análise, onde pude realizar a dinâmica das relações entre os autores escolhidos, a Trimurti hindu, e estabelecendo os devidos paralelos.

Assim, a metodologia de análise dos dados amparada pela Hermenêutica reflexiva está intimamente associada à investigação da interpretação nas instâncias do sentido e da significação que estão expressas na linguagem, que no caso desse primeiro momento, são

¹⁴³ Hermenêutica é um ramo da filosofia que se debate com a compreensão humana e a interpretação de textos escritos. A palavra deriva do nome do deus grego Hermes, o mensageiro dos deuses, a quem os gregos atribuíam a origem da linguagem e da escrita e consideravam o patrono da comunicação e do entendimento humano. (CARVALHO, 2005: 202).

grafadas, pois, se refere à revisão bibliográfica ao redor da construção do Autoconhecimento como instância de Educação Ambiental.

Além disso, é importante frisar que a construção da metodologia é uma amálgama de ferramentas e abordagens, uma vez que este olhar está diretamente vinculado ao pesquisador, e será de acordo com a minha visão perspectiva que vou elencar as adequações para a análise. A escolha da Hermenêutica Reflexiva se deu pelo fato, de poder visualizar nos autores escolhidos (que são todos ocidentais), relações ao universo dos símbolos e mitos orientais, refletindo acerca de uma categoria filosófica e, por vezes, um tanto abstrata, que é o autoconhecimento, que ganhou significação quando identificada com a “*verdade Hare Krishna*”, pois incorpora o semblante da cultura, da ideologia e da religião de forma sintomática, revelando-se assim, inexoravelmente necessária para a interpretação científica.

A Interpretação, diremos, é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal. Guardo assim a referência inicial à exegese, isto é, à interpretação dos sentidos ocultos. Símbolo e interpretação tornam-se, assim, conceitos correlativos: há interpretação onde houver sentido múltiplo; e é na interpretação que a pluralidade dos sentidos torna-se manifesta. (RICOUER, 1978: 15).

Essa dinâmica metodológica de análise está contemplada, em certo sentido, já nos capítulos que se comprometem a discutir as teorias que sedimentam o trabalho (no tocante da interpretação e reflexão da caminhada teórica), desde a densa descrição sobre o imaginário social hindu até a percepção do autoconhecimento com instância de Educação Ambiental. Fruto do exercício proposto pela Hermenêutica Reflexiva.

Já no segundo momento, o qual se destina perceber a realidade presencial junto a Comunidade do Templo de Itajaí, tive que me aproximar de ferramentas metodológicas que estivessem de acordo com tal atividade. Portanto, aproximei-me bastante da etnografia, ainda que não a utilize em sua amplitude, mas aproprio-me das suas ferramentas de pesquisa de campo para transitar nesse espaço.

Para tanto, posso adiantar que a análise dos dados da pesquisa de campo será submetida à Análise textual proposta por Roque Moraes, a fim de dialogar com a Hermenêutica reflexiva mantendo uma espécie de unidade no percurso investigativo. Porquanto, tecerei, adiante, exclusivamente sobre a metodologia empregada nessa segunda etapa, a fim de esclarecer com mais tranquilidade a metodologia adotada.

Por ora faz-se necessário, reconhecer o papel da Educação Ambiental nessa trajetória metodológica da pesquisa, para assim verificarmos o seu lugar neste estudo que abarca seus conceitos como pilares para a viabilidade do autoconhecimento Hare Krishna.

5.2. A Educação Ambiental no percurso investigativo

A Educação Ambiental, no escopo das abordagens metodológicas de investigação, é elemento imprescindível para a realização do como fazer o trajeto de pesquisa. Entendo que pensar a Educação Ambiental nesse momento, é consagrar o lugar de onde brota o estudo, e é justificar a área do conhecimento de onde emerge a interlocução.

Nesse sentido, o movimento do autoconhecer faz parte da construção de uma Educação Ambiental comprometida efetivamente com a mudança. Em contrapartida, deve-se localizar a Educação Ambiental também no cerne do exercício metodológico, a fim de esclarecer suas conexões à questão norteadora do estudo.

É preciso pensar a Educação Ambiental como um movimento crítico que leva, necessariamente, à profunda indagação sobre a gênese dos problemas ambientais através da observação, reflexão, investigação acerca das situações concretas que se apresentam. Sua principal função seria a de fazer com que as pessoas direta ou indiretamente envolvidas em uma ação educacional, escrevam sua própria história e gerem suas próprias alternativas de ação [...]. (BIGLIARDI, 2007: 43).

É apoiado nesses pressupostos que enxergo na Educação Ambiental a possibilidade do desenvolvimento de uma metodologia para a pesquisa, mesmo que amparado por teorias e técnicas das ciências humanas, e no intento das pesquisas qualitativas. Essa movimentação é própria e particular da sincronia entre pesquisador/pesquisa/orientador que são elos mediadores a partir da reunião de subjetividades que estão intencionadas na busca de um ideal, que é justamente a realização do estudo. Por isso, a metodologia é uma constante construção, que somente vamos saber dela em sua completude ao final da jornada, para assim dela extrair sua vontade.

Tenciono minhas ações nesse caminhar à Educação Ambiental, porque entendo que dela partiu a intencionalidade, o pesquisador e a própria representação da vontade de realizar a própria pesquisa. Então não podemos negar a essência do seu papel nessa construção reflexiva acerca do como fazer/caminhar/ouvir os sons que compuseram o esteio da investigação.

O caminho pelo qual o pesquisador segue é sempre uma construção. Essa construção, juntamente com todos os processos de transformação pelos quais o pesquisador passa tornam a realidade intrínseca à pesquisa, pois o pesquisador sempre será influenciado pela sua constituição pessoal. Não existe interpretação neutra, já que está intrínseca a subjetividade do pesquisador e do sujeito-objeto de pesquisa e ainda a apropriação das idéias e conceitos de autores com os quais o pesquisador dialoga durante o processo. (BEHLING, 2007: 24).

Dessa maneira, entendo a Educação Ambiental nesse processo como constituinte de uma prática emancipadora frente à tomada de decisões que se apresenta neste estudo. Assim, de todos os modos, gostaria de referendar a cumplicidade que existe entre as metas da investigação rumo aos anseios de uma sociedade mais justa, igualitária e ambientalmente sustentável, entendendo a sustentabilidade como ação humana em favor da produção de vida no planeta e tudo aquilo que dele faz parte.

5.3. A metodologia e a complexidade

O paradigma da Complexidade não prevê um modelo pronto de análise, participa da visão sistêmica de que o todo está nas partes, e estas, por sua vez, estão no todo. Acredito que enquanto educador ambiental, não posso me trancafiar em um método de análise, penso que essa forma de perceber as relações entre teoria e observação, constroem e qualificam a essência da investigação do observador. Por isso, direciono a minha metodologia à análise qualitativa, vislumbrando que parte daí a minha aproximação da Educação Ambiental bem como da Complexidade. Os objetivos da pesquisa são: investigar no autoconhecimento Hare Krishna uma proposta de Educação Ambiental que inclua ações humanas em prol da conservação da vida no planeta; e a reflexão sobre a religião como potência de diálogo no universo científico.

Dentro de dimensões históricas imemorais até os nossos dias, as religiões e filosofias têm sido poderosos instrumentos explicativos dos significados da existência individual e coletiva. A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, do cotidiano e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão desta busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva. (MINAYO, 2002: 10).

O interessante é grifar a minha trajetória como também aquilo que pretendo revelar. Portanto, depois de uma construção teórica acerca do fenômeno do autoconhecimento junto com os saberes da comunidade, pretendo unir as narrativas e definitivamente entoar este som, ou seja, a coletânea de sons orientais dirigindo-os à Educação Ambiental. Denotando uma investigação atrelada aos mantras de um saber que propõem uma via de libertação a uma sociedade cada vez mais ‘autodestrutiva’, propondo uma alternativa harmônica de vida planetária.

Teorias, doutrinas, filosofias, ideologias não podem ser julgadas somente como erros ou verdades na tradução que fazem da realidade; não têm de ser concebidas como produtos de uma cultura, de uma classe ou de uma sociedade. São Também seres noológicos, alimentando-se de substância mental e cultural e algumas delas, carregadas de forte substância mítico-religiosa, podem desenvolver um extraordinário poder de subjugação e de posse. (MORIN, 2005:183).

Dessa forma, vislumbro acerca da construção da pesquisa uma oportunidade de ouvir os sons, as considerações que emergem da pesquisa qualitativa como forma de salvaguardar a minha aproximação dos sujeitos e deles próprios comigo. Esse movimento é emblemático, pois, proporciona viver um pouco da Índia, da sabedoria hindu, conhecer esses elementos Atman/Brahman, enfim, é investigando a experiência do autoconhecimento que pude também me reconhecer enquanto educador ambiental e, me autoperceber como observador e investigador.

É através da autonomia/dependência que relacionei a Complexidade com a problemática estabelecendo mediações metodológicas, - que são compostas por, observação participante, entrevistas semi-estruturadas e diário de campo - com a filosofia Hare e substancialmente com a comunidade. Foi percebendo o autoconhecimento como instância de Educação Ambiental que trilhei meu caminho e então meus sons.

5.3.1. O Método de Morin

Edgar Morin pensou os métodos¹⁵², não como um percurso metodológico pronto, pois, segundo ele “o caminho se faz no caminhar”, sendo a pesquisa mesmo o maior revelador do

¹⁵² Método 1: A Natureza da natureza; Método 2: A Vida da vida; Método 3: O Conhecimento do conhecimento; Método 4: As Idéias habitat: vida, costumes, organização; Método 5: A Humanidade da humanidade; e o Método 6: Ética.

trajeto a percorrer. Portanto, configuro na constituição dos métodos as pistas do caminho que percorri e o êxito ao final dessa jornada.

Objetivamente, me debrucei acerca do Método 4, já que foi neste que encontrei amparo teórico e suporte substancialmente favorável para a realização da dissertação. Foi no desvelar da Noosfera que pude calcar minhas angústias para seguir adiante. Acredito que a compreensão do universo do indizível, do desconhecido e do mistério, me proporcionou alcançar os sustentáculos primordiais para compreender o papel da religião atrelado a constituição do ser.

Vivemos, vale lembrar, em um universo de signos, símbolos, mensagens, figurações, imagens, idéias, que nos designam coisas, situações, fenômenos, problemas, mas que, por isso mesmo são mediadores necessários nas relações dos homens entre si, com a sociedade, com o mundo. Nesse sentido, a noosfera está presente em toda visão, concepção, transação entre cada sujeito humano com o mundo exterior, com os outros sujeitos humanos e, por fim, consigo mesmo. (MORIN, 2005:140).

É com esse respaldo que direciono a minha atenção enquanto pesquisador e sujeito social ao redor de uma pesquisa que possui um caráter transdisciplinar. Transdisciplinar por apresentar exatamente uma ação que pretende exacerbar o domínio das disciplinas na atmosfera científica e garantir a presença da instância do sagrado na pesquisa.

5.4. O auxílio do saber antropológico

Meu percurso metodológico e com o cosmos se consolida com o auxílio do saber antropológico, no sentido de perceber as interações do indivíduo em sociedade. Através de alguns encaminhamentos presentes na antropologia é que norteio a discussão, que antes se debruçava na esfera do eu, ou seja, do autoconhecimento como forma de liberação (Moksha) no plano interior individual, para a relação com o mundo, o momento de compartilhar da bhakti-yoga com o restante, com o externo em um movimento onírico com a sociedade.

Sendo assim, reconheço na contribuição antropológica ao conhecimento científico, algumas ferramentas que me possibilitaram realizar tal investigação. A partir da análise metodológica pude clarear alguns conceitos que orientaram a pesquisa.

Primeiro, situarei o conceito de representação. A representação está intimamente ligada aos sistemas simbólicos, nesse caso a fusão entre filosofia e religião, que se apresentam como estruturas estruturantes (BOURDIEU, 2003:08). Assim, percebo que esses sistemas

simbólicos são tidos como instrumentos de comunicação, uma vez que somente exercem essa faceta estruturante, na medida em que são estruturados. Logo, se edifica o conceito de representação, aquilo que simboliza algo, não só em sua esfera primordial, mas também aquilo que emblema sentido do ato/fato/coisa a ser simbolizada.

A religião, portanto, repousa na idéia em que os indivíduos, que firmam sua adesão, objetivam suas atenções e direcionam-se a ela, em um impulso de tentar através de sistemas simbólicos, poderem forjar, ou seja, representar uma dada realidade. O ideal oferecido pela religião é uma representação de verdade que indica uma alternativa que qualifica e dignifica as ações humanas frente à vida, revelando uma outra realidade que objetiva um fim preciso, isto é, se apresenta enquanto filosofia de vida. Os seres humanos estabelecem pactos simbólicos com esta verdade religiosa – que é diversa e una ao mesmo tempo - onde estes incorporam uma representação da realidade vivida, aspirando outros parâmetros e metas para vivenciar esse ideal ulterior.

Entretanto, não é minha intenção relatar que as representações são realidades forjadas e fictícias, quero propor que a representação se destina em toda e qualquer face que apareça, seja religiosa ou não, como o elemento de significação do eu com o restante do mundo. Discorro acerca disso, pois é necessário realçar que o conceito de ‘Maya’ na filosofia hindu e hare, está intimamente imbricada à idéia de representação.

Meu objetivo é buscar convergências junto aos conceitos acerca da filosofia *Hare Krishna*, para estabelecer conexões com a metodologia pretendida para a análise do estudo.

Este círculo, que é o círculo da crença e do sagrado, é também o de qualquer instituição que só pode funcionar se for instituída ao mesmo tempo na objectividade de um jogo social e nas atitudes que levam a entrar no jogo, a interessar-se por ele [...] O jogo cria a illusão, o investimento no jogo do jogador avisado, dotado do sentido do jogo, que é habituado ao jogo, pois que é feito pelo jogo, joga o jogo e, por esse meio, o faz existir. (BOURDIEU, 2003: 286).

Em segundo lugar, está o conceito de pessoa¹⁵³ (em um movimento interior), atrelado à significação do eu. Nesse sentido, refiro-me à questão do olhar, etnográfico por vezes,

¹⁵³ No sentido de sujeito onírico, na passagem de Animus a dimensão Anima proposto por Bachelard. Denotando a yoga como união de constante re-ligação à esfera sagrada, revelando a intimidade com a idéia de deus presente com a descoberta e, substancialmente com a filosofia Hare Krishna, dentro do ser. A antropologia auxilia no como estruturar a investigação de campo e, participa do processo interdisciplinar que configura a pesquisa como

acerca da necessidade da antropologia perceber o ponto de vista dos sujeitos partícipes, denotando a proximidade psicológica, percebendo os sons da comunidade analisada.

Dessa forma, penso que a experiência¹⁵⁴ em torno do autoconhecimento encaminha-se sempre ao movimento de imanência/transcendência que tento conduzir em direção a atitude religiosa.

A necessidade de se fixar apenas nos conceito de experiência (próxima e distante) limita o pesquisador de poder extrapolar a prática da pesquisa, ficaria este, atado às abstrações e sufocado em jargões (GEERTZ, 1998: 32). A minha motivação é compreender a significação do eu, pois participa do instante da prática da Bhakti-yoga, ou seja, do serviço devocional, como forma de autopercepção em contribuição às relações experienciadas, tendo como possibilidade a reflexão de elementos que constituem a vida social.

Ao passo que não posso negar a experiência como elemento constituinte do ser, permito-me transitar e entrecruzar informações essenciais com o conhecimento antropológico. Assim, para compreender melhor a significação do eu, reporto-me ao Si-mesmo de Jung, para não cometer essas distrações em torno da investigação.

[...] é possível relatar subjetividades alheias sem recorrer a pretensas capacidades extraordinárias para obliterar o próprio ego e para entender os sentimentos de outros seres humanos. Possuir e desenvolver capacidades normais para estas atividades é, obviamente, essencial, se temos esperança de conseguir que pessoas tolerem nossa intrusão em suas vidas ou de que nos aceitem como seres com quem vale a pena conversar. (GEERTZ, 1998:106).

A citação acima, revela todas as sensações que sinto em relação à forma de realizar o trabalho, especialmente o trabalho de campo, denotando a metodologia que escolhi percorrer. Em realidade, é fato que não sou um hare, sou um elemento alheio, mas também não sou um observador alheio à ação. Penso que me transformo na medida em que os sujeitos se transformam, vivemos em um movimento de trocas de saberes.

transdisciplinar. O intuito é aproximar esse conhecimento à Educação Ambiental, sobretudo como suporte, às vezes, à metodologia.

¹⁵⁴ Conceito de experiência próxima é mais ou menos, aquele que alguém – um paciente, um sujeito, em nosso caso um informante – usaria naturalmente e sem esforço para definir aquilo que seus semelhantes vêem, sentem, pensam, imaginam etc, e ele próprio entenderia facilmente, se outros o utilizassem da mesma maneira. Um conceito de experiência distante é aquele que especialistas de qualquer tipo – uma analista, um pesquisador, um etnógrafo, ou até um padre ou um ideologista – utilizam para levar a cabo seus objetivos científicos, filosóficos ou práticos. ‘Amor’ é um conceito de experiência-próxima, ‘catexia em um objeto’ de experiência-distante; ‘casta’ e ‘nirvana’ são de experiência-próxima, pelo menos para hindus e budistas. (GEERTZ, 1998: 87).

As aproximações com o saber antropológico se destinam a segunda parte da investigação, a que está ligada com a inserção cultural junto à comunidade de Itajaí, por isso foi necessário buscar os anteparos teóricos para transitar nesse ambiente.

5.4.1. Dialogando com a Etnografia

Antes de traçar o diálogo com o método etnográfico¹⁵⁵, é sumariamente importante sublinhar, que não pretendo traçar uma metodologia pronta. Acredito, e apoiado em Morin, que esta é uma construção ao longo do processo de investigação, entretanto gostaria de frisar desde já, que utilizarei algumas ferramentas da etnografia para minha efetiva orientação na trajetória investigativa em campo.

A abordagem etnográfica-cultural se fundamenta em uma concepção de realidade construída. As próprias culturas são modos de compreender realidades construídas socialmente dentro de certos grupos. Nesse sentido esse tipo de pesquisa pretende compreender e descrever diferentes realidades tal como elaboradas socialmente dentro de certos grupos, realidades construídas histórica e intersubjetivamente. Em tudo isto a linguagem desempenha um papel primordial. (MORAES, 2007: 13)

Percebo, por se tratar de uma investigação que pretende contribuir em uma discussão teórica, que nesse momento a etnografia satisfaz os meus anseios em torno da comunidade do Templo de Itajaí. As narrativas dos sujeitos de pesquisa, as observações e o diário de campo, são os meus instrumentos de investigação. Por isso a aproximação da antropologia para estabelecer esses contatos com a metodologia.

O diário de campo serviu para a reflexão e refúgio para o subterfúgio da descrição. Como o estudo se apóia em uma perspectiva etnográfica e tem por instrumento de coleta a

¹⁵⁵ A *etnografia* carrega um significado etimológico de *descrição do estilo de vida de um grupo de pessoas acostumadas a viver juntas*. A abordagem etnográfico-cultural, tendo uma raiz fenomenológica, se organiza a partir do estruturalismo e dos estudos antropológicos. Pretende chegar ao conhecimento e verdades científicas a partir do estudo das culturas e das linguagens culturais. Sua verdade emerge da interação social. Nesse processo de construção de conhecimentos se utiliza tanto da indução, como da dedução e especialmente da intuição. Os estudos etnográficos são em sua essência pesquisas tendo como base a linguagem e os costumes de grupos culturais. Os estudos etnográficos têm na linguagem uma forma preferencial de acesso às culturas que se propõem a investigar. A fala dos sujeitos e informantes culturais constitui elemento central da abordagem, ainda que complementada com observações intensas e aprofundadas no sentido de compreender e delimitar de modo mais completo as compreensões construídas. Neste sentido, tendo na fenomenologia seu fundamento, nesses tipos de pesquisas a linguagem representa muito mais do que a possibilidade de expressar os resultados das pesquisas. É elemento constituinte da compreensão que vai sendo construída ao longo do processo. (MORAES, 2007: 13).

análise textual dos dados, esse momento do ato do descrever necessitou de um espaço importante na investigação, o qual é relegado ao diário de campo.

Segundo Hess (2005) o diário é o parceiro mais acertado para o processo de imersão cultural que envolve as metodologias qualitativas de pesquisa, visto que outorga ao pesquisador um aparato fiel de percepção das situações através do registro diário, bem como da essência da subjetividade, das impressões e apreensões realizadas pelo pesquisador na situação de enfrentamento com a realidade que se apresenta.

Ainda de acordo com Hess (2005), toda realidade que se estabelece entre pesquisador e pesquisado, é na verdade, uma situação forjada, pois é pautada por estranhamentos e pelo inusitado, ou seja, não há como negar as relações de animosidades (no sentido de novidade), ou de surpresas que se apresentam. Por isso, o diário de campo é uma ferramenta fiel porque retrata a essência das relações e o envolvimento do pesquisador com os sujeitos-objetos.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato - a não ser quando (como deve fazer, naturalmente) está seguindo as rotinas mais automatizadas de coletar dados - é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas as outras, que são simultaneamente estranhas irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro: entrevistar informantes, observar rituais, deduzir os termos de parentesco, traçar as linhas de propriedade, fazer o censo doméstico... escrever seu diário. Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de "construir uma leitura de") um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios do comportamento modelado. (GEERTZ, 1978: 20).

A observação participante foi fruto também do aporte etnográfico que prevê em suas bases o processo de imersão cultural junto à comunidade investigada. Seguindo essa premissa, de acompanhar os movimentos da comunidade em uma escala temporal significativa, realizei o exercício de campo em um total de cinco (05) meses.

Primeiramente, durante o mês de julho de 2006, onde fiz o primeiro contato com a comunidade, realizando mais ou menos um estágio de reconhecimento, adaptação à realidade que se apresentava como também uma espécie de amostragem para a verificação da problemática pretendida. Nesse momento também foi de suma importância para acompanhar a rotina diária do templo, estabelecer vínculos com os sujeitos e acima de tudo possuir certa familiaridade com os rituais, que na ocasião eram estranhos a mim.

Logo em seguida, retornei e permaneci nos meses de janeiro e fevereiro de 2007, para a realização da pesquisa a partir da avaliação anterior, bem como do exame de qualificação do projeto de dissertação. Foi nessa etapa que selecionei os sujeitos que iriam fazer as entrevistas e demarcar o templo como instância de observação. Tendo em vista que a população é circular, defini a categoria templo para as observações no tocante referente às atividades junto a este espaço, analisando o movimento dos fieis e não mais apenas o movimento de alguns indivíduos.

Retornei novamente no mês de abril de 2007, para a realização do afastamento que a etnografia também propõe como técnica de análise, que é o período que o pesquisador se recolhe, faz uma prévia análise dos dados e retorna para perceber a realidade em um contexto próximo daquilo que chamamos de familiar. Em uma tentativa de verificar as situações sem o abalo da sua interferência tendo em vista que os sujeitos já estão acostumados com a presença do investigador.

E, em julho de 2007, para junto com os sujeitos que participaram das entrevistas pudessem nesse momento participar do processo de construção e/ou retificação do material que foi transcrito para a confecção da versão final do trabalho. Também é uma exigência da etnografia, que o pesquisador retorne na comunidade e dialogue com os sujeitos acerca da transposição do material coletado de forma oral para a versão escrita e juntos selecionem as informações que vão estar contidas no relatório final.

Além disso, a entrevista semi-estruturada foi um dos instrumentos de direcionamento da pesquisa que pauta certo foco para não ocorrer à dispersão do olhar. Mesmo entendendo que as entrevistas no escopo das metodologias de campo não guardam certa legitimidade, pois no fundo sabemos que os sujeitos respondem aquilo que queremos ouvir, não podemos negar este lugar reservado ao registro oral, pois podemos extrair a essência do discurso bem como aquilo que os sujeitos tencionam divulgar.

[...] apreender o ponto de vista dos nativos, seu relacionamento com a vida, *sua* visão de *seu* mundo. É nossa tarefa estudar o homem e devemos, portanto, estudar tudo aquilo que mais intimamente lhe diz respeito, ou seja, o domínio que a vida exerce sobre ele. Cada cultura possui seus próprios valores; as pessoas têm suas próprias ambições, seguem a seus próprios impulsos, desejam diferentes formas de felicidade. Em cada cultura encontramos instituições diferentes, nas quais o homem busca seu próprio interesse vital; costumes diferentes através dos quais ele satisfaz às suas aspirações; diferentes códigos de lei e moralidade que premiam suas virtudes ou punem seus defeitos. Estudar as instituições, costumes e códigos, ou estudar o comportamento e mentalidade do homem, sem atingir os desejos e sentimentos subjetivos pelos quais ele vive, e sem o intuito de compreender

o que é, para ele, a essência de sua felicidade, é, em minha opinião, perder a maior recompensa que se possa esperar do estudo do homem. (MALINOWISK, 1978: 33).

Estas foram às estratégias utilizadas na pesquisa de campo. A partir do capítulo 06 podemos visualizar de maneira bastante clara o teor e o resultado dessa investigação. Como a pesquisa nessa etapa está sujeita também a análise textual, o material produzido nas entrevistas bem como o diário de campo, foram transformados em texto, para se obter a classificação em categorias e para postergar a formulação do resultado no metatexto¹⁵⁶.

5.5. A Análise Textual: os timbres

A Análise Textual é a metodologia de análise sugerida por Moraes (2005) para a apreciação dos dados nessa etapa da investigação. E também foi o recurso mais acertado para a realização, tendo em vista que a primeira etapa da pesquisa está subordinada à hermenêutica reflexiva. Dessa forma se obtém um material coeso para o entrecruzamento das etapas, produzindo um produto consistente no alcance do resultado final.

Essa metodologia visa buscar no material coletado, seja ela de aparato oral ou escrita, uma instância da linguagem como ferramenta de investigação. Esta linguagem deve ser transformada em texto, pois merece um tratamento que esteja em consonância ao resultado que será apresentado, e este será também um texto.

Assim, “o processo analítico encaminha a construção de uma estrutura para um novo texto, capaz de sintetizar os principais elementos e dimensões que podem ser lidos nos textos submetidos à análise” (MORAES, 2005: 87). Sendo assim, a reflexão do Corpus¹⁵⁷ elencado através de categorias resultará na construção do Metatexto.

Entretanto, a análise textual dos dados, tenciona na implicação da identificação e separação dos enunciados que serão submetidos ao processo de categorização para o exercício da descrição e interpretação dos textos. Nessa medida, a construção do sistema de categoria é fundamental para a dinâmica de análise.

[...] podemos afirmar que a análise textual qualitativa é um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e

¹⁵⁶ Metodologia proposta por Roque Moraes no tocante da formulação dos dados a partir da interpretação e na construção de um texto reflexivo que exprime a essência do Corpus selecionado. (MORAES, 2005: 86).

¹⁵⁷ Denominação utilizada por Bardin (1977), para designar o conjunto de materiais submetidos à análise de conteúdo. (MORAES, 2005: 85).

interpreta-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos. (MORAES, 2005: 89).

Destarte, é possível denotar nas categorias os elementos que irão legitimar a aproximação da discussão ao redor do autoconhecimento como instância de Educação Ambiental, juntamente as relações que se estabelecem no âmbito da comunidade do Templo de Itajaí. A fim de, cruzar as informações, produzindo um fenômeno acústico que tenha uma só sintonia e que os sons possuam a mesma frequência.

5.5.1. As Categorias: percebendo as notas musicais

As categorias de acordo com a análise textual, são anteparos que norteiam a condução do olhar acerca dos fenômenos que são postos frente à pesquisa e ao pesquisador. Para isso, é fundamental estabelecer parâmetros para a visualização do produto que foi gerado através da transposição das falas (no caso das entrevistas) e das observações (no caso do diário) para a forma textual, em uma tentativa de antever os resultados finais da investigação.

A cosmovisão gerada a partir do material construído tem a finalidade de sedimentar o Corpus, denotando a importância e relevância das categorias elencadas. Destarte,

Da classificação das unidades de análise resultam as *categorias*. Cada categoria é um conjunto de unidades de análise que se organiza a partir de algum aspecto de semelhança que as aproxima. As categorias são constructos lingüísticos e como tal tendem a não ter limites precisos. Daí a importância de sua descrição cuidadosa [...] Em outras palavras, classes ou categorias são subconjuntos de um todo maior, caracterizando-se cada um deles por determinadas propriedades específicas. (MORAES, 2005: 91).

Nesse sentido, podemos organizar as categorias a partir de sua importância, a fim de estabelecer interconexões com o foco e o direcionamento da pesquisa. Conforme, a análise textual o processo de unitarização necessita estar em consonância com os objetivos e metas da verificação, pois emblema significado, sentido e coesão acerca do resultado esperado e/ou pretendido.

Esse processo de unitarização se dá a partir da visualização, ou seja, do estabelecimento pré-determinado de categorias *a priori*, uma vez que, salvaguardam o destino da caminhada. As categorias *a priori*, são aquelas que estão subordinadas a conceitos fundantes da pesquisa. Cabe ressaltar, que não estamos falando de averiguação de hipóteses

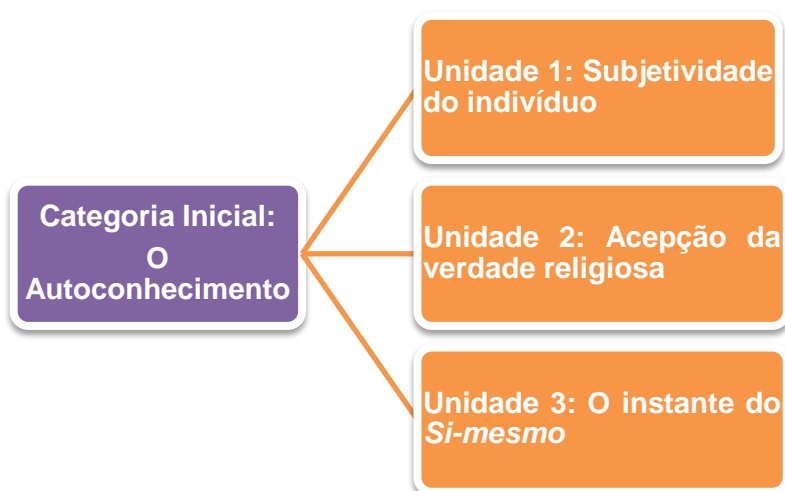
previamente dispostas, e sim de elementos de construção de uma narrativa que tenha como objetivo estabelecer diálogo com a questão de pesquisa.

Assim, por se tratar de especificidades ou minúcias, torna-se imprescindível coadunar a discussão já realizada ao redor da pesquisa que, no caso, é exatamente a discussão em torno da possibilidade do autoconhecimento como instância de Educação Ambiental, que já foi respaldada por Morin, Jung e Bachelard, na trajetória da pesquisa, para podermos construir o Corpus de investigação. A interpelação das categorias estabelecidas *a priori*, irá nos orientar para a compreensão sobre a realidade presencial do fenômeno junto à comunidade Hare Krishna do Templo de Itajaí.

Quando a opção é trabalhar com categorias *a priori*, o pesquisador deriva suas categorias de seus pressupostos teóricos, sejam eles explícitos ou implícitos. Nesse caso as categorias já estão definidas antes de se encaminhar a análise propriamente dita [...] a caracterização e a descrição de um sistema de categorias constituem um processo construtivo e reiterativo. Vão se aperfeiçoando ao longo da análise. (MORAES, 2005: 93-94).

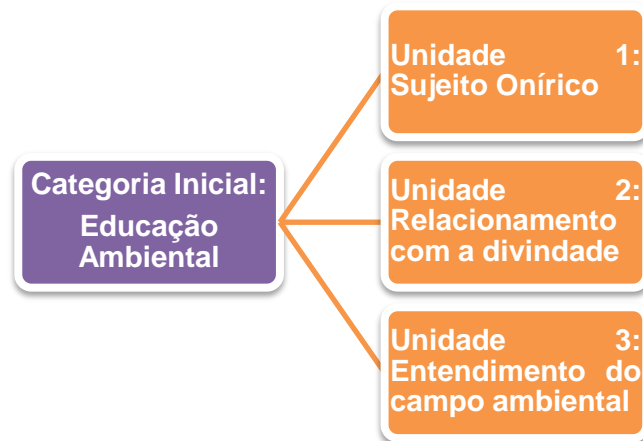
É importante agora, revelar as categorias que foram estabelecidas, a fim de divulgar a essência do Corpus de análise textual, como também verificar se o momento da teorização contempla as unidades que foram percebidas em campo. Portanto, vamos desvelar essas unidades para atingir a compreensão dos procedimentos metodológicos empregados.

Por se tratar de categorias *a priori*, estas já estão dispostas ao longo do trabalho, porém vale ressaltar as unidades que constituem o Corpus:

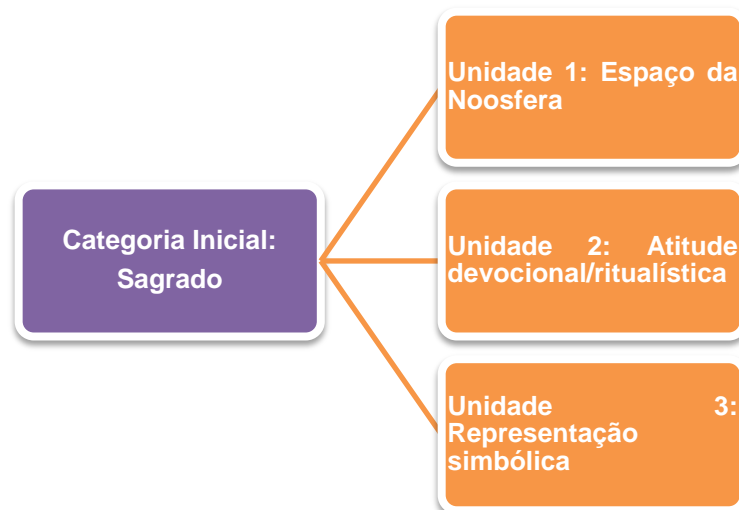


As unidades acima representam o caráter preliminar que orientou a pesquisa no tocante de constatar a filosofia Hare Krishna como sustentáculo do Autoconhecimento como

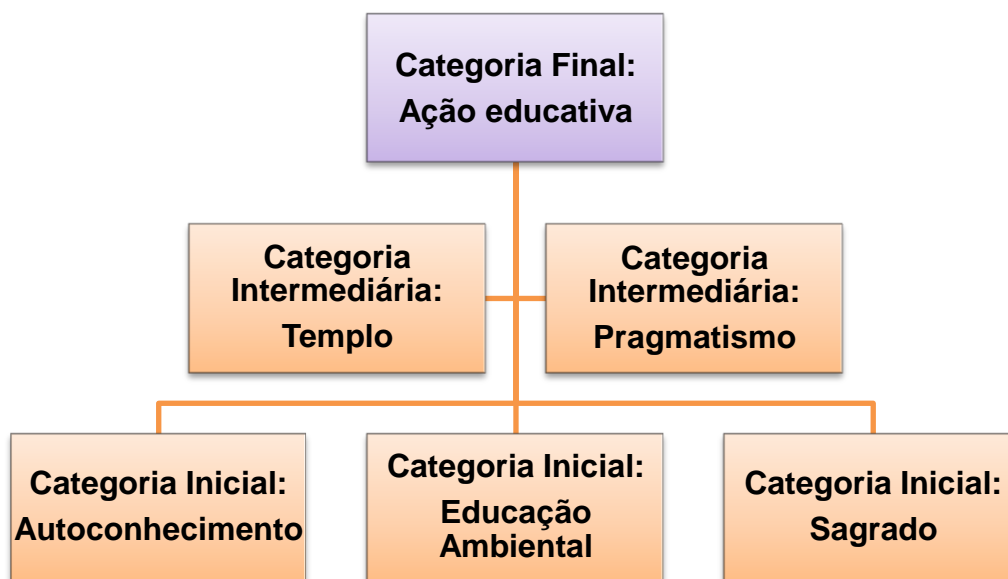
categoria de análise prévia da articulação teórica rumo à identificação da motivação dos sujeitos na comunidade.



Outra categoria inicial proposta se ateu já a respeito das identidades dos sujeitos e sua relação com aquilo que denominamos por Educação Ambiental. No sentido de aproximar a realidade da Bhakti-yoga às ações dos mesmos em favor dos princípios da Educação Ambiental, ou seja, verificar a problemática de pesquisa e seus desdobramentos.



A última categoria inicial se detém a perceber a ligação direta aos fundamentos filosóficos da doutrina Hare Krishna como potência reguladora/orientadora/imposta para a vida do sujeito no momento em que assimila os preceitos dogmáticos como verdade e direciona sua visão/relação de/com mundo em detrimento da confiança estabelecida com a filosofia, um acordo com o anseio de esteio e veracidade.



As categorias intermediárias exprimem a veemência potencializadora das análises iniciais, ou seja, os estratos resultantes dos discursos que emergiram a partir do processo de internalização da verdade religiosa, como também do horizonte físico da devoção desse processo de internalização como potência de endossamento da condensação da fé nomeada.

O Pragmatismo neste contexto remete a idéia de fidelidade/confidencialidade em direção a doutrina Hare Krishna e seus pressupostos dogmáticos, no sentido de ser *Uno* no sentido sacramental e *Múltiplo* na relação indivíduo/divindade. O Templo entra como *ambiente* que possibilita o relacionamento e o reforço da manutenção da filosofia Hare Krishna como axioma legítimo de envolvimento com o mundo.

A categoria final é a constatação das ações guiadas pela verdade assumida, que se desdobra através do compromisso das transformações dessas ações em favor da produção de vida, isto é, da alteração/transposição dos antigos hábitos em outros hábitos, os quais favoreçam a identificação da Educação Ambiental nas dadas ações, e, indubitavelmente, na contribuição do exercício da alteridade e seus desdobramentos em relação à manutenção/cuidado com a representação de mundo/cosmo/humanidade/natureza.

A ação educativa está relacionada ao cerne da pesquisa, pois abarca a trindade psicofera/sociosfera/noosfera¹⁵⁸, proposta por Morin, tendo a finalidade de dialogar acerca da

¹⁵⁸ A Psicofera é a esfera dos espíritos/cérebros individuais. É a fonte das representações, do imaginário, do sonho, do pensamento. Os espíritos/cérebros dão consistência a realidade às suas representações, mitos, crenças. Elaboram a substância espiritual que formará os 'seres de espírito'. Mas a concretização dos mitos, dos deuses, das idéias, das doutrinas, só é possível na e através da sociosfera: a cultura é produzida pelas interações entre espíritos-cérebros, contém a linguagem, o saber, as regras lógicas e paradigmáticas que permitirão aos mitos, deuses, idéias, doutrinas, atingirem realmente o ser. Esses por sua vez formados sugam substância, organização, vida, na psicofera e na sociosfera. [...] O espírito/cérebro e a cultura condicionam, eco-organizam, limitam,

Natureza (biosfera) e do Cosmo. “*Não é apenas o indivíduo e a sociedade que realizam transações com o mundo; a própria noosfera está aberta ao mundo e ao diálogo com ele.*” (2005: 151).

[...] o educador ambiental seria um intérprete dos nexos que produzem os diferentes sentidos do *ambiental* em nossa sociedade. Ou, ainda, em outras palavras, *um intérprete das interpretações* socialmente construídas. Desse modo a EA, como prática interpretativa que desvela e produz sentidos, contribui para a constituição do horizonte compreensivo das relações sociedade-natureza e para a invenção de um sujeito ecológico [...]. (CARVALHO, 2002: 34).

A ação educativa, aqui, é produto da Educação Ambiental que tem por finalidade interpretar as interações do sujeito ecológico em função de perceber sua leitura de mundo e seu relacionamento com este. Criando interfaces ao sujeito onírico/ecológico na produção de sons que corroborem para a pesquisa.

Nessa medida, o sujeito do autoconhecimento Hare Krishna (ego) encontra-se para o *si-mesmo* como movido àquele que o move, ou como objeto ao sujeito, porque os fatores determinantes que irradiam do *si-mesmo* envolvem o “ego” e são, portanto, superiores a ele. Segundo Jung, “*Não sou eu que me crio. Ao contrário, eu aconteço para mim mesmo*” (1964: 45).

O *Si-mesmo* é arquitetado como um estrato privilegiado na personalidade responsável em "criar", "manter unido" e "indivduar" todas as instâncias contraditórias, ou seja, os complexos, objetos-parciais, experiências emocionais, etc. O *Si-mesmo* simboliza a "totalidade" da psique assim como o estrato responsável por sua auto-regulação. Este conceito do "*si-mesmo*" encontra-se em algum lugar entre a noção de sujeito e a noção de discurso. Contudo, o "*Si-mesmo*" não é o "sujeito", ainda que, ao mesmo tempo, além disso, carregando muitas das inclinações daquele "sujeito": um status privilegiado, uma convergência totalizante, um sentido do unitário, uma identidade singular e assim por diante.

Dessa maneira a ação educativa reúne, em realidade, as mediações dos sujeitos de pesquisa em direção as categorias de análise pretendidas, uma vez que representa o teor do autoconhecimento como fundamento de Educação Ambiental. Está assim revelado o Corpus textual para a sedimentação da proposta. Minha intenção foi criar essa aura, um tanto quanto diretiva para alçarmos nos sujeitos suas contribuições para o fenômeno do autoconhecimento como princípio Criador/preservador/transformador das ações humanas frente ao mundo.

libertam a noosfera, a qual condiciona, eco-organiza, limita, liberta o espírito/cérebro e a cultura. (MORIN, 2005: 149-150).

Agora, fica claro perceber a produção de vida na formulação do *Metatexto* e dela acolherem as notas musicais escolhidas para cantar a melodia oriental juntamente com a Educação Ambiental.



Templo Hare Krishna de Itajaí/SC. – Figura 09 -

Capítulo 6: Os Sons da Comunidade do Vale do Itajaí

“A lei natural é que o ser humano pode aproveitar as dádivas divinas da natureza e com elas prosperar satisfatoriamente, sem ser cativado pela motivação predatória assenhorando-se da natureza”.

Bhaktivedanta Swami Prabhupada

6. Os Sons da Comunidade de Itajaí

6.1. A Filosofia Hare Krishna

Antes de ser uma doutrina com cunho religioso, o movimento Hare Krishna é uma filosofia de vida. Exerce, a partir da prática do autoconhecimento, uma sintonia entre o eu e o cosmos. Essa vinculação se dá porque, além de possuir uma verdade religiosa como esteio e sustentáculo para o manejo da vida, a filosofia Hare Krishna propõe uma reflexão das ações humanas perante a vida.

Dessa maneira, percebe-se uma circularidade cósmica que prima pela idéia de Deus estar presente no ser (imanência). Portanto, consolida-se um ideal fraternal, consigo mesmo, com o outro, com a sociedade, com o ambiente e com o sagrado. Esses são os expoentes fundamentais para a compreensão do autoconhecimento Hare Krishna.

O sujeito que se entrega a essa filosofia denomina-se Vaishnava¹⁵⁹, entretanto, as expressões mais populares se atêm a hare ou devotos de Krishna. A busca de algo que ampare

¹⁵⁹ Fiel, crente da Bhakti de Krishna, usualmente este Termo é usado na Índia e se difundiu no ocidente com Gandhi e Swami Prabhupada. A Tradição Vaishnava é caracterizada pelo uso de imagens, também chamadas murtis ou deidades, para a adoração, seja no templo ou privadamente. Essas formas de diferentes aspectos da Divindade, como Krishna, Rama, Vishnu, Nrsimha, etc., são detalhadamente descritos nas Escrituras. Adorar a Deus através de imagens é, muitas vezes, tido como idolatria. Contudo, a diferença entre a idolatria e a adoração das deidades é que, no primeiro caso, concebe-se uma forma e ritual para se adorar a um Deus imaginário, enquanto que no segundo caso, segue-se estritamente o procedimento estabelecido nas Escrituras para esse fim, procedimentos esses incrivelmente elaborados, exigindo muitos cuidados e um especial estado de consciência para lidar com os objetos de adoração. A idéia subjacente dessa forma de adoração é que Deus está presente naquela forma particular. Ele é Onipresente. Estando presente em todo lugar, Ele, certamente, está presente na deidade, principalmente, sendo considerado o fato de que essa imagem está sendo cuidada e venerada com consciência espiritual. Deus é invisível aos nossos olhos, mas, por sua misericórdia, torna-se acessível para aceitar nossa adoração dentro deste mundo. Devido ao ritual regulado e constante e a atitude devocional, tanto dos sacerdotes quanto dos devotos em geral, a deidade torna-se um foco de energia espiritual poderosíssima, bálsamo capaz de aliviar nossos sofrimentos. Doutrina Vaishnava, popularmente conhecida como movimento Hare Krishna. (ACHARYADEVA, 1984: 26).

o ser humano em direção à idéia de Deus, presente no próprio ser, e a partir daí as transformações das ações frente a seu próprio modo de agir, configuram as manifestações do autoconhecimento como agente encadeador, ao menos para os fiéis, em um indicador que visa a harmonia planetária.

Esses indicadores, portanto, estão relacionados à visualização de vida vaishnava, que prima pelo lacto-vegetarianismo, pela atitude devocional, pelo amor ao outro e pela não agressão à natureza.

O conhecimento Vaishnava aceita que “tudo provém de Deus.” Não existe uma dicotomia original de Bem e Mal, ou Deus e Satanás. Essas dualidades estão presentes no estado de existência em que ora vivemos. Em geral, o aspecto negativo da realidade é a ausência da contraparte positiva, assim como, por exemplo, o fenômeno “escuridão” se dá quando a luz é bloqueada ou está inativa. O sofrimento, tido muitas vezes como uma imperfeição na criação de Deus, tem, com certeza, seu papel no teatro da vida e, muitas vezes, é aquilo que purifica, que nos faz ver a realidade e nos traz conhecimento e realizações mais profundas. (PRABHUPADA, 1985: 40).

A filosofia Hare Krishna se apóia na Bhagavad Gita, nas Upanishads e nos Vedas para direcionar seu pensamento em contribuição a sua forma de perceber o mundo. Entretanto, não estão isolados no mundo em suas práticas devocionais: os devotos interagem com a comunidade que os rodeia, em uma tentativa de oportunizar esse conhecimento partilhando suas visões referentes à vida. Antes de mais nada, é necessário grifar que esse movimento não é um movimento impositivo – como já disse anteriormente, antes de ser uma religião é uma filosofia de vida – pois, agrega, em sua filosofia, todas as pessoas, sem distinções étnicas, de gênero, sociais ou religiosas.

No entanto, existem distinções consideráveis entre a filosofia de vida e a incorporação desta como doutrina religiosa. A filosofia de vida tem o objetivo de mostrar, através do autoconhecimento, uma alternativa de se pensar no mundo e com o mundo, um momento de reflexões acerca das ações humanas frente ao planeta. Enquanto religião, também participa dessa premissa, porém existem princípios⁸¹ do alcance dessas verdades, encaradas como dogmas, que não cabem aqui questionar.

⁸¹ Os quatros princípios regulativos básicos são:

- ♦ Não comer carne, peixe e ovos - quer dizer, estrito vegetarianismo. Este princípio baseia-se na misericórdia para com os demais seres vivos e no conceito de *Ahimsa*, não violência. Não devemos cometer violência desnecessária. Uma grande carga de violência deste mundo pode ser evitada ao adotarmos uma dieta vegetariana, que, além do mais é muito mais saudável e natural.
- ♦ Não intoxicar-se - princípio de austeridade. A pessoa que busca a auto-realização não deve usar substâncias que provocam alteração no estado de consciência. Não deve fugir à realidade e deve, com paciência e determinação, trabalhar sua consciência no sentido de purificação e expansão.

A minha investigação se ateve ao plano da filosofia, mesmo sabendo que as duas instâncias, filosofia e religião, se entrecruzam. Portanto, focarei o instante do ser sonhador que busca através do autoconhecimento e da percepção do si-mesmo, um novo olhar da sociedade e da sua função no entorno ambiental. É claro, por vezes, a necessidade de apropriação da religião para conotar as relações que pretendo realizar. Todavia, o intuito não é doutrinar, afirmando essa verdade como máxima e solucionadora dos ‘problemas’ na terra, e sim, revelar a essência da sua relação com o cosmos e indicando na medida do possível, uma alternativa aos ‘problemas’ que se apresentam na Terra.

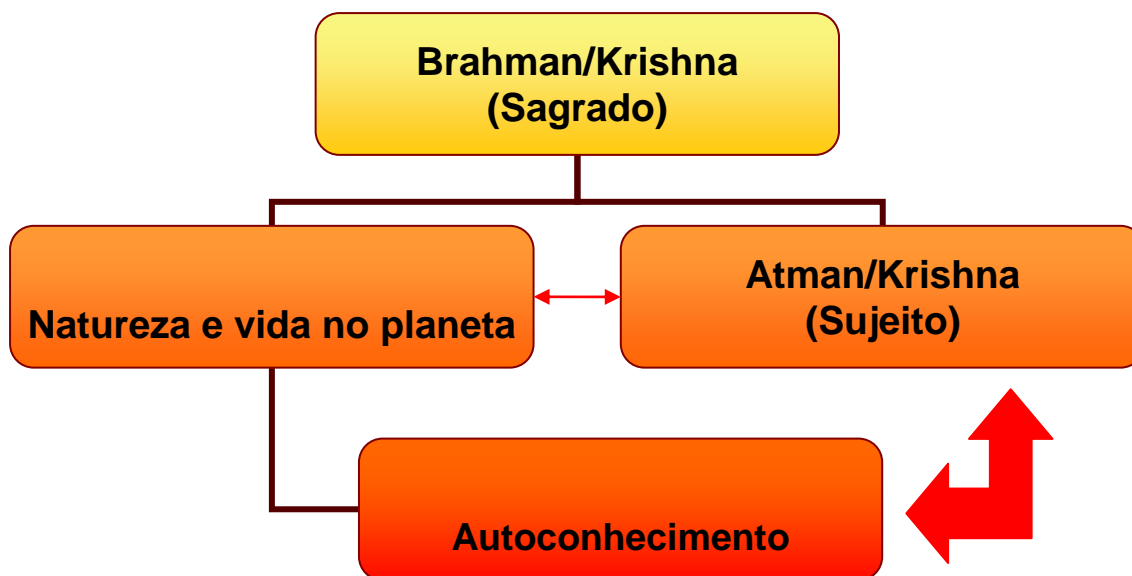
Nesse sentido, a experiência no Templo de Itajaí proporcionou-me perceber mais de perto como se efetiva essa relação com o sagrado, contribuindo para uma construção acerca do autoconhecimento como prática de Educação Ambiental. A minha vivência na comunidade esclareceu-me a compreensão de como se estabelecem essas relações entre filosofia e religião, além de verificar da relação com a divindade, que é interna e externa ao ser. Foi nessa direção que comecei a entender os sons graves e os agudos dessa filosofia impressa em mantras.

6.1.1. A relação com a natureza

O envolvimento com a natureza no movimento Hare, parte da cultura Védica que, prima por uma consciência ecológica em tempos imemoriais. Se Brahman é tudo, Krishna também o será, uma vez que estes também são os seres humanos. Somos o nada e o tudo também; logo, devemos cuidar da natureza e da qualidade de vida no planeta. Esta é a relação Hare Krishna a respeito da natureza.

[...] a criação das formas deste mundo, desde os seres vivos unicelulares, reino vegetal, reino animal, seres humanos e culminando nas hierarquias celestiais. Essas são as entidades com vida. Paralelamente, existem as formas insensíveis, desde o grão de areia às galáxias. O responsável por essa fase da criação é a entidade conhecida por Brahman (Krishna), representada por Brahma, que junto com Vishnu e Shiva, formam a trindade responsável pela criação, manutenção e aniquilação da manifestação cósmica. (PRABHUPADA, 1980: 21).

-
- ♦ Não praticar jogos de azar - princípio da veracidade. As expectativas de ganho fácil nos jogos provocam agitação na mente e abre espaço para o caráter dúbio.
 - ♦ Sexo destinado à procriação - princípio de limpeza. A função natural do sexo é a procriação. O fato de o sexo produzir prazer sensual não deve ser o sinal verde para explorá-lo irrestritamente. (PRABHUPADA, 1980: 109).



Nesse sentido, reporto-me a Bachelard a respeito da casa onírica, a casa dos sonhos. O ser que aspira a esse ideal, acerca da filosofia, tem um impulso, um sonho. A partir da sua tomada de consciência, tecida junto ao processo de autoconhecimento, este mesmo ser almeja algo a alcançar, um sonho a concretizar. Não estou querendo desprezar o fundo religioso que permeia essa relação, pois o meu objetivo é ilustrar a motivação que faz com que o ser humano assuma uma outra postura em relação à vida atrelada à fé.

O movimento Hare Krishna vem contribuindo, filosófica e culturalmente, na construção de um mundo mais justo e saudável, educando seus membros e a sociedade em geral para que assumam um compromisso mais sério com a preservação do ambiente; assim demonstrado, na prática, através de comunidades alternativas, uma vida em plena harmonia com a natureza.

Em todo o mundo existem bases de ISKCON⁸² que se preocupam na organização comunal junto à natureza possibilitando uma vida saudável. No Brasil, posso destacar a fazenda Hare Krishna – Nova Gokula – no interior de São Paulo, que produz energia elétrica,

⁸² Sociedade Internacional da Consciência de Krishna – Movimento organizado em fazendas eco-sustentáveis espalhadas pelo mundo todo. É uma associação de devotos de Krishna que são praticantes da bhakti-yoga, a ciência milenar do serviço devocional ao Senhor Supremo. Inserido na intemporal tradição religiosa dos *Vedas* (antigos textos sânscritos que abrangem todos os campos de conhecimento humano) e cultivando a devoção a Vishnu, ou Krishna, o Movimento Hare Krishna tem se espalhado em praticamente todos os países e principais cidades do mundo e, com seus milhões de seguidores na Índia e no Ocidente, representa o tronco principal do complexo filosófico denominado hinduísmo. A presença dos devotos de Krishna com seus trajes devocionais e suas alegres músicas e danças já fazem parte dia-a-dia de qualquer cidade ocidental moderna. (SILVEIRA, 2000: 78).

possui uma fábrica de farinha integral própria com o cultivo orgânico, não causando impacto no ambiente.

A respeito de Itajaí, trata-se de um Templo urbano, portanto, sem essa estrutura de fazenda. Porém, projeta, juntamente com as outras ISKCON de Santa Catarina, estabelecer esse tipo habitacional.

Entendo que a relação com a natureza, na Comunidade do Templo de Itajaí se verifica, nos seus conceitos, no compromisso com a causa ecológica e na sua postura frente aos problemas que assolam o planeta. Além disso, percebo que o autoconhecimento desperta também para um novo olhar sobre o mundo, onde o sujeito se autoconheça e também preste atenção no mundo que o envolve, incorporando-o como uno, ao passo que também é múltiplo, assim como Krishna.

6.2. A Comunidade do Templo do Vale do Itajaí

Itajaí é uma cidade litorânea que se localiza a leste do estado de Santa Catarina. O Templo Hare Krishna, em Itajaí, situa-se, na Rua Antônio Rocha de Andrade, nº. 179, Bairro Fazenda. O movimento Hare Krishna já está instalado na cidade há seis anos em sua configuração atual de Templo. Desse universo também, participa o Templo de Blumenau (Rua Amazonas, nº. 982, Bairro Garcia /SC), tendo em vista que os devotos que organizam as festividades estão ligados às duas instituições, desenvolvendo as mesmas atividades. A distância de Blumenau à Itajaí é de 25 minutos, aproximadamente. Por isso, a simbiose entre os dois Templos. Entretanto, também é constatada a presença de devotos da Cidade de Navegantes e do Balneário Camboriú, que também compartilham das atividades de ambos os Templos.

Os sujeitos da pesquisa, mais precisamente, os que contribuiram junto à prática da entrevista semi-estruturada serão reconhecidos por seus pseudônimos, a fim de preservar as suas identidades no percurso da investigação. O foco de análise deu-se a partir da categoria Templo como instância/universo da bhakti-yoga, bem como da sua representação à atmosfera do autoconhecimento.

Dessa forma, o Templo de Itajaí é a delimitação espacial para a pesquisa. Porém, a seguir, irei discorrer acerca da sua movimentação.

A população do Templo é bastante sazonal, ou seja, ora moram no Templo ora não. Abriga, também, diversos devotos e não-devotos de todo mundo, como uma espécie de casa-de-passagem, assim se tornando difícil constatar uma população fixa nesse espaço.

Outro fator importante diz respeito à estrutura das unidades que compreendem as ISKCON (Templos). Como já foi dito, a Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (ISKCON) foi fundada em 1966 por Srila Prabhupada. Ele é o seu fundador.

Prabhupada faleceu em 1977. Ele não instituiu um sucessor. Para dirigir a Sociedade, Prabhupada formou um Corpo Governamental (GBC). Como a Sociedade está presente em muitos países, cada área geográfica tem um ou, em certos casos, mais de um, representante do GBC. Os membros do GBC certificam se as coisas seguem fiéis aos seus fundamentos, sem desvios, e, por serem devotos experientes, dão assessoria e aconselhamento.

A administração em si é descentralizada. Não existe uma sede administrativa nacional nem mundial. Cada projeto desenvolve-se com o potencial local. Aparentemente, tal fato pode dar a impressão de certa fragilidade institucional, mas é a forma de cada projeto adquirir sua própria identidade e crescer em proporção a sua maturidade.

Os projetos da ISKCON são, basicamente, de dois tipos: primeiro, os Templos e Centros culturais urbanos e, segundo, as comunidades rurais. Existem dois tipos de devotos: os monges dedicados exclusivamente à Instituição, vivendo em comunidades e a congregação, que frequenta o Templo e oferece algum serviço voluntário. Os devotos recebem uma primeira iniciação quando, já familiarizados com a doutrina, estão aptos a seguir os votos sob a guia de um mestre espiritual. A segunda iniciação se dá quando existe mais amadurecimento e o devoto está qualificado para funções sacerdotais. Tanto internos quanto externos, homem ou mulher, casado ou solteiro, qualquer um pode receber a iniciação.

Uma terceira iniciação, de grau mais elevado, é uma prerrogativa para aqueles que estão livres do envolvimento familiar, seja por opção pessoal ou por idade. A qualificação é ter atingido a maestria no processo e total absorção na causa. Esta é a ordem renunciada ou *Sannyasi*. Um outro tipo de liderança é a liderança espiritual. Um devoto maduro e comprovadamente experiente em conhecimento das escrituras e no processo devocional é indicado para servir a sociedade como *guru* ou mestre espiritual. Sua função é liderar espiritualmente a congregação dos devotos e dar abrigo espiritual, orientação e iniciação aos neófitos. O mestre espiritual pode ser da ordem de vida renunciada ou mesmo chefe de família.

Em Itajaí, verifiquei essa mesma organização no que diz respeito aos devotos que escolheram o Templo como morada, às famílias que aderiram à filosofia, como também dos simpatizantes ao movimento. Itajaí é um Templo urbano, tendo em vista que sua sede não é própria e, pois, buscam, junto aos devotos de Blumenau, Camboriú e Navegantes um projeto rural eco-sustentável futuramente.

Retomando a questão dos entrevistados, foram selecionados três (03) para a realização dessa etapa, todos residentes do Templo de Itajaí, do sexo masculino e Brahmacharyas⁸³. A escolha se deu pelo fato de a minha permanência no Templo ter sido respaldada pela presença de uma espécie de “tutor”, os quais me auxiliavam a compreender a dinâmica das ações e, de certa forma, ficavam a disposição no tocante às minhas dúvidas acerca dos hábitos, costumes, linguagem e processos rituais. Por esse fato, aproveitando a proximidade e disponibilidade desses sujeitos, realizei com os mesmos as entrevistas.

Na pesquisa, os sujeitos serão chamados pelos seguintes nomes: *ANANDA*⁸⁴, *BODHISATTVA*⁸⁵ e *JIVANMUKTA*⁸⁶. Essas associações se dão pelo fato de na pesquisa o número três (03) ser uma constante: três autores, a Trimurti, três pareceres. E, também, por revelarem um pouco da essência, no meu entendimento, dos referidos sujeitos.

6.2.1. A configuração do cenário

O Templo⁸⁷ Hare Krishna é um cenário do sagrado, pois emblema o espaço/ambiente para a interconexão com a divindade e, acima de tudo, com a prática do autoneger. Nesse lugar ocorrem as práticas ritualísticas, os festivais transcendentais de domingo, os estudos sobre a Bhagavad Gita, Srimad Bhagavatam e a vida de Srila Prabhupada e, também, serve de morada aos devotos e abrigo aos viajantes.

Nesse sentido, pude perceber que a sacralização do espaço/templo é verificada no interior dos sujeitos, porque não serve somente de morada do “senhor absoluto”, mas como

⁸³ Prática de celibato; pureza por pensamentos, palavras e ações. (PRABHUPADA, 1980: 66).

⁸⁴ Significa Bem-aventurança; felicidade, alegria. (PRABHUPADA: 1980: 66).

⁸⁵ Um ser que, tendo desenvolvido o despertar da mente (uma mente inspirada com a aspiração de obter o estado de iluminação búdica); devotar a sua vida para o serviço de alcançar o estado búdico pela segurança de todos os seres conscientes. (PRABHUPADA, 1980: 67).

⁸⁶ Aquele que conseguir liberar-se nesta vida. Provém de *Jñana*: Conhecimento; sabedoria. (PRABHUPADA, 1980: 71).

⁸⁷ O território indiano é repleto de Templos antigos e lugares sagrados de peregrinação. Todos possuem uma tradição milenar. Por séculos e séculos milhões de pessoas visitam esses lugares e procuram sintonizarem com a energia espiritual que deles emana. Aliás, pode-se afirmar que os mais secretos mistérios do planeta estão encerrados nas quatro paredes de muitos Templos da Índia. Lá aconteceram inúmeros de milagres e manifestações supranaturais. Consideremos, por exemplo, um Templo existente há milhares de anos, e ao longo de todo esse tempo, um minucioso ritual vem acontecendo sistematicamente dia após dia. Qualquer pessoa pode sentir a sacralização do local. A energia espiritual fica presente de forma tangível. Com respeito ao “Movimento Hare Krishna”, são os seguintes os locais mais sagrados na Índia:

- ♦ Vrindavana: Local onde Krishna viveu sua infância e adolescência. Situa-se a cento e cinquenta quilômetros ao sul da capital Nova Delhi.
- ♦ Mayapur: Local de aparecimento de Sri Caitanya Mahaprabhu. Situa-se a mais ou menos duzentos quilômetros ao norte de Calcutá, Bengala Ocidental.

Em Itajaí, é chamado de Seconskvalli Prabhupada’s Seva Mandir: Sociedade Espiritual para a Consciência de Krishna do Vale do Itajaí. (GUERRIERO, 1979: 30).

representação da divindade no interior dos sujeitos. Nessa medida, observei que a estrutura física do Templo significa a própria “alma do sujeito” porque este qualifica ao Templo, a significação de sua ação devocional, internalizando o ambiente físico como si-próprio. E essa internalização não é dada de forma individual, (pois seria egoísmo pensar assim), mas de forma coletiva, porque este lugar é coletivo e, sendo assim território comum a todos que creditam nele um simbolismo. Reconheço essa mesma associação na relação com o ambiente/natureza.

A representação simbólica do Templo ressignifica as ações dos sujeitos no tocante ao auferir a esses as suas práticas de austeridade, solidariedade, rendição e devoção. É o lugar das ações coletivas, da meditação, da reverência e do aprendizado. A Bhakti-yoga entra em cena costurando todas essas relações e impulsionando ao autoconhecimento.

No templo Hare Krishna, a primeira cerimônia começa bem cedo, às quatro e trinta da madrugada. A idéia é que, ao acordar, toma-se logo um banho e, imediatamente, como sendo a primeira coisa de cada dia do devoto, ele recebe o Senhor no Templo. Essa cerimônia, que irá também acontecer em certas horas ao longo do dia, chama-se *Arati*. Oferecemos, no altar, preparações comestíveis especificamente elaboradas para as diferentes horas do dia e, também, outros artigos como incenso, flores com perfume, lamparina e outros. Cada *Arati* tem seu canto específico e deve acontecer em horários estabelecidos.⁸⁸

O processo cerimonial é uma constante, pois no Templo existe uma série de rituais sagrados que devem ser seguidos. Os Hare Krishna são guiados por um calendário Lunar, que tem por meta observar certos aspectos da Consciência de Krishna que fogem às características normalmente vistas em certas religiões. Isto porque a Consciência de Krishna, além do aspecto religioso, propõe-se em oferecer um processo de auto-aperfeiçoamento ou, como é dito também, auto-realização.

A palavra em sânscrito que denota isso é *yoga*. Existem, nas tradições filosófico-religiosas da Índia, diferentes processos de *yoga*. A *yoga* da Consciência de Krishna chama-se bhakti-yoga, como já foi mencionado anteriormente, ou *yoga* da devoção, que consiste no processo de arrebatar o foco de consciência do envolvimento material e mundano e transferi-lo a uma dimensão espiritual. Em outras palavras, consiste em trabalhar a energia de amor, que todos possuem no coração, mas, normalmente, está enfocada nas coisas e relações materiais, e canalizá-la e enfocá-la em Deus.

⁸⁸ Bodhisattva.

Na iniciação, o devoto faz votos de seguir certos princípios que irão nortear sua vida espiritual daí para frente. Uma observação quanto a isso é que esses princípios não devem ser considerados como meras “proibições.” Esses princípios⁸⁹ estão diretamente relacionados com a prática da *bhakti-yoga*, e visam a possibilitar a elevação da consciência individual até ao estado de “consciência de Krishna” ou consciência de Deus. É, portanto, uma prática de autoconhecimento, e o devoto que aspira autorealizar-se assume esses votos consciente e voluntariamente.

Um outro voto que o sujeito faz na iniciação é determinar-se em praticar o processo de meditação, *Japa*, diariamente. Essa meditação prescreve a repetição, em voz baixa, do *Maha-Mantra* Hare Krishna. Durante essa meditação, manuseia-se um rosário de 108 contas, conta por conta, pelo menos 16 vezes, o que representa 1728 repetições do *mantra*. Essa prática deve ser feita bem cedo, antes de o sol nascer, e dura aproximadamente uma hora e meia. Por isso, que os devotos de Krishna começam seu dia as quatro e trinta (04h30min) da madrugada.

O ritual é uma maneira formal e externa de oferecer nossa devoção a Deus. Ele não é um fim em si, mas um instrumento a nosso dispor para elevarmos nossa consciência material, normalmente aferrada nas atividades mundanas do dia-a-dia, à consciência de Deus. A idéia da oferenda é que o devoto aproxima-se de Deus não somente para pedir e pedir, mas para oferecer seu amor. Deus não precisa de nada, mas temos que demonstrar nosso amor a Ele, aproximando-se d’Ele com uma atitude adequada. Quando o amor a Deus já é parte da natureza do devoto, o ritual é, inclusive, dispensável. Sua vida, na totalidade, já é um oferecimento de amor a Deus⁹⁰.

O Templo de Itajaí está disposto em: *Altar*: onde se realizam as cerimônias de adoração/reflexão, festividades, estudos e palestras e onde se localiza o “Altar” com as deidades. *Quartos*: onde fica a parte habitacional dessa estrutura, os quartos são separados para homens e mulheres e são chamados de quarto dos “*Prabhus*⁹¹” (Homens) e o quarto das “*Matajis*⁹²” (mulheres). Mesmo os casais quando permanecem no Templo ficam em quartos separados, as crianças ficam nos quarto de Mataji. Em templos rurais ou fazendas os casais moram em *Ashramas*, ou seja, habitações familiares. Os banheiros também são divididos para Prabhus e Matajis. E também existe a presença de duas *cozinhas*: uma para a preparação da

⁸⁹ Vide nota 81.

⁹⁰ Ananda.

⁹¹ Prabhu: mestre; ser consciente; forma de direcionar-se a uma pessoa do sexo masculino. Na forma carinhosa “Prabhuji”. (PRABHUPADA, 1980: 73).

⁹² Devota mulher.

*Prasadam*⁹³ e a outra para purificação dos alimentos e impurezas, isto é, para a lavagem dos legumes que chegam ao Templo bem como para limpar a louça e utensílios sujos.

A preparação da *Prasadam* é um momento de completa devoção e austeridade. Devoção no sentido de compreender a essência da alimentação como forma de receber Krishna, ou melhor, suas bênçãos dentro de si e austeridade por tratar-se de um momento de realização de alimentos para si e para o próximo. Esse ponto será melhor elucidado no item 6.4.1. A autorealização em prestar homenagens e serviço para o outro é um ato de reverência à vida e à divindade: essa é, na verdade, a representação do Templo. *“Ofereço minhas respeitadas reverências a todos os devotos vaishnavas do Senhor. Eles são exatamente como árvores-dos-desejos, que podem satisfazer os anseios de todo o mundo, e são cheios de compaixão pelas almas condicionadas”*. (JIVANMUKTA).

Vamos, a partir de agora conhecer as personagens que transitam nesse espaço, para assim perceber seus meios de alcançar o sagrado dentro de si-mesmas e suas ações de Educação Ambiental.

6.2.2. As Personagens

Os devotos de Krishna que permeiam no cenário do Templo de Itajaí são formados parte pela população local e arredores e outra parte por migrantes de outros estados e estrangeiros. Assim, percebo um hibridismo cultural, tanto em relação à filosofia que provém do oriente, quanto das subjetividades de cada indivíduo, os quais carregam traços culturais de onde se constituíram originalmente. Em Itajaí, no Templo, os devotos falam os idiomas português e o espanhol, somados as expressões em sânscrito⁹⁴ em função da religião e, ainda, se verifica os diversos sotaques que se propagam entre as suas paredes.

O estilo de vida de um devoto deve confirmar o princípio de ‘vida simples, pensamento elevado’. Existem muitas regras e regulações orientando o estilo de vida do devoto, porém o propósito é o ajudar a ‘Sempre lembrar de Krishna e nunca se esquecer de Krishna’⁹⁵.

Nesse sentido, os devotos se entregam aos princípios da doutrina, buscando uma vida de austeridades e de amor à Krishna, em um movimento cósmico entre ser/divindade/existência, ou seja, muito próximo ao ideal Sat-Chit-Ananda.

⁹³Ou *Prashada*: alimento que foi oferecido a Deus.

⁹⁴ Idioma arcaico da antiga Índia e Ásia Menor. (MAIA, 1997: 1046).

⁹⁵ Ananda.

Vivem, no Templo de Itajaí, quatro pessoas fixas, até o momento. O mestre espiritual (Guru), dois Brahmacharyas e uma Mataji. Entretanto, cabe lembrar, que o Templo também funciona como casa de passagem para devotos e viajantes, bem como, a qualquer pessoa que solicite abrigo.

Na verdade o Templo de Itajaí se decodifica em uma rede conjunta ao Templo de Blumenau, Balneário Camboriú e Navegantes. A estrutura Templo serve apenas para representar um lugar onde se estabeleça residência de devotos que ambicionam uma rotina mais próxima e intensa com a filosofia.

Não existe uma centralização das ações ou do poder, pois as redes de ISKCON são participativas em todo mundo. Não existe uma hierarquia no comando das ações. Na realidade, tem-se a figura do mestre espiritual (Guru), que tem a função de passar os ensinamentos aos outros devotos. O interessante é que não existe a idéia de sucessão ou a relação superação e superado, todos podem ser gurus no mesmo Templo, o tempo de preparação é o delimitador, porém também não é pré-determinante, por exemplo: um sujeito pode morar um ano no templo e ser um Prabhu (que também quer dizer Guru), por outro lado, poderá morar vinte anos e não o ser.

O autoconhecimento, através da Bhakti-yoga é que qualifica, por si só, esses estágios. Não é o mestre que elege o sujeito a Prabhu, ele apenas insinua, permitindo ao próprio sujeito que perceba o momento de se tornar guru.

Observei em Itajaí, como partilha também das redes de ISKCON no mundo todo, que em relação aos devotos, não há uma necessidade de serem, originariamente, do local onde o Templo se estabelece. Alguns devotos são chamados de *Swamis*, que não se fixam em lugar algum, vivem em total desapego material, praticando o serviço devocional e divulgando a filosofia pelo mundo.

Entretanto, existem as famílias que seguem a filosofia, mas que não vivem no Templo, seguem uma vida tradicional, com trabalho, escola e etc. Também há os devotos que não moram no Templo, se aproximam das famílias, exercem atividades extras e não precisam necessariamente ir ao Templo para realizar ações, pois se Krishna está dentro do sujeito, isso é o bastante.

Assim, amiúde, fui realizando as entrevistas semi-estruturadas com os três sujeitos, a fim de nortear alguns pontos da pesquisa, mais precisamente do envolvimento do autoconhecimento à Educação Ambiental. Portanto, vou direcionar meu foco, ao menos por agora, aos entrevistados.

Ananda é natural de Itajaí, formado em direito e um devoto Hare Krishna. Sua adesão à filosofia deu-se primeiramente por uma insatisfação pessoal seguida de um repensar da sua função no mundo. Exerce várias atividades em relação ao Templo, ministra palestras nos Templos de Blumenau e em Camboriú, e mora tanto no Templo como também em sua casa.

Krishna me apresentou aquilo que nenhum outro veio dar de forma tão barata. A gente pode pegar um livro à gente vai ver sobre o seu aparecimento. E ele aparece dentro de mim, nesse escopo de realmente poder trazer uma maneira de você chegar a uma dimensão tão horizontal, com uma prática tão sublime.⁹⁶

Segundo, ele, a realização se dá a partir do entendimento de que o senhor *Caitanya Mahaprabhu*⁹⁷ também ensinou que qualquer nome referente a Deus (por exemplo, Jeová, Alá, Krishna, Rama, etc.) é completamente puro e qualquer pessoa, seja qual for sua religião, filosofia, cultura ou tradição, pode praticar este processo de cantar os santos nomes de Deus e assim obter todos os benefícios decorrentes desta prática de meditação, a saber, o fim das ansiedades mentais, controle da mente e dos sentidos, desenvolvimento da consciência e a suprema proposta de todas as religiões autênticas: desenvolver amor puro por Deus. Esta prática é baseada no milenar conhecimento védico originário da Índia.

Não é que este movimento seja simplesmente um movimento de sentimentalistas. Não pensem que estes rapazes estejam dançando devido a algum sentimentalismo ou fanatismo religioso. Não. Temos as mais elevadas bases filosóficas e teosóficas [...] Mas todo o processo foi simplificado, pois parte de nós também. Esta é a beleza deste movimento. Quer alguém seja um grande erudito ou uma criança, ele pode participar desse movimento sem dificuldade.⁹⁸

Em relação à questão do autoconhecimento como mecanismo de Educação Ambiental, no tocante da preservação da natureza, do bem estar da igualdade e do respeito à vida e ao outro. *Ananda* discorre o seguinte:

⁹⁶ *Ananda*.

⁹⁷ Nos fins do século quinze, o mais extraordinário reformador religioso, cultural e político apareceu na Bengala Ocidental. Seu nome é *Sri Caitanya Mahaprabhu*, o fundador do atual movimento Hare Krishna. Ele também é conhecido como *Sri Gauranga*, devido à sua compleição dourada. Aceito por muitos eruditos e teólogos como encarnação de Krishna, ou Deus, *Sri Caitanya Mahaprabhu* estabeleceu um revolucionário movimento espiritual baseado na antiga literatura védica. Baseados nas conclusões de grandes mestres espirituais, os vaishnavas consideram *Sri Caitanya Mahaprabhu* uma encarnação do Senhor Krishna. Pouco antes de o Brasil ser descoberto, acontecia, na Índia, um importante movimento, com bases populares, de renascimento do sentimento de bhakti, devoção a Deus. O responsável por essa revolução espiritual foi um grande santo e filósofo *Sri Caitanya Mahaprabhu*, que reviveu a prática de meditação sonora no mantra Hare Krishna. (GUERRIERO, 1979: 45).

⁹⁸ *Ananda*.

Os vedas mostram o mundo como uma grande floresta, que deve ser preservada. Olha no ano de 92 aconteceu o dilema de conciliar as necessidades econômicas e sociais da humanidade com as propostas de uma sociedade ecologicamente sustentável. Agora mais do que nunca podemos observar como a civilização ocidental graças a um antropocentrismo e um humanismo exagerados colocou o homem no centro da criação e lhe deu poderes absolutos sobre o universo e todos os seres vivos.

Nessa medida, entendo o que Ananda quer nos dizer. Ele explica a grande transformação na forma de se pensar a natureza como parte e fonte da vida, visto que a sociedade de consumo ameaça a vida planetária. Logo, percebo no autoconhecimento Hare Krishna, uma preocupação também ligada à sustentabilidade ecológica do Planeta. Tudo isso faz parte também do diálogo que Morin tece a respeito dos sistemas auto-eco-organizados, onde, através de um processo dialógico, denotam-se essas relações de autonomia e dependência.

Devemos todos assim romper as barreiras do no meu, do seu, do nosso egoísmo cultural e reconhecer a existência de tradições salutares no relacionamento com a natureza, por mais misteriosas e animistas possam parecer. O que o mundo precisa, e eu acredito piamente nisso, e de uma nova ideologia que, holisticamente, não considere apenas o homem, mas o sítio como célula importante e saudável no organismo da natureza.⁹⁹

A partir dessa constatação, a sociedade humana moderna desviou-se consideravelmente do seu dharma, os princípios religiosos que são enunciados nas escrituras Védicas. Essas leis divinas ensinam como viver em harmonia com a natureza, e são as fórmulas para trazer paz e prosperidade à sociedade humana. O conteúdo dessas leis é ainda praticamente desconhecido no mundo ocidental. Portanto, é o dever daqueles que tiveram a aventura de ter acesso a esse conhecimento, divulgá-lo aos demais. Essa deve ser a missão da vida dos devotos. É exatamente guiado por essa reflexão, que percebo que a filosofia Hare Krishna contribui para a Educação ambiental.

Bodhisattva é o fundador do movimento nessa região e, na verdade, foi quem efetivou a criação do Templo em Itajaí e nas outras cidades citadas. Ele ministra as aulas sobre a vida de Srila Prabhupada, sobre a Bhagavad Gita e Bhakti-yoga. É um grande estudioso da filosofia védica e foi quem me recebeu assistindo-me desde o meu contato inicial com a

⁹⁹ Ananda.

comunidade. É morador fixo do Templo de Itajaí e responsável pelas articulações de manutenção do mesmo¹⁰⁰.

Não queremos impor a verdade do Senhor Krishna, estamos longe de tal propósito. Nossa missão é revelar o trabalho que está sendo feito para a sociedade. Estamos aqui e quem quiser aderir tal filosofia de vida pode vir. As pessoas deveriam apenas parar um pouco e refletir sobre suas próprias vidas e sobre o mundo, assim poderemos ser felizes junto ao vizinho e junto a Krishna.¹⁰¹

Um devoto deve ter uma alta dose de confiança pessoal e até ousadia. “*Em tudo que fazemos, sempre teremos algum risco*” (BODHISATTVA). Isso é inevitável. Um devoto, e um cidadão também, não devem ser pessoas acomodadas; não devem sobrestar no tempo e perder a motivação. Não deve aceitar passivamente esse estado de coisas. Não pode ficar conivente com esse sistema materialista. Deve desconfiar de suas ofertas. Deve usar somente as coisas básicas do sistema, pois é um fato que não podemos ficar totalmente alheios a ele. Um verdadeiro devoto, segundo ele, deve estar sempre disposto a assumir algum risco por Krishna e, de certa forma, renunciar, integralmente ou em parte, a segurança e o conforto de seu universo pessoal.

Por isso o Bhagavad Gita, o senhor Krishna compara o mundo a uma singular figueira com ilimitados galhos, nos quais estão todas as espécies animais, seres humanos e semideuses. O que posso te dizer que conhecer esta árvore significa conhecer o mundo complexo e entender que tudo parte da energia do senhor supremo, que reside em mim também. O propósito nosso é reintegrar-se à natureza original uma vida em harmonia com Deus, conosco e com a criação.¹⁰²

A missão de Srila Prabhupada em Itajaí está seguramente numa fase bem favorável para um crescimento saudável, pois, percebo a intencionalidade e motivações que os devotos despendem em relação à preservação da vida. Por todo lado vemos sinais de que as coisas estão se encaixando e os resultados estão aparecendo, no tocante de uma vida harmônica, justa e em consonância ao ambiente. Nada muito espetacular como há duas ou três décadas, quando houve um verdadeiro “boom” dos movimentos de Contracultura dos anos 60. Por outro lado, o movimento Hare Krishna, está mais maduro e preocupa-se mais com a estruturação do pensamento do que com uma expansão descontrolada. “*Nos dias de hoje, não*

¹⁰⁰ Atividades como feiras, venda de incensos, camisetas, livros, alimentos para poder gerir o Templo. Este também conta com doações dos devotos externos e da comunidade em geral.

¹⁰¹ Bodhisattva.

¹⁰² Idem.

temos a quantidade de voluntários em tempo integral que tínhamos antes”. (BODHISATTVA).

O mote “*Vida simples e pensamento elevado*”, adotado por Srila Prabhupada, resume bem a diferença de mentalidade entre a sociedade tecnológica consumista, egocêntrica e calcada no corpo, que é complicada e imediatista, em contraste com seu modelo alternativo de vida simples, baseado nos princípios da vida espiritual e centrado em Krishna. Os devotos de Itajaí tomaram uma direção diametralmente oposta da tendência dominante da sociedade ocidental. “*Srila Prabhupada foi realmente revolucionário e os seus discípulos que se juntaram a sua instituição eram igualmente revolucionários e idealistas. Ele concebeu a idéia de um movimento alternativo mundial dedicado ao cultivo de consciência espiritual*”. (BODHISATTVA).

Eles, os devotos, se empenham na tarefa de estabelecer o movimento para a restauração da vida em princípios éticos universais. É uma tarefa que exige dedicação e paciência. Não quero aqui afirmar que não existem problemas de ordem pessoal, como incompetência, ingratidão, injustiça, irresponsabilidade, etc., mas isso tem em todo lugar, e temos que lidar com esses problemas com a convicção de que o bem-estar como um todo, ao final, vai triunfar. Além disso, o movimento luta para que o mundo possa viver em harmonia, desempenhando sua missão sob a égide da solidariedade.

A filosofia Hare Krishna revela não apenas uma direção religiosa, mas também uma alternativa de vida que compreende a felicidade, o respeito e as relações harmônicas com o ambiente. Nesse sentido, observo que o autoconhecimento se percebe pelas brumas da religião, por Krishna. No entanto, a sociedade atual também se esconde por detrás do Dinheiro, de Jesus Cristo, da Ciência, do Patriarcado, enfim, sei que a minha investigação possui um fundo simbólico muito forte, mas qual estrutura não é ideológica e simbólica? Bem, isso é tópico para outra discussão, o encaminhamento se dá através das narrativas, presentes ao longo do trabalho, como constituintes do autoconhecimento.

E Jivanmukta, é natural de Blumenau e ingressou na vida monástica há menos de um ano. Começou indo aos festivais, junto com os amigos e, pouco a pouco foi se envolvendo com a filosofia, e quando se deu por conta estava morando no Templo. “*Foi mais ou menos assim, me encantei com Krishna, como o amor que os devotos tratam o próximo, os animais, sem preconceitos e com muito amor. Daí olhei pra trás e percebi que eu podia fazer isso também, por amor a humanidade*”. (JIVANMUKTA).

Ele percebe que a religião não é o aspecto fundamental, por isso existem diferentes tipos para os diferentes tipos de humanos, diferentes métodos de acordo com as eras e a

predileção dos sujeitos. Mas, o processo do autoconhecimento vai além de uma mera prática religiosa. Sem dúvida, quando uma pessoa torna-se avançada espiritualmente, ela também desenvolve as boas qualidades de uma pessoa religiosa como, por exemplo: veracidade, honestidade, transparência, perdão, humildade, tolerância, entusiasmo são algumas qualidades de uma pessoa que pratica uma religião, supostamente ela deve desenvolver estas qualidades. *“Krishna diz no Bhagavad-Gita que estas e outras qualidades também desenvolve-se em um praticante da auto-realização”*. (JIVANMUKTA).

Assim, entendo que a religião procura dar ao indivíduo uma espécie de piedade no fronte de suas ações. A expiação, por exemplo, o fato de cometer um ato assombroso e logo depois vem um sentimento de culpabilidade. Há então o desejo de expiar aquilo, de impetrar perdão ou fazer altruísmo. É um método que suaviza a consciência do sujeito. Ao passo que a verdadeira espiritualidade, o autoconhecimento, vai além disso. Tudo implica a pessoa conhecer a sua verdadeira identidade além deste corpo material e não apenas pensar: Eu sou católico, sou hindu, judeu, etc. Esta compreensão ainda é material. Agora entender que o ser humano não é este corpo; que este é eterno e possui uma relação eterna com a divindade, é uma compreensão universal, não importando se a pessoa é cristã, mulçumana ou hindu. São, nesse contexto, tidos como “almas envoltas por matéria espiritual”.

Podemos classificar a devoção a Deus de duas formas: Asvarya e Madhurya. O Deus no aspecto Asvarya é o Deus Todo-Poderoso, o Criador, o Senhor com opulências inconcebíveis. Ele é o Senhor Supremo Absoluto e diante dele o devoto é um ser insignificante. Essa magnitude de Deus inspira respeito profundo e até temor. A devoção é solene, formal e ritualística. Já o aspecto Madhurya permite intimidade entre o devoto e Deus. No caso da devoção a Krishna, o devoto pode desenvolver ambos os tipos de devoção. Caitanya Mahaprabhu foi um dos seres iluminados desse mundo que revelaram a devoção em intimidade, e esse tipo de devoção é dirigida a específicos aspectos de Krishna¹⁰³.

Dessa maneira, me pergunto. O que vem em nossa mente ao pensarmos em Deus? Algumas pessoas pensam em Deus como uma presença espiritual onipresente. Outras acreditam que Deus está situado nos corações de todos os seres vivos. Há ainda quem imagine que Deus é uma pessoa transcendental, o criador e pai de todos. Quem está certo? Segundo as escrituras sagradas vaishnavas, todos os conceitos, em parte, estão certos.

De acordo com Jivanmukta, a principal escritura da Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (ISKCON), a compreensão de Deus inclui três importantes níveis de

¹⁰³ Jivanmukta.

conhecimento. Pode-se compreender Deus como *Brahman*, uma energia espiritual amorfa e transcendental; como *Paramatma*, a *Superalma* situada nos corações de todos os seres vivos; e, enfim, como *Bhagavan*, a *pessoa suprema*. “No Gita, *Bhagavan* é definido como aquele que possui em plenitude as seguintes seis opulências: beleza, força, conhecimento, fama, riqueza e renúncia”. (JIVANMUKTA).

Esse três níveis de percepção de Deus podem ser compreendidos em termos de como percebemos um trem se aproximando da estação ferroviária depois do anoitecer. O primeiro sinal do trem seria sua luz, que nos daria muito pouca informação sobre a forma do trem. Esta luz pode ser comparada ao *Brahman*, isto é, o aspecto impessoal de Deus. Em seguida ao entrar na estação podemos compreender melhor a forma do trem, e também ter um vislumbre do maquinista dentro da cabine. Esta compreensão mais detalhada do trem pode ser comparada à compreensão sobre *Paramatma*. Ao embarcamos no trem encontramos-nos com o maquinista, poderemos falar com ele e aprenderemos qualquer coisa que desejarmos conhecer sobre o trem e suas várias funções. Este conhecimento pode ser comparado à compreensão sobre *Bhagavan*, a fase última de compreensão sobre Deus, na qual se tem um relacionamento direto e pessoal com Deus em sua forma pessoal e original, conhecida como *Krishna*, o “todo-atrativo”¹⁰⁴.

A compreensão sobre *Bhagavan* refere-se à comunhão íntima com Deus em sua forma mais pessoal. Na etapa última desta compreensão, o sujeito de fato conversa com a divindade e desfruta com ela muitas variedades de trocas amorosas íntimas. De acordo com os Vedas, *Krishna* é a forma original de Deus, de onde ilimitadas encarnações (incluindo Rama, Buda, etc.) emanaram, e das quais outras irão aparecer diversas vezes no curso do tempo universal.

Embora a idéia de Deus, nessa ótica, tenha inumeráveis nomes em diferentes línguas, o nome *Krishna* refere-se ao nível máximo de percepção de Deus. *Krishna*, no idioma sânscrito, designa a entidade que “*atrai a todos e a tudo*”; “*Krishna*” refere-se sempre a Deus em sua forma original mais íntima e completa.

Jivanmukta ressalta que é importante se atentar aos princípios da ISKCON para se viver em harmonia com a filosofia, acreditando nestes, como verdade e orientação para as tomadas de decisões a partir da escolha por esse tipo alternativo de vida. São eles:

1. Propagar sistematicamente o conhecimento espiritual entre a sociedade em geral e educar todas as pessoas nas técnicas da vida espiritual a fim de impedir o desequilíbrio de valores na vida e alcançar a verdadeira unidade e paz mundiais;

2. Propagar a consciência de *Krishna* como ela é revelada no *Bhagavad-Gita* e no *Srimad-Bhagavatam*;

¹⁰⁴ Jivanmukta.

3. Unir os membros da sociedade e aproximá-los de Krishna, a entidade primordial, para então desenvolver a idéia, entre os membros e a humanidade em geral, de que cada alma é parte integrante da qualidade do Supremo (Krishna);

4. Ensinar e encorajar o movimento de *Sankirtana*, ou seja, o Canto Congregacional dos Santos Nomes conforme é revelado nos ensinamentos do Senhor Sri Chaitanya Mahaprabhu;

5. Erigir para os membros e para a sociedade em geral um lugar sagrado de passatempos transcendentais, dedicado à Personalidade de Deus;

6. Manter os membros unidos com o objetivo de ensinar um modo de vida mais simples e mais natural;

7. E para alcançar os propósitos acima mencionados, deve-se implementar a publicação e distribuição de periódicos, revistas, livros e outras obras.

Eis os princípios da filosofia Hare Krishna que traduzem o fio que conduz os sujeitos que participam da pesquisa, revelando a essência da sua interconexão com o sagrado e com a Educação Ambiental. Agora que já conhecemos as personagens vamos mergulhar ainda mais na atmosfera dos rituais que emergiram dessa experiência.

6.3. Rituais, mantras e festividades: descrevendo um outro modo de viver

O cotidiano permeado pela doutrina Hare Krishna é envolto por uma esfera peculiar de rituais. Existem os mais rotineiros que fazem parte da dinâmica diária e as festividades que compõem um calendário universal entre as redes de ISKCON. Para tanto, é constante, na vida do devoto, a apropriação do aparato ritual para poder incorporar a essência do autoconhecimento proposta por essa filosofia de vida.

Na rotina diária, os sujeitos acordam às quatro e trinta (04h30min.) para a prática da meditação, a qual consiste no cantar o Maha-Mantra através da Japa. Anterior a esse momento, é fundamental fazer a purificação, ou seja, tomar banho, de preferência frio, para que o indivíduo esteja puro para entoar o mantra. Em seguida, ao menos em Itajaí, depois dessa etapa, logo após o raiar do sol, eles realizam o Arati, que já foi mencionado e, depois disso, os devotos se encaminham para limpeza do Templo e a preparação da Prasadam, que é sempre em grande quantidade, pois, eles distribuem o alimento nas comunidades, bem como para qualquer pessoa que apareça no Templo.

Por volta das dez da manhã (10h) – é importante frizar que o quesito temporalidade não é uma constante, porque eles não se pautam pelo fuso horário “naturalmente dado”, porém correlacionam as dinâmicas com as horas culturalmente impostas pelo dia (as observações de horário são descrições minhas para poder guiar uma linearidade na pesquisa) – eles se dedicam ao estudo em torno da vida de Srila Prabhupada no tocante à difusão da filosofia vaishnava. Logo após essa etapa, os devotos se dedicam à conclusão da Prasadam, oferecem o alimento à divindade e almoçam.

Depois disso eles ficam livres para fazer a Coleta, atividade de venda de livros, incensos, vestuário, pão integral e etc., ou vão realizar estudos de foro individual, ou, ainda, dependendo da ocasião, vão visitar devotos nas suas residências para a difusão das escrituras védicas. E por volta das dezenove horas (19h), eles se preparam para o estudo da Bhagavad Gita, encerram suas atividades com o ritual do *Sundara-arati*, um momento de adoração à Krishna, com dança, música e jantar vegetariano. Ao final, limpam o altar, as cozinhas e, novamente, tomam banho e vão deitar.

É importante observar que, ao deitar, os devotos mais austéros preferem dormir no chão, sem nenhum tipo de estrutura ou coberta, porque entendem que o conforto é uma espécie de prazer provocado por Maya. O quarto das Matajis possui cama, armários e cobertas, pois, para eles, a mulher¹⁰⁵ é parte fundamental da criação, pois tem o dom de gerar a existência, fruto de Krishna.

Em especial, no domingo, acontece o Festival Transcendental, que é aberto à comunidade em geral e tem o intuito de divulgar a filosofia Hare Krishna através de palestra acerca do Bhagavad Gita, teatro, *Kirtana*¹⁰⁶, que é um momento de dança e música semelhante ao *Sundara-arati*, mas que envolve todos os presentes e o oferecimento do jantar (Prasadam) aos visitantes. Essa atividade ocorre por volta de 19h no verão e 17h30min, no inverno.

As Festividades são rituais de adoração às deidades que compõem o imaginário cultural hindu e que partilham da doutrina Hare Krishna. Como o calendário¹⁰⁷ vaishnava é bastante complexo e muito vasto, pois é baseado nas fases lunares, as datas estão bastante

¹⁰⁵ Há uma relação bastante peculiar com o feminino na construção do universo, também a uma simbologia com a Vaca e com Srimad Radharani, a questão do gerar a existência. (GUERRIERO, 1979: 63).

¹⁰⁶ Os devotos estão sempre sintonizados com o mantra, que é um som espiritual puro destituído de qualquer conotação secular. Sua vibração sonora ou mental carrega em si uma série de potências espirituais que agem em nível interno: purifica e acalma a mente, abre os canais da consciência para a espiritualidade e conecta o ser mortal com a Divindade. O Maha-Mantra Hare Krishna, especificamente, faz manifestar no coração a energia espiritual bhakti, cuja essência é a devoção e o puro amor a Deus. As duas formas de se praticar o mantra são: meditação individual (japa) e/ou canto congregacional (kirtana). (SILVEIRA, 2000: 25).

¹⁰⁷ A simulação completa do calendário vaishnava se encontra em anexo a dissertação.

relacionadas com o hemisfério, a longitude e a latitude de onde o Templo se encontra, irei destacar as mais importantes, as que são universais:

Janmastami: Aparecimento de Krishna nesse mundo. *Astami* significa oitavo, isso quer dizer o oitavo dia da lua do mês de *Hrsikeshha*, que quer dizer o que entendemos por um interstício entre agosto e setembro. O calendário védico, como dito antes, é lunar e não solar como o do Ocidente. Devido a isso as datas mudam de ano para ano, mas são sempre comemoradas na exata fase da lua do dia original. Para os devotos, Krishna é a Verdade Absoluta, a forma original da Suprema Personalidade de Deus. As palavras do Bhagavad Gita são suas instruções orais e o Srimad Bhavagatam inteiro tem como objetivo descrever suas glórias. Portanto, neste festival são honradas devoções e louvores à Krishna e se faz jejum completo até a meia-noite do referido dia em homenagem à divindade.

Radhastami: Aparecimento da consorte de Krishna, Srimat Radharani, ocorre quinze dias depois do Janmastami. Radha. Popularmente conhecida, é o símbolo da Bhakti-yoga; é a potência interna do prazer do Brahman (Krishna), se faz também jejum completo até o meio-dia da data de homenagem.

Goura-Purnima: Aparecimento de Caitanya Mahaprabhu. *Purnima* significa lua cheia. Ocorre no interstício entre fevereiro e março. Na festividade do aparecimento de Caitanya Mahaprabhu, se revela que este é o mesmo Krishna no papel de seu próprio devoto. Ele aparece neste mundo para difundir o amor a Krishna através do canto congregacional de seus santos nomes. Portanto, nesse dia, se realiza jejum completo até o nascer da lua.

Nityananda Trayodasi: Aparecimento de Nityananda Prabhu. Este apareceu como o associado principal de Caitanya Mahaprabhu para divulgar o canto congregacional dos santos nomes do senhor. Ele divulgou o nome de Krishna, sobretudo em Bengala. Ele é considerado uma encarnação do Senhor Balarama¹⁰⁸. Realiza-se jejum completo até o meio-dia e acontece no mês de janeiro.

Rama Navami: Aparecimento de *Ramachandra*. Ramachandra, como confere a lenda, é uma poderosa encarnação de Krishna, que é descrita como um rei ideal. Ele apareceu na Treta-yuga, há mais de dois milhões de anos. Por ordem de seu pai, *Maharaja Dasaratha*, o Ramachandra morou na floresta de *Dandakaranya* durante quatorze anos com sua esposa, Sita Devi, e seu irmão mais jovem, Lakshmana. Depois que o poderoso demônio *Ravana* seqüestrou sua esposa, o Ramachandra, com a ajuda de seu fiel servo *Hanuman*, recuperou-a e matou *Ravana* e seus exércitos. A história dos passatempos de *Ramachandra*, ou também

¹⁰⁸ Encarnação de Nityananda Prabhu. Ananda.

conhecido Rama é contada pelo sábio Valmiki, na epopéia hindu intitulada *Ramayana*¹⁰⁹. Nesse dia se faz jejum completo até o pôr-do-sol, acontece no mês de abril.

Senhor Balarama: Aparecimento de Balarama representa a primeira expansão pessoal de Krishna.. Segundo os passatempos imemoriais dos Vedas, ele simboliza como o irmão mais velho de Krishna. São também conhecidos como os pequenos vaqueiros na terra de Vrndavana. Balarama carrega um arado e uma maça e é conhecido por sua grande força. Na data de celebração realiza-se jejum completo até o meio-dia, ocorre no mês de agosto.

Srila Prabhupada: Aparecimento do fundador Acarya da Sociedade Internacional para a Consciência de Krishna. Foi ele quem levou os ensinamentos de Caitanya Mahaprabhu para fora da Índia e os difundiu pelo mundo todo. Ele foi o autor do *Bhagavad Gita Como Ele É*, e muitos outros volumes de traduções, comentários e instruções espirituais. Faz-se jejum completo até o meio-dia e acontece em agosto também. Seu desaparecimento também é um marco significativo e também se fazem comemorações, ocorre no mês de outubro e o ritual é o mesmo do aparecimento.

As informações¹¹⁰ acima, mencionadas, foram extraídas da entrevista realizada com Ananda, e Bodhisattva, para estabelecer esse breve cronograma.

Em relação aos momentos que estive em campo, não tive a oportunidade de participar desses grandes festivais. Porém, participei da preparação do *Janmastami*, na minha primeira visita no templo em 2006 e do festival do *Senhor Balarama*, em 2007. As Homenagens de *Nityananda Trayodasi* (em janeiro) e *Rama Navami* (abril), ocorreram em Blumenau e não foram meu foco de análise, mesmo assim serão descritas no item 7.2. a respeito do diário de campo.

Outra atividade realizada é o *Ekadasi*¹¹¹, *Puja* e o *Harinama Sankirtana*. O Ekadasi é a prática do jejum duas vezes no mês. E como meu propósito era a imersão cultural, apoiando nas ferramentas da etnografia, foram experiências que também participei. O Ekadasi consiste na prática do jejum de grãos. Isso é como é usualmente entendido. “*Nós não comemos no Ekadasi*”, é o que as pessoas pensam que nós fazemos nestes dias. Na Índia, há uma rotina de abstinência de grãos, se não observar um completo jejum neste dia de Ekadasi”. (ANANDA).

¹⁰⁹ Epopéia Hindu que tem Rama como protagonista; Avatar de Vishnu que antecede Krishna. (SCHURÉ, 2003b: 79).

¹¹⁰ Foi consultado o site: www.krishna.com, com o auxílio dos entrevistados para chegarmos a essas precisões referentes à datação.

¹¹¹ “Ekadasi” significa: o décimo primeiro da quinzena lunar Hindu, que é utilizado para o exercício do jejum de grãos. (GUERRIERO, 1979: 55).

O particular significado desta observação não é meramente um jejum físico, mas psicológico e de pensamento, também; é algo muito essencial; são outros aspectos profundos do Ekadasi que estão envolvidos. De fato, o jejum é apenas uma expressão prática e um símbolo de alguma coisa a mais que se resolve fazer, o qual possui um significado especial para os devotos. Isso quer dizer que há um organismo ou organização o qual está metodicamente disposto. Uma vez que, segundo Ananda, nós, seres humanos, sabemos que fazemos parte do movimento do sistema planetário e que entendemos através disso, que somos partes inseparáveis do sistema solar como um todo. Assim, nossos corpos não estão separados da superfície da Terra, *“tal qual um carro que não tem nenhuma ligação orgânica com a estrada”* (ANANDA). Nosso corpo sob esse viés, pertence ao sistema solar, *“uma gigante família da qual o sol é a cabeça, e os planetas seus membros, que exercem ora a função de cabeça também”*. (ANANDA).

O Sol¹¹² guia as atividades desta família; e nós, sendo conteúdo deste sistema, não podemos ficar fora da influência do Sol. Nosso corpo está envolvido nestas leis que operam no Sistema Solar. Isso é uma descoberta da Astrologia. A Astronomia estuda os movimentos dos planetas, e estrelas, e a Astrologia os efeitos que isso produz no conteúdo do sistema. A observação do Ekadasi como um fenômeno astrológico, é feito devido a esta relação que nós temos com alguns planetas no Sistema. Nossa personalidade é inteiramente influenciada pelos movimentos dos planetas. De fato, não devemos pensar apenas que os planetas estão por sobre a nossa cabeça. Eles estão em todo o lugar. Há um movimento relativo dos planetas, entre os quais a Terra faz parte, e nós fazemos esse movimento recursivo, ora somos parte, ora o inteiro.¹¹³

Bodhisattva entende que esse movimento que ocorre no Ekadasi não pode ser visto apenas pelo seu significado religioso e sim pelo prisma da ciência, *“[...] a nossa filosofia e o hinduísmo como um todo é uma filosofia antes de ser um credo religioso, buscamos a compreensão acerca do movimento do mundo”*.

A lua é, supostamente, influenciadora da mente. A mente é também feita de substâncias materiais. A mente não é espiritual, mas material. Como é a matéria da mente? Você conhece? Isso pode ser perfeitamente conhecido se soubermos como ela atua; em Homeopatia, por exemplo, o medicamento é manufaturado. Na Alopacia, nós damos medicamentos na sua base bruta, e

¹¹² O movimento de uma coisa relacionada à outra é chamado de movimento relativo. Não há um planeta que seja estático. Mesmo o Sol não está, no final das contas, estático. Todo o Sistema Solar está em movimento, e correndo em direção a uma gigantesca estrela, a qual é oitenta milhões de vezes maior e mais brilhante do que o nosso Sol, e cujas luzes não chegam até nós, como nos dizem os astrônomos. Nós compreendemos que há um movimento relativo entre os planetas e que nós somos influenciados relativamente pelos planetas. Cada planeta comanda o nosso sistema, e nós não podemos nos livrar desta influência do planeta do qual fazemos parte. O empuxo da gravitação possui influência sobre nosso corpo. (Ananda).

¹¹³ Ananda.

na Homeopatia são chamados de tintura e dinamização. Na Homeopatia, uma gota da tintura mãe é misturada com cem gotas do espírito retificado, e agitado com força. A mistura é uma potência do remédio. Uma gota que é misturada em cem de substância neutra é misturada novamente. Esta é a segunda potência ou dinamização do remédio. Do mesmo modo, nós temos enormes potências. Então, você pode imaginar o que acontece com o remédio quando ele alcança elevada potência? Não há praticamente nenhum rastro da substância da tintura original, somente energia¹¹⁴.

Jivanmukta contribui para discussão acrescentando:

Diz-se, então, que não há a substância, mas a vibração da substância, uma vibração da base material original. Há uma sutil vibração aromática, aromática naquele sentido de *residium* do medicamento original [...] Todavia, esta "potencialização" é material, no sentido que ela é formada por matéria. Assim é a mente. Ela é uma parte sutil da substância material do nosso alimento. A sutil essência do alimento, não apenas o que é tomado diretamente pela boca, mas através dos sentidos, contribui para a mente ou com as coisas da mente. A mente é um sentido sutil, como um espelho o qual é feito apenas de material da terra, o pensamento brilha. Apenas uma superfície polida como um espelho é capaz de refletir a luz. A mente é um sentido material, mas o pensamento não é material. Ela é muito, mais muito sutil, e é feita de tudo o que nós tomamos ou bebemos. Assim, matéria influencia a matéria.

Destarte, o Ekadasi, no meu entendimento, e depois de todas as manifestações dos devotos, passa a possuir um significado bastante complexo, sua prática revela ação/ambiente/sujeito/cosmo se tornando particularmente relevante na relação entre a representação de lua e de mente. Nesse sentido percebi o quanto o ser humano, a partir desse entendimento, é regido por influências planetárias. Os corpos seriam compostos por essas forças planetárias, e não haveria ninguém independente destas forças. Se cada planeta reivindicasse a sua parte nesses corpos, iriam desintegrar-se. A lua influencia a mente, no seu movimento relativo orbital, bem como referências a outros planetas com os seres humanos.

Outro importante aspecto é o local onde a mente é também dupla. Talvez você esteja vivendo em muitas casas, das quais, uma ou duas são suas próprias. Svasthana significa "um local próprio". A mente possui muitas moradas ou centros de energia chamados de Chakras, dos quais dois são seus conhecidos. O local da mente está personificado em nós em: 1. exatamente no corpo astral, na região correspondente entre as duas sobrancelhas, no estado desperto, e 2. No coração, durante o estado de sono. Se ela está no cérebro, estará ativa, e você, então, não estará dormindo. Se a mente estiver localizada na região intermediária, entre o centro na testa e o centro do coração, você estará no estado de sonho¹¹⁵.

¹¹⁴ Bodhisattva.

¹¹⁵ Bodhisattva.

No sonho, também se percebe o fator correspondente à dualidade presente na vida e na relação com a vida. Somos seres acostumados a pensar em uma lógica binômica, bem e mal, quente e frio, alto e baixo, e assim por diante. O interessante é perceber que o fundamento para a realização de uma festividade tem uma explicação tão profunda que extrapola os ditames de uma verdade religiosa dogmática. Pois os dogmas são, ao menos nas religiões de tronco ocidental, verdades cristalizadas, restringindo-se a apenas explicações, amiúde no plano do fantástico.

Então, há um duplo centro da mente, o Ajña-chakra, ou o centro localizado entre as duas sobrancelhas, e o Anahata-chakra, ou o centro do coração. Em ambos estes centros, a mente sente-se em casa, porque ela está próxima de si mesma. Nos outros centros ela está extrovertida. No Ajña e no Anahata-chakras, ela encontra-se a si mesma em cada. Nas duas luas plenas (cheia e nova), no seu movimento, ela encontra-se no Ajña e no Anahata-chakras, no décimo primeiro dia. Visto que estes dois chakras são a sua morada, a mente fica na sua casa, e isso, fica concentrada e controlada facilmente. Esta é a experiência que nos foi dada pelos nossos mestres anciãos, e esta são as vantagens de perceber também esse entendimento¹¹⁶.

Torna-se bastante claro que ser humano/natureza/divindade estão interconectados a um processo ritual. Nessa medida, vejo a Educação Ambiental num movimento de interação com o cósmico e a atitude devocional do sujeito que vive esse ritual. O Ekadasi, aliás, a representação da sua prática fez emergir uma das faces do autoconhecimento em sintonia com a Educação Ambiental, pois através da interpretação Hare Krishna se percebeu um envolvimento cabal do ser humano como parte integrante e inseparável do movimento da natureza.

Na Índia, tudo possui uma interpretação espiritual. Cada rio é uma Deidade. Cada montanha é um Deus. Tudo é sagrado, e dedicado ao Divino. Tudo é presidido por uma deidade em particular: Gramdevata, Grihadevata, etc. Deus está em todo o lugar. A idéia por detrás de tudo isso é que nós temos o sentimento da presença de Deus em tudo e em todos. No espaço e no tempo, em tudo há Deus. O tempo é Deus. As direções são Deus. Assim, cada objeto torna-se uma incorporação de Deus. O dia de Ekadasi na Índia é um dia de iluminação religiosa, o qual é profundamente significativo na vida¹¹⁷.

¹¹⁶ Idem.

¹¹⁷ Jivanmukta.

Deste modo, ao observar o Ekadasi, percebi que ele representa e possui muitos significados em suas dimensões físicas, astrais e espirituais, e também porque neste dia houve, entre os devotos, uma conexão com o relacionamento da mente com sua morada, junto com a Lua. E pude perceber que os sujeitos, de uma forma transcendental sentiam-se beneficiados em torno da meditação. “*É isso contemplação transcendental, porque não se pode saber disso de forma consciente. Mas podemos sentir isso pelo simples fato de observarmos o Ekadasi*”. (ANANDA).

Referente ao *Puja*, este é um ritual diário que pude experimentar, e não necessita de grande complexidade para ser explicado. É a cerimônia de adoração formal à deidade em que o Guru oferece os elementos (terra, fogo, água, ar, éter, mente, inteligência e ego) em diversas formas como flores, incenso, abanos, etc, entendendo que a fonte desses mesmos elementos estão contidos, na Suprema Personalidade de Deus - Krishna. Esses elementos são oferecidos como sinais de amor e devoção. É uma prática individual, onde cada devoto demonstra a sua fé.

O Harinama Sankirtana representa a cerimônia de caráter público que os devotos difundem pelas ruas, cantando, dançando e entoando o Maha-Mantra Hare Krishna. A finalidade evidente é propiciar a vernaculidade de *Krishna* para todos aqueles que compartilharem de tal ritual, agregando devotos e não-devotos. Nesse ponto, revela-se o interior da universalidade dessa prática que, na Índia, é chamada de *Movimento de Sankirtana* (SILVEIRA: 2000: 03).

Essa celebração está diretamente associada também à adoração relativa ao altar, existindo um conjunto de oblações que são desempenhadas em rituais designados por *Arati*. Os ritos podem ser realizados em formato mais simples ou de forma mais complexa. Contudo, essa prática/ritual sempre aparece entre os Hare Krishna.

Em Itajaí, os devotos, realizam sempre o Arati quando iniciam alguma programação no altar, sobretudo no domingo.

O *Programa Espiritual* começa com um *Bhajan* (cântico devocional) que serve para criar uma atmosfera apropriada na sala do templo. Num altar, permanentemente separado da sala, por uma cortina fechada, residem as deidades. Cantam-se músicas em sânscrito e bengali, acompanhados por um harmônio (pianola de chão), címbalos, palmas e pela *mrđanga*, um tambor de barro indiano. Os devotos e os visitantes vão se misturando ao *bhajan* à medida que chegam. (SILVEIRA, 2000: 03).

O Arati realiza-se, quando o *puja*, ou seja, o devoto que conduz a cerimônia, vibra um búzio. Um dos devotos ergue a cortina do altar e essa fica aberta e todos se ajoelham para cortejar as deidades que ali se encontram, entoando mantras com esta intenção. Enquanto o *puja* proporciona os subsídios de veneração, isto é, o oferecimento de incenso, lamparina de *ghee*¹¹⁸, água, um lenço, flores e abanos, os devotos presentes entoam o canto distintivo da consagração em andamento. Para cada divindade adorada existe um mantra fundamental. Nos festivais de domingo, são habitualmente relegados à Caitanya Mahaprabhu.

Findando, esse momento de reverência sempre é recitado por um devoto e repetido por todos os presentes que conhecem o Maha-Mantra Hare Krishna, num ritmo cada vez mais arrebatador, até que outro toque do búzio sinalize o fim da veneração. Um Arati, como pude observar, dura cerca de vinte minutos, podendo se estender conforme o entusiasmo dos presentes, que sustentam esse instante: eis o Harinama .

Enquanto o mantra Hare Krishna é cantado, o *pujari* distribui os elementos da adoração aos presentes. Ele joga a água oferecida às deidades na platéia, que se posicionam para receber as gotas de “misericórdia”; depois, passa a chama e a flor da adoração. Um outro devoto pega a chama e a flor e a oferece aos presentes, obedecendo a uma ordem estabelecida. Primeiro os *swamis*, depois os gurus, os devotos de primeira iniciação, os não iniciados e, por fim, os visitantes. A seguir tais coisas são passadas a uma devota que repete o oferecimento às devotas e às visitantes. A cortina do altar é fechada. Os devotos sentam-se após terem cumprimentado novamente as deidades, de joelhos¹¹⁹.

O momento descrito acima se refere à cerimônia do Arati, mais especificamente nos ritos finais, para dar início ao Kirtana, que na atividade de domingo é tido por Harinama. Nessa ação canta-se freneticamente o mantra ao som dos instrumentos acompanhado de muita dança. Sua finalização ocorre quando se canta o mantra de *Sri Narashinha Deva*¹²⁰, o protetor dos devotos. Em seguida, acontece, normalmente, uma aula fundamentada na vida de Srila Prabhupada ou a respeito do Bhagavad Gita onde, em seguida, é oferecido o jantar aos visitantes. Às vezes, antes do jantar, quando ocorre uma cerimônia de casamento, iniciação ou pré-iniciação é realizado o ritual de Agni Horta, ou seja, é montada uma espécie de arena para o sacrifício de fogo, o *Agni Hotra*. Em geral, em Itajaí, essas passagens de *status social*

¹¹⁸ “Ghee”: É a manteiga clarificada, da qual toda a água e resíduos sólidos foram eliminados. Tem uma série de usos rituais e atribuições simbólicas, na medida em que é resultado último de um processo de “purificação” do leite da vaca. (É o líquido de cor âmbar que fica no alto das garrafas de manteiga). (SILVEIRA, 2000: 04).

¹¹⁹ Ananda.

¹²⁰ A encarnação metade homem (*Nara*) metade leão (*Simha*) do Senhor *Krishna*, alvo de uma adoração especial. (STODDART, 2004: 36).

costumam acontecer todas numa só cerimônia, onde é marcado um dia no mês para reunir todos os anseios dos devotos e realizam todos num dia pré-determinado.

Há uma expectativa de que a presença nesses festivais leve os visitantes regulares, à medida que forem sendo purificados ritualmente, a se tornarem os novos devotos. Por isso, a distribuição de *prasadam* é muito valorizada, assim como as aulas. Mesmo que não cantem e dançam, os visitantes ouvem e comem, purificando seus sentidos. Tais ritos têm um importante componente de transformação simbólica de elementos naturais, que são “espiritualizados”. Todo simbolismo relaciona verticalmente os símbolos e as coisas simbolizadas e, no caso aqui, em particular, este tipo de relação hierarquiza os diferentes níveis da realidade e de modos de ser ao plano divino¹²¹.

É primordial, agora, compreender a essência da musicalidade para alçar ao envolvimento acerca do momento em que o indivíduo sofre a interpelação do movimento Hare Krishna e decidir aderir essa nova forma de vida, revelando a instância do Si-mesmo como foco de análise.

6.3.1. A musicalidade e o sagrado

A musicalidade, os sons, são particularidades eminentemente características da doutrina Hare Krishna. Como vimos acima, tanto o Puja, o Arati, o Kirtana e o Harinama, são cerimônias que são conduzidos por sons, sejam músicas ou mantras e é fato que os rituais estão imbuídos por essa aura que propaga as melodias como parte simbólica de seu acontecimento.

O objetivo das cerimônias é revelar a expressão de devoção amorosa dos presentes para a satisfação da deidade adorada. As deidades, em Itajaí, amiúde reverenciadas, são: Caitanya Mahaprabhu ou de Sri Jaganatha¹²², naturalmente que Krishna é o foco de todo e qualquer ritual. Além dessas deidades, todo altar tem quadros da sucessão discipular da ISKCON, os *Swamis* antecessores à Srila Prabhupada. A prudência de todos deve estar em torno das deidades no altar. Virar as costas para elas é considerado ausência de instrução, e quem o perpetrar é prontamente corrigido.

O altar está sempre adornado para a consagração, seja ela qual for. Este andamento é liminar na medida em que é um instante de “eucaristia” entre os sujeitos e as divindades.

¹²¹ Bodhisattva.

¹²² Jaganatha: o “Senhor do Universo”, é o próprio Krishna, adorado junto à *Baladeva* e *Subhadra*, seu irmão e irmã, respectivamente. Caitanya Mahaprabhu viveu a segunda metade de sua vida junto ao Sr. Jaganatha, em seu templo na cidade de Puri, Orissa. (SILVEIRA, 2000: 04).

Enquanto o Arati desenrola-se, no altar, os devotos, à sua frente, devem estar cantando e dançando, realizando o Harinama. É instaurado, assim, um sentimento de *communitas*¹²³ que lhe é característico, com muito entusiasmo. “*Principalmente depois que o pujari faz circular os elementos de adoração na platéia*” (JIVANMUKTA). Os visitantes são convidados a cantar, dançar, exprimir respeitos pelas deidades. Quando isso verdadeiramente ocorre, o Harinama ascende e se estende o que é considerado um sinal de que as deidades, ao invés dos devotos, estão particularmente satisfeitas com a veneração. “*É o espírito de Chaitanya Mahaprabhu que se manifesta ali. Ele encarna no evento, quando esse, inesperadamente, atinge seu objetivo*”. (JIVANMUKTA).

Nestes casos, é possível falar num momento de *communitas espontânea*, simultaneamente inesperado, do ponto de vista dos convidados, e avidamente esperado, pelos devotos propriamente ditos. Ocorre uma integração entre os devotos e os convidados. O êxtase indicaria que os primeiros tiveram sucesso em transmitir os ideais expressos pelo *Harinama Sankirtana* aos segundos, como Srila Prabhupada o fizera antes. A posição do *Swami* encontra-se ocupada pelos atuais devotos. A posição dos primeiros adeptos, pela dos atuais convidados. Estes últimos, quando “purificados”, poderão tornar-se os futuros devotos. Percebido dentro deste rito, a idéia de espontâneo seria a expressão de um dos pólos de uma relação estabelecida ritualmente. (SILVEIRA, 2000: 13).

A prática do autoconhecimento se verifica nesse tipo de ação, através da sua fase preliminar. Observei que, nesse rito, existem dois grupos muito distintos: os devotos, que realizam a cerimônia, e os visitantes, que a assistem. O limiar, instaurado pela adoração, tem como efeito a possibilidade de combinar os conjuntos perante do altar. O escopo deste ritual arquetípico circunda em torno da probabilidade da conversão de novos simpatizantes e na atualização da devoção dos já adeptos. Ao longo do evento, ambos vão sendo “ritualmente combinados”, com os visitantes ingressando progressivamente em contato com Krishna “[...] através da presença das deidades, nas estampas que adornam o Templo, nos mantras e nos versos das escrituras, em tudo que lhes é oferecido, como a água, a flor, o fogo e o alimento, e nos presentes reunidos pela e para a adoração”. (SILVEIRA, 2000: 15).

¹²³ Anti-estrutura. A noção de dimensão anti-estrutural faz muito sentido aqui. Turner definiu *communitas* pelo efeito de simplificação da estrutura social, “acompanhada de uma rica proliferação de estrutura ideológica, sob a forma de mitos e de *sacra*, na acepção de Levi-Strauss.” (1974:162) É o que acontece nestes ritos Hare Krishna. Quando não há mais distinções sociais reconhecíveis, no rito, Krishna encarna, na manifestação da potência de Seu Santo Nome. Naquele momento não se percebe a estrutura social envolvente. É um efeito especial, um estado de espírito, como os devotos mesmo ressaltam. (SILVEIRA, 2000: 16).

Os dois principais pólos simbólicos do culto são atualizados, *Bhagavam/Bhakta* (a pessoa suprema/devoto) e *Paramatman/Jivatman* (A superalma/a alma individual), através do rito que celebra a relação *guru/chela* (mestre/discípulo). Os termos das três séries são correspondentes. O guru, no caso Srila Prabhupada, é o representante de Krishna, mediador privilegiado entre o plano divino e o plano humano. A adoração, que os adeptos oferecem à Srila Prabhupada Bhaktivedanta Swami, é a expressão ritual da eficácia do mestre espiritual em mediar o plano espiritual e o plano material. Ele transita do segundo plano para o primeiro, no qual os indivíduos, ao tornarem-se discípulos-devotos, buscam realizar a alma espiritual. A idéia da “satisfação das deidades” articula-se nessa vivência. Quando o primeiro termo está satisfeito pelo ritual, o segundo estará satisfeito também, pela prática do rito. Este é o eixo das cerimônias Hare Krishna¹²⁴.

A musicalidade proporciona então, esse momento de hibridismo entre os seres humanos, sejam eles adeptos ou não. Instiga um devir cósmico no relacionamento do ser humano com a sua própria divindade, sendo ela Krishna ou não. Naquele momento, as pessoas, de um modo geral, se interconectam com aquilo que acreditam que é sagrado. Além disso, exercem o “princípio” da igualdade, pois naquele espaço todos são iguais, não havendo distinções, preconceitos. Através de sons estranhos aos ouvidos, os visitantes se envolvem de tal maneira que parece que daquele lugar/ocasião já partilharam em algum momento de suas vidas.

As festividades de domingo me despertaram bastante atenção, porque eram o momento de simbiose entre duas culturas tão diversas: a filosofia Hare Krishna e suas insígnias e a comunidade local e seus valores em um mesmo cenário, compartilhando dos mesmos sons. Muitos retornam frequentemente; outros, vez que outra. Alguns, pela primeira vez,... Enfim, é muito sintomático, porque já denota uma espécie de educação ambiental, no sentido estrito, da promoção do encontro da diversidade para, juntos, ao menos naquele instante, refletirem acerca da humanidade e do ambiente em que vivem, percebendo que essas relações estão dentro de seus próprios espíritos.

A melodia está no ar e cabe, agora, conjecturar em torno do aprendizado que é compartilhado no tocante à interpretação da Bhagavad Gita para prosseguirmos no desvendamento do autoconhecimento que está se revelando, pouco a pouco, em sua forma primordial, associada à prática educativa ambiental.

¹²⁴ Bodhisattva.

6.3.2. A releitura da Bhagavad Gita

Ao longo da minha pesquisa venho escrevendo, implícita ou explicitamente, de representações. Quando se fala de uma metafísica oriental é quase impossível não percorrer o universo simbólico. Por isso, estabeleço um dialogo com Morin, Jung e Bachelard junto à filosofia Hare Krishna, em uma tentativa de aproximar filosofia, psicologia e a metafísica oriental, para debruçar-me sobre o conceito de autoconhecimento.

As comunicações entre ser e Deus, caos e cosmo, alma e criatura, são representações simbólicas do imaginário individual e social. O sonho nada mais é que uma representação de felicidade, onde a noosfera é tida como representação à discussão científica e o Si-mesmo da psique. Portanto, não posso fugir dessa investigação.

O todo simbolizado participa da relação mediada entre sujeito e autoconhecimento. As reflexões acerca das ações e condutas são representações de vida e de mundo que se almeja alcançar. O impulso e o reconhecimento de um Deus, energia cósmica no interior do nosso corpo, são representações ligadas à alma (Atman), que dão sentido a íntima relação que se estabelece com a dimensão sagrada e do reconhecimento de seu simbolismo.

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, desse modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido. (BOURDIEU, 2003:15).

Todavia, um dos esteios fundamentais para a interpretação da representação é em volta da Bhagavad Gita. Srila Prabhupada foi o compilador da Bhagavad Gita e quem publicou a versão vaishnava: O¹²⁵ Bhagavad Gita como ele é.

Esta obra juntamente ao Srimad Bhagavatam, constitui esse imaginário cultural, recalçando em si, sua representação de mundo e de sagrado.

Prabhupada colocava como elemento primordial de sua pregação a publicação de livros. Autor de várias obras, tradutor e comentador dos grandes livros védicos, Prabhupada é seguindo atentamente dentro do Movimento através de tudo aquilo que deixou por escrito. É considerado até

¹²⁵ A Bhagavad Gita se refere à escritura que faz parte da Epopéia Mahabharata; e O Bhagavad Gita como ele é atende o sustentáculo Hare Krishna, não se tem um regra claro acerca dos artigos “a” ou “o”, podendo ser identificada pelas duas formas, tanto no masculino como no feminino. (DASA, 1995: 11).

hoje, mais de vinte anos após sua morte, como o grande mestre da ISKCON. Fica clara aqui a diferença na transmissão de conhecimento em relação à tradição védica. Não haveria, dadas às diferenças culturais, a possibilidade da permanência da antiga tradição oral da convivência mestre-discípulo. Devido principalmente ao não contato direto entre o mestre Prabhupada e seus novos discípulos, somente através de livros é que esse conhecimento consegue penetrar e fazer efeito aos ocidentais. É evidente que o grande eixo da estrutura, não só intelectual, mas também financeira da ISKCON se deve aos livros de Prabhupada. Além do mais, é ele quem dá a legitimação aos símbolos védicos aqui no Ocidente, foi ele quem traduziu, comentou e adaptou ao nosso modo de viver as grandes sabedorias védicas. (GUERRIERO, 2001: 23).

Embora a Sociedade Internacional da Consciência de Krishna (ISKCON) tenha se estabelecido no ocidente apenas em meados dos anos sessenta, suas raízes se estendem há milhares de anos. O estilo de vida e crenças filosóficas praticadas por seus membros baseia-se nas escrituras Védicas milenares, tais como os Vedas, as Upanishads, os Puranas e A Bhagavad Gita, o principal livro do Movimento Hare Krishna.

O Bhagavad Gita como ele é, segundo a doutrina, foi elaborado pelo próprio Krishna cinco mil anos atrás e comunicado ao seu íntimo amigo e discípulo Arjuna, momentos antes da batalha de Kurukshetra. Entretanto, no decorrer do tempo, esse conhecimento foi se perdendo, até o começo do século dezesseis, quando ocorreu na Índia um grande renascimento espiritual motivado pela figura de Caitanya Mahaprabhu, que ainda hoje é reverenciado por muitos estudiosos e teólogos como uma encarnação direta do próprio Deus.

Caitanya Mahaprabhu demonstrou e propagou a devoção a Krishna, abrindo caminho para uma maciça renascença da consciência de Krishna, o qual aclarou o continente indiano, ganhando milhões de seguidores em toda a parte. *“Sri Caitanya ensinou que o meio mais fácil de alcançarmos à auto-realização é através do cantar dos santos nomes de Deus, em especial o mantra: Hare Krishna”*. (ANANDA).

Sem distinção, Ele acolheu a participação de pessoas de classe baixa e não hindus, quebrando as barreiras sociais estabelecidas na Índia. Sob a direção de Sri Chaitanya Mahaprabhu, Seus discípulos mais íntimos compilaram centenas de volumes sobre a filosofia da consciência de Krishna. Nos séculos que se seguiram, a força do movimento diminuiu de forma considerável, até as últimas décadas do século dezenove. Nessa ocasião, Bhaktivinoda Thakura, o magistrado da cidade de Puri e um representante da linha de sucessão discipular proveniente de Sri Chaitanya Mahaprabhu estabeleceu uma sociedade religiosa conhecida como Sri Sri Vishva-Vaishnava Rajasabha. Através de seus escritos devocionais, Srila Bhaktivinoda Thakura inspirou um renascimento de interesse nos ensinamentos de Sri Chaitanya Mahaprabhu. Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati

Goswami continuou a missão de seu pai estabelecendo o Instituto da Missão Gaudiya, com sessenta e quatro centros em toda Índia¹²⁶.

Dessa maneira, percebo que a orientação sacramental em torno do autoconhecimento se legitima pelo respaldo do “Bhagavad Gita como ele é”, se tornando um dos referenciais teóricos da doutrina religiosa. O que antes era apenas uma passagem do Mahabharata alçou a configuração de escritura sagrada que norteia e conduz a vida dos devotos, instaurando definitivamente, Krishna como o senhor supremo, personificando o que o hinduísmo tem por Brahman à representação da personificação viva da divindade no interior do ser humano.

6.4. As narrativas

Através da análise das narrativas, é que pude entender este processo, envolvendo o autoconhecimento como agente educador ambiental. A aura que se denotam os discursos revelam a constituição do ser sonhador preconizado por Bachelard. A visão arquetípica do mundo racional com o mundo onírico impulsiona a perceber no autoconhecimento um momento de transição de atitudes perante o planeta, o outro e a realidade dos problemas sócioambientais que enfrentamos.

Nesse sentido, quis focar a respeito, das relações que se dá com a representação de/com o mundo e da inclusão com o sujeito/sagrado. É inexorável que as visões percebidas são dá instância do sujeito, implicando acerca da subjetividade/entendimento das verdades e conceitos que estes creditam nessa relação.

Os devotos primeiramente se preocuparam em me deixar a par da fundamentação religiosa que a filosofia trás consigo. Dialogando acerca da literatura, das deidades e, substancialmente, de Krishna e Radharani, no intuito de me deixar a vontade no Templo. Em seguida, procurei investigar acerca do funcionamento do Templo, questões iniciais que também fugiam a minha compreensão. Assim, sabendo e entendendo toda a composição que constitui a filosofia Hare Krishna é que pude visualizar a relação da Educação Ambiental com o autoconhecimento.

Então,

Nossa rotina se dá de maneira bastante sistemática, acordamos as quatro e trinta e cantamos a japa, através do Maha-Mantra, podemos nos conectar a Krishna e refletimos acerca da vida. A maioria das pessoas acha que a

¹²⁶ Ananda.

meditação é o esvaziamento da mente pro nada. Na verdade temos que tencionar nossa atenção em Krishna que a partir dele vemos tudo, e não como pecado ou bom e sim como Dharma aquilo que está ao nosso alcance fazer e se possível fazer, que no fundo é ser feliz.¹²⁷

As narrativas foram bastante recheadas com o signo do sonho, no sentido da buscar por uma outra ordem que tivesse por princípios uma melhor qualidade de vida para a humanidade. Assim,

Na verdade, a preservação do universo é preocupação prioritária da Suprema personalidade de Deus na forma do Deus Vishnu. Sempre que o planeta terra encontra-se em perigo, ele numa de suas inúmeras formas, aparece para salvá-lo. Não apenas no sentido fantástico, porque ele habita na alma que o vê, volta-se contra a visão sectária contra ele próprio, a exploração do homem pelo homem, a corrupção, a degradação moral, a perda da ética e, finalmente a destruição do meio ambiente essencial para sua própria sobrevivência.¹²⁸

Em realidade, reflito acerca do fato de ter, na filosofia, uma rica vinculação substancial à Educação Ambiental. Assim, percebo nesses fragmentos a relevância que o movimento Hare Krishna tem em relação aos problemas sócioambientais, observo que a religião fundamenta esse discurso. É nessa prerrogativa que busco o suporte à questão ambiental, e penso que o movimento do autoconhecimento, está incutido no ser, fazendo com que ele tenha sua tomada de decisão frente a sua postura no mundo.

A função religiosa pode impor regras para o manejo da vida, mas em especial percebo dentro dessa filosofia, uma escolha subjetiva. No entanto, persiste o fenômeno religioso como sustentáculo da filosofia, visto que o instante, o sonho está atrelado à vontade do ser para depois fazer os encaminhamentos de acordo com a cultura pertencente. *“Creiamos na nossa fé pessoal e dela podemos dirigir a qualquer um, pois a essência de Deus está aí, pode ser a Virgem, krishna, Alá, está força está aí, que para mim e Krishna, mas o bem do mundo tem que ser crença nossa”*.¹²⁹

As representações e as místicas que envolvem a filosofia Hare Krishna, de alguma maneira, fazem e remetem uma busca de si para si mesma para então olhar o todo a partir da sua mudança. É um processo imanente, de assimilação de si como um arquétipo sagrado, que na sua completude com a representação de divindade, poderá se unir a esse ideal e concretizar a finalidade sonhada.

¹²⁷ Ananda.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ Bodhisattva.

Em suma, o meu intento se atém a essa verificação. A transformação provocada no ser pela filosofia Hare Krishna o impulsiona a repensar suas atitudes e condutas sobre e com o mundo. Os sujeitos do Templo de Itajaí fazem de suas vidas uma missão que tem por finalidade também, construir uma alternativa que realmente atenda às necessidades do planeta.

6.4.1. As ações sociais

Uma das iniciativas do Movimento Hare Krishna, é o programa "Alimentos para a Vida" (Food's for Life) ¹³⁰ que proporciona a distribuição gratuita de alimentação lacto – vegetariano (Prasadam) entre populações que se encontra em situação de vulnerabilidade social. Este programa faz parte dos princípios do movimento ocorrendo em todo mundo que tenha uma ISKCON.

Um programa, no entanto, vem sendo desenvolvido pelo movimento com incrível sucesso. Trata-se do "Food for Life" (Alimentos para vida). Este programa mundial está provendo alimentação para milhões de pessoas. Tem estado presente nas grandes catástrofes, como as enchentes da Bengala e Bangladesh, terremoto no Gujarat, e outros acontecimentos sinistros pelo mundo. Outra grande atuação do "Food for Life" tem sido em diversos conflitos ocorridos recentemente. Durante a guerra na Iugoslávia, em Sarajevo, Kosovo, etc., assim como em várias repúblicas que antes eram partes da União Soviética, como Chechenia, Geórgia, etc., os devotos locais arriscaram suas vidas, em plena área dos bombardeios, para levar alimentos para uma população totalmente desamparada e dependente, exclusivamente, desse alimento. Foi registrado que as milícias de ambos os lados respeitavam sobremaneira esse serviço humanitário e poupavam as instalações dos devotos de bombardeios ocasionais. Srila Prabhupada, o querido fundador do movimento, expressou um desejo que, hoje em dia, os devotos tentam por em prática. Ele disse que num diâmetro de pelo menos dez milhas em volta de um templo de Krishna não deveria ter a possibilidade de fome. Srila Prabhupada também escreveu um livro que vem sendo amplamente distribuído, intitulado "A Fórmula da Paz." ¹³¹.

O s alimentos para a realização dessa ação são adquiridos através de doações, ou com a renda que é arrecadada através da atividade da coleta. Em Itajaí, por não ser um espaço

¹³⁰ Esta preocupação com os mais pobres deu início à maciça distribuição gratuita de alimentos da ISKCON em todo o mundo. Em 1977, na Bengala Ocidental, ocorreu uma das maiores inundações da história moderna, desabrigando milhares de pessoas, e deixando-as sem alimentos. Os membros do movimento Hare Krishna arriscaram suas vidas percorrendo em pequenos barcos centenas de quilômetros das águas devastadoras da inundação, com a finalidade de conseguir arroz, trigo e feijão. Então cozinharam estes alimentos nos terraços de seus próprios prédios, também inundados e, numa embarcação, transportaram-nos até vilas isoladas, salvando milhares de pessoas de passarem fome. (PRABHUPADA, 1991: 29).

¹³¹ Jivanmukta.

rural, onde se tenha um lugar para o cultivo, os devotos dependem dessas doações e da renda da atividade da coleta para realizarem tal tarefa. Os devotos distribuem a Prasadam em todas as comunidades periféricas de Itajaí, bem como no próprio Templo, para qualquer pessoa que necessite de alimento. Mesmo sendo um número pequeno de devotos, eles contam com a ajuda de voluntários para poderem atender as comunidades.

Além disso, na época do início do inverno eles distribuem agasalhos e cobertas, que são arrecadados através de doações, para distribuírem nessas comunidades e, também no dia das crianças, distribuem brinquedos.

Também desenvolvemos, junto com as ONGs, atividades em colégios e na universidade, visando a conscientização das novas gerações para o problema da fome no Brasil e no mundo, e a necessidade de uma alimentação adequada e suficiente, para uma vida saudável, feliz e de sucesso. (JIVANMUKTA).

O princípio do lacto-vegetarianismo, pela sua natureza sattva-guna, é totalmente compatível com a consciência de Deus, de acordo com a filosofia vaishnava. Tenho, contudo, observado que existem muitas pessoas agnósticas e, que não fazem parte de nenhum movimento que também se pautam por algum fundamento ligado ao vegetarianismo.

Percebi que o importante também na alimentação é a vibração que vem embutida na comida. Não é só o valor nutricional do alimento que é importante, mas também seu lado mais sutil, sua vibração. A consciência na hora de se cozinhar deve ser a mais elevada possível. Deve-se ter um ambiente de alto astral, pois as impressões sutis da mente de quem cozinha ficam impregnadas no alimento.

Da mesma forma com que um alimento pode ser contaminado por vibrações nocivas, pode ser vivificado por uma vibração pura. *“Quando cozinhamos com a intenção de fazer uma oferenda a Deus, o alimento é dessa forma espiritualizado”*. (ANANDA). Essa intenção é bastante significativa, pois o ato de oferecer o alimento que está sendo preparado para Deus, deve ser preparado com todos os critérios de limpeza e pureza de consciência.

Deve-se assim, então, evitar antecipar o desfrute sensorio que iremos ter ao alimentar-se. *“Nossos sentidos devem permanecer tranquilos, sem agitações. Nada de comentários, como ‘Que cheirinho bom...’ e o que dizer dedão na panela para experimentar”*. (ANANDA). O oferecimento do alimento requer um pequeno momento de reflexão e até um pequeno ritual com algum mantra, hora em que a consciência eleva-se a Deus num ato de amor e devoção. Após isso se pode então satisfazer os apetites, demandas corpóreas e desfrutar das delícias do sabor. O alimento assim oferecido a Deus é chamado, como

mencionado antes, de “Prasadam”, palavra em sânscrito que significa “satisfação ou misericórdia¹³²”.

Imagine se convidamos uma pessoa importante e querida para almoçar em nossa casa e quando ela chega dizemos: “Nós já almoçamos, agora você almoça sozinha”. Realmente, essa não é a etiqueta apropriada. Damos sempre a primazia para quem convidamos. Da mesma forma, quando oferecemos o alimento a Deus, evitamos qualquer tipo de antecipação de desfrutar o alimento¹³³.

A dieta lacto-vegetariana entra em cena, por constituir a alimentação que é distribuída junto às comunidades. Além de realizarem um trabalho social, os devotos têm a missão de difundir os princípios da sua forma de vegetarianismo, para que as pessoas compreendam que os animais têm o mesmo direito do ser humano de viver nesse ambiente. Destarte, outra relação com a Educação Ambiental, é a de não ver o ser humano como centro e senhor de tudo no planeta, partilhando desse lugar com os mesmos direitos a vida com os animais e com a natureza.

O leite é uma dádiva especial de uma de nossas mães, a vaca. Esse é o status da vaca na cultura védica. Assim como a mãe biológica amamenta o bebê com leite materno, a vaca também fornece seu leite para a sociedade humana. É dito por alguns opositores do consumo de leite que tirar o leite da vaca seria um ato desumano, que o leite pertence ao bezerro e não se deixa praticamente nada para ele. Isso certamente pode ser que ocorra entre pessoas muito gananciosas e materialistas e deve ser repudiado. Uma vez li que em fazendas produtoras de leite nos Estados Unidos, vacas que não produzissem mais do que trinta litros diários eram mandadas ao matadouro, pois ficavam inviáveis economicamente, devido ao alto custo das rações, hormônios e remédios que eram investidos nelas¹³⁴.

Aí reside todo o fundamento do autoconhecimento Hare Krishna, na relação com a natureza. Pois, revela exatamente um sentimento de solidariedade perante o restante da existência. E as plantas, a flora? Claro que se percebemos um impulso em respeitar as outras formas de vida, vemos que no universo da flora isso não acontece, Segundo as escrituras Védicas, esse é o Karma da experiência mortal. Porque como o ser humano, não consegue

¹³² Desfruta-se, e muito, quando o alimento passa a ser Prasadam. Esse é um “segredinho” importante no processo de bhakti-yoga, o yoga da consciência. Na prática do Yoga clássico, o controle dos sentidos chama-se Pratyahara, que significa controlar os sentidos de forma a não ficar a mercê dos estímulos externos. É dito que, dos sentidos, a língua é a mais voraz. Sem o devido controle, a pessoa pode cair vítima do descontrole compulsivo da língua. Como diz o ditado: “Peixe morre pela boca”. Isso vale também para muitos humanos. (JIVANMUKTA).

¹³³ Idem.

¹³⁴ Bodhisattva.

ficar sem se alimentar, este deve escolher pelos vegetais por que são dádivas de Krishna para preencher essa carência da personalidade humana.

Outra importante ação do movimento Hare Krishna nesse sentido, é contra a atividade da “*Farra do Boi*” em Itajaí. A Farra do Boi é uma tradição que foi importada pelos imigrantes açorianos ao estado de Santa Catarina, que consiste em alvejar bovinos em um festival público, sem o objetivo de alimentação e, sim despertar entretenimento. No entanto, os devotos, juntamente com outras ONGs locais, realizaram um protesto no dia 04 de abril de 2007, que teve por objetivo proporcionar apresentações com as crianças do grupo cultural Boi-de-Mamão, grupo local de Itajaí de teatro infantil, e de dança portuguesa realizando uma apresentação especial, mostrando toda a beleza da tradicional manifestação da cultura popular do litoral catarinense, em manifesto aos atos de crueldade e tortura que acontecem com o boi durante uma farra, presente em diversas comunidades do estado, principalmente na época do ano, que se aproxima da semana santa (quarenta dia após o carnaval no calendário gregoriano). O grupo Hare Krishna do Templo de Itajaí também participou chamando a atenção durante o manifesto, trazendo faixas com os seguintes dizeres: “*Diga não à farra-do-boi e a matança de animais*” e “*Se matar é contra a vontade de Deus, imagina torturar*”.

Na farra-do-boi, animal é perseguido pelos farristas, que, em alguns casos, carregam pedaços de pau, cordas, chicotes e pedras para acertá-lo. Já em Itajaí, o protesto de ontem foi pacífico e reuniu aproximadamente cem pessoas no centro da cidade. A atividade integrou a manifestação nacional contra a farra-do-boi, organizada pela Sociedade Mundial de Proteção aos Animais (WSPA). “O animal também sente dor, como todo ser humano. A farra não é uma cultura e queremos despertar esta consciência na população, pois farra-do-boi é crime”¹³⁵.

A manifestação teve como objetivo conscientizar a população de que o ato é criminoso e incentivar as pessoas a realizarem denúncia. A prática, proibida por lei, ocorre com mais frequência nesse período de Quaresma. Nesta semana, que estive lá¹³⁶, um dos casos registrados foi em Balneário Camboriú. “*Um vigilante da Secretaria de Obras foi espancado durante uma farra porque tentou proteger o patrimônio público. O grupo de farristas quebrou vidros e danificou uma caminhonete da Prefeitura*”. (BODHISATTVA).

¹³⁵ Jivanmukta.

¹³⁶ Entre os dias 02 e 07 de abril de 2007, período da Quaresma.

Além disso, pude participar de um momento de muita grandeza para a pesquisa que foi acerca da atividade em torno do desenvolvimento econômico, através da inauguração do Centro de Economia Solidária, um espaço que oferece produtos variados a preços acessíveis a comunidade local. No dia 9 de fevereiro de 2007, o Centro Público de Economia Solidária de Itajaí, que já era um pólo de referência para a economia solidária, começou seu funcionamento, abrigando uma grande variedade de grupos que comercializam seus produtos e oferecem serviços dentro das premissas da economia solidária. Dessas, destacam-se a autogestão, ou seja, sem a formação de hierarquias na produção - todos os participantes do empreendimento dividem as tarefas e os rendimentos; e uma relação diferente que não visa lucros, mas sim o próprio sustento.

Participam do Centro de Referência de Economia Solidária o grupo Justa Trama, com confecções em geral elaboradas com algodão orgânico; a Cooperativa de Coletadores de Materiais Recicláveis da Foz Rio Itajaí (Cooperfoz), que se atêm à comercialização de velas, embalagens de papel reciclado, cestos, vasos, entre outros; a Cooperativa Central das Costureiras de Itajaí, que oferecem serviços artesanais no setor das confecções; o movimento Hare Krishna, que produz alimentos vegetarianos, incensos, livros e confecções, óleos aromatizantes e telas; o Núcleo de Afrodescendentes Manoel Martins dos Passos, com a confecção de bijuterias; a Pastoral da Saúde Imaruí, que proporciona produtos fitoterápicos; o Grupo Produção Alternativa Solidária (PAS), que expõem bordados; a Fio Nobre, que participa com tapeçaria e fios para artesanato e o grupo Ação Social Paroquial do São João, que atua com confecções. No espaço também são oferecidas terapias alternativas como aromaterapia e massoterapia realizadas por Cláudia Regina Telles e pela sua irmã Valci Ferreira da Silva.

Centro de Referência de Economia Solidária e o futuro Centro Público de Economia Solidária são uma excelente oportunidade para divulgar a sua cultura. Visa contribuir para reduzir a atitude agressiva do ser humano. No espaço os visitantes podem encontrar uma grande variedade de alimentos saudáveis que o grupo produz artesanalmente e sem agredir ao ser humano e à natureza. Nossa filosofia busca diminuir a violência entre as pessoas e para com a natureza através de uma melhora do estado mental do ser humano. A Yoga (prática de meditação) visa que tenhamos uma mente mais pacífica. A busca por uma alimentação equilibrada tornou-se um comportamento de um grupo seletivo e que, com o Centro, a idéia é tornar a cultura Hare Krishna mais popular e não-elitista. Há cinco anos em Itajaí, é a primeira vez que um governo proporciona este tipo oportunidade ao grupo Hare Krishna. Futuramente pretendemos oferecer alimentos orgânicos plantados por nós mesmos, sem agrotóxicos¹³⁷.

¹³⁷ Bodhisattva.

A implantação do restaurante não está atrelado ao programa Alimentos para a vida, as atividades com as comunidades continuam, a possibilidade no centro de economia solidária serve mais como um elemento de articulação social e forma de rentabilidade para fomentar ainda mais o programa. Nesse sentido, a Educação Ambiental, se torna bastante presente, a solidariedade, a cooperação ao redor da economia solidária, o respeito pelos animais são desdobramentos da atividade do autoconhecimento. Esses são os predicados do sujeito onírico que vê e vive na religião uma mudança no sentido de sua vida e compartilha com o todo de uma sustentabilidade econômica, social, ambiental com a sociedade e com o cosmos.

6.4.2. Em busca da harmonia

A harmonia surge na investigação como possibilidade de compreender o sentido da prática do autoconhecimento que visa reunir as ações da comunidade, em uma tentativa de agregar os fundamentos da Educação Ambiental como forma de perceber nestas, um caráter efetivo de contribuição ao problema socioambiental que se apresenta no mundo atual. A harmonia é forjada então, por uma aura de preocupação em relação à manutenção do ambiente natural, com as relações sociais e, acima de tudo, busca um bem estar envolvendo ser humano e natureza em um movimento cósmico/místico que respalda o impulso para a transformação do pensamento.

A verdade religiosa serve como um catalisador de anseios subjetivos, que estão presentes no plano individual, proporcionando um refletir, acerca do coletivo, ou seja, de tudo que é comum aos sujeitos que nela impingem valor e veracidade.

O ideal de vida harmônica migra do instante individual para o coletivo em função da vontade de alçar qualidade de vida para o todo. Assim, o autoconhecimento está desvendado. Pois, o fato do ser humano permitir-se refletir sobre si-mesmo e sobre suas ações frente ao mundo faz com que os anseios que estão amparados através da fé, proporcionem um movimento de mudança das ações individuais como também de uma outra visualização do mundo e do tratamento com o mundo.

Incorporar a idéia de que deus/mundo/natureza estão dentro de si (imanência) faz com que a validade do autoconhecimento Hare Krishna, propicie esse olhar transformador, porque exatamente através de um olhar que compreende o todo, é que tal objetivo se torna real. Eis a Educação Ambiental do processo do autoconhecer do devoto, ou do sujeito que agrega o

fundamento do autoconhecimento Hare Krishna, não necessariamente precisa ser um devoto, e o utiliza para abarcar essa intenção.

Desvelo assim, esse entendimento atrelando essa prática que é particular de um grupo podendo ampliá-la como uma alternativa de ideal harmônico para poder perceber/compreender/refletir os problemas ambientais, sociais e culturais que compõem os sons do mundo, e deles extraírem sintonias de caráter universal que agreguem a Educação Ambiental como possibilidade também de mudança.

6.5. Contribuições para Educação Ambiental

A filosofia Hare Krishna tem como contribuição à Educação Ambiental, justamente, esse pensar sobre si e sobre o todo, partilhando de uma premissa sistêmica em um movimento dialógico, o qual é preconizado por Morin.

O autoconhecimento é uma parte do todo, que por sua vez é parte também, pois é um sistema auto-eco-organizado.

A dimensão onírica participa com intuito de perceber no sujeito a motivação, em particular, a comunidade do Templo de Itajaí e suas ações frente suas próprias vidas, em um movimento recursivo que atenta ao autoconhecimento atrelado, nessa investigação, ao Si-mesmo.

Portanto, além dessas considerações acerca do fenômeno do autoconhecer, vejo que as narrativas dos sujeitos também se direcionam a uma preocupação da Educação Ambiental: a sustentabilidade. Vejo ainda que a sua organização, o princípio das redes e da horizontalidade faz com que também estabeleçam um diálogo com a Educação Ambiental.

A EA deve oportunizar e potencializar o poder das diversas populações, promover oportunidades para as mudanças democráticas de base que estimulem os setores populares da sociedade. Isso implica que as comunidades devem retornar a condução de seus próprios destinos. (MACHADO apud SATO, 2005: 101).

Nesse sentido, o instante do autoconhecimento proporciona todo esse encadeamento de ações que os imputam a uma preocupação social e também ambiental. Na forma de como vêem e percebem o mundo no qual estão inseridos, os sujeitos antes de estarem regrados por uma doutrina, aspiram um mundo mais justo e harmônico, e isso, ao menos para mim, é Educação Ambiental.

Como minha linha de pesquisa se refere aos Fundamentos da Educação Ambiental, me preocupo, em estabelecer relações com a ciência e em galgar espaços junto à discussão científica, trazendo à tona a emergência de um conhecimento que possa ser útil para a discussão.

Logo, percebo no autoconhecimento, presenciado pelos entes da comunidade uma considerável contribuição também.

As expectativas foram muitas em relação à pesquisa, pois observei com essa investigação uma contribuição à Educação ambiental, no sentido de possibilitar tal discussão, envolvendo uma instância metafísica de relacionamento com o mundo a ações sociais em favor do mundo.

Assim, como um educador ambiental, busco sempre estabelecer mediações com aquilo que posso dialogar, e nesse caso, foi o autoconhecimento Hare Krishna.

Dessa forma, percebi nas abordagens em Educação Ambiental, uma preocupação em se voltar ao questionamento do pensamento moderno, num movimento de propor outras alternativas para se pensar cientificamente, por isso trouxe a Complexidade como paradigma para refletir acerca daquilo que entendemos por sagrado.

As ações da comunidade de Itajaí conotam muitas práticas que envolvem a Educação Ambiental. O programa Food's for Life (Alimento para Vida), a economia solidária, a justificativa ao lacto-vegetarianismo e o próprio pensamento em torno da vida e da existência.

É sabido que o que fazemos é assistencialismo, mas é aquilo que esta em nossas mãos fazer, já que os governos no fazem nada, nós temos a possibilidade de fazer, mas calma, também tem o fator de as comunidades gostarem dos devotos, estamos fazendo algo, para a vida, pra nós mesmos e para os que necessitam e tem fome, fome de alimento e fome de amor¹³⁸.

Dessa forma, são essas as premissas que me aproximaram da Educação Ambiental, num movimento em que se verifica no autoconhecimento Hare Krishna uma forma de se viver uma realidade alternativa e compreensiva acerca dos fundamentos teóricos, da realidade vivida, objetivando uma vida harmônica em todos seus setores.

¹³⁸ Bodhisattva.

6.5.1. O Corpus

A Categoria Inicial 01 está diametralmente relacionada ao autoconhecimento e, para esta, foram elencadas unidades que se destinam a compreender:

- ✓ A Subjetividade do Indivíduo;
- ✓ A acepção da Verdade Religiosa;
- ✓ E o Instante do Si-mesmo.

A unidade “Subjetividade do Indivíduo”, se debruçou acerca do ‘porquê’ do sujeito escolher a doutrina Hare Krishna, como orientação para conduzir suas ações perante o mundo e também do seu relacionamento com o elemento oculto. Nesse sentido, utilizei as entrevistas realizadas com os três sujeitos para tentar entender esse movimento de entrega. Percebi que a busca esteve atrelada, primeiramente, em função de um descontentamento com a visualização cristã acerca da percepção de mundo e relacionamento com este. Em segundo lugar, o elemento exótico importado também despertou curiosidade e adesão a uma alternativa de vida que compreendessem tais insatisfações. Terceiro, o sentimento de parte fundamental no tocante do mundo/divindade, foi o que mais apresentou o envolvimento do fiel, pois dignifica o humano a uma potência sagrada, em certo sentido, e, o faz responsável pela vida e pelo planeta, partilhando das benesses e dos problemas.

A ligação à Categoria autoconhecimento se verificou, pelo fato, do reconhecimento dos sujeitos que o praticam e dos motivos que fizeram estes, a elege - lá como esteio de referência para condução das ações. O ser humano é fundamental, pois é o sujeito que exerce a ação e credita no autoconhecimento uma ferramenta de condução dessa ação.

A unidade “Acepção da verdade religiosa” foi o instante de confirmação da unidade anterior, que se dedicou a visualizar no sujeito Hare Krishna, sua vinculação, nesse momento, também envolvendo as observações realizadas com os demais, a validade do todo que utiliza do Templo como espaço de devoção, a dimensão da fé à atividade prática. Os rituais e as ações sociais foram à amálgama que respaldaram essa unidade. Pelo fato, de poder observar a fusão do ser humano àquilo que este confere fé. Percebendo o movimento de transformação/orientação da verdade religiosa como propulsora à prática do autoconhecer.

Sua vinculação à Categoria autoconhecimento se confere, pois, se os sujeitos não encontrassem significação na doutrina não seguiriam seus dogmas e orientações. A

vinculação seria inválida, porque para exercer a filosofia, que em seu âmago elege renúncias, no nosso modo de ver, é necessário acreditar e creditar verdade.

A unidade “Instante do Si-mesmo”, faz um relacionamento com a caminhada teórica que foi sugerida a priori, para verificar a unidade anterior. Buscando nos anteparos teóricos abordados, uma constatação acerca do fenômeno de adesão a doutrina. Nesse sentido, possibilitou cruzar o discurso jungueano com a acepção da verdade religiosa no sujeito. Entendendo que o si-mesmo se dedica à questão da subjetividade do indivíduo que confere na religião/filosofia o qualificativo de verdade/transformação.

Está ligada a Categoria autoconhecimento, por emblemar as motivações psíquicas e sociais do sujeito na prática/ritual. É, em certo sentido, à própria ação do autoconhecimento, ou seja, a percepção de si num movimento autoreflexivo individual e coletivo.

A Categoria Inicial 02 enfoca a Educação Ambiental como possibilidade de intervenção, interpretação e associação às ações do indivíduo:

- ✓ Sujeito Onírico;
- ✓ Relacionamento com a divindade;
- ✓ Entendimento do campo ambiental.

A unidade “Sujeito Onírico” observou a associação à discussão teórica relacionada à transformação, que na pesquisa esteve guiada por Gaston Bachelard. Nessa medida, alçou o entendimento e a associação do sujeito do autoconhecimento Hare Krishna, ao ser sonhador, pelo fato de conferir na verdade religiosa, um anseio, sonho, desejo do fiel através do qualificativo ‘esperança’. Particularmente, não tenho como medir, isto é, avaliar, quem é mais devoto ou não, e nem é essa a intenção. O simbólico quem atribui é o sujeito e, não é o meu papel validar as intencionalidades do simbólico, mas sim, conferir a ele motivação e transformação.

Por isso associo essa unidade a Categoria Educação Ambiental, porque entendo que essa adesão à verdade religiosa se dá através da otimização de um mundo melhor, com relações justas entre os seres humanos, e por um tratamento harmônico com a natureza. Assim, vejo que o sujeito busca anseios, esperanças na fé, e utiliza o autoconhecimento para legitimar a busca dos sonhos pretendidos.

A unidade “Relacionamento com a divindade”, visou constatar o envolvimento com o ambiente, tendo em vista que a divindade é o todo, portanto é também o ambiente. Visto que, entendo que a internalização da divindade faz com que os sujeitos, não outorguem à

responsabilidade do trato da natureza, do ser humano, das relações sociais, a algo que está aquém, ou seja, externa a elas.

Justifica-se sua vinculação a Categoria à qual pertence, exatamente pelo fato de não postergar a responsabilidade socioambiental humana ao território do sacramental, no momento que elas se configuram como parte do mundo transcendental elas vivenciam o autoconhecimento como prática coletiva em favor do mundo.

A unidade “Entendimento do Campo Ambiental” orientou a pesquisa, buscando entender o que os sujeitos têm por ambiente, natureza e ser humano. Na verdade, a intenção se restringe a visualização e entendimentos acerca das instâncias citadas. Embora, as relações estejam bifurcadas entre ser humano e natureza, a compreensão geral foi pautada pelo componente da unidade anterior que se referem à internalização dessas instâncias, implicando no comprometimento entre a natureza física e ação humana, e isso os torna ambientes ligados à divindade e ao compromisso social.

A Categoria Inicial 03 envolveu as unidades a partir da realidade vivida pelos sujeitos em torno do Sagrado, permeando assim, a importância desse norte para a manutenção da ação:

- ✓ Espaço da Noosfera;
- ✓ Atitude devocional/ritualista;
- ✓ Representação simbólica;

A unidade “Espaço da Noosfera” pretendeu estabelecer relações do mote de investigação ao paradigma Complexo, em uma tentativa de verificar a pertinência da interconexão com a teoria escolhida. Entretanto, serviu de comunicação ao universo hindu e Hare Krishna para o entendimento religioso, filosófico e metafísico no quesito Sagrado. Possibilitou o mergulho acerca da história indiana estabelecendo paralelos com a realidade presenciada na comunidade.

Associa-se a Categoria Sagrado, pois impinge nesta, esclarecimento e viabilidade de desenvolvimento da pesquisa. Qualifica os resultados da investigação e os encaminha com tranquilidade ao campo da Educação Ambiental com total tranquilidade e segurança.

A unidade “Atitude devocional/ritualística” detém-se ao esclarecimento acerca do processo ritual Hare Krishna, como parte instituinte do autoconhecimento, uma vez que baliza as diretrizes de verdade religiosas, no sujeito que a acolhe como direção. Ao passo que atribui sentido na atitude devocional instaurando uma metodologia ou procedimento determinado pela sua mitologia ao momento de re-ligação.

É ligada a categoria por exprimir o conteúdo ético e moral do ritual em favor da verdade religiosa escolhida pelo sujeito, denotando a re-ligação como autoconhecimento amparado por pressupostos sagrados de envolvimento com a deidade. Exemplo disso é o cantar o Maha-Mantra.

A unidade “Representação simbólica” está atrelada ao processo de reconhecimento da primeira unidade dessa categoria como ente que cria a possibilidade de envolvimento com o sagrado. Verifica o processo de acepção da atitude devocional/ritualística, conferindo o ente que preservar o teor do envolvimento com o sagrado garantindo os meios de comunicação com ele.

E está ligada a categoria sagrado, porque visa refletir acerca do ente que transforma as ações e intenções humanas em autoconhecimento.

As Categorias intermediárias serviram para delimitar a pesquisa. Permitindo observar movimentos, instaurações e impressões dos devotos em torno da sua realidade:

- ✓ Templo;
- ✓ Pragmatismo.

A categoria “Templo”, que já foi ressaltada ao longo da trajetória, foi o meu objeto de análise, pois me permitiu visualizar as mediações, as interações dos sujeitos com a esfera sagrada, com a Educação Ambiental e com o autoconhecimento. Objetivou a análise do material de campo e do seu relacionamento com os pressupostos teóricos impressos na pesquisa. Impulsionou também, na descrição e interpretação do pesquisador acerca da cultura dos Hare Krishna focando as atenções acerca do espaço físico/simbólico da representação da investigação.

A categoria “Pragmatismo” orientou o discernimento entre alternativa e doutrinação, outorgando a viabilidade do estudo para a intencionalidade de buscar na filosofia Hare Krishna um diálogo com a Educação Ambiental, sem cair na armadilha da pregação. Foi à categoria que confirmou a problemática de pesquisa: “*No que consiste o autoconhecimento Hare Krishna*”. Verificando o sucesso do trabalho ao universo científico, norteando sempre o foco da investigação.

E a Categoria Final “Ação Educativa”, costurou a essência das análises que emergiram das categorias anteriores, constituindo o *Corpus* documental do exercício de campo, aglutinando-o aos procedimentos metodológicos pretendidos, reunindo a intencionalidade da pesquisa e verificando sua validade para a Educação Ambiental. Teve por objetivo,

primordial, tencionar a caminhada teórica com a experiência prática, produzindo o som da pesquisa.

Esse, então, foi o roteiro, que escolhi para realizar o exercício da dissertação, entendendo que as proposições iniciais, demandavam tal metodologia, uma vez que, necessitei de uma orientação para transitar nesse espaço, até mesmo porque, era algo totalmente novo para mim, a cidade, a comunidade, a religião,... Enfim, não queria ser apenas um observador frio ou, um mero transmissor de ações de pessoas em seu habitat, para posterior análise de um “manual” do que eles fazem certo ou errado.

Minha tarefa é a de revelar as ações de uma comunidade que utiliza da Educação Ambiental como forma de se autoconhecer e tratar com a sociedade, verificando nessa prática o autoconhecimento como combustível favorável à transformação. Portanto, os sujeitos, vão continuar lá, fazendo suas ações, vivendo sua sacralidade, independente de mim, por isso quem sou eu para outorgar a veracidade das suas práticas, minha função é divulgar e propagar esse modelo para os educadores ambientais e a sociedade, realizando a minha tarefa de educador/cidadão que viveu esse instante, essa realidade, produzindo mais uma onda sonora junto a estes seres incríveis que pude partilhar momentos de intenso aprendizado.

6.5.2. O entrecruzamento com a caminhada teórica

O encaminhamento teórico que foi respaldado pelas proposições de Morin, Jung e Bachelard, juntamente a mitologia hindu, se verifica no autoconhecimento Hare Krishna, legitimando a experiência de campo, onde foi possível perceber a inclinação proposta no espaço/realidade da comunidade do Templo de Itajaí. A realidade da Noosfera compreendeu a dimensão sagrada, o si-mesmo abarcou a subjetividade dos indivíduos que crêem nessa filosofia e, o sonho agregou a direção aos anseios da Educação Ambiental.

Entendo que esses movimentos de certa forma sempre estiveram presentes na pesquisa, uma vez que, consolidaram a forma e o tratamento acerca da condução do olhar do pesquisador em favor da análise. Destaco, nesse momento, a importância da Hermenêutica reflexiva nesse processo, porque viabilizou a atividade da interpretação dos conceitos abordados pelos autores, do imaginário sociocultural que provém do oriente, somado à investigação de campo.

A sintonia almejada possibilitou através da interpretação dos fenômenos, uma constante alternativa para utilizar a análise textual como ferramenta de apreciação dos dados,

que estavam previamente dispostos com a interlocução teórica bem como da emergência dos resultados que se apresentaram através do processo metodológico que contou com alguns instrumentos etnográficos para a coleta. Assim, a produção do Corpus, reuniu a essência dessa interpretação hermenêutica contribuindo para a produção do *Metatexto*.

O *Metatexto* configura de forma coerente, os resultados dos procedimentos citados anteriormente. Promovendo a reflexão e a conclusão do pesquisador em torno da sua problemática. É um exercício que demonstra a capacidade de interpretação do Corpus e na produção do resultado final de forma sistemática.

Agora, depois de toda essa caminhada vou anunciar os sons da comunidade do Templo de Itajaí e, no próximo capítulo, divulgar a construção do *Metatexto*, anunciando então, o produto final da investigação. Sinto a sensação de tarefa cumprida e é com muito orgulho e satisfação que então esses sons, que são fruto de dedicação, comprometimento e sonho, no sentido de explorar a diversidade cultural humana nas suas mais variadas interfaces.

6.6. Os Sons de uma comunidade calcada em Mantras

A comunidade Hare Krishna do Templo de Itajaí teve a possibilidade de comunicar, a sua relação com o autoconhecimento vivificado pela Bhakti-yoga, ou seja, o serviço devocional, nos remeteu a pensar em uma transformação que migra de dentro para fora. O autoconhecimento se percebeu através da tomada de decisão do sujeito em relação a sua postura perante o mundo, exigindo reflexão e desprendimento, desapego de ilusões fabricadas (Maya, no sentido de consumo), revelando Krishna como suprema personalidade de Deus, que está presente em cada um de seres humanos.

Essa combinação de religião com filosofia foi o que qualificou o movimento Hare Krishna, como um movimento em nome do amor. Amor pela vida, pela humanidade, pela natureza e etc. Assim, posso falar em autoconhecimento que libera (Moksha), visando à percepção do sujeito enquanto transforma sua história.

Aprendi com a comunidade de Itajaí, o como estabelecer esse diálogo, o quão minha investigação encaminha a prática educativa com a realidade vivida por eles. Em uma tentativa de perceber que essa pesquisa tem um sentido real e não apenas utópico.

Cada pessoa, cada pedra e cada poeira daquele Templo contaram uma grande história, ou seja, possuiu um som que traduziu uma relação muito próxima a Krishna. Nesse sentido, Krishna passa a ser um ícone a fim de representar todas as potencialidades de mudança que

estão dentro de si mesmas. Dessa maneira, pensar essa relação tão próxima à idéia daquilo que temos por Deus, é algo que necessito aprender muito mais.

As relações pessoais, com a natureza e o respeito, também são premissas que estão incorporadas na religião, pois são princípios que também dirimem a Educação Ambiental. A esse respeito penso que o fascínio proposto pelos saberes do oriente me motivou a realizar tal investigação.

Além disso, a relação filosófica, psicológica e religiosa, tornou cada vez mais instigante a continuidade de uma pesquisa que se atente a entender essas interconexões envolvendo a Educação Ambiental, em um processo dialógico com a cultura humana. O pensamento vaishnava influenciou muito essa aproximação, percebendo na instância re os alicerces dessa filosofia.

Os devotos do Templo de Itajaí entoam sons que são para vida e não apenas para alguns, tais vozes revelam a essência que fundamentam e regem essa relação com o cosmos. Por esse motivo, creio que a pertinência desse estudo reforçou e endossou os meus objetivos sobre a realização da pesquisa, que por vezes possuiu um toque divino, mas também se reflete na esfera social tornando-se um diálogo sobre o conhecimento do eu e da sua difusão para o conhecimento científico.



Radhastami – Srimad Radharani: o símbolo do autoconhecimento Hare Krishna – Figura 10 –

*Capítulo 7: O Metatexto e a Produção de Vida:
refletindo com a investigação*

*“Ver num grão de areia um mundo, numa flor um céu profundo, ter na
mão a infinidade num minuto à eternidade”.*

William Blake

7. O Metatexto e a Produção de Vida: refletindo com a investigação

7.1. O Autoconhecimento

A prática do Autoconhecimento suscita uma ação atrelada à vontade, à motivação e ao anseio por mudança. A partir da reflexão tecida pode perceber que o movimento de autoanálise em torno do tratamento acerca da representação de mundo, faz com que os indivíduos possam buscar nesta instância um amparo para rever constantemente suas ações e seus tratos com a natureza. A produção de vida, tão citada, significa, justamente, o fruto do autoconhecimento, o seu desdobramento real, pois, depois que o sujeito conhece a si mesmo, age por si mesmo.

Então tem-se por produção de vida, tudo aquilo que almeja uma melhoria no tocante ao seu relacionamento com o seu meio: ambiente naturalmente dado (onde vive, o fisicamente percebido), as relações sociais (o envolvimento com o outro, sem julgamentos de valor) e o simbolismo direcionado ao campo do sagrado (seu relacionamento com a divindade). Através dessa percepção de ambiente reconheço o caráter sustentável para o manejo da “vida” em favor da humanidade e do habitat que esta ocupa. Depois de exercer a autoconsciência, o sujeito busca, a partir de suas ações com o ambiente, produzir vida.

Esse produzir, está relacionado ao desejo de visualizar e vivificar um mundo melhor, com qualidade de vida, igualdade entre os seres humanos, respeito com a natureza e a biodiversidade, harmonia com o cosmos e, por fim, promover uma sociedade que tenha por princípios uma organização social em bases ecológicas e humanistas de tratamento com a vida.

Nesse sentido, o autoconhecer Hare Krishna, desenvolve, ou pretende implicar, suas ações e pensamentos, a produção de vida como resultado final e constante da sua forma de ver/viver/refletir acerca do seu relacionamento com o mundo. Assim, apresenta-se como uma alternativa para a Educação Ambiental poder refletir ou até mesmo incorporar as seus

princípios éticos. Não no sentido de abarcar a religiosidade vaishnava como orientação, mas sim, seus desdobramentos em torno do entendimento desse relacionamento com o ambiente, para tentar fundar e/ou refletir sobre alguma das vias que podemos enfocar nosso tratamento perante a vida.

7.1.1. A Tomada de Consciência

A tomada de consciência é a atitude que a partir do momento que relegamos a produção de vida como esteio para a nossa relação frente aos movimentos que estão presentes no mundo. É o nosso papel enquanto cidadãos desse mundo, que vai determinar os rumos da humanidade e da natureza daqui para frente. Assim, vejo o estudo realizado como um grande estímulo para que a humanidade definitivamente comece a repensar sobre sua contribuição no tocante aos problemas socioambientais que estão presentes em nossa sociedade.

A fome na África, a imigração ilegal nas Américas, a pobreza na Ásia, o desemprego na Europa, a violência no Brasil e muitos outros exemplos, são, reflexos da sociedade da qual pertencemos. E isso não é problema nosso? E tampouco o desdobramento desses problemas no meio ambiente, também não nos interessa? Penso que a tomada de consciência agrega não somente estes problemas de ordem mundial, mas as problemáticas locais também e, no nosso caso, acredito que o ensino seria uma forma de colaborar, através da Educação, ou seja, da Educação Ambiental, para começar a produzir vida nesse mundo.

Naturalmente que, abarcar o todo, para cada indivíduo, é uma tarefa quase impossível, porém, se cada um puder ou quiser se autoperceber e fizer algo em favor da existência/permanência da humanidade e da natureza, estará efetivamente somando-se aos sons universais que regem a orquestra mundial que é a vida. E nós, educadores ambientais, temos por missão, e aí quase que num caráter religioso de impulsionar e disseminar a produção de vida, em nossas salas-de-aula, nas nossas famílias, na comunidade... Enfim, nosso “Karma” é propagar os sons da sustentabilidade planetária que está sob o “Dharma” da Educação Ambiental.

Essa tomada de consciência é mais um instrumento de ação do que aparato reflexivo, porque é o meio pelo qual podemos, efetivamente, contribuir/construir/ressignificar nossa representação simbólica para com a vida. E a partir daí sintonizar nossas experiências que são vividas e tecidas entre o caos e o cosmos, deixando o sujeito onírico (Atman) que habita no interior do nosso próprio ser, emergir propondo a transformação.

7.1.2. O ser sonhador

O ser sonhador é justamente, atribuir ao ser humano a instância da fé aos seus impulsos e ações. De acordo com Bachelard devemos discorrer acerca da *Sizígia*¹³⁹ para poder vivenciar este estado de autoconhecimento. Nessa medida, um sistema constitui-se de partes interdependentes entre si, que interagem e redefinem-se mutuamente, desse modo o sistema não será definível pela soma de suas partes, mas por uma propriedade que emerge dessa interação.

O estudo em separado de cada parte do sistema não levará ao entendimento do todo, esta lógica se contrapõe ao método cartesiano que postulava justamente ao contrário. Nesta perspectiva, e também apoiado em Morin, o todo é mais do que a soma das partes. Da organização de um sistema nascem padrões emergentes que podem retroagir sobre as partes. Por outro lado o todo é também menos que a soma das partes uma vez que tais propriedades emergentes possam também inibir determinadas qualidades das partes.

Um sistema realimentado é necessariamente um sistema dinâmico, já que deve haver uma causalidade implícita. Em um ciclo de retroação uma saída é capaz de alterar a entrada que a gerou, e conseqüentemente, a si própria. Se o sistema fosse instantâneo, essa alteração implicaria uma desigualdade. Portanto em uma malha de realimentação deve haver um certo retardo na resposta dinâmica. Esse retardo ocorre devido a uma tendência do sistema de manter o estado atual, mesmo com variações bruscas na entrada. Isto é, ele deve possuir uma tendência de resistência a mudanças que, por sua vez, significa que deve haver uma memória intrínseca a um sistema que pode sofrer realimentação.

Assim, a existência do "eu-individual"¹⁴⁰ só emerge mediada pelo outro (que em uma visão ampla se torna o Outro - a própria sociedade diferente do indivíduo). Dessa forma, "eu"

¹³⁹ Sizígia, ou o arquétipo da alteridade, segundo Jung, se refere aos opostos masculino-feminino na psique. Segundo a psicologia analítica, trata-se da personificação de uma produção espontânea do inconsciente. Como é inconsciente, esse arquétipo caracteriza-se pela sua autonomia em relação ao ego, produzindo fenômenos problemáticos, tanto no âmbito do relacionamento com o sexo oposto, quanto na intimidade do indivíduo. (SILVEIRA,1975: 167)

¹⁴⁰ Cabe enfatizar que Persona/Individuação, neste mesmo sentido, na Psicologia Analítica, é dado o nome de persona à função psíquica relacional voltada ao mundo externo, na busca de adaptação social. Nesta acepção, opõe-se à sizígia (animus/anima), responsável pela adaptação ao mundo interno. No processo de individuação, a primeira etapa é, justamente, a elaboração da persona desenvolvida, em termos de sua relatividade frente à personalidade como um todo. Nos sonhos, costuma aparecer sob várias imagens/formas, é um processo através do qual o ser humano evolui de um estado infantil de identificação para um estado de maior diferenciação, o que implica uma ampliação da consciência. Através desse processo, o indivíduo identifica-se menos com as condutas e valores encorajados pelo meio no qual se encontra e mais com as orientações emanadas do Si-mesmo, a totalidade (entenda-se totalidade como o conjunto das instâncias psíquicas sugeridas por Carl Jung, tais como persona, sombra, self, etc.) de sua personalidade individual. Jung entende que o alcance da consciência dessa

existo a partir do outro, e no outro pelo outro¹⁴¹, o que me permite também compreender o mundo a partir de um olhar distinto, partindo tanto do diferente quanto do “mim mesmo”, sensibilizado pela experiência do encontro intersubjetivo.

A noção de outro ressalta que a diferença, ou seja, a alteridade, constitui a vida social, à medida que esta se efetiva através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a alteridade é, simultaneamente, a base da vida social e fonte constante de tensão e conflito.

“A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.” (SILVEIRA apud JUNG, 1975:21)

Com isto, Jung está afirmando que o Si-mesmo é tanto corpo quanto psique e que o corpo lhe é apenas uma manifestação exterior. A alma surge então como “*a vida do corpo*”; se não pode viver em seu próprio corpo, o Si-mesmo, por assim dizer, rebela-se ou revela-se, atuando através dos sintomas.

Ao tratar o corpo como dimensão do Si-mesmo, Jung não está fazendo referência apenas à modalidade fisicamente experimentada, como ocorre atualmente no mundo. Trata-se do “*corpo sutil*”, ou seja, do sintoma como símbolo; do somático como lugar de revelação do psíquico, porque o corpo e a psique são dois aspectos de uma mesma realidade.

O ser sonhador nasce da reunião das manifestações acima citadas: da visualização da fé de Bachelard, dos sistemas dinâmicos presentes em Morin e da alteridade do Si-mesmo, em Jung. A realidade vivida junto aos devotos em Itajaí, fizeram com que eu pudesse reconhecer, nessa construção dialógica, o ser sonhador enquanto o ser do autoconhecimento.

7.2. O Diário de Campo

O Diário de Campo foi um instrumento que possibilitou agregar os sons do estudo.

totalidade é a meta de desenvolvimento da psique, e que eventuais resistências em permitir o desenrolar natural do processo de individuação é uma das causas formadoras do inconsciente coletivo. (SILVEIRA, 1975: 189).

¹⁴¹ Alteridade (ou outridade) é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. (SILVEIRA, 1975: 26).

Isto porque viabilizou a minha inserção na comunidade do Templo de Itajaí em consonância com a problemática de pesquisa que incitei a investigar. Nesse sentido, o que era apenas uma prática descritiva revelou-me a essência mesma da experiência de campo.

As angústias, os estranhamentos, as alegrias e a solidão, fizeram-me apreender os movimentos daquele local e sedimentar a minha construção enquanto educador ambiental. As interações com o Templo e a própria estadia proporcionaram-me momentos imprescindíveis para desenvolver este estudo.

As observações, dia a dia, seguiram uma dinâmica fiel de registro, mesmo que, em alguns momentos, esqueci-me de registrar a data no que diz respeito à cronologia, embora isso não tenha comprometido em nada a urdidura do trabalho. A vida no Templo é vivida em um instante atemporal, pois segue outra lógica, outro horário, outra dinâmica. Às vezes, parece que estamos em outro mundo...

As minhas primeiras sensações foram de total desligamento com o exterior, e percebi que o investigador incorpora certos hábitos alheios a sua própria orientação cultural. Inconscientemente, fui me envolvendo de tal maneira que por alguns instantes forjava uma espécie de união bastante tenra com o Templo que ainda não consigo explicar. Em contrapartida, os momentos de solidão e do próprio deslocamento também me fizeram refletir em torno da pesquisa.

Estou aqui e é mais um dia de calor. Já estou acostumado a acordar cedo. Sinto a sensação de saudade da minha rotina e me sentindo como um usurpador da vida alheia e, certamente, hoje, queria estar em casa. No entanto, pela manhã quando observei o puja, pude compreender o relacionamento dos devotos que, um a um, realizavam o canto da japa bastante concentrados; que o relacionamento com a divindade é o próprio relacionamento consigo mesmo, e isto já é o que venho buscar: o autoconhecer desses sujeitos. Agora consigo me animar, porque já antevejo alguns êxitos, assim posso me sentir um pouco mais ‘confortável’¹⁴².

O fragmento acima demonstra um dos instantes de aprendizado e angústia acerca da atividade de pesquisa, onde pude perceber que o meu próprio autoconhecer estava também contribuindo com a atividade de investigação. Além disso, a minha constituição em um educador ambiental está eminentemente atrelada à emergência do ser sonhador que também faz parte de mim e desse processo.

¹⁴² Fragmento do Diário de Campo da Pesquisa – 11/02/2007.

Destarte, o Diário de Campo e as suas anotações constroem e fundam boa parte desse estudo referente às análises e às próprias conclusões. É com este instrumento que pude respaldar significativamente a existência da dissertação.

O autoconhecimento apresentou-se, assim, para a pesquisa e para o pesquisador. Constituindo um eterno perpetrar dialógico em forma de sons que revelam a alquimia complexa que legitima a investigação em torno do sagrado e da Educação Ambiental.

7.3. A possibilidade no paradigma Complexo

Complexidade é o paradigma epistemológico-filosófico que observa o mundo como um todo indissociável e sugere uma abordagem transdisciplinar para a construção do conhecimento. Contrapõe-se à causalidade linear por abordar os fenômenos como totalidade orgânica. Segundo Edgar Morin, em um primeiro momento, a complexidade é um tecido¹⁴³ de representações sistêmicas e heterogêneas inseparavelmente associadas. Aloca a contradição do *uno* e do *múltiplo*.

Não obstante, a complexidade é efetivamente o tecido de episódios, atuações, interações, retroações, determinações, acasos, que compõem o mundo ‘fenomenal’. Entretanto, a complexidade enfoca a dinâmica da desordem, da ordem, da interação, da organização e da incerteza.

A proposta da complexidade é a abordagem transdisciplinar¹⁴⁴ dos fenômenos e a mudança de paradigma, abandonando o reducionismo que tem pautado a investigação científica em todos os campos, dando lugar à criatividade, ao cosmos e ao caos. Essa é a possibilidade no campo da Educação Ambiental que conta com a contribuição do pensamento complexo.

Assim, as relações deterministas, às vezes muito simples, podem gerar, após muitas interações, divergências de trajetórias significativas partindo de condições iniciais muito próximas. Daí se afirmar que há um comportamento caótico, já que não há padrão para determinar no longo prazo (ou após muitas interações) qual o comportamento da trajetória a partir de condições iniciais aproximadas, como é o caso do caos determinístico.

¹⁴³ *Complexus*: o que é tecido em conjunto. (MORIN, 2005b: 18).

¹⁴⁴ Sendo transdisciplinar, não é possível uma definição sucinta do termo e suas aplicações. Alguns dos conceitos que compõem o tecido da complexidade: auto-organização; amplificação por flutuações; autoconsistência; autopoiese: capacidade de um sistema de organizar de tal forma que o único produto seja ele mesmo; auto-similaridade; imprecisão; conectividade; construtivismo; correlação; criticabilidade; dialógica; diversidade; emergência; fluxo; imprevisibilidade; inclusão; metadimensionalidade; onijetividade; paradoxo; aderência; potencialidade; retorno; ressonância; rizomas; virtualidade. (RANDOM, 2000: 40).

Porém e surpreendentemente, se do ponto de vista individual há o caos, muitas vezes há um padrão estatístico com relação à distribuição de probabilidade das trajetórias, o que permite alguma inteligibilidade e tratamento científico do caos/cosmos. Ocorre nesta experiência, então, um reconhecer da complexidade ao fenômeno do autoconhecimento, propondo um refletir a Educação Ambiental através de um movimento sonoro que visa propagar a contribuição das culturas e da religião para pensar o mundo em uma dimensão harmônica.

7.3.1. O Porquê dos Sons

Os sons estão intimamente atrelados à transdisciplinaridade, a qual visa a articular uma nova compreensão da realidade entre e para além das disciplinas especializadas. A transdisciplinaridade é uma abordagem que passa entre, além e através das disciplinas, numa busca de compreensão complexa dos fenômenos. Assim tão complexo quanto os problemas que tenta solucionar, tem-se a transdisciplinaridade, que por ser tão sutil, ser a linha tênue que une e serve de limite entre o comprometimento e o individualismo de cada disciplina, que não possui uma definição exata e, ao mesmo tempo é um dos mais necessários conceitos, quando tratamos de formação e educação ambiental.

A Transdisciplinaridade é um dos mais observados conceitos onde, ao mesmo tempo procura uma interação máxima entre as disciplinas, porém respeitando suas individualidades, onde cada uma colabora para uma saber comum, o mais completo possível, sem transformá-las em uma única disciplina.

Já na transdisciplinaridade, o objeto de estudo transcende as delimitações determinantes das disciplinas. Aqui, na verdade, existe um diálogo fundamental entre diversos níveis de conhecimento científico e filosófico, onde a idéia de disciplina perde sua especificidade, dando lugar a um trânsito de saberes não aderentes a métodos ou conceitos preestabelecidos, mas que produz e reproduz à luz dos encontros dialógicos entre os conhecimentos. (CALLONI, 2006: 64).

É sob essa melodia que escolhi os sons para representar todo esse impulso. Visto que os sons não têm cor, não possuem preconceitos, agregando a diversidade transdisciplinar dos saberes do mundo, sem tendências que pautassem nosso olhar pois, afinal, não enxerguei os Hare Krishna com meus olhos, mas escutei-os com os meus ouvidos.

7.4. Propondo um Fundamento para a Educação Ambiental

O Metatexto, de acordo com Roque Moraes é o fruto das categorias que constituem o fenômeno de investigação científica. Consiste na reflexão do pesquisador acerca da trajetória percorrida na atividade de pesquisa. Assim, esse estudo, representa o ‘meu entoar’, as considerações/reflexões que construí ao longo da caminhada.

Nesse sentido, para tentar reunir todo o conhecimento que foi adquirido e construído ao longo da jornada, proponho-me ‘ousar’ pensar um fundamento para a Educação Ambiental. Declaro que este possível fundamento está subordinado ao seu envolvimento com o autoconhecimento como possibilidade de contribuição aos seres humanos refletirem acerca de suas ações com o ambiente, já enfatizado anteriormente.

A Educação Ambiental é tida como

[...] educação crítica, política, emancipatória e dialógica, inserida no processo utópico de construção de uma sociedade justa e solidária. Ela, como prática para a liberdade, deve estar comprometida com a complexidade, com a necessidade de interligamento de saberes e com a coesão entre teoria e prática. (SILVA, 2007: 17).

O Sagrado enquanto corpo/casa/cosmos representa

A correspondência corpo-casa-cosmos e impõe-se desde muito cedo. O pensamento indiano utilizou abundantemente a correspondência tradicional casa-cosmos-corpo humano, e compreende-se por quê: como o Cosmos, o corpo é em última instância, uma ‘situação’, um sistema de condicionamentos que se assume. [...] O corpo humano, assimilado ritualmente ao cosmos ou ao altar védico, é também assemelhado a uma casa. [...] A correspondência também atua no sentido contrário: o templo ou a casa, por sua vez, são considerados como um corpo humano. É importante, contudo, enfatizar que cada uma dessas imagens equivalentes – cosmos, casa, corpo humano – apresenta ou pode apresentar uma ‘abertura’ superior que possibilita a passagem para outro mundo. (ELIADE, 1992: 141-142).

Esses dois entendimentos de relação com o sagrado e de Educação Ambiental, denotam a essência dos princípios que pautam a significação/fundamentação acerca do entendimento dos campos abordados acima. Assim, o autoconhecimento, participa do envolvimento dessas duas compreensões em torno do “ser humano” que visa buscar os códigos para se comunicar com os deuses através do sagrado, bem como da intensão da prática educativa referente ao entendimento sobre Educação Ambiental.

A partir dessas duas instâncias, direciono ao autoconhecimento o fio que conduz esses dois instantes ao processo de auto-reflexão em bases cósmicas (sonho) e da sociabilidade do reconhecimento do todo (si-mesmo), o qual é respaldado por um universo de intensões dialógicas entre o universo das “idéias” , das “ações”, da “santidade”, como dimensão que legitima o diálogo com o ser humano (Noosfera); sob a orientação da religiosidade que migra do oriente (Hare Krishna) para referendar a Educação Ambiental nesse relacionamento.

A pretensão, a ousadia, ou apenas a intenção de produzir um conhecimento que agregue a Educação Ambiental é um dos frutos auspiciosos que brotaram do exercício de realizar a dissertação. Dessa maneira eis um tímido som, que pode servir de Fundamento para pautar a Educação Ambiental no envolvimento ao estudo da religiosidade no processo de formação do Ser Humano:

“A Educação Ambiental é uma ação que pretende visualizar no mundo interações complexas entre seres humanos e natureza, fazendo com que o elemento humanidade não se dissocie da representação de ambiente atrelado também à natureza. É ‘Educação’, pois participa do instante de formar/implicar/construir no ser humano um instante de reflexão, propondo uma atitude que possibilite ao autoconhecimento, resultando em um processo educativo que abarque a essência do diálogo com a sacralidade¹⁴⁵, percebendo nesta a potencialização da ação humana. É ‘Ambiental’ porque reconhece no ser humano e na natureza uma realidade sagrada, no sentido de contemplar a vida em seus diversos matizes, abarcando para si, a produção de vida como sustentáculo simbólico no trato com o ambiente. Percebe-se assim, a Educação Ambiental para o autoconhecimento do ser humano sob a égide da dialógica como movimento de cooperação na atmosfera científica proporcionando o diálogo/reflexão sobre a instância do sagrado perpetrando em si o cosmos como qualificativo de prática ambiental e, potência humana sonhadora como qualificativo educacional transdisciplinar”.

¹⁴⁵ Sacralidade no sentido de direcionar-se a instância da fé/axioma permeado pela imanência. Não necessariamente precisa estar atrelado a uma religião específica, mas visa à intencionalidade e o sentimento de segurança e motivação que a relação com o elemento divino desperta no ser humano.



A concha: a representação dos Sons – Figura 11 -

Reflexões Finais: Os Sons do Oriente

“Um sistema filosófico é uma concepção que visa a elucidar o ser do mundo, do real, do homem, e cada um entre eles reelabora o mundo num grandioso jogo de construção de idéias e de conceitos”.

Edgar Morin

Reflexões Finais: Os Sons do Oriente

Acredito que depois da exposição dos caminhos que percorri, já posso dizer que a investigação acerca do autoconhecimento se verifica através do impulso e do comprometimento com uma filosofia de vida, guiado pelo movimento Hare Krishna, que possui o objetivo de concentrar atenções sobre uma sociedade rumo a sustentabilidade. Denota-se a importância de se compreender como esse momento de reflexão induz, ou melhor, anseia tais ações.

Ações essas que repousam nos fundamentos éticos de uma Educação Ambiental realmente comprometida com a causa da vida planetária. Foi conduzindo a discussão sob o prisma da transdisciplinaridade que foquei o meu interesse em dialogar com a filosofia Hare Krishna e sua comunicação com os fundamentos que pregam uma sociedade justa, igualitária e harmônica, dirigindo ações em favor da sociedade e da vida na terra.

O diálogo entre o cosmos e a ciência serviu para definitivamente pensarmos em alternativas que possam gerir e resgatar o ambiente que cada vez mais vem sendo destruído, uma vez que, entendo por ambiente não só a natureza, mas as relações humanas, com os demais seres vivos, com o respeito às diferenças. Enfim, o ambiente no sentido de permear as atitudes e ações que envolvem a vida.

O autoconhecimento surge como o instante primordial para esse movimento de transformação de atitude, de conduta, de relacionamento com o meio ambiente. Então, independente de ele estar atrelado a uma esfera religiosa ou não, ele é a chave para a reflexão que gera a mudança frente ao caos socioambiental que se apresentam aos nossos olhos todos os dias.

Assim, percebi que esses sons que migram do oriente, através de melodias, que às vezes parecem um tanto distintas, podem e por vezes são, alternativas viáveis para a mudança desse cenário. Ouvindo-os podemos reconhecer que o planeta precisa de ajuda, mas esse

processo tem que ser internalizado e compreendido pelo próprio sujeito que está predisposto a transformação.

A tomada de decisão e de consciência em favor de uma causa é um exercício de se autoconhecer como ser que vive no mundo e com o mundo. Por isso trouxe Jung para o diálogo, pois entendo que esse processo de re-ligação com a vida faz parte dessa construção que garante a tomada de decisão, integrando a visão de mundo como um ser, e também como si mesmo.

Logo, a filosofia Hare Krishna, por ter um caráter religioso concebe aquilo que temos por alma ao que temos por bem, confere ao autoconhecimento o pensamento de Morin: O todo está na parte e estas por sua vez estão no todo. Não estou querendo dizer com isso que a doutrina é essencial nesse processo. Ao que faço referência é perceber nela um impulso que, na pesquisa, chamo de sonho em favor dessa transformação.

Porém, no mundo atual somos e estamos guiados por verdades simbólicas a todo o instante, não necessariamente são religiosas, mas nos guiam e impulsionam nossas ações. O sistema econômico, o paradigma científico e a cultura, são apresentados hoje como dogmas que são difíceis de ruir. Por isso, mesmo que percebo no movimento Hare Krishna, não apenas uma verdade religiosa, mas, sobretudo, uma filosofia de vida.

Nesse sentido, busquei nessa sabedoria, uma forma de ouvir, através de seus sons, uma outra forma de se pensar no mundo, de poder ver outros enfoques em torno da vida. Quando falo em vida, me refiro ao planeta, aos seres vivos, à natureza e, acima de tudo, às relações estabelecidas entre estes. Minha intenção é ter no autoconhecimento um momento de reflexão acerca da ação humana sobre si - própria e aquilo que a rodeia.

As particularidades dos devotos de Krishna me levaram a crer que o nosso mundo é possível, que a nossa relação com Gaya, ainda tem sentido de acontecer. Meu objetivo foi reconhecer na 'instituição humana', uma preocupação com o que denomino de vida. Nessa medida, trouxe à discussão essa aura cósmica, que juntamente com a ideologia (componentes culturais), ainda regem e semeiam essa preocupação no ser humano.

A imanência perpassou o debate no sentido de possibilitar a inclusão do sagrado como elemento constitutivo do sujeito e sua relação com o transcendental dentro de si mesmo, que está mediado pelo sonho. A dimensão onírica se verificou enquanto possibilidade, esperança, motivação daquilo almejado e recorrente do instante do autoconhecimento.

Realizar essa investigação foi em primeiro lugar fundamental, pois clarificou nossas verdadeiras relações com o cosmos, fazendo um diálogo entre o céu e a terra ao soar dos timbres orientais que me auxiliaram a compor e reunir essas considerações nesse momento.

Bibliografia

- ACHARYADEVA, Hridayananda Das Goswami. Os valores da Liberdade: onde o ocidente encontra o oriente. São Paulo: BBT, 1984.
- ATTENBOROUGH, Richard. As palavras de Gandhi. Rio de Janeiro: Record, 1982.
- AZEVEDO, Murillo Nunes de. O Pensamento do Extremo Oriente. São Paulo: Pensamento, 1993.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BEHLING, Greici Maia. Refletindo o processo o processo de criação da APA da Lagoa Verde pelo olhar da Educação Ambiental. Rio Grande: FURG, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- BIERHALZ, Crisna Daniela Krause. Educação Ambiental: Limites e possibilidades de uma prática emancipadora na educação formal em Pelotas – RS. Rio Grande: FURG, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- BIGLIARDI, Rossane Vinhas. Os princípios da Educação Ambiental como elementos referenciais para o processo de avaliação educacional. Rio Grande: FURG, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRAVO. Maicon Dourado. Reminiscências do Espírito Religioso: uma introdução ao ensaio de promessa em Casca, Mostardas – RS. Rio Grande: FURG, 2004. (Monografia de Conclusão de Curso em História Bacharelado).
- BUCK, William. Mahabharata. São Paulo: Círculo do livro, 1992.
- CALLONI, Humberto. Os sentidos da Interdisciplinaridade. Pelotas: Seiva, 2006.
- CAPRA, Fritjof. E STEINDL, David. Pertencendo ao universo. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix, 1998.
- CAPRA, Fritjof. A teia da vida: Uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura de. A Invenção Ecológica: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura de. Análise do Discurso e Hermenêutica: reflexões sobre a relação estrutura-acontecimento e o conceito de interpretação. IN: FREITAS, José Vicente

de & GALIAZZI, Maria do Carmo (Orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Unijuí, 2005.

CARRIERE, Jean-Claude. O Mahabharata. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. IN: GUIMARÃES, Alba Zaluar (Org.). Desvendando as máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

DASA, Goswami Satsuarupa. PRABHUPADA: Um santo no século XX. São Paulo: BBT, 1995.

DEMO, Pedro. A Sociologia crítica e a educação – contribuições das ciências sociais para a educação. IN: Revista Em Aberto. Ano 9. Nº. 46. Brasília: UNB, 1990.

DOUGLAS, Mary. Pureza e perigo. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: Edusp, 1992.

EDWARDS, Mike. A Civilização do Indo IN: NOGUEIRA, Paulo (coord.). National Geographic Brasil. v.1, nº. 02. São Paulo: Abril, 2000.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: A essência das religiões. São Paulo: Edição Martins Fontes, 1992.

FLORIANI, Dimas & KNECHTEL, Maria do Rosário. Educação Ambiental, epistemologias e metodologias. Curitiba: UFPR, 2003.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIBERGER, Mário J. Ação e tempo na Bhagavad Gita. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

GAARDER, Jostein & et. al. O Livro das religiões. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

GADAMER, H. Verdad y Método: fundamentos de una hermenêutica filosófica. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1993.

GARAUDY, Roger. Apelo aos vivos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. Nova Luz sobre a antropologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GEERTZ, Clifford. O saber local. Petrópolis: Vozes, 1998.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. IN: Revista Estudos da Religião. Nº.01. São Paulo: PUC-SP, 2001.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: A Comunidade de Nova Gokula. São Paulo: PUC/SP, 1979. (Dissertação de Mestrado)

HALL, Stuart. A Identidade na pós-modernidade. 10 ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HART, Paul. Narrativa, Conhecimento e Metodologias Emergentes na Pesquisa em Educação Ambiental: questões de qualidade. IN: FREITAS, José Vicente de & GALIAZZI, Maria do Carmo (Orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Unijuí, 2005.

HEIDEGGER, Martin. Introdução à Metafísica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1987.

HESS, Remi. Produzir sua obra: o momento da tese. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

JUNG, Carl Gustav. O espírito na arte e na ciência. São Paulo: Vozes, 1992.

JUNG, Carl Gustav. Psicologia e religião Oriental. São Paulo: Vozes, 1991.

JUNG, Carl Gustav. O homem e seus símbolos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LABORDE, André Luiz Portanova. Desvendando os Mantras: um mergulho na História da Índia e sua relação com o Kama Sutra. IN: Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História. Vol. 19. Rio Grande: Editora da Furg, 2006.

LABORDE, André Luiz Portanova & CALLONI, Humberto. O Lugar da Religião na Noosfera: um diálogo acerca da Complexidade como possibilidade de investigação em Educação Ambiental. IN: Revista Didática Sistemica. Vol. 04. Rio Grande: FURG, 2006. (On line).

LEVINE, F. The strange world of the Hare Krishnas. Greenwich: Fawcett Public., 1974.

MAIA, Raul (Coord.). Magno dicionário da Língua portuguesa. SP: Difusão cultural, 1997.

MACHADO, Cimara Corrêa. O Devir Híbrido das ONGs ecológicas: A educação ambiental interpretando os fluxos que atravessam e transversalizam. Rio grande: FURG, 2005. (Dissertação de Mestrado).

MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica da cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. Manual de Etnografia. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MASSIMO, Raveri. Índia e extremo oriente: Via de libertação e da imortalidade. São Paulo: Hedra, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. São Paulo: Vozes, 2002.

MORAES, Roque. Da noite ao dia: tomada de consciência de pressupostos assumidos dentro das pesquisas sociais. 2007 (no prelo).

MORAES, Roque. Mergulhos Discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. IN: FREITAS, José Vicente de & GALIAZZI, Maria do Carmo (Orgs.). Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental. Ijuí: Unijuí, 2005.

MORAES, Roque. Teorias Implícitas. IN: MORAES, Roque (Org.). Construtivismo e ensino de ciências: Reflexões epistemológicas e metodológicas. Porto Alegre: EDPUCRS, 2003.

MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

MORIN, Edgar. O Desafio do século XXI: Religar os conhecimentos. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

MORIN, Edgar. O método 4: As idéias: habitat, vida, costumes, organização. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. O método 5: A Humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

MORIN, Edgar. X da questão: o sujeito a flor da pele. Porto Alegre: Artmed, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret, 2001.

NICOLESCU, Basarab. O manifesto da Transdisciplinaridade. São Paulo: From, 2001.

PARAMADVAITI, Swami B.A. El Bhagavad Gita: La ciência Suprema. Buenos Aires: BBT, 1984.

PELIZZOLI, Marcelo. Correntes da Ética Ambiental. Petrópolis: Vozes, 2003.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Alcançando a perfeição da vida. São Paulo: BBT, 1980.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. A perfeição da Yoga. São Paulo: BBT, 1985.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Bhagavad-Gita como ele é. São Paulo: BBT, 2006.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Em busca da Verdade: uma História Real. São Paulo: BBT, 2004.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Sri Isopanisad: O conhecimento que nos aproxima de Deus. São Paulo: BBT, 1999.

PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Srimad-Bhagavatam. São Paulo: BBT, 1992.

- PRABHUPADA, Bhaktivedanta Swami. Vida simples: pensamento elevado. São Paulo: BBT, 1991.
- RANDOM, Michel. O Pensamento transdisciplinar e o real. São Paulo: From, 2000.
- RICOUER, Paul. As culturas e o tempo. Petrópolis: Vozes, 1975.
- RICOUER, Paul. O conflito das interpretações. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1978.
- ROHDEN, Huberto. Bhagavad Gita. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- RUSCHEINSKY, Aloísio. Educação Ambiental: abordagens múltiplas. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SANYAL, H. Trends of Change in Bhakti Movement in Bengal. IN: JHA, D.N. Society and Ideology in India. Delhi: Munshiram Manoharlal, 1996.
- SCHERER, Burkhard (Org.). As Grandes religiões: temas centrais comparados. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SCHURÉ, Édouard. Krishna. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- SCHURÉ, Édouard. Rama. São Paulo: Martin Claret, 2003b.
- SCHWARZ, Dorothy e Walter. Ecologia: alternativa para o futuro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SILVEIRA, Marcos Silva da. Hari Nama Sankirtana: Etnografia de um processo ritual. IN: Série Antropologia. Brasília: UNB, 2000.
- SILVEIRA, Nise da. Jung – Vida e obra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- SILVA, Benedicto (Coord.). Dicionário de ciências sociais. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.
- SILVA, Maria de Fátima Santos da. A esperança que brota da terra: a agricultura convencional praticada na Quitéria (Rio Grande – RS) e as possibilidades de mudança pelos caminhos da Educação Ambiental. Rio Grande: FURG, 2007. (Dissertação de Mestrado).
- SOARES, André Geraldo. A Natureza, a Cultura e Eu: Ambientalismo e Transformação Social. Blumenau: EDFURB, 2003.
- STODDART, William. O Hinduísmo. São Paulo: IBRASA, 2004.
- VATZYAYANA. Kama Sutra: o livro sagrado dos Brâmanes da Índia. São Paulo: Edições e publicações Brasil editora S.A., 1930.

Sites

www.krishna.com. Acesso em 13/04/2007.

<http://pt.krishna.com>. Acesso em 25/05/2007.

www.amigosdekrishna.com.br. Acesso em 24/05/2007.

www.vedanta.com. Acesso em 12/08/2007.

Referências das Imagens

Figura 01: www.krishna.com.

Figura 02: www.theyumblog.files.wordpress.com.

Figura 03: www.holyindia.net/index2.php

Figura 04: www.lqes.iqm.unicamp.br

Figura 05: www.vrindavan.de/lila/kl_devaki.htm

Figura 06: www.bhakti-tattva.blogspot.com/

Figura 07: www.salagram.net

Figura 08: www.columbia.edu

Figura 09: Arquivo da Pesquisa.

Figura 10: www.purebhakti.com

Figura 11: www.allposters.es/-sp/Concha-de-mar-en-la-pla...

Figura 12: www.gopala.com

Figuras 13 a 24: Arquivo da Pesquisa.

Figura 25: www.isckon.com

Figura 26: <http://www.krishna.com.es/iskcon/caitanya.htm>

Figura 27: www.krishnaconsciousnessmovement.com/

Figura 28: www.isckon.com

Figura 29: www.mukthinath.org/hinduism/

Figura 30: www.amigosdekrishna.com.br

Figura 31: www.amorcosmico.com.br/.../divindades/radha.asp

Figura 32: www.filosofiavaishnava.com.br

Glossário

ABHAYAM: Destemido.

ABHIMANA: Egoísmo; identificação com o corpo.

ABHYASA: Prática espiritual.

ACARYA: Aquele que ensina através do seu próprio exemplo.

ADHIKARI: Uma pessoa qualificada.

ADHISHTHANA: Substrato; suporte.

ADHYASA: Sobreposição ou falsa atribuição de propriedades de uma coisa em outra.

ADHYATMICO: Espiritual.

ADHYAYANA: Estudo.

ADVAITA: Monismo; não-dualidade.

AGRAHYA: Incognoscível.

AHAMKARA: Egoísmo.

AHIMSA: Não violência, em pensamentos, palavras e obras.

AISVARYA: Poder divino.

AJARAM: desprovido de envelhecimento.

AMARA: Imortal.

AMARA-PURUSHA: Ser imortal.

ANADI: Sem princípio.

ANAHATA: Som místico do coração dos Yogis.

ANANDA: Bem-aventurança; felicidade, alegria.

ANANDA-GHANA: Nuvem de bem-aventurança.

ANANDA-SVARUPA: Da forma de Bem-aventurança.

ANANDAMAYA: Cheio de plena felicidade.

ANTAHKARANA: Instrumento interno como a mente, o intelecto, o ego e a mente subconsciente.

ANANTAM: Infinitude.

ANIMA: Sentido da sensibilidade, essência feminina na relação arquetípica com o cosmos.

ANIMUS: Sentido da razão, essência masculina na relação arquetípica com o cosmos.

ANUBHAVA: Experiência.

APTA: Concretizado.

ARATI: Uma cerimônia para adorar a deidade, ritual.

ASHRAMA: Monastério; habitação isolada; posição do devoto no Dharma.

ASHTANGA: Oito partes.

ATMA: Mônada divina no homem. Segundo a filosofia vedanta, o Atma é individualmente idêntico a Deus.

ATMA-JNANA: Conhecimento do Ser.

AVATAR OU AVATARA: (Lit. aquele que descende) Uma encarnação da Divindade que descende do ‘céu’ espiritual para o universo material com a missão particular descrita nas escrituras.

AVIDYA: Ignorância.

AUM: A sílaba Sagrada, mística, emblema da divindade. O símbolo da eternidade. Com essa sílaba começam os Vedas, e com ela terminam, indicando que ela é o início e o fim deste universo. A pronúncia desta sílaba é Om, pois, no sânscrito, a vogal o forma-se pelo ditongo a+u. O mais sagrado dos mantras orientais.

AYURVEDA: Ciência médica da antiga Índia.

BANDHA: Um exercício de contração no Hatha-Yoga

BENARES: Um sagrado centro de peregrinação dos Hindus, agora conhecido como Varanasi em Uttar Pradesh, Índia.

BHAGAVAD: Variação de Bhagavant, em sânscrito significa sublime. Gita pronuncia-se Guita – Canção.

BHAGAVAN: (Bhaga – opulência, van – possuído) O possuidor de todas as opulências, que são geralmente seis – riqueza, força, fama, beleza, conhecimento e renúncia; um epíteto da Individualidade Suprema.

BHAKTI: Amor a Brahman; serviço purificado dos sentidos do senhor através dos próprios sentidos da pessoa.

BHAKTI-YOGA: O sistema do cultivo bhakti, ou serviço devocional puro, que não é manchado pela gratificação dos sentidos ou especulação filosófica, ponto principal do autoconhecimento.

da criação, etc.); onde estão os Lilas do Senhor Krishna.,

BHAKTA: Devoto de Deus.

BHAKTI: Devoção.

BHARATAVARSHA: Índia.

BHAVA(NA): Sentimento; atitude mental.

BHAYANAKA-SABDA: Um medo induzido pelo som.

BHIMA: Um dos cinco irmãos Pandava.

BHISHMA: Um grande devoto e membro e mais velho da família da dinastia Kuru.

BODHISATTVA: Um ser que, tendo desenvolvido a o despertar da mente (uma mente inspirada com a aspiração de obter o estado de iluminação búdica); devotar a sua vida para o serviço de alcançar o estado búdico pela segurança de todos os seres conscientes.

BRAHMA: O primeiro ser vivo criado. É o Deus-criador. A existência relativa.

BRAHMACHARYA: Prática de celibato; pureza por pensamentos, palavras e ações.

BRAHMAMUHURTA: Período entre 4 e 6 horas da madrugada..

BRAHMAN: Realidade Absoluta; Deus.

BRAHMANA: Atividade do professor.

BUDDHA: Literalmente “o iluminado”; o ser perfeito, absolutamente livre de toda a atadura da ilusão.

BUDHI: Da raiz verbal sânscrita budh: despertar, tirar do sonho, refletir, pensar. Budhi significa o conhecimento seguro sobre algo dado, conhecimento que não permite dúvida. Órgão que discrimina inteligência intuitiva, razão.

CAITANYA ou **CHAYTANYA:** Consciência Pura.

CHAKRA: Roda, círculo, disco. Utiliza-se essa palavra para nomear os sete centros de energia, padmas, plexos ou lótus que existem no corpo humano. Estes chackras são do inferior ao superior: Muladhara, chakra raiz ou básico, localizado na base da coluna vertebral, entre o nascimento dos órgãos genitais e o ânus; Swadhistana, chakra do baço; Manipura, chakra do umbigo; Anahata, chakra cardíaco, localizado no coração; Vishuddha, chakra laríngeo, está à frente da garganta; Ajna, chakra frontal, entre as sobrancelhas; Sahasrara, chakra coronária, no alto da cabeça.

CHARANAMRITA: Água de oblação que foi oferecida a Deidade

CHELA: Discípulo.

CHIRANJIVI: Aquele que ganhou a vida eterna

CHITTA: Mente subconsciente.

DAIVICO: Divino.

DAMA: Controle dos sentidos.

DAYA: Misericórdia.

DEHA: Corpo.

DEVA: Um semideus ou pessoa divina.

DIMENSÃO ONÍRICA: Lugar onde habitam os sonhos e devaneios, o espaço povoado pela Anima, no sentido de libertação (Bachelard).

DHARANA: Concentração.

DHARMA: Reto agir; viver conforme as virtudes das sagradas escrituras.

DHYANA: Meditação.

DIVYA-DRISHTI: Percepção divina.

DVESHA: Repulsão; ódio, antipatias.

EKADASI: Décimo primeiro dia da quinzena lunar Hindu, que é utilizado para o exercício do jejum de grãos.

GANDIVA: O nome do arco de Arjuna.

GANDHA: Aroma.

GANGA: Rio Ganges.

GAYATRI: Um dos mais sagrados mantras védicos; Deusa dos Vedas.

GITA: Literalmente “canção”, refere-se a Bhagavad-Gita, “Canção do Senhor”.

GOPI: Uma serva do Senhor Krishna; vaqueirinha de Vrindavana

GOVINDA: Nome de Krishna. “Aquele que dá prazer a terra, às vacas e aos sentidos”.

GUNAS: Qualidades, modalidades, atributos. Prakriti, a matéria, caracteriza-se pelas três gunas, ou qualidades, a saber: inércia (tamas), atividade (rajas) e harmonia (sattva).

GURU: Professor; educador; aquele que dá instruções e iniciação para o discípulo. Mestre Espiritual.

HATHA-YOGA: Yoga com prática de Asanas

HAVAN: Sacrifícios sagrados.

HIRANYAGARBHA: Inteligência cósmica; o Supremo Senhor do Universo; mente cósmica.

INDRA: Semideus da chuva; o governador do céu..

INDRIYAS: Sentidos.

ISHTADEVATA: Deidade pessoal, indicada pelo Guru para veneração.

ISHVARA: Soberana existência. É o espírito divino no homem, o aspecto de total compreensão da força vital em sua evolução e penetração do cosmos. É comparável a um bosque ou um oceano que tudo contém. Também se dá o nome de Ishvara à mônada vital, porque é uma faísca de pura luz divina transcendente, e participa da onipotência da divina essência.

JADA: Incenssível.

JAPA: Repetição dos Nomes do Senhor. Cantar suave dos santos nomes de Brahman executado com a ajuda de 108 contas de rezar.

JIVA: Alma individual.

JIVANMUKTA: Aquele que conseguir liberar-se nesta vida.

JÑANA: Conhecimento; sabedoria..

JÑANA-INDRIYAS: Organismos do conhecimento e da percepção.

JÑANI: (Pronuncia-se guiani). Pessoa sábia.

KALY-YUGA: A era das desavenças, a quarta e última era no ciclo de uma maha-yuga. Está é a era na qual estamos vivendo agora. dura 432 mil anos, dos quais já se passaram cinco mil.

KARMA: Ações realizadas por intermédio da “lei de causa e efeito”; trabalho; atividade.

KARMA-INDRIYAS: Órgãos da ação: língua, mãos, pés, órgãos genitais e o ânus.

KARUNA: Compaixão

KASHAYA: Desejos escondidos.

KIRTANA: Cânticos ou sons devocionais em grupo.

KRISHNA: É o representante do verbo divino ou logos. O nome original do Ser realizado. A Suprema individualidade de Brahman; orador da Bhagavad Gita.

KRIYA: Um tipo de exercício do Hatha Yoga.

KSHAMA: Perdão.

KUNDALINI: O fogo místico, o poder serpentino, a energia primordial. É o poder cósmico no homem. É a sutil energia do ser que, uma vez purificada, direciona o homem para sua unidade raiz, Brahman, e o transforma em alma perfeita. Nasce na boca do Nadi Sushuma, que vai do Muladhara Chakra até o Brahmaranda, atravessando assim todo o conduto espinhal.

LAKSHMI: Consorte de Vishnu; Deusa da fortuna.

LAKSHYA: Meta

LAYA: Dissolução; absorção.

LILA: Passatempos transcendentais de Brahman.

LOBHA: Ambição.

MAHA: Grande.

MAHABHARATA: Um épico Hindu; onde está o Bhagavad-gita.

MAHANT: Grande sábio.

MAHA-MANTRA: O mantra Hare Krishna: Hare Krishna, Hare Krishna, Krishna Krishna, Hare Hare, Hare Rama, Hare Rama, Rama Rama, Hare Hare.

MAHARISHI: Grande sábio.

MAHASAMADHI: A despedida de um santo auto-realizado do enredamento da morte.

MAHATMA: Uma grande alma, uma pessoa que realmente compreende que Brahman é tudo e, portanto se rende a ele.

MAHA-YUGA: Um período de tempo. Dura 4.230.000 anos solares.

MANTRA: (Man – mente, tra – liberação). Uma vibração sonora pura para libertar a mente de suas inclinações materiais. O mais sagrado dos mantras orientais é o Aum – Om.

MAYA: Poder enganoso ou ilusório; energia externa do Senhor Supremo; poder ilusório de Brahman.

MOKSHA: Liberdade, resgate, emancipação. É a libertação final de todo laço ou obstáculo, a união definitiva com Brahman, após a qual já se volta a reencarnar. Equivalente a Nirvana.

MANU: O semideus administrador que é o pai da humanidade.

MUDRA: Um gesto simbólico com as mãos

MUNI: Um asceta; sábio

MURTI: Ídolo (imagem sagrada de Deus).

NADA: Som místico.

NIRVANA: A palavra designa a desaparecimento de todas as ilusões; é o domínio completo do espírito sobre a matéria. Quietação. É o repouso da verdade eterna.

NIVRITTI: Renúnciação.

NIYAMA: O segundo passo no Raja-yoga; observância de pureza, contentamento, austeridades, etc.

OJAS: Energia espiritual.

PANDAVA: Filho ou descendente do rei Pandu, ou um guerreiro do exército dos Pandavas; os cinco reputados filhos do rei: Yudhishtira, Bhima, Arjuna, Nakula e Sahadeva.

PATAÑJALI: O autor dos Yoga-Sutras; também chamados de Ashtanga Yoga.

PRAKRITI: Mãe natureza; causa material.

PRANA: Energia vital presente no ar, captada pela respiração.

PRANAYAMA: Prática de exercícios respiratórios sob controle.

PRASADAM: Prashada: alimento que foi oferecido a Deus.

PRATYAHARA: Abstração dos sentidos; quinto passo do Raja-yoga.

PREMA: Amor divino.

PRIYA: Querido, amigo.

PSICANÁLISE: A teoria psicanalítica foi elaborada e sistematizada por Sigmund Freud é uma das teorias mais influentes sobre os mecanismos que movem à personalidade e os processos do inconsciente que dirigem a funcionalidade e o comportamento pessoal.

PURANA: Mitos e lendas Hindus.

PURNA-JNANI: Um sábio de máximo conhecimento.

PURUSHA: O Ser Supremo.

RADHA: Radharani, a consorte eterna de Krishna.

RAGA: Ligação.

RAJA: Rei.

RAJA-YOGA: Um sistema de Yoga, geralmente refere-se ao que foi proposto por Patañjali; Ashtanga Yoga.

RAMAYANA: A sagrada narrativa épica do Senhor Rama.

RASA: Sabor; sentimento; inclinação.

RISHI: Vidente, sábio, profeta.

SADHANA: Prática espiritual.

SAMA: Serenidade; controle da mente.

SAMADHI: Sam-adha: posseção de si próprio. É o último passo da experiência do Yoga; é a absorção completa e total na verdade uma/múltipla, na qual o ego se dissolve como a luz de uma vela e confunde-se na brilhante luz do dia, depois do amanhecer.

SAMSARA: O processo da vida terrena.

SANATANA: Eterno, permanente, antigo, duradouro, sempre existente.

SANKARA: O bem conhecido professor da filosofia Vedanta.

SANKIRTANA: Canto de sons divinos (Divino Nome)

SANKHYA: Processo de yoga devocional descrito pelo Senhor Kaplia no Srimad-Bhagavatam; compreensão analítica do corpo e da alma.

SANYASI: Sannyasa: riqueza, e nyasa: renúncia, abandono; ou seja, renúncia das riquezas.

SATTVA: Da raiz ser, ou seja, ser como deve ser. Literalmente: bondade, pureza, harmonia, entendimento, claridade, perfeição. É o estado ideal do ser.

SATYA-YUGA: A era da Verdade; a primeira era das quatro, dos ciclos de tempo Hindu.

SHABDA: Som.

SHUDRA: A atividade da dependência

SRADDHA: Fé.

SRI: Auspiciosidade; um nome é qualificado colocando na sua frente “Sri”, como uma marca de cortesia e auspiciosidade.

SONHO: Relação com aquilo esperado, espaço vivificado no estado de alma, profundidade do devaneio. (Bachelard).

SUTRA: Aforismo.

SWAMI: Título que se dá a um Sannyasi; máxima posição no Varnashrama.

TULASI: Planta sagrada, preferido de Vishnu ou Krishna; uma Gopi.

VEDAS: As quatro grandes escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-vedas) e seus suplementos: os Puranas, Mahabharata, Vedanta-sutra, etc. Visão, conhecimento. É a Bíblia do Oriente.

VAISHNAVAS: que respeitam Vishnu como uma forma de Deus.

VASUDEVA: O pai do de Krishna. Nas Escrituras Sagradas, o homem perfeito é chamado de Vasudeva: Filho do Homem.

VEDANTA: A escola de pensamento do Hinduísmo (baseada, primeiramente nas Upanishads).

VEDAS: As quatro grandes escrituras védicas (Rg, Yajur, Sama e Atharva-vedas) e seus suplementos: os Puranas, Mahabharata, Vedanta-sutra, etc. Visão, conhecimento. É a Bíblia do Oriente.

VEDANTA: Veda: sabedoria, conhecimento último. Anta: fim. Literalmente: Fim ou coroa dos vedas, ou também fim e objeto de todo conhecimento. Antiquíssima doutrina mística dividida mais tarde em três escolas: Dvaita: dualista, Vizichtadvaita: dualista com diferenciações e Advaita: monista.

VIVEKA: Discernimento.

YAMA: Primeiro passo do Raja Yoga. Juramento eterno: não-violência, verdade, etc.

YOGA: União; união como o Ser Supremo – ou qualquer coisa eticamente correta que contribui para a união com o Supremo.

YOGUI: Devoto, asceta, místico; que pratica Yoga.

YUGA: Vasto período de tempo. Uma das quatro idades do mundo, a saber: Krita-yuga (idade de ouro), Treta-yuga: (idade de prata), Dwapara-yuga (idade de bronze) e Kali-yuga (idade de ferro, ou idade negra).



Krishna e as Gopis – Figura 12 -

Anexos

Anexo 1

	FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
---	---	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: **“Os Sons do Oriente: O conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a educação ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna”**

Natureza da pesquisa:

Investigar na doutrina filosófica de Krishna elementos que fundamentem a promoção da educação ambiental em seus princípios éticos, sociais, culturais e estéticos, bem como sua ligação com o sagrado e analisar, através da práxis da comunidade, sua proposta filosófica para com o meio ambiente e sua contribuição na busca de um mundo sustentável e do autoconhecimento.

Objetivos:

- I- Promover a discussão entre ciência e religião, numa tentativa de focar as questões referentes ao sagrado e sua contribuição para o conhecimento científico, através de um diálogo com a complexidade.
- II- Trazer para o ambiente acadêmico a sabedoria oriunda do extremo oriente, propondo um novo olhar, um novo saber, desenvolvendo uma compreensão da história da Índia para o estudo científico.
- III- Reconhecer a práxis de educação ambiental na Comunidade Hare Krishna do Templo de Itajaí e sua representação através da busca da fé, galgando uma sociedade mais justa.

Participação na pesquisa:

Solicitamos sua colaboração na coleta de informações acerca da comunidade, da filosofia Hare Krishna, bem como das demais informações a respeito do movimento da consciência de Krishna.

Confidencialidade:

Todas as informações coletadas serão apenas utilizadas em favor da pesquisa não vinculando-as a outro tipo de difusão.

Benefícios:

Esperamos que esta pesquisa traga contribuições importantes sobre as redes de ISKCON e para a difusão e propagação da consciência de Krishna no espaço da universidade se fazendo necessário, gerar discussões e ampliando o conhecimento científico através da temática, integrando o ser humano em contato com uma filosofia de vida que o faça refletir a respeito de sua ação em favor do outro e do ambiente.

Tendo em vista os itens apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento e interesse em colaborar com esta atividade de pesquisa.

Colaborador(a) da pesquisa

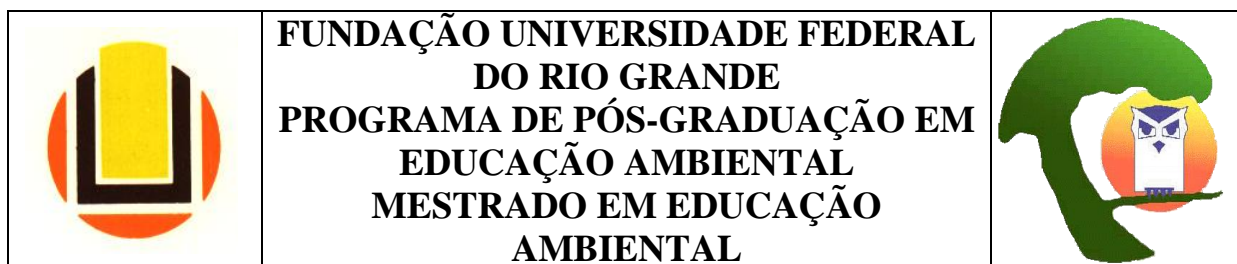
Local e data

Assinatura

André Luiz Portanova Laborde

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental / FURG

Anexo 2



“Os Sons do Oriente: O conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a educação ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna”

Tópicos para entrevista semi-estruturada:

- ❖ O que é a doutrina Hare Krishna?
- ❖ Qual o objetivo da consciência de Krishna e como se dá a sua difusão?
- ❖ Como é a efetiva relação da filosofia com o elemento sagrado?
- ❖ De que maneira a filosofia Hare Krishna busca transformar o universo, transformando o ser humano também?
- ❖ Qual a importância da *Bhagavad Gita*?
- ❖ A busca da essência é um dos princípios que balizam a doutrina, através de que práticas se alcançam esse ideal?
- ❖ Qual a rotina diária do devoto? Os rituais? As dinâmicas?
- ❖ De que maneira se trabalha envolvendo o meio ambiente?
- ❖ Como a filosofia Hare percebe o ser humano e o ambiente?
- ❖ Qual a contribuição da Doutrina para a transformação do ser humano, do planeta?
- ❖ Como se percebe a vida na comunidade, seguindo uma lógica diferente da que está a sua volta? Quais as diferenças?

Anexo 3



Devotos do Templo Hare Krishna de Itajaí – Figura 13 –



Harinama Sankirtana – Figura 14 –



Festival de Balarama em Blumenau – Figura 15 –



Altar e Prasadam – Figura 16 –



Arati/ Puja – Figura 17 –



Presença de Guru Deva Atulananda no Festival Transcendental de Domingo – 09/07/2007 –
- Figura 18 -



Atividade do dia da Criança – Figura 19 –



Devotos na Comunidade –Figura 20 –



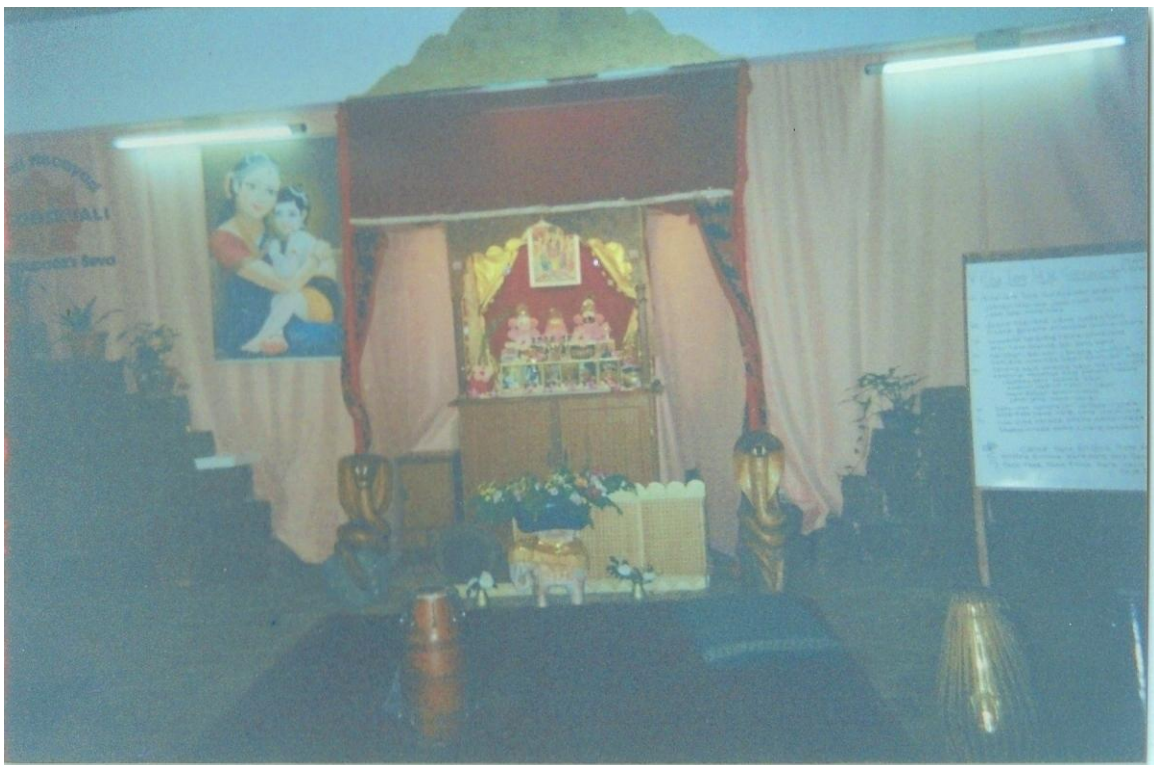
Teatro no Festival de Domingo – Figura 21 –



Tenda de produtos – Figura 22 –



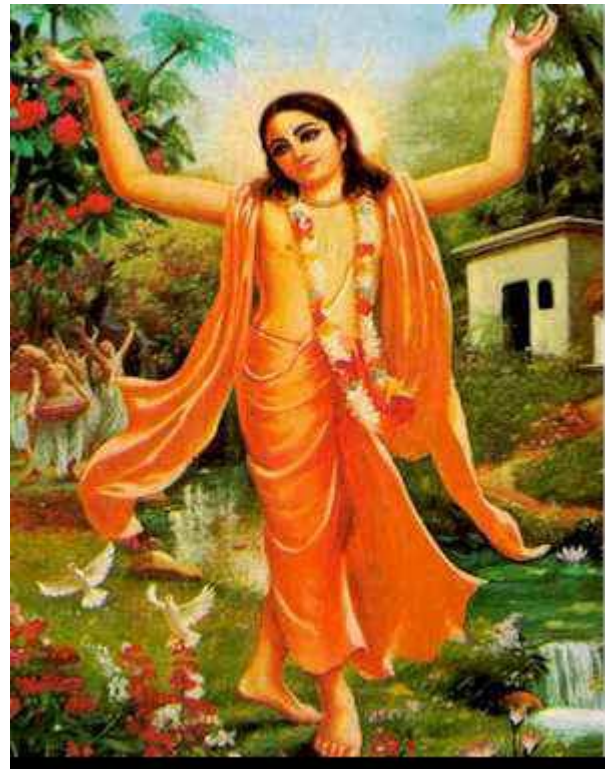
Kirtana nas Ruas de Itajaí – Figura 23 –



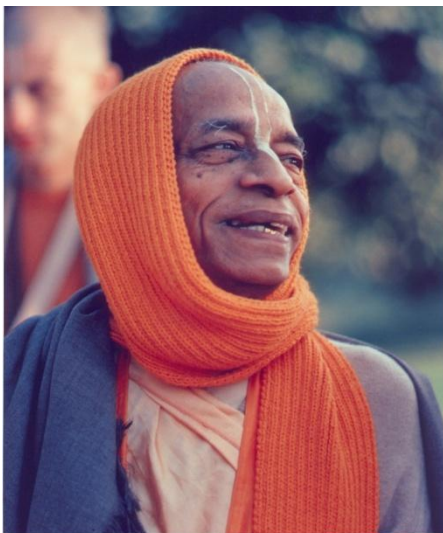
Altar do Templo de Itajaí – Figura 24 –



Símbolo do programa Alimentos para Vida
- Figura 25 -



Sri Caitanya Mahaprabhu
- Figura 26 -



Srila Prabhupada
- Figura 27 -



Sucessão discipular da ISCKON – Figura 28 –
Sucessão discipular: A.C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada , Bhaktisidanta Sarasvati Goswami Maharaj, Gaura Kisor Das Babaji Maharaj, Bhaktivinoda Takura, 6 Goswamis de Vrindavana e Sri Pancha Tatva.



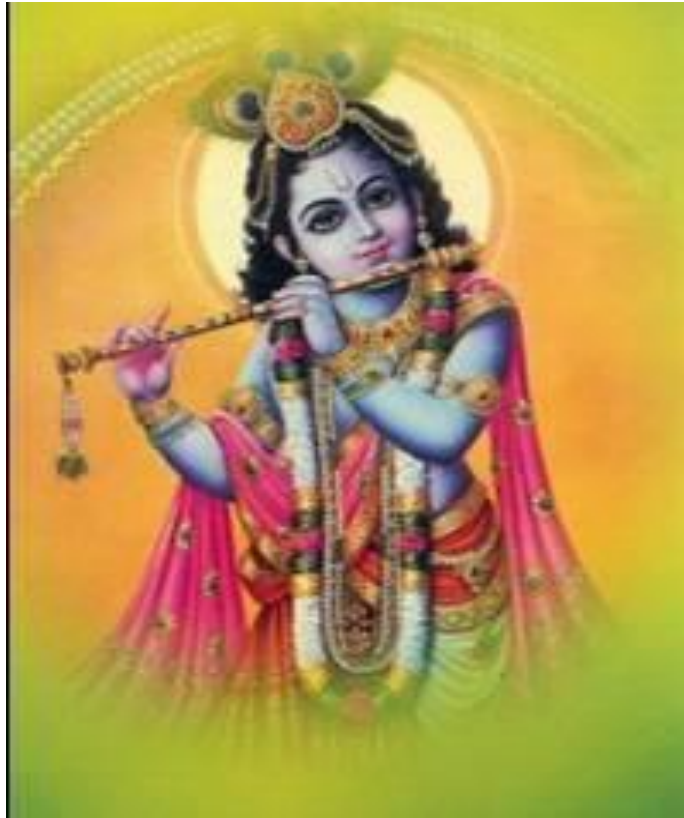
Trimurti Hindu – Figura 29 –
(da esquerda para direita: Brahma, Vishnu e Shiva)



Bhumi: a natureza – Figura 30 –



Govinda e Radha – Figura 31 -



Krishna – Figura 32 –

Anexo 4

Mês de Janeiro:

Sri Advaita Acharya - Aparecimento

ADVAITA ACARYA, um associado íntimo de Sri Caitanya Mahaprabhu, é considerado uma encarnação de Sadasiva e Maha-Visnu. Foi em resposta a Seus chamados que Sri Caitanya Mahaprabhu veio a este mundo. Vendo a condição degradada das pessoas em Kali Yuga, a Era das Desavenças, Sri Advaita Acarya adorou o Senhor Krishna nas margens do rio Ganges, com água do próprio Ganges e folhas de Tulasi, pedindo fervorosamente e suplicando para que o Senhor viesse salvar as almas sofredoras. Por causa da devoção pura e compaixão de Sri Advaita Acarya, o Senhor Krsna veio como Sri Caitanya Mahaprabhu.

Varaha Dvadasi - Aparecimento do Senhor Varahadeva

VARAHADEVA é a encarnação de javali de Sri Krsna. Ele assumiu a forma de um javali para erguer com Suas presas o planeta Terra, que estava afundando no oceano de Garbhodaka. O demônio Hiranyaksa havia jogado o planeta neste oceano, mas o Senhor o apunhalou com Suas presas e salvou a Terra.

Nityananda Trayodasi - Aparecimento de Sri Nityananda Prabhu

O SENHOR NITYANANDA PRABHU apareceu como o associado principal do Senhor Caitanya para divulgar o canto congregacional dos santos nomes do Senhor. Ele divulgou o santo nome do Senhor principalmente na Bengala. Ele é considerado uma encarnação do Senhor Balarama.

Mês de Fevereiro:

Srila Bhaksiddhanta Sarasvati Thakura

SRILA BHAKTISIDDHANTA SARASVATI THAKURA foi o mestre espiritual de Sua Divina graça A. C. Bhaktivedanta Svami Prabhupada, o Fundador-acarya da ISKCON. Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati divulgou com muito vigor os ensinamentos do Senhor Caitanya Mahaprabhu no começo do século vinte. Ele pregou com vigor contra as influências profundamente enraizadas do sistema de castas e do impersonalismo. Encontrando-se com eruditos acadêmicos, educadores e outros líderes da sociedade e escrevendo mais de 108 ensaios e livros, ele trabalhou para apresentar a consciência de Krsna como uma ciência altamente exaltada. Ele estabeleceu 64 templos, conhecidos como Gaudiya Mathas, dentro e fora da Índia.

Mês de Março:**Gaura Purnima - Aparecimento de Sri Gauranga**

Aniversário de aparecimento do Senhor Sri Caitanya Mahaprabhu, que é o mesmo Krsna no papel de Seu próprio devoto. Ele aparece neste mundo para difundir o amor a Krsna através do canto congregacional de Seus santos nomes. Ele apareceu em Sridhama Mayapur, Bengala Ocidental, em 1486. Suas atividades e ensinamentos estão descritos em detalhes no livro "Ensinamentos do Senhor Caitanya" e no "Sri Caitanya-caritamrta".

Mês de Abril:**Rama Navami - Aparecimento do Senhor Sri**

O SENHOR SRI RAMACANDRA é uma poderosa encarnação da Suprema Personalidade de Deus como um rei ideal. Ele apareceu na Treta-yuga, há mais de dois milhões de anos. Por ordem de Seu pai, Maharaja Dasaratha, o Senhor Ramacandra morou na floresta de Dandakaranya durante quatorze anos com sua esposa, Sita Devi, e Seu irmão mais jovem, Laksmana. Depois que o poderoso demônio Ravana seqüestrou Sua esposa, o Senhor Ramacandra, com a ajuda de Seu fiel servo Hanuman, recuperou-a e matou Ravana e seus exércitos. A história dos passatempos do Senhor Ramacandra é contada pelo sábio Valmiki em seu Ramayana.

Mês de Maio:**Nrimha Caturdasi - Aparecimento do Senhor Nrsimhadeva**

O Senhor Nrsimhadeva é uma encarnação de Krsna que veio para proteger o devoto Prahlada de seu pai demoníaco Hiranyakasipu.

Mês de Junho:**Srila Bhaktivinoda Thakura - Desaparecimento**

BHAKTIVINODA THAKURA restabeleceu, no final do século dezenove, os ensinamentos do Senhor Caitanya, os quais, até então, haviam sido amplamente mal interpretados ou perdidos. Srila Bhaktivinoda Thakura escreveu quase cem livros para explicar a ciência da consciência de Krsna, desmascarar falsas encarnações de Deus e derrotar concepções errôneas sobre o caminho do serviço devocional. Srila Bhaktivinoda Thakura era tanto pregador ativo e magistrado de Jagannatha Puri, Orissa, como também pai de dez filhos. Um de seus filhos era Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura. Biógrafos dizem que Srila Bhaktivinoda Thakura cumpria todos os seus muitos deveres com perfeição.

Mês de Julho:

Mês de Agosto:Senhor Balarama – Aparecimento

O SENHOR BALARAMA é a primeira expansão pessoal do Senhor Krsna, a Suprema Personalidade de Deus. Todas as outras encarnações se expandem dEle. Nos passatempos do Senhor Krsna, Ele atua como o irmão mais velho de Krsna. Juntos, Krsna e Balarama executam muitos passatempos como pequenos vaqueiros na terra de Vrndavana. O Senhor Balarama carrega um arado e uma maça e é conhecido por sua grande força.

Sri Krishna Janmastami - Aparecimento do Senhor Sri Krishna

O SENHOR SRI KRSNA é a Verdade Absoluta, a forma original da Suprema Personalidade de Deus. As palavras do Bhagavad-Gita são Suas instruções orais e o Srimad-Bhavagatam inteiro tem como objetivo descrever Suas glórias.

Srila Prabhupada - Aparecimento

A. C. BHAKTIVEDANTA SVAMI PRABHUPADA foi o Fundador-acarya da Sociedade Internacional para a Consciência de Krsna. Foi ele quem levou os ensinamentos do Senhor Caitanya para fora da Índia e os difundiu pelo mundo todo. Ele foi o autor do Bhagavad-Gita Como Ele É e muitos outros volumes de traduções, comentários e instruções espirituais. Para maiores informações sobre sua vida, leia o Srila Prabhupada Lilamrta.

Mês de Setembro:Radhastami - Aparecimento de Srimati Radharani

SRIMATI RADHARANI é a consorte eterna do Senhor Sri Krsna, a Suprema Personalidade de Deus. Ela é a potência interna de prazer do Senhor.

Sri Vamana Dvadasi - Aparecimento do Senhor Vamanadeva

VAMANADEVA é a encarnação do Senhor Krsna como um brahmana anão. O Senhor Vamanadeva pediu em caridade a Bali Maharaja três passos de terra. Quando o pedido foi concedido, o Senhor Vamanadeva assumiu uma forma gigantesca e com dois passos cobriu primeiro a Terra e então o universo inteiro. No terceiro passo, Bali Maharaja ficou satisfeito de receber o pé de lótus do Senhor sobre sua cabeça.

Srila Bhaktivinoda Thakura - Aparecimento

BHAKTIVINODA THAKURA restabeleceu, no final do século dezenove, os ensinamentos do Senhor Caitanya, os quais, até então, haviam sido amplamente mal interpretados ou

perdidos. Srila Bhaktivinoda Thakura escreveu quase cem livros para explicar a ciência da consciência de Krsna, desmascarar falsas encarnações de Deus e derrotar concepções errôneas sobre o caminho do serviço devocional. Srila Bhaktivinoda Thakura era tanto pregador ativo e magistrado de Jagannatha Puri, Orissa, como também pai de dez filhos. Um de seus filhos era Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura. Biógrafos dizem que Srila Bhaktivinoda Thakura cumpria todos os seus muitos deveres com perfeição.

Mês de Outubro:

Govardhana Puja - Adoração à Colina de Govardhana

Festival que comemora a adoração da colina de Govardhana pelos residentes de Vrndavana e o levantamento da colina pelo Senhor Krsna. Go Puja (ou Go-krda) Neste dia, de acordo com o Hari-Bhakti-Vilasa, deve-se decorar as vacas e os touros, fazê-los correr e fazer com que os touros ararem o campo.

Srila Prabhupada - Desaparecimento

Srila Prabhupada deixou este mundo no dia 14 de novembro de 1977, em Vrndavana, Índia. Os devotos observam este aniversário com recordações pessoais de Prabhupada, leituras de sua biografia e assim por diante.

Mês de Novembro:

Sila Gaura Kisora Dasa Babaji - Desaparecimento

GAURAKISORA DASA BABAJI MAHARAJA, o mestre espiritual de Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura, apareceu no início do século dezenove. Ele levou uma vida estritamente renunciada como um bhajananandi, ou aquele que executa adoração solitariamente. Ele era intimamente associado com Srila Bhaktivinoda Thakura, a quem ele respeitava como mestre espiritual.

Mês de Dezembro:

Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati Thakura - Desaparecimento

SRILA BHAKTISIDDHANTA SARASVATI THAKURA foi o mestre espiritual de Sua Divina graça A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada, o Fundador-acarya da ISKCON. Srila Bhaktisiddhanta Sarasvati divulgou com muito vigor os ensinamentos do Senhor Caitanya Mahaprabhu no começo do século vinte. Ele pregou com vigor contra as influências profundamente enraizadas do sistema de castas e do impersonalismo. Encontrando-se com eruditos acadêmicos, educadores e outros líderes da sociedade e escrevendo mais de 108 ensaios e livros, ele trabalhou para apresentar a consciência de Krishna como uma ciência

altamente exaltada. Ele estabeleceu 64 templos, conhecidos como Gaudiya Mathas, dentro e fora da Índia.

L123s Laborde, André Luiz Portanova

Os sons do Oriente : o conceito de autoconhecimento e sua contribuição para a Educação Ambiental, um estudo sobre a filosofia Hare Krishna / André Luiz Portanova Laborde. – Rio Grande : FURG, 2007.

189f.

Orientador: Prof. Dr. Humberto Calloni

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental.

1. Autoconhecimento. 2. Educação Ambiental. 3. Hare Krishna. 4. Imanência. 5. Sonho. I. Título.

CDU 504:37:14

Catálogo na fonte: Bibliotecária Alessandra Lemos CRB10-1530